

# **PUBLICATIO UEPG**

**CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

**APPLIED SOCIAL SCIENCES**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA/PONTA GROSSA STATE UNIVERSITY

REITOR/PRESIDENT  
Miguel Sanches Neto

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO/DEAN OF RESEARCH AND GRADUATE STUDIES  
Osnara Maria Mongruel Gomes

DIRETORIA DE DIVISÃO DE PESQUISA/RESEARCH OFFICE DIRECTOR  
Maristella Dalla Pria

EDITORA UEPG  
UEPG Publishing house

EDITOR/EDITOR  
Beatriz Gomes Nadal

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
PONTA GROSSA STATE UNIVERSITY

# PUBLICATIO UEPG

CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

APPLIED SOCIAL SCIENCES

*Editora*  
UEPG

## Copyright by Editora UEPG

Editoração eletrônica: Marco Wrobel  
Secretaria: Aline Soares Lopes

Coordenadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Mirna de Lima Medeiros  
Editoras: : Franciely Ribeiro dos Santos, Ana Maria Bourguignon, Bárbara  
Cristina Kruse

### *Comitê Editorial / Editorial Committee*

Adriano José Pereira – Universidade Federal de Santa Maria  
Alberto Pucci Jr - Faculdade Metropolitana de Curitiba  
Alzira Mitz Bernardes Guarany – Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Ana Maria Bourguignon - Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Ana Paula Machado Velho – Universidade Estadual de Maringá  
Carlos Alberto de Souza – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Carlos Ubiratan da Costa Schier – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Cesar Eduardo Abud Limas – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Cid Olival Feitosa– Universidade Federal de Alagoas  
Claudia Regina Magnabosco-Martins – Universidade Estadual do Centro Oeste  
Clara Cruz Santos – Universidade de Coimbra  
Cristian Damian Maneiro - Universidad de la República/Uruguay  
Denis Porto Renó – Universid Del Rosario/Colombia  
Edina Schimanski – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Enrique Pastor Seller – Facultad de Trabajo Social Universidad de Murcia  
Franciely Ribeiro dos Santos - Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Greicy Mara França – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul  
Guillermo Meléndez Hevia – Universidad Zaragoza  
Jamerson Viegas Queiroz – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Jandir Ferrera de Lima – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Jasmine Cardozo Moreira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
João Irineu de Resende Miranda – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Jorge Pedro Sousa – Universidade Fernando Pessoa/Portugal  
Jussara Ayres Bourguignon - Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Luiz Fernando de Souza– Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Marcio Henrique Coelho – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Maria Rita Milani – Universidade Federal de Alagoas  
Marilisa do Rocio Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Mirna Medeiros - Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Mónica Solange de Martino – Universidad de la República/Uruguay  
Paula Melani Rocha – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Pedro Russi – Universidade de Brasilia  
Raphael Moroz – Universidade Tuiuti do Paraná  
Rosiléa Clara Werner – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Tomas Sparano Martins - PUC/PR  
Walfrido Nunes Menezes – Faculdade Estácio do Recife  
Zadoque Alves Fonseca Filho – FAMA - Escola Superior de Marketing

### *Avaliadores(as) da edição*

Cibele Rodella	Jussara Ayres Bourguignon
Claudia Magnabosco-Martins	Marco Catussi
Danuta Luiz	Marina Dantas
Fernanda Marques Rey	Nara Luiza Valente
Francieli Lunelli Santos	Paula Rocha
Gonçalo Carmo	Reshad Tawfeiq
Heder Rocha	Rosiléa Werner
Juliana Taques da Silveira	Vitor Hugo Bueno Fogaça
Julio Cunha	Walfrido Menezes

PUBLICATIO UEPG: Ciências Sociais Aplicadas / Universidade Estadual de Ponta Grossa, v.1, n.1,  
(1993)- Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.

Trimestral.

Subdividiu-se da Revista Publicatio UEPG: Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas,  
Linguística, Letras e Artes, v. 18, n.2, (2010) .

2019, v. 27, n. 1

ISSN 2238-7552 - versão impressa

ISSN 2238-7560 - versão online

1-Ciências sociais aplicadas. I.T.

CDD: 300

Os textos publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

### **REVISTA INDEXADA EM:**

GeoDados <<http://geodados.pg.utfpr.edu.br>>

FUNPEC (Sumários de Revistas Brasileiras) <[www.sumarios.org](http://www.sumarios.org)>

CLASE (Base de Datos Bibliográfica de Revistas de Ciencias Sociales y Humanidades) da Universidade Nacional Autónoma de México  
- UNAM <[dgb.unam.mx/clase.html](http://dgb.unam.mx/clase.html)>

Base de Dados do Acervo de Bibliotecas do Paraná

LATINDEX (Sistema Regional de Información em Línea para Revistas Científicas de América Latina, El Caribe, España y Portugal)

**Permutas** - e-mail: [ersouza@uepg.br](mailto:ersouza@uepg.br) ou fone: (42) 3220-3409

**Editora UEPG** - <http://www.uepg.br/editora>

SUMÁRIO  
SUMMARY

**DOSSIÊ FUTEBOL & SOCIEDADE**

EDITORIAL .....	7
EL DESARROLLO DEL FÚTBOL FEMENIL EN MÉXICO: ENTRE LA POLICÍA Y LA POLÍTICA EN LOS PROCESOS DE INCLUSIÓN Y EXCLUSIÓN (1970-2019) .....	9
WOMEN'S FOOTBALL DEVELOPMENT IN MEXICO: BETWEEN THE POLICE AND POLITICS WITHIN THE INCLUSION AND EXCLUSIÓN PROCESS (1997-2019)	
• Daniel Añorve Añorve	
LA VIOLENCIA ANTES DE LA VIOLENCIA: EL PROCESO DE CONSTRUCCIÓN DE LOS HECHOS VIOLENTOS EN EL FÚTBOL COMO PROBLEMA PÚBLICO EN ARGENTINA.....	27
VIOLENCE BEFORE VIOLENCE: THE PROCESS OF CONSTRUCTION OF THE VIOLENT EPISODES IN FOOTBALL AS A PUBLIC PROBLEM IN ARGENTINA	
• Diego Murzi	
VIOLÊNCIAS NO FUTEBOL ARGENTINO: O QUÊ ESTÁ EM JOGO? QUAIS SÃO OS PARALELOS COM O BRASIL?.....	42
DIFFERENT FORMS OF VIOLENCE IN THE ARGENTINIAN FOOTBALL: WHAT IS AT STAKE? WHAT ARE THE PARALLELS WITH BRAZIL?	
• SEGURA, Fernando	
• WOOD, David	
• JUNQUEIRA, Ricardo	
• GOMES, Vitor	
• NETTO, Thaissa	
GÊNERO, FUTEBOL E ESPORTES: A SORORIDADE COMO COMPONENTE NECESSÁRIO PARA O EMPODERAMENTO FEMININO.....	59
GENDER, SOCCER AND SPORTS: THE SORORITY AS AN ESSENTIAL ELEMENT TO FEMALE EMPOWERMENT	
• Edina Schimanski	
O FUTEBOL NO ESPAÇO AUTOBIOGRÁFICO: UMA ANÁLISE DAS OBRAS DE NICK HORNBY .....	67
FOOTBALL IN AN AUTOBIOGRAPHIC SPACE: AN ANALYSIS OF NICK HORNBY'S PRODUCTIONS	
• Natasha Santos-Lise	
AS MULHERES ENTRAM EM CAMPO? A COBERTURA DO JORNAL GAZETA DO POVO REFERENTE ÀS COPAS DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO DOS ANOS DE 2007 E 2015 .....	83
WOMEN ENTER THE FIELD? THE COVER OF THE NEWSPAPER GAZETA DO POVO REFERRING TO THE WOMEN'S WORLD CUP OF THE YEARS 2007 AND 2015	
• Nathalia Lutt Lourenço	
• Dayanne Vieira Santos Pinto	
• Fabiana Della Giustina dos Reis	
• Maria Thereza Oliveira Souza	
• André Mendes Capraro	

FUTEBOL, MÍDIA E SOCIEDADE: A ESPETACULARIZAÇÃO DA IMAGEM DO SUCESSO E SUAS INFLUÊNCIAS .....	95
SOCCER, MEDIA AND SOCIETY: THE SPECTACULARIZATION OF THE IMAGE OF SUCCESS AND ITS INFLUENCES	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gustavo Souza da Silva</li> <li>• Cristina Schmidt</li> </ul>	
AS INFLUÊNCIAS EXTERNAS NA DEFINIÇÃO DO TIME DO CORAÇÃO: ANALISANDO AS ESCOLHAS DOS ALUNOS DE UM COLÉGIO PÚBLICO ESTADUAL DA CIDADE DE PONTA GROSSA-PR.....	115
THE EXTERNAL INFLUENCES IN THE DEFINITION OF A TEAM TO BE SUPPORTED ANALYZING THE STUDENTS' CHOICE OF A PUBLIC SCHOOL IN THE CITY OF PONTA GROSSA - PR	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Wendell Luiz Linhares</li> <li>• Miguel Archanjo de Freitas Jr.</li> </ul>	
NORMAS EDITORIAIS PARA TRABALHOS .....	129

## EDITORIAL

### NÃO PODEMOS PARAR: TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO E NO FUTEBOL

É com grande satisfação que levamos aos leitores deste periódico uma nova edição. Em um momento no qual a palavra de ordem é contingenciamento dos gastos públicos, organizar um evento e mesmo uma coletânea é uma tarefa que exige grande esforço, não somente intelectual, mas fundamentalmente humano, pois os percalços são tantos, que por diversas vezes entramos em crise e nos perguntamos: “Por que ainda continuamos lutando?”. Todavia, ao ver o produto aqui materializado temos a resposta de porque não podemos parar.

Não podemos parar porque o mundo é guiado pela economia, mas não é exclusivamente econômico. As ações passionais decorrentes do futebol estão aí para nos mostrar que elas não se explicam pelo racionalismo ou irracionalismo, tampouco pela tentativa recorrente de atribuir isto às classes sociais. Não podemos parar porque em um momento de tanta intolerância e feminicídio, a mulher conquista cada vez mais o seu espaço, inclusive no cenário esportivo, mostrando claramente que o papel dela é aquele que ela deseja e definir. Não podemos parar porque as informações globalizadas devem estar presentes no meio acadêmico, na mesma proporção que as *fake news* circulam nas redes sociais, pois caso contrário teremos uma sociedade cada vez mais mal informada e intolerante. Acima de tudo, não podemos parar porque a paixão que move o futebol também nos move na compreensão acadêmica deste fenômeno.

Como diria Nelson Rodrigues “No futebol o maior cego é aquele que só enxerga a bola”. Por isso, eu te convido para entrar neste jogo e fazer parte deste time de craques que vão te estimular a seguir jogando, por mais duro que a partida pareça ser. Para isto, estabelecemos uma estratégia, a de reunir jogadores nacionais e internacionais:

O primeiro deles é professor Daniel Añorve, que através do artigo *La desarrollo del fútbol femenino en México: Entre la policía y la política en los procesos de inclusión y exclusión (1970-2019)*, analisou o processo de crescimento e institucionalização do futebol feminino no México, através da ênfase colocada em duas figuras icônicas, a jogadora Maribel Domínguez e a árbitra Virginia Tovar, que em 2004 desafiou o status quo vigente dentro do “jogo do homem”. Para realização da análise o autor propõe um olhar para as conquistas em duas dimensões: 1) atores no nível do campo e 2) os espaços do jogo. Neste sentido, Añorve conclui que no debate atual sobre esporte e gênero, a política deve intervir explicando historicamente o “não dito”.

O doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires, Diego Murzi, no artigo *La violencia antes de la violencia: el proceso de construcción de los hechos violentos em el fútbol como problema público em Argentina*, explorou o processo pelo qual a violência no futebol tornou-se um problema público na Argentina. Para tanto, estudou os sentidos que a imprensa e o Estado atribuíram aos principais episódios de violência no futebol argentino, desde 1931 a 1983. Com este estudo, Murzi concluiu que, até a década de 1980, o fenômeno da violência no futebol era compreendido apenas como algo ocasional, não requisitando legislações específicas – que surgiram apenas em 1985, no contexto de redemocratização da Argentina, tornando violência nos estádios um problema público.

*Violências no futebol argentino: O quê está em jogo? Quais são os paralelos com o Brasil? É o terceiro artigo deste dossiê* e constitui uma contribuição à pesquisa que está em andamento por meio de uma parceria entre a Universidade de Sheffield (Inglaterra) a partir de um Award da British Academy. O estudo foi construído coletivamente pelos professores Fernando Segura Millan Trejo e David Wood, o primeiro Professor Visitante no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás (UFG), filiado ao CIDE (México) e Doutor em Sociologia e o segundo Professor Permanente de Estudos Latino-Americanos na Escola de Línguas e Cultura da Universidade de Sheffield (Inglaterra) e Doutor em estudos Latino-Americanos. Além da contribuição dos mestrandos no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás, Ricardo Junqueira e Vitor Gomes e de Thaisa Netto, Pós-graduada em Musculação e personal trainer pelo CEAFI-GO. Com o objetivo de refletir sobre atmosfera de violência em torno dos jogos na Argentina, assim como gerar uma aproximação para o contexto brasileiro, com ênfase na cidade de Goiânia. Os autores esperam atualizar os debates recentes acerca das formas de violência ao revelar novas tendências. Bem como sugerir hipóteses para futuras pesquisas e políticas públicas, tanto para a Argentina quanto para o Brasil.

Edina Schimanski, professora dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas e Programa Pós-Graduação Educação Inclusiva (Mestrado Profissional) – UEPG, contribui com o debate discutindo a relação entre gênero, futebol e esporte como elemento fundamental no processo de rompimento dos preconceitos sociais e desigualdades na participação feminina em práticas esportivas. Intitulado Gênero, futebol e esportes: A sororidade como componente necessário para o empoderamento feminino, o artigo ressalta a necessidade de incorporar na construção da relação entre gênero e esporte a ideia de sororidade (*latim soror*) e empoderamento nas relações que se estabelece no cotidiano social.

Em seu artigo *O futebol no espaço autobiográfico: Uma análise das obras de Nick Hornby*, a Doutora em Educação Física, Natasha Santos-Lise, adentra na discussão sobre o futebol, a partir da autobiografia *Febre de Bola* e de outras produções de Nick Hornby, como as coletâneas *My Favourite Year* (1993), *Pray* (2012), *Fan Mail* (2013) e alguns textos publicados no jornal *The Independent*, entre 1993 e 95. Apoiando-se metodologicamente na perspectiva de texto e contexto, desenvolvida por Antonio Candido e no conceito de “espaço autobiográfico”, definido por Philippe Lejeune, a doutora infere que é possível perceber que o tratamento do futebol, de acordo com a análise das obras de Hornby, passa por três significados distintos – memória (o futebol que corresponderia a um mito do passado mais feliz), verossimilhança (via de regra, a modalidade era narrada como ela é) e notícia (presente nas colunas esportivas dos jornais, conferindo objetividade na forma de escrever).

Na produção *As mulheres entram em campo? Cobertura do jornal Gazeta do Povo referente às copas do mundo de futebol feminino dos anos de 2007 e 2015*, Nathalia Lutt Lourenço, mestranda em Educação Física, Dayanne Vieira Santos Pinto, graduada em Educação Física, Fabiana Della Giustina dos Reis, mestranda em Educação Física, Maria Thereza Oliveira Souza, doutoranda em Educação Física, e André Mendes Capraro, doutor em História, todos formados pela Universidade Federal do Paraná, investigaram a cobertura da Gazeta do Povo sobre as Copas do Mundo de Futebol Feminino (2007 e 2015), no sentido de identificar uma possível ampliação no número de reportagens sobre modalidade ou se a situação de baixa repercussão é uma constante. A análise das fontes jornalísticas demonstrou que as publicações sobre futebol feminino na mídia seguem um padrão de descontinuidade, ocorrendo apenas em períodos bastante específicos, condicionadas ao bom desempenho das atletas em campo.

Gustavo Souza da Silva, mestrando em Políticas Públicas pela Universidade de Mogi das Cruzes – SP (UMC), e Cristina Schmidt, doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no artigo *Futebol, mídia e sociedade: A espetacularização da imagem e do sucesso e suas influências*, utilizaram a pesquisa bibliográfica e entrevistas em grupo focal com 11 jogadores de base para entender o processo de espetacularização do esporte e dos atletas na mídia, além de sua influência sobre os jovens que sonham em ter uma carreira profissional no futebol. Com a análise das fontes os autores concluíram que a espetacularização da mídia transforma o futebol em produto e os jogadores destacados em mercadorias, despertando nos jovens futebolistas o desejo de tornar-se uma referência (não só, mas também midiática) tal qual seu ídolo, além da expectativa de ajudar a família e promover projetos sociais.

No artigo intitulado *As influências externas na definição do time do coração: analisando as escolhas dos alunos de um colégio público estadual da cidade de Ponta Grossa – PR*, Wendell Luiz Linhares, mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e Miguel Archanjo de Freitas Junior, doutor em História pela Universidade Federal do Paraná, investigaram, por meio de questionários aplicados aos alunos da rede pública de ensino ponta-grossense, os elementos que compõem a identificação dos escolares com um time de futebol. Ao analisar os resultados, os autores concluíram que a família, com destaque para o pai, é a principal influência do processo de filiação clubística. Ademais, constatou-se que os clubes nacionais escolhidos para torcer, em geral, são aqueles que possuem maior cobertura midiática. Por fim, os autores discutiram uma tendência contemporânea nos modos de torcer: a bifiliação clubística, incentivada pela globalização e possibilitada pelos diferentes meios de informação.

**Miguel Archanjo de Freitas Junior**  
**Ana Flávia Braun Vieira**  
**Edilson de Oliveira**

# EL DESARROLLO DEL FÚTBOL FEMENIL EN MÉXICO: ENTRE LA POLICÍA Y LA POLÍTICA EN LOS PROCESOS DE INCLUSIÓN Y EXCLUSIÓN (1970-2019)

## WOMEN'S FOOTBALL DEVELOPMENT IN MEXICO: BETWEEN THE POLICE AND POLITICS WITHIN THE INCLUSION AND EXCLUSIÓN PROCESS (1997-2019)

Daniel Añorve Añorve\*

### RESUMEN

Desde el renacimiento del fútbol femenino en México transcurrieron aproximadamente dos décadas para lograr el suficiente grado de institucionalización que llevara a la primera liga femenil profesional. El camino hacia la profesionalización ha estado lleno de ejemplos de inclusiones y exclusiones *vis-à-vis* el fútbol varonil. El objetivo central de este artículo es aplicar al estudio del proceso de crecimiento e institucionalización del fútbol femenino en México las nociones de policía y política presentes en Jacques Rancière. Especial énfasis merecen dos figuras icónicas – Maribel Domínguez como jugadora y Virginia Tovar como árbitro- que en el 2004 desafiaron el *status quo* prevaleciente dentro del ‘juego del hombre’. Se argumenta que la política, como cuenta de los que no toman parte tiene la posibilidad real de cuestionar el orden policial presente en el fútbol mexicano, siempre y cuando logre alterar el *sensemaking* de los actores dentro de la cancha, de los directivos, de los equipos y desde luego del público. Para evaluar los avances que pueden lograr alterar el sentido común, se propone un análisis de los logros en dos dimensiones: 1) actores a nivel de cancha y 2) los espacios de juego.

**Palabras clave:** Fútbol femenino; Liga profesional; Política; *Sensemaking*; Género.

### ABSTRACT

Since the rebirth of women's football in Mexico, it took approximately two decades to achieve the necessary degree of institutionalization that ended up with the launch of the first professional women's league. The road to professionalization abounds with examples of inclusion and exclusion *vis-à-vis* men's football. The goal of this study is to understand the growth and institutionalization of women's football in Mexico through the lenses of Jacques Rancière's notions of police and politics. Special attention is given to two iconic women -Maribel Domínguez as a player and Virginia Tovar as a referee- both women who in 2004 challenged the prevailing *status quo* within the ‘men's game’. It is argued that politics, understood as the accounting of those who do not take part, opens up the possibility of questioning the existing police order in Mexican football, as long as its manages to alter the sensemaking of the on-field actors, the managerial staff, the teams, and the larger football audience. In order to assess the achievements that may end up altering the common sense, two dimensions are analyzed: 1) the on-field actors and 2) the playing venues.

**Keywords:** Women's football, professional leagues, politics, sensemaking, gender.

\* Doctor en Ciencias Políticas y Sociales con orientación en Relaciones Internacionales por la Universidad Nacional Autónoma de México. Maestro en Ciencia Política (York University en Canadá). Es profesor de tiempo completo del Departamento de Estudios Políticos y de Gobierno de la Universidad de Guanajuato. Es responsable del Cuerpo Académico “Gobierno, Instituciones y Organizaciones en el Contexto de la Globalización”. Es miembro del Sistema Nacional de Investigadores (SNI), nivel 2.

## INTRODUCCIÓN

La combinación de varios factores llevan a crear dentro del imaginario popular que el fútbol femenino en general y en México en específico se trata de una ‘novedad’. Entre los factores que refuerzan esta idea errónea destacan: La Copa Mundial (oficialmente) femenino existió con poco más de 60 años de retraso respecto al Mundial varonil; la profesionalización del fútbol femenino en efecto es muy reciente (Japón contó con la primera liga semi-profesional femenino en 1989); las abismales diferencias salariales y de cobertura de los *mass media* han, si no invisibilizado el fútbol femenino, si lo han relegado a un lugar secundario dentro del imaginario popular; finalmente, y de enorme relevancia es lo advertido por Williams (2007), los materiales, archivos, documentos, fotografías e información en general en torno al fútbol femenino están fragmentados y los materiales fuertemente resguardados. En realidad, Williams (2007) y Draxler (2018) argumentan que el fútbol femenino y su popularidad no son una novedad y que de hecho, hace casi un siglo, “para 1920 el fútbol femenino era más popular que el fútbol varonil, atraía multitudinarias audiencias y lograba reunir fortunas para los veteranos de guerra o para los mineros en huelga” (DRAXLER, 2018, p. 14). En realidad, se asegura, la prohibición del fútbol femenino, primero por parte de la *Football Association* (FA) y luego su replica en otros países como Italia, Francia, Brasil, Alemania, Holanda y desde luego por parte de FIFA, fueron producto del miedo que generaban las posibles consecuencias macro sociales de su popularidad. No fue sino hasta finales de los 60 y principios de los 70 que se levantaron las prohibiciones.

Aunque en México el fútbol femenino no gozaba a inicios del siglo XX de la popularidad documentada en Europa, a inicios de la década de los 70 el fútbol femenino logró una inusitada popularidad debido a los dos podios conseguidos por México en los Mundiales (no reconocidos por la FIFA). En Italia 1970 México obtuvo el tercer lugar. En el Mundial de 1971 disputado en México, la selección mexicana fue subcampeona. Quizá, más que el resultado, lo impresionante sea la asistencia registrada en la gran final disputada en el Estadio Azteca. Aunque no hay un consenso en cuanto a las cifras, se habla de una asistencia que va desde unos 80,000 (Santillán y Gantús, 2010) hasta una

asistencia superior a las 100,000 personas (GARIN, 2004 citado en DRAXLER, 2018, p. 19).

Ya sea para el caso europeo o para el caso mexicano, en lugar de referirnos entonces al nacimiento del fútbol femenino, lo que corresponde es hablar de un renacimiento o como sugiere Williams (2007) de un segundo desarrollo del fútbol femenino.

En menos de dos años desde el lanzamiento de la Liga MX Femenil (en adelante, LMXF), no obstante las evidentes brechas existentes respecto a la liga varonil, una serie de éxitos relativos han otorgado notoriedad a la LMXF, incluso internacionalmente. En cuanto a la asistencia promedio a los partidos, se supera con creces la asistencia registrada en las ligas europeas. Al término del torneo Clausura 2019, la asistencia promedio para la temporada regular era de 1,752 asistentes por partido (LIGA MX FEMENIL, N/D). Si se toma en cuenta la asistencia a la liguilla, entonces el promedio asciende a 2,516 (para el Apertura 2018). Para 2017, en Europa se reportaban (UEFA, 2017) sólo seis ligas con más de 1,000 asistentes por partido: Francia (1,500), Portugal (1,250), Inglaterra (1,128), España (1000), Italia (1000) y Kazajstán (1000). En tan solo 18 meses, la LMXF reportó 5 de las 10 asistencias más elevadas de todos los tiempos para el fútbol femenino. El record mundial lo detentó la LMXF con una entrada de 51,211 (MARCA, 2018) hasta marzo de 2019, cuando fue roto en España en un Atlético de Madrid vs. Barcelona.

El artículo consta de cuatro apartados. En el primero, se hace un repaso de la literatura en torno al fútbol femenino en México y de aquella parte de la literatura pertinente para los objetivos de este artículo. Se hace un repaso conceptual de la obra de Rancière, así como de parte de la literatura en torno al *sensemaking*. El segundo apartado da cuenta del camino hacia la profesionalización del fútbol femenino en México desde la década de los años 90 hasta el lanzamiento de la LMXF. El tercer apartado analiza la evolución de la temprana LMXF (2017-2019) a través de dos dimensiones: los actores en la cancha y las los espacios de juego. Finalmente, se lleva a cabo una discusión en donde se incorpora el análisis ‘político’ derivado de Rancière para intentar comprender hasta que punto la política ha logrado romper con la lógica y el orden policial del fútbol varonil, y cómo (si es que acaso lo ha hecho), los avances mostrados en el fútbol femenino impactan en el *sensemaking*, posibilitando,

potencialmente, desmoronar lo que reste del orden policial existente.

Dos preguntas guían la investigación: ¿Cuáles son las formas concretas que ha tomado el orden policial dentro del fútbol mexicano? ¿Qué evidencias existen de que el proceso político (bajo el entendimiento de Rancière) ha logrado alterar el *sensemaking* que ha permitido sostener el orden policial?

## LITERATURA

La literatura académica en torno al fútbol femenino en México es casi nula. El único estudio relevante encontrado es el de Santillán y Gantús (2010), estudio de una naturaleza muy diferente al que se plantea aquí. Dicho estudio se enfoca en la forma en que los medios de comunicación representaban a las futbolistas mexicanas en los años 70, por lo cual aunque se ofrece un estudio serio en torno a los prejuicios sociales que dificultaron y ralentizaron el segundo desarrollo (*Cfr.* Williams, 2007) del fútbol femenino en México, no aporta una visión estructural de conjunto de este deporte.

No obstante la ausencia de estudios académicos relevantes, se ha logrado recuperar una cantidad importante de trabajos de difusión menores (Membrilla, 2006; Pereyra, 2006, 2011 y 2018) y de notas periodísticas que permiten brindar luz al período de casi dos décadas transcurrido entre el renacimiento del fútbol femenino en México y el lanzamiento de la LMXF. Entre los artículos, destacan aquellos en la revista *Fem* de la autoría de Hernández (1998, 1999a, 1999b, 1999c y 2002), así como notas periodísticas (*Reforma*, 1997; Corzo, 1998; Becerril, 1998, 1999; Miranda, 2000; Juárez, 2002; Huérfano, 2010; *El Universal*, 2011).

En referencia al fútbol argentino, y sin mencionar en momento alguno a Rancière, un trabajo de Branz (2008), brinda una serie de reflexiones interesantes antes de abordar lo que por medio de la recuperación de Rancière (1996) podría implicar un proyecto político para el fútbol femenino. Lo primero que es preciso reconocer desde la lógica de Branz es lo expuesto por Galindo (2005), en torno a que el deporte es en efecto un espacio social que tiene fisuras y que está sujeto a conflictos de toda índole. Bajo esta premisa, Galindo señala (citado en BRANZ, 2008, p. 47): “El deporte está en la base de la vida social,

no es algo secundario ni superfluo”. Branz (2008) advierte que más bien la razón por la cual el deporte parece ser ajeno al conflicto es porque casi nunca se conceptualiza como un espacio en donde se dirime el poder y en donde se pueden configurar las relaciones sociales, por lo cual no duda en señalar al deporte: “Como el lugar del poder instituido” (BRANZ, 2008, p. 48). Así, destaca la “decisión política de disputar un espacio cristalizado como masculino” (Branz, 2008: 49). Lo que hace entonces Branz es invitar al debate diacrónico de un problema, aparentemente apolítico. Ciertamente, para fines de este artículo no interesa una de las tres dimensiones propuestas por Branz (2008), la dimensión lúdica, toda vez que el trabajo no aspira a enfrascarse en una discusión sobre consideraciones lingüísticas y/o estéticas en torno al juego. Se recupera por tanto sólo la segunda y tercera dimensión, la productiva y la de la política y la gestión. Lo que sí interesa es la construcción de la identidad y el mito futbolero en Argentina como un dominio exclusivamente varonil y la idea del pibe, excluyendo a las pibas como sugiere Branz (2008, p. 51). Las exclusiones o en el mejor de los casos, la marginalidad de las mujeres en la dimensión productiva del fútbol sí nos compete y sostenemos, tiene que ser parte esencial del proceso de debate político. Es importante entonces analizar las implicaciones de lo presentado por Branz (2008, p. 52) como: “la monstruosidad del negocio mediático en relación al fútbol no admite –salvo excepciones- la incorporación central de las mujeres”. Desde luego, Branz advierte que no sólo la brecha salarial es un problema, sino también la realidad de la precariedad laboral, la falta de apoyo de los clubes, lo cual en su conjunto, dificulta la viabilidad del proyecto de profesionalización del fútbol femenino. Para Branz (2008, p. 53) queda claro entonces que “el problema se dirime entre fuerzas sociales desiguales, y en términos políticos”. Branz también pone de manifiesto cómo la desigualdad se encubre en un lenguaje pretensamente universal, inclusivo y democrático, usado tanto por las organizaciones internacionales, por FIFA, como por las asociaciones nacionales, al hablar en género masculino dentro de las reglamentaciones (árbitros, jugadores, asistentes, árbitros asistentes). Branz (2008, p. 54) considera que “El espacio perdido (hasta hoy) en la política y la gestión representa la invisibilidad de las mujeres para participar, en forma directa, de las decisiones que tienen que ver con

sus prácticas deportivas”. Sin embargo, dado que el fútbol es presentado como una actividad apolítica y de esparcimiento, hasta el momento, “la cuestión de las mujeres y el fútbol no se admite en el plano del debate y del conflicto” (BRANZ, 2008, p. 54). Invita a entender el fútbol desde lo hegemónico, lo cual genera un determinado *sensemaking* (Cfr. CLARINGBOULD y KNOPPERS, 2008) entendido como proyecto legítimo y cosmovisión oficial, el cual para reproducirse, “debe ser continuamente recreado, renovado y defendido” (BRANZ, 2008, p. 54). Hasta el momento, advierte Branz (2008, p. 54), la hegemonía ha sido más o menos sencilla, toda vez que el fútbol es presentado “como lugar cálido, sin conflictos, y sin la posibilidad de que los haya”. Sobre como cambiar el flujo de sentido (BRANZ, 2008, p. 55), sugiere algo que podríamos conectar con el *sensemaking*, “otorgarle, sin titubeos, el rótulo de problema político. Esto aportaría al proceso de transformación de la idea de que todo lo deportivo no tiene conflictos”.

La política, desde la óptica de Rancière (1996, p. 22) nace de la existencia de un sujeto político. Es preciso señalar que este sujeto no es una clase en el sentido marxista; más bien, Rancière considera que dicho sujeto es en realidad el *demos*. El *demos* es un sujeto colectivo entendido como “la reunión de hombres de ninguna posición, esos hombres de quienes Aristóteles nos dice “no tienen parte en nada” (RANCIÈRE, 1996, p. 22). La motivación del sujeto político conocido como el *demos* consiste en la reparación del daño, mismo que no se materializa necesariamente en una acción lasciva o en un sufrimiento físico. Esto es cierto no sólo en México, sino prácticamente en cualquier país, quizá con excepción de lo ocurrido en algunos países escandinavos. El daño va de la mano con la clasificación que experimentan o han experimentado históricamente ciertos grupos de personas dentro de la colectividad, en nuestro caso dentro de una micro-sociedad, llamada fútbol. De esta forma, la política en Rancière intenta tomar en cuenta a aquellas partes que no toman o no han tomado parte y a aquellos cuyo sufrimiento es percibido, por aquellos que en efecto sí cuentan y toman parte en la vida de una comunidad específica, como un simple ruido (Cfr. RANCIÈRE, 1996, p. 37). El sujeto político en el caso de la LMXF podría ser, parafraseando a Rancière, la presente reunión de mujeres de ninguna posición dentro del mundo del fútbol a quienes alguna

vez la FIFA, las confederaciones regionales y sus asociaciones nacionales les dijeron que no tenían parte o rol dentro del fútbol institucionalizado. Así, la política surge cuando no existe un terreno común y cuando una de las partes se rehúsa a reconocer a sus contrapartes como pares (Cfr. RANCIÈRE, 1996). El momento político se detona cuando una parte excluida de la comunidad decide levantar la voz y busca reparar el agravio percibido.

La política sin embargo, no puede existir con tan sólo tener a las dos partes (la agraviada y que busca la reparación del daño por un lado; por otro, la parte privilegiada que si toma parte y/o que sí es escuchada y tomada en cuenta). En realidad, la política requiere de una disputa, misma que puede ocurrir en la esfera política y posteriormente, por medio de canales legales, lograr el objetivo central, la verificación del logro de la igualdad. Rancière considera que se precisa la fuerza del litigio. A pesar del argumento que, “para 1920 el futbol femenino era más popular que el futbol varonil, atrayendo multitudinariamente a los aficionados y juntando fortunas para los veteranos de Guerra o para los mineros en huelga” (DRAXLER, 2018, p. 14), la *Football Association* (FA), en Inglaterra, temía las consecuencias que dicha popularidad podría traer aparejadas. La FA llegó a un veredicto en 1921 y falló por medio de reglas contra las mujeres que estuvieron vigentes por espacio de 50 años (en 1971 las reglas se declararon nulas). Dichas prohibiciones y limitantes como ya se mencionó se replicaron en varios países. No basta entonces con el levantamiento de la prohibición, sino que se requiere de la verificación de la igualdad, de la verificación de que la parte agraviada, en este caso las futbolistas, podrían ver reparado su agravio, por medio del reconocimiento oficial de los Mundiales femeniles, desde 1991 y con la profesionalización del fútbol en diversos países, a partir de la década de los 90 del siglo XX.

Rancière advierte que la actividad política rara vez se da de forma suave, mucho menos sin conflicto; de hecho, Rancière estudia el frecuente encuentro entre las fuerzas que salvaguardan el *status quo*, fuerzas que se concretan en la policía y la política, esta última que busca desafiar y romper el *status quo*: “La política surge cuando el orden de la dominación natural es interrumpido por la institución de una parte que no toma parte” (RANCIÈRE, 1996, p. 25). La

contraparte de la política es la policía. La policía es la palabra que Rancière (1996, p. 43) usa para referir a la distribución de roles, así como para referir al sistema de legitimaciones existentes dentro de una sociedad. Rancière diferencia a la ‘baja’ policía, misma que usa uniformes, patrullas y macanas, de la policía entendida como una fuerza intangible, misma que más bien refiere “al orden de lo que es visible y de lo que es decible [...] la fuerza que permite que ciertas palabras pertenezcan al discurso, pero que convierte a otras en ruido” (RANCIÈRE, 1996, pp. 44-45). La policía en el sentido de Rancière, no necesariamente se materializa en una institución tangible y puede estar presente y de hecho salpicar la cultura, en algo similar a lo que sucede con el orden hegemónico en cualquier sociedad.

En realidad, el desorden político es lo que cuestiona, episódicamente, siempre que logre desclasificar el lugar otorgado al *demos* (en este caso al fútbol femenino) dentro del orden policial. Para el caso de la LMXF, la policía consiste en una mezcla de actores públicos y privados que alimentan el orden policial, sin requerir del Estado para implementar tal orden. Lo importante es comprender cómo fue estructurado el orden policial dentro de esa micro-sociedad llamada fútbol, la cual no precisaba del calificativo ‘varonil’, toda vez que el fútbol era por excelencia ‘varonil’ (Pfister y Pope, 2018). Es entonces, cuando se empieza a hablar de fútbol ‘femenil’ que se activa políticamente la parte que tradicionalmente no había contado dentro de esa esfera ‘masculina’ llamada fútbol, más aún cuando se trataba de fútbol en su dimensión productiva, el fútbol profesional. Desde luego, este estudio intentará dar cuenta de cómo por medio de la fuerza del litigio, un *demos* concreto ha buscado romper con el orden policial, impersonal, estructural, cultural, fuerte y ‘naturalmente’ enraizado, lo mismo en el fútbol mundial que en el fútbol mexicano.

Adicionalmente, toda vez que uno de los objetivos medulares del presente trabajo es analizar los fenómenos de inclusión y exclusión que ultimadamente puede conducir, ya sea a continuidades o cambios, es importante hacer un breve repaso en torno a la literatura relacionada con el género y el cambio organizacional. Particularmente importante resulta concentrarnos en el *sensemaking* (CLARINGBOULD Y KNOPPERS, 2008; ALLISON, 2017). *Sensemaking* hace referencia

al proceso que se detona cuando las expectativas originales son violentadas, lo que genera la posibilidad para la activación de significados intersubjetivos, mismos que involucran ciclos de interpretación y acción (MAITLIS Y CHRISTIANSON, 2014). El aspecto más relevante por lo que toca al *sensemaking* es que abre la posibilidad del cambio al interior de las organizaciones, lo cual incluye la posibilidad de ‘deshacer’ (*undoing*) prejuicios de género, lo cual a su vez implica actuar en cierta forma para desafiar los valores, normas, significados y jerarquías existentes; en breve, se trata de desafiar las conductas y prácticas hegemónicas (Cfr. CLARINGBOULD Y KNOPPERS, 2008). Lo anterior, ciertamente, es el equivalente del cuestionamiento, por medio del litigio, de la policía en Rancière. Para estos fines, Claringbould y Knoppers (2008, p. 82) aseguran que el género no existe ‘simplemente’; de hecho, existe una ‘hechura’ del género (*gender doing*) cuando el uso de atributos normativos de género o los estereotipos, dentro de las interacciones sociales, refuerzan las diferencias de género. Al contrario, estas dos autoras reconocen que es posible ‘deshacer’ el género cuando el *status quo* es desafiado. El cambio resulta posible cuando las expectativas (ciertamente no objetivas y no compartidas por todos, sino por los actores dominantes, aquellos que constituyen la policía en Rancière) no logran coincidir con la realidad (Allison, 2017). Cunningham (2008) sostiene que el proceso de *sensemaking* puede respaldar las presiones societales sobre las organizaciones para efectivamente deslegitimar la desigualdad de género.

### EL CAMINO HACIA LA PROFESIONALIZACIÓN (1970-2017)

De acuerdo con Draxler, para agosto de 1971 existían unos 1000 equipos registrados en 26 entidades federativas (México tiene 32 entidades federativas) ante la Federación Mexicana de Fútbol Femenil (FMFF). Draxler (2018) y Santillán y Gantús (2010) coinciden en que no fue sino hasta los años 90 del siglo XX que se llevó a cabo el empujón final para institucionalizar el fútbol femenino en México. Es momento de revisar los orígenes distantes del fútbol femenino en México y así ver si existió un primer ‘desarrollo’ como en Europa (WILLIAMS, 2007) o si lo acontecido con los Mundiales (no-oficiales)

de 1970-1971 es el primer intento documentado de desarrollo.

Entre los trabajos de divulgación existe una narrativa corta (HERNÁNDEZ, 2002) que permite conocer dos cosas: el fútbol femenino se jugaba en México en 1932, gracias a la compañía alemana, *Alegría y Enhart*, la cual trajo un equipo para competir contra las escuadras locales en Veracruz. En segundo lugar, después de los logros obtenidos por las selecciones mexicanas en los mundiales de 1970 y 1971 y no obstante el entusiasmo de las mujeres, hombres y patrocinadores, no se dio continuidad al desarrollo del fútbol femenino. De hecho, tomó 20 años para que existiera de nuevo un equipo nacional femenino.

Una nota del periódico *Reforma* (1997) da cuenta de la inauguración del primer Centro de Capacitación para el fútbol femenino mexicano. La nota señalaba: “junto con este centro, que se ubica en las instalaciones de la Confederación Deportiva Mexicana, habrán de funcionar otros en las ciudades de Guadalajara, Monterrey y Cancún” (*REFORMA*, 1997, p. 4). También se destacaba que el fútbol femenino ya contaba con 52 ligas a lo largo del país. Además destacaba que en julio de 1997 habría de tener lugar el Torneo Nacional de la especialidad en Cancún, Quintana Roo (*REFORMA*, 1997, p. 4).

En una nota de Hernández (1999a) en torno al Mundial Femenil 1999 celebrado en Estados Unidos, se recuperan algunos datos presentados por Ángel Soto en torno al fútbol femenino en México y su inevitable comparación con el fútbol varonil. Se destacaba que, al término del Mundial de 1998 celebrado en Francia, cada jugador mexicano ganó un bono de 45 mil dólares; en contraste, las becas mensuales de cada jugadora del Tri Femenil era de 3 mil pesos mensuales. Lo anterior se agrega a otras brechas no monetarias: el equipo femenino no contaba con una ginecóloga(o) en el cuerpo médico, los masajes no eran obligatorios tampoco (HERNÁNDEZ, 1999a, p. 47). Entre las cifras proporcionadas por Hernández (1998) respecto a la participación de las mujeres en el fútbol en México destacaba que unas 800 mujeres practicaban el fútbol en alguna de las 60 ligas distribuidas en 22 asociaciones en la República Mexicana, las cuales se encontraban en 19 entidades (Baja California Norte y Sur, Campeche, Chihuahua, Colima, D.F., Estado de México, Guerrero, Guanajuato, Michoacán,

Nayarit, Nuevo León, Quintana Roo, San Luis Potosí, Sinaloa, Tamaulipas, Veracruz, Yucatán, Zacatecas) y dos universidades federales (IPN y UNAM). También aseguraba que otras medidas incluían la decisión de ubicar a mujeres destacadas en el fútbol en alguno de los cuatro Centros de Capacitación de la República para que entrenaran y fueran becarias para su dedicación de tiempo completo. También destaca que ya se pretendía conformar una liga de 12 equipos que pudieran jugar un campeonato en forma, sentando con esto las bases para una futura semiprofesionalización.

Una nota periodística de 1998 del Estado de México presumía el lanzamiento de un torneo de fútbol femenino en el altamente poblado municipio de Naucalpan (CORZO, 1998, p. 21). Dicho torneo se anunció como el primero en su tipo por parte de la administración local. Otra nota que da cuenta de lo que pasaba en el fútbol femenino mexicano, previo al Mundial de 1999 es la de Becerril (1998). La nota se centra en Andrea Rodebaugh y su contratación en lo que aquel momento se observaba, era la única liga profesional de fútbol femenino del mundo, la japonesa. Se da cuenta de las ideas que Rodebaugh trajo de vuelta a México y del papel que tuvo en instituciones educativas, como el Tec de Monterrey y sobre todo, al abrir su propia escuela de fútbol, Andrea's Soccer. Ciertamente, la nota brinda lecciones para los actuales dirigentes de la Federación Mexicana de Fútbol (FMF). Aún cuando Japón siempre ha sido un país nacionalista, conocido por los esfuerzos de conservación de su cultura, se destaca que se permite un número limitado de extranjeras en el fútbol femenino japonés, además de que destaca el apoyo de las empresas japonesas en el florecimiento de su liga profesional. Los sueldos que se reportaban en la liga japonesa (2,000-6,000 dólares mensuales), aún cuando las cifras corresponden a mediados de los 90 del siglo XX se puede apreciar eran sustancialmente más altos que los de la LMXF en la actualidad. La nota informa que la escuela de Rodebaugh contaba para 1998 con 355 futbolistas, con clases desde los 4-5 años, además de contar con ligas en las categorías sub-19 y sub-25 (BECERRIL, 1998, p. 76). La nota también es importante para armar el rompecabezas de lo que ocurrió con el fútbol femenino en México después del Mundial no-oficial de 1971. Se alega que surgieron ligas “llaneras”, como la “Cabeza de Juárez”, una de las más importantes en el Distrito

Federal (BECERRIL, 1998, p. 76). Por último, la nota también proporciona datos de la FMF. Se mencionaba que existían unas 80 ligas afiliadas a la FMF, con cerca de 8,000 jugadoras (BECERRIL, 1998, p. 76). Por lo que toca al Mundial Femenil de 1999 en Estados Unidos, las consideraciones de Leonardo Cuellar resultan muy importantes, no sólo para entender los años mozos del fútbol femenino en México, sino que da importantes pistas para comprender la actual LMXF. Cuellar relataba que su proyecto era crear un circuito nacional de fútbol femenino (BECERRIL, 1999). Cuellar señalaba:

Tenemos que ser realistas. Considero que esto apenas es el inicio de lo que puede ser una cultura futbolística femenil en México. El principal objetivo ya se logró: clasificar para el Mundial, crear el interés y la curiosidad para apoyar el programa de desarrollo de esta rama del fútbol (citado en BECERRIL, 1999).

Cuellar también advertía que aunque la FMF presumía la existencia de un programa nacional de fútbol femenino llamado “Sydney 2000”, él no lo conocía, lo cual no debía ser sorpresa, dada la escasa promoción del fútbol femenino. Cuellar identificaba otras dificultades que enfrentaba para poder montar una selección competitiva para el Mundial de 1999, entre ellas la necesaria comparación con otros países que contaban con ligas profesionales o semi-profesionales. El fútbol femenino en México no contaba con una liga profesional, por lo cual las prioridades de las futbolistas estaban en otro lado. También, Cuellar destaca el valor de los equipos universitarios en Estados Unidos, pues ante la ausencia de ligas profesionales en el fútbol femenino mundial, o la precariedad de las mismas, el principal semillero o fuente de talento futbolístico estaba en la *National Collegiate Athletic Association* (NCAA) de Estados Unidos (BECERRIL, 1999). No obstante las limitantes estructurales ya señaladas, la nota reconoce que la selección femenil era apoyada con todos los gastos pagados por la FMF para su viaje a San Diego y su concentración en Tijuana. Aunado a lo anterior, se da cuenta de que la FMF gestionó ante la Comisión Nacional del Deporte (CONADE) una beca, ciertamente incipiente, de mil pesos mensuales para cada jugadora (Becerril, 1999). Otra cosa que llama la atención, no sólo históricamente, sino que tiene implicaciones clarísimas para el nacimiento de

la LMXF es que el grupo contaba con nueve jugadoras con nacionalidad mexicana y estadounidense:

El primer triunfo internacional del fútbol femenino mexicano fue posible, en gran medida, por las reformas al artículo 37 de la Constitución Mexicana, gracias a las cuales se integraron a la selección femenil, que consiguió su pase al Mundial de Estados Unidos, nueve jugadoras con doble nacionalidad (BECERRIL, 1999).

Miranda (2000) recupera los testimonios de Leonardo Cuellar. Un avance que destacaba Cuellar a inicios del siglo XXI era el gradual crecimiento de jugadoras nacidas en México versus las nacidas en Estados Unidos. Destaca que para el Mundial de 1999, 11 jugadoras eran nacidas en Estados Unidos y 9 en México. Poco más de un año después, 6 eran nacidas en Estados Unidos y 14 en México. Lo anterior, explicaba Cuellar era producto de una época en la que “no había ninguna clase de desarrollo y se tuvo que recurrir a las mexicanas residentes en Estados Unidos” (citado en MIRANDA, 2000, p. 16). Cuellar destacaba que el escaso talento venía de las preparatorias y las universidades, pero que no había preparación desde la primaria. Cuellar consideraba que la competencia interna elevaría el nivel de las selecciones nacionales. Respecto a la eterna discusión y discriminación entre mexicanas nacidas en México y mexicanas nacidas o desarrolladas en el extranjero, Cuellar recordaba algo muy importante, entonces y en la actualidad:

Hay muchos empresarios que están sentidos de que se les considere mexicanos nada más cuando aportan dinero a México. Pero cuando sus hijas quieren participar como mexicanas en procesos deportivos en México y no sólo estoy hablando del fútbol femenino, se les cree una controversia y no se les considere mexicanas. Mientras las ley las cobije, hay que seguir abriéndoles las puertas (citado en MIRANDA, 2000, p.16).

Es importante destacar que uno de los esfuerzos pioneros para que despegara el fútbol femenino fue el de Andrea Rodebaugh, quien fundó la escuela de fútbol femenino Andrea's Soccer. Para 1999 ya se hablaba de 50 alumnas en la escuela, pionera en el país. Se da cuenta de cómo la escuela llamó poderosamente la atención de la FMF, institución que permitió la afiliación de la escuela y sus equipos, los cuales acabaron por ser reconocidos por la FIFA y

la Confederación de Norteamérica, Centroamérica y el Caribe de Fútbol (CONCACAF) (*CONTENIDO*, 1999). La escuela tenía tan pocas alumnas, por lo que su liga sólo constaba de tres equipos. Lo importante sin embargo, es ver la difusión que pudo hacer una mujer que se empoderó fuera del país y que posteriormente ha hecho mucho por desarrollar el fútbol femenino en México.

Una nota de Hernández (1999b) de finales de siglo XX da cuenta del rol marginal del naciente fútbol femenino en México. Recupera las declaraciones de Hugo Enrique Kisse de la FMF en torno a la jerarquía en las consideraciones de la FMF: “primero estaba la selección mayor varonil, después la sub-23, la sub 17, y hasta el final, la selección femenil” (*Cfr.* HERNÁNDEZ, 1999b, p. 47). La nota también recuerda la forma en que las mujeres de la selección femenil que habrían de competir en Juegos Panamericanos en Canadá, fueron desalojadas del Centro de Capacitación para que ahí trabajara la selección varonil, y se les trasladó al Comité Olímpico Mexicano, donde no existían canchas de fútbol; sin embargo, en un logro innegable del fútbol femenino, destacaba: “En breve iniciará el campeonato de la liga de fútbol femenino en México” (HERNÁNDEZ, 1999b, p. 47). Respecto a la cobertura del fútbol en ambas ramas, destacaba que las transmisiones del fútbol varonil en los Panamericanos eran en vivo y de forma completa; en contraste, el fútbol femenino en la misma competencia, “sólo fue transmitido en forma completa por Tv Azteca cuando se jugó la final, donde México perdió 1 a 0 ante Estados Unidos” (HERNÁNDEZ, 1999b, p. 47).

Para el año 2000 se anunció la puesta en marcha de un Torneo de Copa femenino y de un Torneo de liga femenino (*TIRO DE ESQUINA*, 2000). Sin embargo, no se trataba de una liga profesional. Lo importante en todo caso, es que dichos torneos estaban ya avalados por la FMF y auspiciados por la Liga Mexicana de Fútbol Femenil. También destaca que la mayoría de los equipos correspondían a equipos que contaban con un equipo varonil en Primera División (UNAM, América, Guadalajara, Atlas, Toluca, Tecos, U. De. G, Necaxa, Cruz Azul, Neza, León, Irapuato, Puebla, Pachuca, Morelia), pero otros pocos no (Oro, Jalisco, Politécnico y Bachilleres) (*TIRO DE ESQUINA*, 2000).

Para 2002, Juárez (2002) daba cuenta de un Torneo de Invierno de Primera División de fútbol femenino, entre los 16 mejores clubes de México. La participación geográfica era muy limitada: escuadras del Estado de México, además del D.F. y Morelos. Este torneo era parte del evento de la Liga Nacional Nacional de Clubes de Fútbol Femenil A.C., la cual está integrada por seis zonas y por equipos provenientes de sólo 14 de los 32 estados del país. Mitzi Chavarría, presidenta de la Liga Nacional, aseguraba había 1200 jugadoras registradas. Destaca que se jugaba en categoría libre, con las jugadoras oscilando entre los 13 y los 36 años. También se hablaba de la posibilidad de crear la Primera División “A”, con la intención de ascender a Primera División (JUÁREZ, 2002, p. 15).

Una entrevista de Gustavo Rangel (2003) con Maribel Domínguez revela los avances del fútbol mexicano. Antes que nada, se considera que lo que estaba sucediendo en el deporte mexicano, no sólo en el fútbol era una revolución, en la cual también tomaban parte otras atletas de distintas disciplinas como Nancy Contreras, Ana Guevara y Adriana Fernández (RANGEL, 2003, p. 38). Pese a las limitantes que enfrentaba el fútbol femenino en México, se desprende de la opinión de Domínguez que existían muchos avances, sobre todo en lo que tocaba a la disponibilidad de espacios para entrenar y el acceso a uniformes. Pese a las dificultades, Domínguez consideraba: “...ya no se puede negar el crecimiento del fútbol entre mujeres en México porque es evidente en las canchas la gran participación de las niñas, así que ya no hay marcha atrás, el fútbol femenino ha llegado para quedarse” (citada en RANGEL, 2003, p. 38).

2004 puede ser considerado como el año icónico, un verdadero parteaguas en la evolución del fútbol femenino en México. Dos ejemplos de actores futboleros de primer orden –una jugadora y una árbitro- habrían de cuestionar decididamente el orden policial vigente dentro no sólo del mundo del fútbol mexicano, sino dentro del deporte mexicano y en gran medida dentro de la sociedad mexicana extra-deportiva. Por lo anterior, se comentarán con cierto detalle los litigios que habrían de emprender Maribel Domínguez y Virginia Tovar.

Domínguez, mejor conocida en México como ‘Marigol’, fue en su momento considerada por FIFA como la sexta mejor jugadora del mundo en el año

2006 (TORRIJOS, 2016). Marigol terminó jugando en el extranjero (Barcelona, Kansas City Mystics, Atlanta Beat, L'Estartit y San Diego Sunwaves) antes de regresar a México como una jugadora veterana, pero no a la LMXF. Marigol cobró popularidad política cuando, como resultado de la inexistencia de una liga profesional femenil, intentó jugar para un equipo de Primera División varonil, los Toros del Atlético Celaya. Aunque el Atlético Celaya estaba dispuesto a contratar a Domínguez para jugar en su equipo de Segunda División, la respuesta de FIFA, por medio de Joseph Blatter fue fulminante: "Si esta señorita quiere jugar entre los hombres, que lo haga, pero no dentro de nuestra institución. No tenemos nada contra el hecho de que mujeres jueguen con hombres, pero no bajo la égida de la FIFA" (LA JORNADA, 2004a). En torno al caso de Marigol, López (s/f: 7) recupera la discusión que se dio dentro del Senado mexicano, cuando las senadoras Lizbeth Rosas del Partido de la Revolución Democrática (PRD) como Lucero Saldaña del Partido Revolucionario Institucional (PRI) pugnaban por la creación de una liga profesional de mujeres, pues la omisión en ese momento conculcaba "los derechos de cualquier mujer, lo que es un signo preocupante de discriminación" (LA JORNADA, 2004b).

Por su parte, cuando se dio la polémica sobre Virginia Tovar, ella ya tenía un largo camino recorrido. Había ya silbado la final del Mundial de 1999 en Estados Unidos, además de que contaba con certificaciones FIFA. Tovar también fue la primera mujer en silbar un partido amistoso de Primera División entre Celaya y Puebla. Tovar además silbó varios partidos en la Primera División A (CONTENIDO, 2001, p. 87). Virginia Tovar fue (y es hasta la fecha) la única mujer en arbitrar un juego varonil de Primera División. Tovar arbitró cuatro partidos entre 2004 y 2008. Los insultos recibidos por Tovar dan cuenta del machismo estructural al cual hacía referencia Grainey (2012). Dicho machismo está presente en jugadores y autoridades. Tovar recuerda que aunque su debut había sido programado para un partido Tigres vs. Irapuato, su debut acabó tomando lugar una semana después en el América vs. Irapuato. Lo relevante es la razón para tal postergamiento. Los directivos de Tigres estaban en contra. Adicionalmente, Tovar recuerda insultos sutiles, pero también algunos insultos francos y abiertos de parte de estrellas como Luis García, Cuauhtémoc Blanco, quien según López

(s/f, p. 4) mandó a Tovar 'a lavar los trastes', y Jared Borgetti. En el caso de este último, Tovar da cuenta del incidente: "Apenas estaba tirando el volado para iniciar el partido y me decía '¿para qué la mandan hija si no tiene capacidad?' Y yo le decía 'espérame, todavía no empiezo a arbitrar y ya me estás echando'" (citado en PUBLIMETRO, 2017). Sin embargo, en aras de la justicia, es preciso recordar que Pavel Pardo le mostró su apoyo, regalándole un ramo de flores (PUBLIMETRO, 2017). De hecho, para Tovar: "El problema no es el fútbol; el sistema nacional es machista" (citada en LÓPEZ, s/f, p. 5).

Una nota de *El Mensajero* (2005) presenta una especie de balance implícito de los avances y limitantes que el fútbol femenil presentaba después del primer lustro del siglo XXI. Por un lado, la nota reconocía:

ya dejaron atrás los tiempos en que dormían hacinadas en el antiguo Centro de Capacitación, en los que llegaban a sus partidos oficiales en un microbús o en los que eran consideradas como la última prioridad de la Comisión de Selecciones Nacionales (EL MENSAJERO, 2005, p. 42).

Por otro lado, dejaba entrever que jugadoras con gran talento, que ya podían competir de tú a tú con los grandes equipos mundiales, como lo eran Maribel Domínguez, Paty Pérez y María de Jesús Castillo encontraron acomodo en la Liga Profesional de España. Lo anterior, aunque no lo señala la nota, se debía en gran medida a la inexistencia de una liga profesional en México.

Es posible ver que existe una importante brecha temporal entre las disputas al orden policial-patriarcal en el fútbol y la reivindicación lograda con el lanzamiento de la LMXF en 2017.

En una nota sobre Charlyn Corral de 2006, Membrilla (2006) da cuenta de las oportunidades limitadas que tenían hacia mediados de los años 90 del siglo XX las futbolistas en México. Por un lado, la nota da cuenta de cómo Corral pudo tener sus primeros contactos con los entrenamientos en el Club Pumas, pero que años más tarde fue separada del equipo varonil, por ser mujer (MEMBRILLA, 2006). Como ocurrió con otras futbolistas mexicanas, las limitantes en México hicieron que Corral emigrara a Estados Unidos, en donde jugó en la preparatoria para F.C. Indiana, equipo que tenía muchas de las

mejores futbolistas del mundo (MEMBRILLA, 2006); sin embargo, la nota también destaca algo muy relevante, lo ocurrido entre su separación del equipo de Pumas y su llegada a Estados Unidos para estudiar la preparatoria. Corral pudo jugar fútbol femenino en Andrea's Soccer, lo cual le permitió exposición en torneos nacionales (MEMBRILLA, 2006).

Las asimetrías con el fútbol varonil eran y siguen siendo evidentes, incluso en jugadoras, como Maribel Domínguez, que eran consideradas Top 10 a nivel mundial por parte de FIFA. En una nota de Pereyra (2006), se recuperan datos que dan cuenta de las condiciones del fútbol femenino, incluso de aquellas jugadoras que jugaban en Barcelona. Hacia 2006, Maribel Domínguez reportaba que el Zaragoza le ofrecía de 1800-2000 euros para jugar en ese equipo (PEREYRA, 2006, p. 91). Para el caso de Paty Pérez, mexicana y compañera de equipo de Maribel Domínguez en el Barcelona, se hablaba de que en lo que encontraba equipo viviría de la beca de la CONADE, en aquellos años valuada en unos \$5000 pesos mensuales (PEREYRA, 2006, p. 91).

Una nota de 2010 (Huérfano, 2010) destaca el papel clave jugado por las instituciones de educación superior en Guadalajara en la promoción y práctica del fútbol entre las mujeres (los casos del Instituto Tecnológico de Estudios Superiores de Occidente (ITESO) y de la Universidad de Guadalajara (UdeG)).

En aras de la participación de la selección femenil en el Mundial de 2011 Pereyra (2011) señalaba que pese al creciente reconocimiento del fútbol femenino y de contar con un par de jugadoras con trascendencia internacional como Maribel Domínguez y Charlyn Corral, las diferencias con la selección varonil seguían siendo claras. Aunque a diferencia de la selección femenil participante en el Mundial de 1999 que se entrenaba en un llano del Centro Ceremonial Otomí, “donde driblaban vacas y borregos” (PEREYRA, 2011, p. 74), para 2011, aunque ya se les permitía entrenar en el Centro de Alto Rendimiento (CAR) de la FMF, no se les permitía una concentración completa en dichas instalaciones, teniendo que pernoctar en un hospedaje lejano al CAR. Pereyra (2011, p. 74) destacaba que ya había un presupuesto asignado a las selecciones femeniles, el cual era visto como una inversión, pese a no ser redituable, pero consideraba que éste se daba a “cuentagotas” (PEREYRA, 2011, p. 74). Entre las asimetrías también destaca que las

mujeres no tenían acceso a maletas propias para los viajes internacionales (PEREYRA, 2011, p. 74). También destaca como Justino Compeán aclaraba que la liga profesional no podría concretarse en el corto plazo (PEREYRA, 2001, p. 75). Otra de las asimetrías denunciadas es la forma en que cuando Leonardo Cuellar tomó las riendas de todas las selecciones femeniles, se le asignó una oficina de la Tercera División de la FMF (PEREYRA, 2011, p. 75).

Concluimos este recorrido histórico del largo camino hacia la profesionalización recuperando las lecciones más importantes, según Leonardo Cuellar. En 2011, derivado de la medalla de bronce en el fútbol femenino en los Juegos Panamericanos celebrados en Guadalajara, Cuellar consideraba que lo verdaderamente relevante era la aceptación del público de la realidad de la existencia del fútbol femenino y cómo éste finalmente había logrado salir del ostracismo (*EL UNIVERSAL*, 2011).

Los saldos del orden policial se caracterizan por sus claroscuros: por el lado positivo, se logró romper con el monopolio varonil sobre el fútbol. Las futbolistas comenzaron a recibir apoyos, principalmente en forma de becas, toda vez que el fútbol femenino, aunque tolerado fue clasificado como ‘naturalmente’ amateur. Las mujeres conquistaron gradualmente el derecho a ocupar instalaciones principales, como el CAR, además de asegurar insumos básicos como los uniformes. No menos importante, es que se instituyeron una serie de ligas, todas amateurs, en diversas entidades federativas. Quizá lo más importante a futuro, y como el semillero que habría de nutrir selecciones nacionales y posteriormente la LMXF, las escuelas de fútbol femenino, como Andrea's Soccer y el apoyo al fútbol femenino dentro de las Instituciones de Educación Superior, habrían de ir desclasificando, desde las bases y desde fuera de la FMF, el orden policial vigente hasta los años 90. Por lo que toca al lado ‘oscuro’, cualquier discusión sería en torno a la viabilidad de la profesionalización del fútbol femenino estuvo ausente, salvo la discusión en el Senado de 2004, la cual obviamente no prosperó por al menos una década más. Entre los saldos, también se observa que pese al reconocimiento del fútbol femenino como realidad que había llegado ‘para quedarse’, a las futbolistas se les siguió asignando una baja prioridad, no sólo *versus* el fútbol profesional varonil, sino incluso *versus* categorías inferiores

varoniles. En realidad vemos que una de las mayores libertades que tenían las futbolistas más destacadas era la libertad de ‘emigrar’ y desarrollarse educativa y deportivamente allende las fronteras mexicanas. El caso Tovar no logró romper *de facto* el monopolio sobre el arbitraje, por lo cual el fútbol no era el juego del hombre, sólo en cuanto a la producción del juego, sino también en cuanto a los reguladores del mismo. Si las mujeres deseaban ser árbitras, el lugar que el orden policial les asignaría sería como jueces de línea, pero no como árbitros centrales (RÉCORD, 2016).

### LA TEMPRANA EVOLUCIÓN DE LA LMXF (2017-2019)

Al igual que el fútbol profesional (varonil), la LMXF se juega en un formato de dos torneos cortos anuales. El formato de torneos cortos tuvo su inspiración en el fútbol argentino. Los cuatro torneos cortos disputados a la fecha dentro de la LMXF han sido: Apertura 2017 (julio-noviembre de 2017); Clausura 2018 (enero-mayo de 2018); Apertura 2018 (julio-diciembre de 2018); finalmente, Clausura 2019 (enero-mayo de 2019). Ciertamente hubo un mini-torneo de Copa en el verano de 2017 que precedió al lanzamiento oficial de la LMXF y que se jugó en un solo fin de semana en mayo de 2017. Dicho torneo de Copa no se ha vuelto a repetir y contó con sólo 12 equipos. Los dos primeros torneos de la LMXF (Apertura 2017 y Clausura 2018) contaron con sólo 16 equipos (versus 18 equipos en la liga varonil), pues los dos equipos de la ciudad de Puebla (Puebla y Lobos BUAP) decidieron no participar. Los dos torneos más recientes (Apertura 2018 y Clausura 2019) ya cuentan con el mismo número de equipos (18) que en el caso de la Primera División varonil, siendo de hecho los mismos equipos para ambas ramas. La Liguilla (*playoffs*) de los dos primeros torneos de Liga constaron sólo de semifinales y finales, a diferencia de lo acontecido con los hombres, cuya Liguilla comenzaba desde los cuartos de final. Durante los dos torneos más recientes, en gran medida se ha homologado el formato, contando con Liguillas, en ambas ramas, con partidos de cuartos de final, semifinales y finales. La única diferencia es que en la rama varonil califican los ocho mejores equipos de la clasificación general, mientras que para la rama

femenil califican los mejores cuatro equipos de cada uno de los dos grupos.

### LA PRIMERA DIMENSIÓN: LOS ACTORES EN CANCHA

Los indicadores a estudiar en esta primera dimensión tienen que ver con lo siguiente: la movilidad geográfica de las jugadoras, así como el aporte de la LMXF a las diferentes selecciones nacionales. Por el lado de las entrenadoras, no se limita el análisis al número de entrenadoras, sino que se pone énfasis en el *performance* de los equipos entrenados por mujeres. Finalmente, toda vez que es muy complicado analizar el *performance* de las árbitros, se analiza la participación de las mujeres como árbitro o juez central y dentro de las tripletas arbitrales.

Respecto a la movilidad geográfica, probablemente asociada a los éxitos deportivos, destaca que la LMXF, en su primer torneo se caracterizó por ser una liga marcadamente local (local entendido como estatal y no como nacional). De los 16 equipos que disputaron el Apertura 2017, 10 equipos (62.5%) tenían una mayoría de sus jugadoras nacidas en la entidad federativa (estado) en donde el equipo jugaba. A nivel LMXF, el porcentaje de jugadoras nacidas en la misma entidad en la que jugaban era de 58.7%. De manera gradual, el número de equipos, el porcentaje de equipos y el porcentaje de jugadoras que son mayoritariamente locales ha disminuido constantemente. Para el Clausura 2019, 6 del los 18 equipos (33.3%) cuentan con una mayoría de sus jugadoras nacidas dentro de la entidad. Por lo que toca a la LMXF en conjunto, hoy la mayoría de las jugadoras juega en una entidad diferente a la de su nacimiento, siendo jugadoras ‘locales’ tan sólo el 43.9%.

Pese a los avances registrados, persisten una serie de brechas. Por ejemplo, las regulaciones de edades. Dichas regulaciones, para el caso varonil, sólo existen en cuanto a jugadores menores de 18 años, pero no existe una regulación para jugadores mayores de edad. El reglamento femenino regula el número de minutos que han de jugar las menores de 17 años, lo cual se entiende desde la lógica del desarrollo del talento juvenil, pero también regula y de hecho restringe severamente la posibilidades de jugar de las jugadoras mayores de 24 años. Si bien es cierto, para

el Apertura 2017 y el Clausura 2018 la edad superior reglamentada era a partir de los 23 años y no de los 24 como actualmente está dispuesto, es difícil para una jugadora que *de facto* se convierte en una jugadora dinosaurio a los 24 años, poder aspirar a una carrera futbolística y dedicarse de lleno al fútbol cuando ha sido clasificada, anti-constitucionalmente dicho sea de paso, como una jugadora con utilidad limitada para todo fin práctico. Los agravios se magnifican si se toma en cuenta que una de las disposiciones del reglamento femenino (FMF, 2018) impide (prohíbe) la contratación no sólo de extranjeras, sino también de jugadoras no nacidas en México. México, como país cuya nacionalidad obedece al principio de *ius solis*, como es común en el continente americano, y como un país que ha sido generoso en todas las modalidades por las que se puede ser mexicano por nacimiento, cuenta con un número importante de mexicanos por nacimiento que no nacieron en territorio mexicano (existe una millonaria diáspora mexicana en Estados Unidos). De acuerdo con el reglamento femenino, sólo las nacidas en territorio mexicano pueden jugar en la LMXF. Lo anterior es un agravio no sólo deportivo sino jurídico y político, pues contraviene el espíritu de la Ley de Nacionalidad de 1998, cuyo fin era aumentar derechos y posibilidades para los mexicanos por nacimiento, nacidos o que crecieron allende las fronteras mexicanas. Por lo que toca a lo estrictamente deportivo, es difícil pensar en una potencia femenil de fútbol cuya liga doméstica prohíba la participación de jugadoras talentosas de otros países. Más aún, esta disposición resulta injustificable, toda vez que las mejores jugadoras mexicanas gozaron de la posibilidad de jugar en las ligas de otros países.

Por lo que corresponde a la aportación de la LMXF a las selecciones nacionales, lo más prudente es contrastarlas con el porcentaje de ‘anglos’<sup>1</sup>, jugadoras que históricamente habían nutrido a las selecciones nacionales (GRAINEY, 2012). La escuadra Sub-17 que participó en el Mundial de 2010 estaba compuesta por un 38.1% de ‘anglos’ y un 57.1% de jugadoras que jugaban en México. La escuadra subcampeona del mundo en Uruguay 2018 tuvo 23.8% de ‘anglos’ y 66.7% de jugadoras que jugaban en México; por lo que toca específicamente a la LMXF, 57.1% de la

plantilla subcampeona jugaba en la LMXF. Para el caso de la selección mexicana sub-20, para el Mundial de 2010, había una situación de paridad: 47.6% de la plantilla era ‘anglo’ y 47.6% jugaba en México. Para el Mundial de 2018, la cifra para las ‘anglo’ se redujo levemente, quedando en 42.8%, mientras que la participación de las jugadoras que jugaban en México había ascendido al 57.2%. Destaca que el total de ese porcentaje dentro de la selección mexicana Sub-20 correspondía a jugadoras de la LMXF. Finalmente, por lo que toca a la selección mayor, el 65% de la plantilla para la Copa Mundial de 1999 estaba compuesta por jugadoras ‘anglos’. No se conoce el porcentaje de las que jugaban en México, pero ciertamente no excedía del 35%. México no clasificó para el Mundial 2019 en Francia (a disputarse este verano); sin embargo, sí se conoce la composición de la escuadra mexicana que participó hace unas semanas en la Copa Chipre: las jugadoras ‘anglo’ representaban apenas el 11.6% de la plantilla, mientras que el 69.2%, no sólo jugaban en México, sino que lo hacían en la LMXF.

Respecto a las entrenadoras, a lo largo de cuatro torneos se ha experimentado un descenso en cuanto al número de entrenadoras, pasando de cinco mujeres para el Apertura 2017 a sólo tres para el Clausura 2019. Lo anterior se agrava al considerar el porcentaje, pues para el Apertura 2017 y el Clausura 2018 sólo había 16 equipos en la liga, mientras que el número aumentó a 18 equipos para el Apertura 2018 y el Clausura 2019. Por lo tanto, el porcentaje de entrenadoras ha descendido de 31.3% de equipos entrenados por mujeres para el Apertura 2017 a sólo 16.7% para el Clausura 2019. No obstante la disminución en términos absolutos y relativos, el *performance* de sus equipos no ha palidecido respecto al de los equipos entrenados por hombres dentro de la LMXF. Si tomamos en cuenta el torneo inaugural de la LMXF, el Torneo de Copa 2017, se puede apreciar que en 4 de las 5 liguillas (*play-offs*), las entrenadoras mujeres han estado presentes. El saldo para las entrenadoras es el siguiente: campeonato y subcampeonato para la Copa 2017, subcampeonato para el Apertura 2017, se quedaron sin Liguilla para el Clausura 2018 y dos entrenadoras estuvieron presentes en la Liguilla del Apertura 2018, llegando una a los cuartos de final y otra a semi-finales. Para el Clausura 2019, dos de las tres entrenadoras lograron calificar a la Liguilla y una de ellas alcanzó las semifinales. En el mismo período

<sup>1</sup> Término utilizado por Graine (2012) para hacer referencia a las jugadoras, ya sea de origen mexicano, nacidas en Estados Unidos; o bien, jugadoras nacidas en México, pero formadas deportivamente en instituciones estadounidenses.

de tiempo estudiado, de 5 entrenadores cesados, sólo una mujer ha sido cesada, siendo cesados 4 hombres. Si se revisa el porcentaje de puntos posibles obtenidos por los equipos entrenados por hombres y mujeres, tenemos lo siguiente: para la Copa 2017, los equipos entrenados por mujeres obtuvieron el 58.3% de efectividad por 44.4% para los hombres. Para el Apertura 2017, la efectividad de las mujeres fue del 40.9% contra el 46.4% de los entrenadores hombres. La mayor diferencia se dio para al Clausura 2018, siendo los porcentajes de efectividad de 34.3% para los hombres y 53.5% para los hombres. Para el Apertura 2018 los porcentajes de efectividad fueron muy similares, 44.8% para los entrenadores varones y 43.8% para las entrenadoras mujeres. Finalmente, para el actual Clausura 2019 los porcentajes de efectividad son de 47.35% para los varones y 45.13% para las mujeres. Los éxitos de las entrenadoras no se limitan a la LMXF. A raíz del subcampeonato mundial Sub-17 conseguido en Uruguay 2018 por el equipo entrenado por Mónica Vergara, dos de las tres entrenadoras de los equipos nacionales que compiten internacionalmente son entrenados por mujeres (La Sub-17 por Maribel Domínguez y la Sub-20 por Mónica Vergara). Sólo la selección mayor sigue en manos de un entrenador varón. Por otra parte, toda vez que uno de los objetivos de este trabajo es hablar sobre el *sensemaking* y el proceso para deshacer el género (*gender undoing*), lo sucedido de forma global en el Mundial Sub-17 de Uruguay 2018 debe ayudar a cambiar el *sensemaking* alrededor del mundo. Aunque la cantidad de selecciones nacionales entrenadas por mujeres era considerablemente menor que las selecciones entrenadas por varones, 3 de los 4 semifinalistas (incluidos los dos equipos finalistas) eran entrenados por mujeres.

Por lo que corresponde a los árbitros, éste quizá sea el indicador en donde el avance de las mujeres dentro de la cancha haya sido más significativo. Para el Apertura 2017 era sumamente raro hallar una mujer silbando un partido (como árbitro central), pues sólo el 12.50% de los partidos de temporada regular fueron dirigidos por una mujer. Para el Apertura 2018 el porcentaje alcanzó el 75.7% de los partidos silbados por una mujer, aunque para el Clausura 2019 disminuyó al 69.4%. Respecto a las tripletas arbitrales, también se ha visto un aumento en las tripletas arbitrales integradas sólo por mujeres, como

para las tripletas arbitrales mixtas. Para el caso de las tripletas arbitrales de sólo mujeres, el porcentaje subió de un 5.4% para el Apertura 2017 a un 43.2% para el Apertura 2018, aunque disminuyó a 39.6% para el Clausura 2019. Para las tripletas mixtas, la cifra subió de 39.3 para el Apertura 2017 a 43.8% para el Apertura 2018, manteniéndose prácticamente igual para el Clausura 2019 con el 43%.

#### LA SEGUNDA DIMENSIÓN: LOS ESPACIOS DE JUEGO

Además de la FMF y los reglamentos vigentes, es preciso analizar lo que pasa con los equipos y sus esfuerzos para proveer a los equipos femeniles con instalaciones adecuadas para su desempeño profesional-deportivo. Por lo que toca al tipo de instalaciones en las que juegan los equipos de la LMXF, se puede apreciar que para el Apertura 2017 poco más de la mitad (56.3%) de los partidos se jugaban en instalaciones secundarias (canchas de entrenamiento y/o estadios en los que no jugaban los equipos varoniles). Para el Apertura 2018 el porcentaje había aumentado a 72.2%, llegando a un 75% para el Clausura 2019. Para el Apertura 2017, sólo 3 de 16 equipos jugaron la totalidad de sus partidos como locales en el estadio principal (Pachuca, Morelia y León); para el Clausura 2019, 11 de los 18 equipos juegan la totalidad de sus partidos en el estadio principal (Necaxa, Morelia, Toluca, Tigres, Tijuana, Pachuca, Santos, Veracruz, Lobos BUAP, León y Querétaro). Sin embargo, vale la pena destacar que hay al menos cuatro equipos que o bien siguen jugando en estadios secundarios (Atlas, Cruz Azul y Pumas) o bien han tenido un franco retroceso, pues durante los dos primeros torneos sostuvieron un porcentaje considerable de sus partidos en el estadio principal y en la actualidad han convertido a las canchas de entrenamiento y/o un estadio secundario en su lugar de juego común (el caso del América). Dos equipos representan esta clasificación marginal y/o secundaria asignada a su equipo femenino: por un lado, los Pumas, cuenta con el nada honroso 'reconocimiento' como el único equipo de la LMXF que nunca ha permitido que un partido femenino de la LMXF se lleve a cabo en su estadio (TERRAZAS, 2018). El otro equipo es el América. Después de llevar a cabo un número más o menos equilibrado de juegos

en el Estadio Azteca y en sus instalaciones de Coapa para el Clausura 2018, para el Apertura 2018 y para el Clausura 2019 envió a jugar a su equipo a Coapa, incluso para la Liguilla del Clausura 2018, torneo en que resultó campeón. Lo anterior es un agravio y una muestra inequívoca de lo más retrograda del orden policial. Sólo fue para la final del Apertura 2018 que el América pudo jugar en el Estadio Azteca. El trato diferenciado para los equipos varoniles y femeniles es claramente ilustrado con la siguiente anécdota. Como parte de los preparativos para el juego de fútbol americano de la NFL a disputarse entre Los Angeles Rams y los Kansas City Chiefs, el 19 de noviembre de 2018, ambos equipos femeniles (Cruz Azul y América) programaron todos sus juegos para el Apertura 2018 en otras instalaciones. Para el caso de Cruz Azul en el Estadio 10 de diciembre en Hidalgo y para el caso del América en las instalaciones de entrenamiento en Coapa. En cambio, los mismos equipos, en su rama varonil, jugaron la mayor parte de sus partidos en el Estadio Azteca; más aún, la superestrella de música pop latina, Shakira, tuvo un par de conciertos en el Estadio Azteca los días 11 y 12 de octubre de 2018. El resultado final fue una cancha en un estado lamentable que llevó a la cancelación del partido por parte de la NFL (BELSON, 2018). En contraste, en lo que parece ser un área de reivindicación para el fútbol femenino, se han hecho significativos avances desde el nacimiento de la LMXF en cuanto a la valoración del juego por parte de los equipos y de los aficionados, lo cual puede ser, tanto producto, como detonador del cambio en el *sensemaking*. Para el Apertura 2017, la entrada a los estadios era libre (gratuita). Para el Clausura 2019, 11 de los 18 equipos cobran entrada a los partidos, si bien es cierto es necesario hacer tres aclaraciones para matizar esta cifra: la primera es que salvo el Cruz Azul, que ha convertido en su estadio femenino permanente una instalación secundaria, el resto de los equipos cobra entrada a los partidos cuando se juega en el estadio varonil; la segunda es que los precios de las entradas son sumamente bajos, fluctuando entre los \$20 y los \$100 pesos (aproximadamente entre uno y cinco dólares); tercero, 7 de los 11 equipos que cobran admisión regalan la entrada para quienes son abonados del club, es decir que cuentan con el bono anual y/o tarjeta preferencial para el equipo varonil. Sin embargo, es un avance que 4 de los equipos cobren entrada, independientemente de si se

es abonado o no. Llama la atención que Tigres, el equipo que jornada tras jornada registra las mejores asistencias en sus partidos como local, es un equipo que sí cobra admisión al estadio, aunque ciertamente permite el ingreso gratuito para los abonados. Con todas las aristas y aclaraciones revisadas, lo que es indiscutible es que la LMXF ha registrado entradas récord y promedios que superan con creces a otras ligas femeniles alrededor del mundo. Finalmente, un hecho significativo es que mientras el Apertura 2017 fue un torneo de entrada gratuita hasta la gran final que sí tuvo un costo, en los más recientes torneos la mayoría de los equipos cobran ingreso a los partidos de Liguilla, incluso para aquéllos aficionados abonados (caso de Chivas en el Apertura 2018).

## DISCUSIÓN Y CONCLUSIONES

Con base en los hallazgos es posible hacer un análisis concreto e informado del balance de fuerzas entre el conservadurismo dentro del orden policial presente en el microcosmos del fútbol mexicano y las fuerzas progresistas, reivindicadas en el momento en que la política da paso al litigio para la reparación del daño.

Por lo que toca al período transcurrido entre el segundo desarrollo del fútbol femenino en México y que buscaba reparar daños pasados y ‘contar’ a los que no tomaban parte dentro del mundo del fútbol, se pueden apreciar actores importantes que buscaron alterar el *status quo*, resguardado de forma impersonal por la policía. Estos actores fueron Andrea Rodebaugh, Leonardo Cuellar, Maribel Domínguez, Charlyn Corral, Virginia Tovar por mencionar a los más importantes. Ciertamente, los litigios no se dieron al unísono ni con la misma demanda. Rodebaugh, sin buscar transgredir la esfera del fútbol varonil, decidió abrir una academia *ad hoc* que normalizaría la práctica del fútbol femenino y que terminaría por nutrir a las diversas selecciones nacionales, con jugadoras como Mariel Gutiérrez, Yamile Franco y Marylin Díaz. Andrea’s Soccer representaba la oportunidad de que las futbolistas no tuvieran que hacerse pasar por varones, de que las niñas jugaran con los niños hasta la adolescencia y luego tuvieran que emigrar por la falta de ligas competitivas en México; o bien, de que tuvieran que estar sujetas a los horarios de entrenamiento y actividades de los equipos varoniles.

Por su parte, Cuellar al igual que Rodebaugh es otro ejemplo de mexicanos que producto de su residencia en otro país pudieron ver que el problema principal en México no era el de una falta de talento, sino el de una cultura machista que limitaba seriamente las posibilidades de participación y desarrollo del fútbol femenino. Ambos ejemplos ilustran cómo a pesar de que no existían restricciones jurídicas para la participación de las niñas y mujeres, en realidad los lugares asignados, aquello que era ‘decible’ y posible en cuanto al juego femenino, era distinto a lo que era posible y decible para el juego varonil. El orden policial castigaba de forma sutil, con la inexistencia de oportunidades de juego y seguimiento para las niñas y mujeres, y de forma abierta, por medio de restricciones para el desempeño de la actividad profesional o al no permitir que las niñas, pasada cierta edad pudiesen seguir jugando con los niños. Charlyn Corral y Maribel Domínguez son ejemplos claros, no sólo de jugadoras que en algún momento tuvieron que experimentar asumiendo conductas, vestimenta y gesticulaciones que las hicieran pasar por varones, sino también de cómo institucionalmente se separaba inequívocamente al fútbol en sus ramas varonil y femenino, impidiendo la coparticipación. Lo peor de todo, al no existir ligas profesionales en México, la única forma que tenían para ‘vivir del fútbol’ era emigrar. Finalmente, el caso de Virginia Tovar desnuda abiertamente la clasificación asignada a las mujeres dentro del orden policial. Toda vez que no había impedimento alguno ni constitucional, ni dentro de la Ley Federal del Trabajo para que trabajara como árbitro, y que las consideraciones de seguridad por el presunto diferencial de fuerza física entre hombres y mujeres no podía ser invocado, la forma de sancionar el orden policial se revelaba en su máximo esplendor: no era la FMF, máximo órgano del fútbol mexicano quien sancionaba. Eran los clubes varoniles, los propios jugadores y el público los que *a priori*, antes de arbitrar, de evaluar su desempeño, ya obstruían su ejercicio profesional.

Lo que puede apreciarse en este primer período (entre el segundo desarrollo del fútbol femenino en México y el lanzamiento de la LMXF) es que la política, en su concepto rancieriano, no contó con un *demos* como tal, pues no fueron colectivos, menos grupos organizados los que se encargaban de desclasificar, cuestionar y litigar el lugar asignado por

el orden policial. Eran voces y demandas individuales. No se halló dentro del material revisado, indicio de un *demos* activo políticamente. Desde luego, los esfuerzos emprendidos por individuos fueron importantes, quizá decisivos en el lanzamiento de la LMXF; sin embargo, la acción individual, fragmentada y sin un movimiento o presión sostenida postergaron el lanzamiento de la LMXF, coadyuvando a que el orden policial mantuviera una serie de clasificaciones y lugares asignados al fútbol femenino.

¿Qué es entonces lo que ha cambiado con el lanzamiento de la LMXF? Además de la institucionalización evidente del fútbol femenino y la precaria profesionalización del mismo, las oportunidades se abren en múltiples frentes: la posibilidad de jugar en México, la posibilidad de dirigir y de arbitrar para las mujeres. La exposición mediática, aunque marginal *vis-à-vis* el fútbol varonil, permite acceder a información para el estudio científico de este deporte. Permite dar una creciente visibilidad al fútbol femenino.

Sobre todo, la LMXF puede ayudar a cuestionar, deconstruir, romper y alterar el *sensemaking* prevaleciente y/o hegemónico, el cual hasta hace muy poco parecía estar en línea con la idea ‘interiorizada’, casi ‘naturalizada’ de que el fútbol es el juego del hombre. Si el sentido común señalaba que jugadores, entrenadores y árbitros debían de ser varones, los roles que se dejaban para las mujeres dentro del estadio eran los de edecanes, anunciando productos para una clientela predominantemente masculina; porristas, en caso de que algún equipo contara con ellas, y desde luego aficionadas que asistían a los estadios. Lo que se puede ver a raíz del análisis de la primera dimensión, la de los actores en la cancha es que el predominio de árbitros varones ha cedido su lugar al predominio de mujeres como árbitros centrales y a la composición cambiante de las tripletas arbitrales, aunque ciertamente los árbitros tienen una participación significativa en la LMXF que las mujeres simplemente no tienen dentro de la Primera División varonil. En cuanto a los entrenadores, también se ha cuestionado el orden policial. Después de cuatro torneos completos (y de la Copa inaugural), sabemos que no existe un diferencial importante entre el desempeño deportivo de los equipos entrenados por hombres y mujeres. Los logros anteriores se han dado, no obstante la gradual disminución del número total y del porcentaje de

entrenadoras dentro de la LMXF. Si a los logros de las entrenadoras de la LMXF aunamos que la final del Mundial Sub-17 Uruguay 2018 fue disputada entre dos equipos entrenados por mujeres (España y México) será posible cuestionar argumentos en torno a las capacidades técnicas para dirigir de hombres y mujeres. No obstante estos cambios en los que las mujeres han generado interesantes resultados, el orden policial, en este caso personificado por la FMF ha decidido restringir las edades para las jugadoras de la LMXF y dentro de estas restricciones, reglamentarlas y restringirlas aún más en cuanto al número de minutos que se pueden disputar y/o el número de jugadoras que pueden ser alineadas en un partido; más aún, el orden policial violenta impunemente y sin algún desafío colectivo claro, disposiciones constitucionales y la Ley de Nacionalidad de 1998, al no permitir que jugadoras mexicanas por nacimiento (no nacidas en territorio mexicano) tomen parte dentro de la LMXF.

Por lo que corresponde a la dimensión de los espacios de juego, el orden policial, aunque erosionado después de 4 torneos, sigue vigente, con claras brechas *vis-a-vis* la Primera División varonil. A pesar de existir una gradual ‘mudanza’ hacia los estadios principales, hay equipos que son férreos guardianes de los estadios varoniles, asignando a los equipos femeniles como su territorio ‘propio’ estadios secundarios (Cruz Azul) o canchas de entrenamiento (Pumas, Atlas, América). En el caso del América es difícil de entender la racionalidad de dicha decisión y de hecho, del retroceso experimentado durante el Apertura 2018 y el Clausura 2019. Se trata de un equipo que ha estado presente en todas las semifinales y que es el campeón vigente de la LMXF. Asignar instalaciones secundarias para jugar complica el de por sí difícil camino para obtener patrocinios y ser atractivo para las televisoras. La doble brecha, versus los equipos varoniles en cuanto al acceso a los partidos también es parte del orden policial que no permite ser considerados como ‘pares’ a los equipos femeniles. Por un lado, 7 de los 18 equipos no cobran el acceso a los partidos de la LMXF (este número aumenta cuando los equipos que sí cobran juegan en instalaciones secundarias y permiten la entrada gratuita). La segunda brecha se da cuando los costos de los boletos para ver a las mujeres son mucho más económicos que aquellos para ver a los hombres. Las

anteriores clasificaciones asignadas al fútbol femenino son lascivas.

Con todo, los logros deportivos (el subcampeonato mundial Sub-17), los éxitos nacionales (en la LMXF) e internacionales de las entrenadoras (Mundial Sub-17 en Uruguay 2018), el lucimiento a nivel mundial con entradas récord dentro de la LMXF y la apuesta de ciertos equipos por un desarrollo del fútbol femenino (Tigres, Monterrey y Pachuca) y la gran apuesta de *Fox Sports*, al adquirir los derechos de transmisión de 6 equipos de la LMXF (González, 2017), dan cuenta que existen actores colectivos (equipos y televisoras) que están conscientes de que el fútbol femenino ‘llegó para quedarse’ y que el futuro del fútbol es ‘femenino’ como lo advirtiera Joseph Blatter. Lo que en realidad hace falta, ya no es tanto la desclasificación del lugar asignado. Aunque persisten clasificaciones y/o reclasificaciones de los lugares asignados al fútbol femenino, la combinación de la creciente exposición mediática, los resultados que han roto con las ‘expectativas’ y la apuesta de algunos actores concretos parecen, si no romper, si erosionar rápidamente el monopolio varonil sobre el fútbol. La pregunta es, ¿cómo acelerar este proceso de erosión y cómo potencializar la política y los litigios para terminar con lo que resta del orden policial? La primera sugerencia es constituir un auténtico *demos*. A diferencia del segundo desarrollo del fútbol femenino, hoy existen cientos de jugadoras profesionales y miles de jugadoras amateur. Hoy, las entrenadoras y árbitros no tienen que ‘mendigar’ más un lugar en la cancha. Si algo nos enseña Rodebaugh es que el fútbol femenino hubiese sido imposible sin la participación de escuelas y academias, incluidas las instituciones de educación superior. El *demos* que habrá de liderar tendrá que salir de las canchas, profesionales y amateur, pero tendrá que ser arropado y fortalecido con un movimiento feminista más amplio, que abarque alianzas con las mujeres en el deporte (extra fútbol), con los movimientos feministas al interior de las universidades (extra deportivo), con agencias de mujeres (gubernamental) para ultimadamente presionar a los legisladores (la actual legislatura en México se anuncia como ‘la legislatura de la paridad de género’) y a los tomadores de decisiones. Actualmente, la Comisión Nacional del Deporte (CONADE) es presidida por primera vez desde su creación en 1988 por una mujer, la ex campeona

del mundo y ex medallista olímpica, Ana Gabriela Guevara. El deporte y el género tienen cabida dentro de la denominada 4T (Cuarta Transformación). Es momento de que la política rompa con los restos del orden policial y tome cuenta a los 'no contados' históricamente.

## REFERENCIAS

- Becerril, SANDRA. No jugamos ni debemos ni podemos ni queremos jugar como hombres, porque no somos hombres: Andrea Rodebaugh. In.: *Proceso*, 1998, No. 1134, p. 76.
- \_\_\_\_\_. Leonardo Cuellar: Del fracaso en Argentina 78 al Mundial de Estados Unidos 1999. In.: *Proceso*, 17 de enero. <http://link.galegroup.com/apps/doc/A54509565/GPS?u=ugt001&sid=GPS&xid=a7892455> (consultado el 26 de marzo de 2019).
- BELSON, KEN. N.F.L. moves game out of Mexico City over field conditions. *New York Times*, 13 de noviembre. 2018. Disponible en: <https://www.nytimes.com/2018/11/13/sports/nfl-mexico-city.html>. Acceso 30 nov. 2018
- Branz, Juan. Las mujeres, el fútbol y el deseo de disputa: Cuando lo deportivo debe volverse político. In.: *Educación Física y Ciencia*, 2008, Vol.10, p. 45-57.
- CLARINGBOULD, INGE; KNOPPERS, ANNELIES. Doing and undoing gender in sport governance. In.: *Sex Roles*, 2008, Vol. 58, No. 1, p. 81-91.
- CONTENIDO. *Andrea's soccer una señora escuela de futbol*, mayo.1999. Disponible en: <http://link.galegroup.com/apps/doc/A54637719/GPS?u=ugt001&sid=GPS&xid=e8a79d96>. Acceso 2mar. 2019.
- CONTENIDO. Virginia Tovar, arbitra con mucha cancha, febrero. 2001, p. 87.
- CORZO, HUGO. Invitan a mujeres a torneo de futbol. *Reforma*, 1998, 21 de julio.
- CUNNINGHAM, GEORGE. Creating and sustaining gender diversity in sport Organizations. In.: *Sex Roles*, 2008, Vol. 58, No. 1, p. 136-145.
- DRAXLER, MIRIAM. El gran mito del futbol femenino. In.: *Futbol Total*, 2018, Vol. 18, No. 228, p. 12-20.
- EL MENSAJERO. ¡Patearan con muchos pantalones hasta China! La Selección mexicana femenil ya trabaja de cara a las eliminatorias del Mundial 2007. 30 de octubre, 2005, p. 42. Disponible en: <http://link.galegroup.com/apps/doc/A138944546/GPS?u=ugto01&sid=GPS&xid=b33f8279>. Acceso 26 mar. 2019.
- EL UNIVERSAL. *Futbol femenino por fin salio del ostracismo*, dice Leo Cuellar, 28 de octubre, 2011.
- FMF. *Liga MX Femenil: Reglamento de competencia*. Ciudad de México: Federación Mexicana de Fútbol, 2018.
- GALINDO, JESÚS. Comunicación y deporte. Un ejercicio de exploración, especulación y análisis, hacia una comunicología posible. In.: *Revista Comunicología@: Indicios y Conjeturas*, 2005, No. 4.
- GARIN, ERIK. Mundial (Women) 1971. In.: *Rec. Sport. Soccer Statistics Foundation*, 2004. Disponible en: <http://www.rsssf.com/tables/m/mundo-women71.html>. Acceso 18 jun. 2018.
- GONZÁLEZ, SERGIO. Liga MX Femenil, del proyecto a la seriedad. In.: *Fox Sports*, 11 de octubre, 2017. Disponible en: <https://www.foxsports.com.mx/news/326530-la-liga-mx-femenil-en-vias-de-la-consolidacion-en-menos-de-un-ano>. Acceso 26 abr. 2019.
- HERNÁNDEZ, ELINA. ¿Se acordarán de nosotras en 1999? Campeonato mundial de fútbol femenino. In.: *Fem*, 1998, Vol. 22, No. 183, p. 48.
- \_\_\_\_\_. El Mundial Femenil... México presente. In.: *Fem*, 1999a, Vol. 23, No. 195, p. 47-48.
- \_\_\_\_\_. (1999b). Igualdad en el deporte principal reto hacia el 2000. In.: *Fem*, 1999b, Vol. 23., No. 198, p. 47-48.
- \_\_\_\_\_. Presencia de la mujer Mexicana en el deporte. In.: *Fem*, 1999c, Vol. 23, No. 199, pp. 58-61.
- HUÉRFANO, VALERIA. El futbol también es cosa de mujeres. In.: *Mural*, 28 de junio, 2010.
- JUÁREZ, MARISOL. Arranca torneo de futbol femenino. In.: *Reforma*, 29 de agosto, 2002, p. 15.
- LA JORNADA. *FIFA rechazó a Maribel Domínguez*; no existe el futbol mixto: Blatter, 20 de diciembre, 2004a.
- LA JORNADA. *Legisladoras piden apoyo para el fútbol femenino*, 23 de diciembre, 2004b.
- LIGA MX FEMENIL. *Asistencia*. Disponible en: <http://www.ligafemenil.mx/cancha/asistencia#asistpromedio>. Acceso 28 nov. 2018.
- LÓPEZ, GUADALUPE. *Las mujeres en el fútbol: una mirada feminista*. Heinrich Böll Stiftung: México, Centroamérica y el Caribe, s/f.
- MAITLIS, SALLY; CHRISTIANSON, MARLYS. Sensemaking in organizations: talking stock and moving forward. In.: *The Academy of Management Annals*, 2014, Vol. 8, No. 1, p. 57-125.
- MARCA. *FIFA: "La Liga MX Femenil debe sentirse orgullosa por lo que ha creado"*, 5 de mayo, 2018. Disponible en <http://www.marca.com/claro-mx/futbol/futbol-femenil/2018/05/05/5aed7d3e5fdeaf94b8b45af.html>. Acceso 28 jun. 2018.

- MEMBRILLA, RAQUEL. Charlyn Corral. Princesa del área chica. In.: *Contenido*, 2006, p. 68-70.
- MIRANDA, TAY. Mexicanas “muy machas” para jugar. In.: *Semana*, 22 de diciembre, 2010, p. 16.
- PFISTER, GERTRUD; POPE, STACEY. *Female football players and fans: intruding into a man's world*. London: Palgrave, 2018.
- PEREYRA, BEATRIZ. Coraje de mujer. In.: *Proceso*, 2006, No. 1555, p. 91.
- \_\_\_\_\_. Apoyo a cuentagotas. In.: *Proceso*, 2011, p. 74-76.
- \_\_\_\_\_. Ellas sí pueden vivir del fútbol... pero en España. In.: *Proceso*, No. 2151, p. 74-76.
- PUBLIMETRO. *Ex árbitro, Vicky Tovar reveló comentarios machistas de Cuauhtémoc y Jared Borgetti*, 8 de marzo, 2017. Disponible en: <https://www.publimetro.com.mx/mx/deportes/2017/03/08/ex-arbitro-vicky-tovar-revelo-ataques-machistas-cuauhtemoc-blanco-jared-borgetti.html>. Acceso 18 jun. 2018.
- RANCIÈRE, JACQUES. *El desacuerdo*. Política y Filosofía. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1996.
- RANGEL, GUSTAVO. Pateando la pelota y al machismo. In.: *Semana News*, 13-19 de abril, 2003, p. 38.
- RÉCORD. *Tres mujeres debutarán como árbitros asistentes en Liga MX. 14 de julio*, 2016. Disponible en: <http://www.record.com.mx/futbol-futbol-nacional-liga-mx/tres-mujeres-debutaran-como-arbitros-asistentes-en-liga-mx>. Acceso 4 may. 2019.
- SANTILLÁN, MARTHA; GANTÚS, FAUSTA. Transgresiones femeninas: fútbol. Una mirada desde la caricatura de la prensa, México 1970-1971. In.: *Tzintzun, Revista de Estudios Históricos*, 2010, No. 52, p. 141-174.
- SPINDOLA, ANA. Tigres femenino con récord de asistencia a nivel mundial. In.: *Fútbol Total*, diciembre, 2018. Disponible en <https://www.futboltotal.com.mx/futbol-mexicano/tigres-femenil-con-record-de-asistencia-a-nivel-mundial/2018/12>. Acceso 4 may. 2019.
- TERRAZAS, ADRIANA. Un año después, 10 cosas a mejorar en la Liga MX Femenil. In.: *ESPN*, 8 de mayo, 2018. Disponible en: <http://www.espn.com.mx/blogs/index?nombre=futbol/mexico&entryID=4280747>. Acceso 20 feb. 2019.
- TIRO DE ESQUINA. *Arranca la liga femenil de fut con 20 equipos*. 31 de octubre, 2000, p. 8. Disponible en: <http://link.galegroup.com/apps/doc/A67151089/GPS?u=ugto01&sid=GPS&xid=f26a497f>. Acceso 25 mar. 2019.
- TORRIJOS, KARLA. No volveré a involucrarme en la política; lo mío es el fútbol: Marigol. *La Jornada*, 17 de enero, 2016. Disponible en: <http://www.jornada.com.mx/2016/01/17/deportes/a09n1dep>. Acceso 24 ago. 2018.
- UNION OF EUROPEAN FOOTBALL ASSOCIATIONS (UEFA). *Women's football across the national associations*, 2017.
- WILLIAMS, JEAN. *A beautiful game: international perspectives on women's football*. New York: Berg, 2007.

# LA VIOLENCIA ANTES DE LA VIOLENCIA: EL PROCESO DE CONSTRUCCIÓN DE LOS HECHOS VIOLENTOS EN EL FÚTBOL COMO PROBLEMA PÚBLICO EN ARGENTINA

## VIOLENCE BEFORE VIOLENCE: THE PROCESS OF CONSTRUCTION OF THE VIOLENT EPISODES IN FOOTBALL AS A PUBLIC PROBLEM IN ARGENTINA

**Diego Murzi\***

### RESUMEN

Este artículo se propone recorrer el proceso mediante el cual la violencia en el fútbol se convirtió en un problema público en Argentina. Realizando un recorrido por los hechos trágicos que jalaron al fútbol argentino desde su profesionalización en 1931 hasta el retorno de la democracia en 1983, se analizarán los sentidos que desde la prensa y el Estado le fueron siendo asignados a la violencia particular que tenía lugar alrededor de este deporte. La pregunta que guía al artículo se interroga por qué, pese a haberse registrado a lo largo de gran parte del siglo XX numerosos crímenes violentos y tragedias alrededor del fútbol, recién en 1985 los incidentes en los estadios son objeto de la primera política pública específica elaborada por parte del Estado argentino.

**Palabras clave:** Violencia; Fútbol; Argentina; Problema público.

### ABSTRACT

This article aims to explore the process by which violence in football became a public problem in Argentina. By pointing out the tragic events occurred in Argentine football from its professionalization in 1931 until the return of democratic life in 1983, we will analyze the meanings that the press and the State were assigned to the particular violence that took place around this sport. The main question is why, despite having registered throughout much of the twentieth century several violent crimes and tragedies around football, it was not until 1985 that incidents in the stadiums generated the first specific public policy elaborated by the Argentine State.

**Keywords:** Violence; Soccer; Argentine; Public problem.

---

\* Doctor en Ciencias Sociales por la Universidad de Buenos Aires (Argentina). Investigador posdoctoral de CONICET con sede de trabajo en el Instituto de Altos Estudios Sociales (IDAES) de la Universidad de San Martín (UNSAM). Profesor en Universidad Metropolitana para la Educación y el Trabajo (UMET).

## INTRODUCCIÓN

Actualmente, en el año 2019, la violencia en el fútbol constituye en Argentina un fenómeno que indudable y crecientemente es objeto de la intervención estatal. Existe un considerable número de leyes, normas y reglamentaciones oficiales para regular la acción de las personas que concurren a los estadios de fútbol. Existen agencias de seguridad deportiva en todas las jurisdicciones dedicadas a controlar y neutralizar la eventual violencia en el fútbol. Existen “expertos” estatales que acumulan saberes sobre cómo gestionar al público del fútbol. Existen programas, campañas y acciones desde los distintos niveles estatales, así como desde la Asociación del Fútbol Argentino y desde la Liga destinadas a prevenir la violencia en las canchas. Existe también una percepción generalizada entre la sociedad de que los incidentes en los estadios constituyen un problema social que debe ser afrontado por el Estado. Estos y otros muchos motivos nos permiten afirmar que la violencia en el fútbol constituye en Argentina un problema público (MURZI, 2019).

Sin embargo, hasta la década de 1980, la violencia en el fútbol no constituyó en Argentina un problema que ameritara un tratamiento específico por parte del Estado. La única dimensión del espectáculo futbolístico que estaba medianamente reglamentada era la que se refería a la infraestructura de los estadios, y esto sólo en determinadas provincias y jurisdicciones. Ni la gestión policial de los espectadores ni las transgresiones que ocurrían en el espacio del estadio eran todavía objeto de reglamentaciones jurídicas que atendieran al fútbol como un evento de conflictividades particulares.

Si bien en la lista negra del fútbol argentino se contaban hacia los años 1980 más de cien muertes (ROMERO, 1985), centenares de heridos, innumerables incidentes y hasta un par de tragedias, que daban cuenta de un tipo de violencia particular que se producía alrededor del fútbol, la lectura estatal del problema insistió durante gran parte del siglo XX en considerar al fenómeno deportivo -del cual el fútbol constituía la punta de lanza- como divorciado del resto de los campos sociales. Esta lectura constituyó un obstáculo para el tratamiento del problema, en tanto daba por supuesto que el campo deportivo debía autorregularse con sus propias normas y reglamentos,

incluyendo en ello lo que se refería a la violencia de sus protagonistas y del público asistente.

A partir de ese escenario, las preguntas que guían este artículo son las siguientes: ¿qué ocurrió para que esa perspectiva cambie y la violencia en el fútbol comience a ser percibida como un problema público que requiere la atención de los actores gubernamentales, como sucede hoy en día (MURZI, 2019)? ¿Cuándo se produce ese tránsito en la interpretación del fenómeno por parte del Estado argentino, que pasó a identificar al fútbol como un espacio de conflictividades particulares que deben ser atendidas con reglamentaciones específicas? ¿En qué momento las agendas sociales, las agendas mediáticas y las agendas políticas confluyeron en la designación de los hechos de violencia alrededor del fútbol como constitutivos de un tema problemático que requería acciones del Estado? ¿Qué sentidos particulares y orientaciones determinadas le impregnaron la prensa y el Estado argentino al fenómeno de la violencia en el fútbol a través de las distintas lecturas que a través del tiempo fueron realizando del peligro y el conflicto asociado a la acción de los simpatizantes que asistían a los estadios?

Con el objetivo de problematizar estos interrogantes, el artículo está planteado siguiendo un orden cronológico en el cual los conectores de los distintos momentos históricos son las muertes y las tragedias ocurridas a lo largo del siglo XX en el marco del fútbol argentino. El punto de llegada es la sanción de la Ley nº 23.184 en el año 1985, que constituye la primera legislación específica referida al espectáculo futbolístico en Argentina.

Actualmente existe un consenso teórico acerca de que los problemas públicos no son una derivación natural de condiciones objetivas. Sin embargo, coincidimos con Galar (2017) en la necesidad de contemplar al sustento estructural de los problemas. Para que un problema público se constituya como tal deben manifestarse “experiencias sociales, malestares colectivos o eventos estructurales que soporten una preocupación compartida” (GALAR, 2017): el análisis de dichas condiciones -múltiples, heterogéneas y escurridizas- para el caso de la violencia en el fútbol es lo que reconstruiremos y pondremos de manifiesto en este artículo.

## LA GÉNESIS DE LA VIOLENCIA EN EL FÚTBOL

Los incidentes, las peleas, los heridos e incluso los muertos son elementos que forman parte del paisaje del fútbol argentino desde los inicios de este deporte en Argentina, y existen registros de prácticas violentas en los partidos incluso antes de la profesionalización del fútbol en el año 1931 (FRYDENBERG, 2010; FABRI, 2008; PALOMINO Y SCHER, 1988). A diferencia de lo ocurrido en otros países en los cuales el fútbol también adquirió una centralidad cultural, social y política equiparable a la que posee en nuestro país<sup>1</sup>, los casos de violencia en los estadios argentinos se presentaron durante la primera mitad del siglo XX con considerable recurrencia (ROMERO, 1985; ALABARCES, 2015; ARCHETTI, 1992). El asesinato del simpatizante uruguayo Pedro Demby a manos de un hincha argentino en 1924, los crímenes de los hinchas López y Munitoli como consecuencia de la represión policial en el estadio de Lanús en 1939 y la muerte de 9 espectadores en el estadio Monumental de River Plate en la llamada “catástrofe de la Puerta 11” en 1944, son antecedentes que jalonan durante las primeras décadas de 1900 una prematura pero sostenida relación de la violencia con el fútbol vernáculo (ROMERO, 1985).

Entre 1920 y 1950 el fútbol se convierte paulatinamente en uno de los mayores espectáculos de masas en Argentina (FRYDENBERG, 2010; ALABARCES, 2002). En esos años, como sostiene Szlifman (2010) a partir de un análisis de los tres principales periódicos nacionales de la época - *Clarín*, *Crítica* y *La Nación* -, la concepción del fútbol que primaba en la prensa era la del espectáculo como espacio de esparcimiento, de liberación y de disfrute para los crecientes sectores medios y populares. Pero, a su vez, también influía en los discursos periodísticos la idea de la práctica deportiva como vehículo del desarrollo moral individual y colectivo, propia de la Inglaterra de fines del siglo XIX (ELIAS, 1986), a partir de la cual el deporte era considerado como un espacio de reglas, comportamientos y valores que debían ser respetados y promovidos. Desde ese marco interpretativo, tal como lo señalaron Elías y Dunning

(1994), la violencia que tenía lugar en el mundo del deporte aparecía como un agente exógeno, inesperado y brutal que venía a perturbar los valores positivos asociados al juego: tolerancia, respeto, solidaridad, cooperación, civilidad. Como sostiene Szlifman, “... en los discursos periodísticos, lo violento aparece como un desplazamiento, considerado así como insólito, exagerado, ajeno y extemporáneo” (2010: 4).

El propio núcleo del fútbol como moderno espectáculo de masas capaz de vehiculizar además los valores probos del deporte es perturbado frente a los hechos de violencia que ocurren en los estadios. Para Szlifman, “la violencia transforma la propia concepción del espectáculo y lo convierte en una cosa distinta a su objeto inicial” (2010: 4), como lo refleja la cobertura periodística de las muertes de Demby en 1924 y de López y Munitoli en 1939: “la violencia transforma el espíritu del fútbol” (*La Nación* 4/11/1924) y la “fiesta del deporte” se convierte “en un escenario sangriento” (*Crítica* 16/5/1939). Estas concepciones aparecen tanto en los editoriales de los diarios como en testimonios que se recogen allí desde los lugares de poder, “tanto del poder político como del deportivo” (Szlifman, 2010).

Hasta mediados de los años 1950, entonces, la violencia no era un dato que los discursos mediáticos, políticos ni deportivos situaran como un elemento constitutivo del fútbol argentino. Se trataba más bien de algo inesperado, infrecuente y subrepticio, producto de accidentes, de la mala fortuna o del accionar de algunos “revoltosos” (*La Nación* 15/5/1939) o “indisciplinados” (*La Nación* 17/5/1939). Si bien sucedía – como lo testimonian los 15 muertos en los estadios ocurridos entre 1922 y 1955 —, la violencia en el fútbol aún no merecía la atención del gran público ni de los medios de comunicación, y menos aún del Estado a través de sus aparatos legislativos o judiciales.

El escenario -al menos a nivel simbólico- cambia a partir de dos hechos luctuosos: la muerte de los hinchas Alberto Linker en 1958 y Héctor Souto en 1967. Con esas muertes se inaugura una de las características que tendrán las respuestas públicas a la violencia en el deporte en Argentina: el hecho de estar fuertemente vinculadas a las muertes que tienen lugar en los estadios de fútbol (SEGURA, MURZI & NASSAR, 2018). A lo largo de los últimos 50 años se observará una constante reciprocidad entre las muertes

<sup>1</sup> Pensamos en Inglaterra, en Italia, en Brasil, en Alemania, países a los que Patrick Mignon (1998: 87) identificó junto a la Argentina como “las grandes naciones del fútbol”.

y las respuestas estatales en forma de política pública, movimiento que David Garland (2006) denomina de “acting out” y Pablo Alabarces (2004) como “respuestas espasmódicas”.

Ese carácter reactivo de las formas de control estatales de la violencia en el fútbol es uno de los elementos que será puesto en discusión a lo largo de este artículo. Existe un consenso entre gran parte de los autores argentinos que han abordado el problema de la violencia en el fútbol (ALABARCES, 2004; GARRIGA, 2013; SUSTAS, 2013; SEGURA & MURZI, 2015; CABRERA, 2016) en señalar el carácter de “acting out” de las políticas públicas de control de la violencia en el fútbol a partir del retorno de la democracia en 1983. Nosotros, en nuestro propio trabajo de tesis de doctorado (MURZI, 2019) reafirmamos esa hipótesis para buena parte de dicho período. Pero, al mismo tiempo, nos planteamos a su vez una pregunta complementaria: ¿por qué en el período histórico previo al retorno de la democracia en 1983 no existían respuestas estatales en forma de política pública frente a los hechos de violencia en los estadios, cuando éstos ya se venían produciendo desde décadas atrás de manera recurrente? Dicho de otro modo: la violencia en el fútbol no es un producto de los años 1980 ni del retorno de la democracia en Argentina; sin embargo, el abordaje legislativo por parte del Estado argentino del fenómeno de la violencia en los estadios sí lo es.

### **Dos muertes centrales y la emergencia de las “barras”**

Con los asesinatos de Linker y Souto, dos adolescentes que aún no habían cumplido los 20 años, se inicia el derrotero en el cual las muertes en los estadios son disparadores de cambios en la concepción, interpretación o gestión del fenómeno de la violencia en el fútbol. En estos dos casos en particular, sin embargo, las transformaciones no ocurrieron a nivel de la acción estatal sino predominantemente en relación a la lectura que tanto los medios de comunicación como el propio Estado hicieron de los hechos.

El caso de Linker, asesinado en el estadio de Vélez debido a una granada de gas policial supuestamente arrojada con el objetivo de dispersar incidentes ocasionados por los hinchas locales que estaban ocurriendo en la tribuna, va a dar cuenta de la

emergencia de los hinchas organizados como sujeto. Esa emergencia es designada por la prensa con el mote de “barras fuertes”. Como señala Amílcar Romero (2009),

Tres o cuatro días después del hecho, en el diario La Razón aparece el concepto de ‘barras fuertes’ como algo ya conocido en el fútbol, que todos los dirigentes sabían que existían y dónde paraban, y que son el paso previo a la aparición de las barras bravas (p. 2).

La caracterización es trascendente en tanto se designa por primera vez a los hinchas como un sujeto colectivo y medianamente organizado. La hipótesis que explicaba los hechos violentos únicamente a partir de la acción aislada de un simpatizante exaltado, va a comenzar a dar lugar a una nueva interpretación, ligada a los hinchas como grupo organizado. De todas formas, aún prevalecen – y esta narrativa será una constante en la prensa deportiva argentina incluso hasta nuestros días – las explicaciones asociadas a la acción individual y a lo salvaje, no-evolucionado - individuos con “sentimientos primitivos”, como califica el diario *La Nación* del 25/10/1958.

El caso Linker no crea un nuevo sujeto, pero le da entidad a partir de ser nombrado por la prensa: los grupos de hinchas medianamente organizados existían alrededor de los equipos de fútbol desde décadas atrás (FRYDENBERG, 2010; PALOMINO & SCHER, 1988), pero es su designación bajo el mote de “barras fuertes” que los empieza a configurar como un nuevo sujeto. En pocos años, el nombre de “barras fuertes” irá mutando hacia el de “barras bravas” que se utiliza actualmente.

Esta caracterización es trascendente si consideramos con Sodo (2010) que “no es posible leer la historia del fútbol argentino, y menos todavía en clave violencia, sin tener en cuenta el papel decisivo que en ella han tenido los medios de comunicación” (p. 66). Uno de nuestros argumentos es que los ciclos de políticas públicas de gestión de la violencia en el fútbol en Argentina se encadenan de forma estrecha con los humores sociales que existen en torno a la cuestión. Y entendemos, siguiendo a Garland (2006), Kessler (2008) y Sozzo (2009), que esos humores sociales están fuertemente vinculados con los sentidos que los medios de comunicación vehiculizan respecto a los problemas sociales. Observar las interpretaciones

de los medios de comunicación es entonces necesario para comprender el desarrollo del tratamiento estatal del problema de la violencia en el fútbol a lo largo del tiempo (ALBARCES, 2015).

Si la muerte de Linker fue relevante porque generó un cambio en la mirada de la prensa sobre los hinchas, el asesinato del joven Héctor Souto en 1967 lo fue aún más para nuestro argumento, en tanto propició la primera toma de posición estatal respecto al tema. Numerosos trabajos socio-antropológicos coinciden en considerar la muerte de Souto como una bisagra que marca un antes y un después en torno a la historia de la violencia en el fútbol argentino (ALBARCES, 2004; ROMERO & ARCHETTI, 1994; GARRIGA, 2013; MURZI, ULIANA & SUSTAS., 2011, SEGURA, MURZI & NASSAR, 2018). Los motivos para establecer esta división tienen que ver con las condiciones en que se produjo esa muerte, asociada por primera vez a un tipo de violencia cuyas causas responden puramente al enfrentamiento entre hinchas.

Souto es asesinado a golpes en la tribuna de Huracán durante un partido que el club local juega ante Racing Club, equipo del cual la víctima era simpatizante. El “error” de Souto consistió en ingresar de forma equivocada a la tribuna contraria, y tras una pelea donde intentó defender a un amigo que estaba siendo atacado, fue masacrado por el núcleo duro de la hinchada de Huracán. Según Romero y Archetti (1994), la muerte de Souto es la primera que puede asociarse al fenómeno de las “barras bravas” “modernas”, con algunas de las características que éstas poseen en la actualidad. Pero, además, esta muerte marca el paso de un tipo de violencia simbólica a un tipo de violencia real entre los hinchas argentinos (ROMERO & ARCHETTI, 1994; ALBARCES, 2004).

La muerte de Souto es de gran importancia porque habilita por primera vez una interpretación estatal del fenómeno de la violencia en el fútbol. Esa lectura proviene del poder judicial, a través del juez Moras Mom quien incluyó el término “barra brava” al momento de elaborar la sentencia para los acusados del crimen:

Que el diciente quiere dejar aclarado lo que quiere decir por barra brava: un grupo perfectamente determinado que concurre todos los domingos no a presenciar el partido y sí, en cambio, a provocar todo tipo de depredaciones y agresiones físicas a

los demás concurrentes al espectáculo; que dicha barra brava, cuando baja de la tribuna, lo hace con el propósito de dar leña a cualquier persona, llegando incluso, como en este caso, a cometer un homicidio; que dichas barras bravas portan banderas, bombos, estandartes y otros elementos de otros clubes, los que consiguen en luchas con barras similares y que guardan como trofeos, que siempre son comandados por sujetos de gran predicamento y amparados por los clubes que son los que costean los viajes y les guardan en las sedes sociales banderas, bombos, sombrillas y demás trofeos; que siempre concurren al mismo lugar y se encuentran perfectamente organizadas para sus quehaceres de provocación y agresión” (ROMERO, 2009: 4).

De esta manera, el término “barras bravas” es empleado en un texto estatal para ilustrar a un sujeto nuevo: se trata de grupos de hinchas organizados, que incluyen entre su repertorio de acción a las prácticas violentas, y que tienen vínculos con los dirigentes de los clubes. Sin embargo, el término no se expandiría de la forma en que lo conocemos ahora sino hasta más de 15 años después. En los discursos de la prensa va a seguir predominando la idea del desvío moral, de la “incultura” y de las acciones irracionales aisladas de un puñado de personas, presentadas como ajenas y extemporáneas al gran colectivo del resto de los simpatizantes, caracterizados como “espectadores pasivos” (*La Nación* 11/4/1967), o “gente decente” (*Clarín* 11/4/1967). *La Nación* (14/4/1967) hablará de “graves episodios de incultura”, “desbordes de pasión” y “revanchismo de la incivilización” (SZLIFMAN, 2010).

Las muertes de Linker y Souto reflejan la irrupción de un fenómeno social que, si bien se hallaba presente desde los inicios del fútbol en nuestro país, se revela repentinamente capaz de cobrarse víctimas fatales y de funcionar como disruptor de la fiesta popular que encarnaba el fútbol. La prensa y el poder judicial traducen ese fenómeno en conceptos, delineando con sus respectivos tratamientos la génesis de un sujeto social nuevo y peligroso, encarnado en los hinchas de fútbol organizados. Sin embargo, esos sucesos no alcanzan para que el Estado preste atención al problema de forma específica. La violencia en el fútbol es percibida estrictamente como un problema de orden público equivalente al de otras manifestaciones masivas.

## EN EUROPA, UN PROBLEMA DE “ORDEN PÚBLICO” ORDINARIO

A fines de la década de 1960, los incidentes entre hinchas de fútbol también irrumpen como un fenómeno novedoso en Inglaterra, país central en el mapa futbolístico del siglo XX y espejo para el mundo del fútbol global. Allí, los cambios en los comportamientos de los hinchas llaman tempranamente la atención de la comunidad científica - aún antes que la del Estado - y se producen los primeros trabajos sobre el fenómeno del hooliganismo (TAYLOR, 1969, 1971; CLARKE, 1976; MARSH, 1975, INGHAM, 1978), nombre que adquiere en Inglaterra el problema de la violencia en el fútbol.

En el plano del control social, a pesar de la expansión rápida del hooliganismo y de la creciente gravedad de los incidentes, el fenómeno es considerado por las autoridades como un problema de orden público ordinario. Su control se apoya sobre marcos normativos generales y estrategias de acción policial ordinarias, y su represión se realiza en virtud de disposiciones del Código Penal y a partir de leyes y estatutos de “ofensas” previstas por la ley de orden público en general (TSOUKALA, 2009).

Esto no significó que el temprano hooliganismo fuese tomado de manera laxa en Inglaterra. Por el contrario, fue objeto de una represión cada vez más firme por parte de la policía y de la Justicia, sólo que desprovisto de un cuadro normativo específico. En los años posteriores, el fenómeno se agrava y se expande por toda Europa, sumando a su aspecto emocional y espontáneo, una planificación y organización de parte de los hinchas cada vez más perfeccionada.

Por supuesto que en cada país el fenómeno del hooliganismo fue percibido y tratado de diferente manera, dependiendo de las particularidades locales. En ese sentido, Tsoukala (2009) sostiene que en aquellos países que vivieron largos conflictos políticos bajo un clima de agitación sociopolítica intensa en los años 1960, como Italia o Grecia, se produjo una banalización de la violencia en el fútbol por parte de la prensa y las autoridades estatales, generando que el hooliganismo no fuese percibido de forma tan grave como en los países con climas sociales más estables, como Inglaterra.

Esta hipótesis podría ser interesante para pensarla en función del caso argentino, en la medida que entre

la muerte de Souto en 1967 y el retorno del proceso democrático en 1983 el fenómeno de la violencia en el fútbol pareció entrar en un impasse, al menos desde su representación oficial como problema. Si en Italia, por ejemplo, las autoridades fueron en los años 1970 más moderadas, incluso indulgentes frente al hooliganismo por considerarla un tipo menor de violencia juvenil, no es difícil imaginar un paralelo con lo que ocurría en nuestro país entre fines de los años 1960 y la primera mitad de los años 1970, cuando la violencia política se vuelve moneda corriente y sus principales intérpretes son los jóvenes urbanos. También es posible que la violencia en el fútbol quedase subsumida en otros “blancos” elegidos por el sistema de control oficial; allí, el ministro José López Rega promulga dos leyes casi en simultáneo, la famosa ley antirsubversiva (N° 20.840) y la penalización por tenencia de drogas (N° 20.771), unificando así la juventud, el consumo de drogas y la subversión en un mismo locus de sentido (CAMAROTTI, 2017).

Aclaremos que esta hipótesis la estamos pensando relacionada a la circulación de discursos oficiales sobre la violencia en el fútbol, particularmente los de la prensa y los del Estado. En la realidad de los estadios, en las canchas de cada fin de semana, tanto las prácticas violentas como la organización de los grupos de hinchas más radicales siguieron aumentando a ritmo leve pero sostenido durante la década de 1960 y 1970 (ALABARCES, 2004; ROMERO, 1985).

### La “Tragedia de la Puerta 12” y el primer antecedente normativo

La mayor catástrofe de la historia del fútbol argentino ocurrió en 1968, meses después de la muerte de Héctor Souto, cuando 71 personas perdieron la vida aplastadas al intentar salir por un ingreso no habilitado del estadio de River Plate, en la llamada “Tragedia de la Puerta 12”. Ese día, en un partido entre Boca y River en el Estadio “Monumental”, al finalizar el encuentro los hinchas de Boca que descendían en masa por las escaleras del estadio se toparon con que la puerta número 12 estaba cerrada. Las responsabilidades del “olvido” nunca quedaron determinadas, pero sus efectos fueron devastadores: la marea humana que bajaba por las escaleras se amontonó frente a las rejas y el propio peso de la gente que seguía bajando sin advertir el problema generó que perdieran la vida

aplastadas 71 personas y que 113 resultaran heridas. El promedio de edad de los muertos fue de 19 años.

Este hecho marcó profundamente la memoria colectiva futbolera nacional, y fue objeto de varias investigaciones<sup>2</sup> y de otras tantas especulaciones. Sin embargo, pese a la magnitud de los acontecimientos y a lo dramático de su desenlace, esta tragedia no implicó una transformación sustancial en el modo de habitar los estadios por parte de los hinchas en Argentina, ni tampoco motivó grandes cambios a nivel de las formas de control social alrededor del fútbol.

La principal consecuencia que dejó la Tragedia de la Puerta 12 fue la sanción de la primera normativa de la Ciudad de Buenos Aires sobre seguridad en estadios de fútbol: la Ordenanza Municipal n° 24.225, del año 1969. Se trata del primer texto legislativo exclusivamente referido al fútbol producido en dicha jurisdicción. Esta norma, que años más tarde fue derogada, determinaba las condiciones edilicias y de infraestructura de los estadios, regulaba el ingreso de objetos y personas, estacionamiento, capacidad de ocupación y servicios de seguridad con los que debía contar cada estadio ubicado dentro de la Capital Federal.

La mayor parte de los artículos de la Ordenanza n° 24.225 referían a las condiciones edilicias: establecía la capacidad de las tribunas, regulaba los ingresos y egresos, el trazado de pasillos y escaleras y los tipos de molinetes y bretes que debían utilizarse. La necesidad legislativa de ordenar el espacio del estadio a través de medidas de ese tipo puede leerse como una consecuencia directa de la Tragedia de la Puerta 12, en donde las fallas de organización e infraestructura fueron señaladas como los causales del hecho.

Pero también se incluyen en la normativa situaciones que no sólo involucran a las estructuras materiales, sino también a las personas que concurren a los partidos. En el artículo 5°, donde el Estado municipal se atribuye la potestad de suspender el partido de fútbol en caso de considerarlo necesario, se hace referencia al desalojo de personas que “alterasen el orden” o “perturbaran el normal desarrollo del espectáculo”. Mientras que en el artículo 9°, rotulado como “Orden y Comodidad” se determina que “No será permitido el acceso o permanencia de personas en

estado de ebriedad ni las que lleven bultos u objetos que puedan ser arrojados”. En estas menciones se refleja la misma cosmovisión que, como vimos, la prensa movilizaba sobre la violencia alrededor del fútbol: lo que prima es la idea de un orden colectivo extendido y “natural”, frente al cual los incidentes son percibidos como raros, infrecuentes o producto de sujetos con conciencias alteradas (alcoholizados).

El peligro para los espectadores que asisten a un partido de fútbol en la Ciudad de Buenos Aires en 1969, nos dice esta ordenanza, proviene fundamentalmente de las malas condiciones infraestructurales de los estadios. Esto queda reforzado al analizar el apartado de la norma titulado “Servicio de Seguridad”. En el mismo se hace referencia a la obligatoriedad de que el estadio cuente con una sala de primeros auxilios médicos, con un servicio contra incendio y con señalización exhaustiva de todos los ingresos y egresos. La seguridad aquí es pensada únicamente respecto a los peligros del escenario que alberga a las personas y no a la acción de estas dentro de ese escenario.

Lejos estamos en 1969 de encontrar una conceptualización del término “seguridad” similar a la que se fue adoptando en las décadas posteriores. Esta “seguridad” se encuentra mucho más cerca del término anglosajón “*safety*” -que hace referencia a la seguridad frente a riesgos de origen técnico, laboral o natural, y se traduce al español como “protección” en el uso extendido, o “bienestar” en la literatura especializada sobre organización de eventos masivos -, que a “*security*”, término que refiere más a la seguridad física frente a daños ocasionados por otras personas (GIULIANOTTI & KLAUSER, 2010).

Sin embargo, lo que resalta en esta reglamentación es sobre todo lo que esquivo: la responsabilidad de los organizadores del espectáculo en términos penales. Si bien fue reconocido en el proceso por la tragedia de la Puerta 12 que hubo negligencia del club River Plate, el output de política pública que sucedió como respuesta al hecho no se trató de una ley penal que castigase a los organizadores de espectáculos futbolísticos, sino sólo una normativa municipal sobre condiciones edilicias. Para observar el contraste basta recordar las consecuencias de la tragedia de la discoteca Cromañón en 2004 – la mayor tragedia en términos de víctimas de la historia de los espectáculos masivos de la Ciudad de Buenos Aires

<sup>2</sup> Al respecto se recomienda el documental “Puerta 12” de 2008 dirigido por Pablo Tesoriere.

-, donde los organizadores fueron condenados como responsables primeros de los hechos. En la Puerta 12, más allá de tratarse de una época diferente a la de Cromañón, aparece algo que va a perdurar en el tiempo como especificidad del fútbol en Argentina: la responsabilidad de los organizadores de los partidos -léase la Asociación del Fútbol Argentino y los clubes- siempre estará matizada y escamoteada.

La importancia de la Ordenanza n<sup>o</sup> 24.225 reside en varios puntos. En primer término, se trata de la primera normativa de la Ciudad de Buenos Aires que atiende al fútbol como un caso especial, distinto al de otros eventos masivos. En segundo lugar, porque da cuenta del paradigma vigente de la época previa a los años 1980 en cuanto a la concepción de la peligrosidad en el fútbol: se trata más de una cuestión infraestructural que social o colectiva, y por ende a los hinchas hay que protegerlos y no “defenderlos”. Y en tercer orden, porque inaugura el ciclo de políticas públicas que son sancionadas como respuesta inmediata a un hecho de violencia, mecanismo que, como señalamos, será constante y habitual en la historia de las acciones estatales de prevención y control de los incidentes en el fútbol.

En términos de control social, la tragedia fue absorbida conceptualmente por el limbo de la “fatalidad”, más vinculada al orden de lo accidental que a las lógicas de funcionamiento de los estadios argentinos, en donde crecientemente ya se reproducía aquello que Juan Sodo (2013) caracterizó como “ambientes de violencia”. El rol de los hinchas no fue puesto en cuestión tras la tragedia. Algunas investigaciones (ALABARCES, 2004) señalan la responsabilidad de la policía en el hecho, pero lo cierto es que, a diferencia de lo que ocurriría en los años 1980 en Europa tras la tragedia de Heysel y en el Reino Unido tras el desastre de Hillsborough, la tragedia de la “Puerta 12” no funcionó como disparador de grandes transformaciones organizacionales, políticas, económicas ni del orden de la seguridad en el fútbol argentino.

De hecho, al igual que lo que sucedía en el Reino Unido en los años 1960 y 1970 (ARMSTRONG & HARRY, 1991; BRAUN & VLIEGENTHART, 2008), los hechos de violencia ligados al fútbol en nuestro país fueron tratados en esos mismos años a través del Código Penal. Esto se cristaliza con la sanción de la Ley del Deporte (N<sup>o</sup> 20.655) de 1974, donde el

Estado asume la obligación de: “velar por la seguridad y corrección de los espectáculos deportivos”, pero sin especificar la manera en que cumpliría esa obligación.

En dicha Ley, dentro del apartado de delitos vinculados al deporte aparecen únicamente el soborno o arreglo de partidos y el doping, es decir, transgresiones del principio de igualdad que son la base del deporte moderno (ELÍAS, 1986). Se trata de delitos ligados a la competencia deportiva y no a la organización general del deporte o a los espectadores.

La separación entre los delitos deportivos y el resto de los delitos en las atribuciones de la Ley del Deporte refuerza la concepción de la violencia en el fútbol que venimos señalando como hegemónica para los años previos a 1983. Esta se basa en una idea que consiste en separar al mundo del deporte de otros mundos sociales, como si el fenómeno deportivo fuese ajeno a las demás manifestaciones sociales, políticas, económicas y culturales (BOURDIEU, 1988; BROHM, 1982). La Ley del Deporte asume solamente la represión de los delitos deportivos, y deja fuera del ámbito de criminalización a los espectadores y organizadores bajo la idea de que los delitos y transgresiones cometidos por esos actores se pueden tratar con las figuras que incluye el Código Penal: lesiones, homicidios, asociación ilícita, etc.

### LOS AÑOS 1980, EL PUNTO DE LLEGADA

Como vemos, hasta la década de 1980 la violencia en el fútbol no constituyó en Argentina una cuestión que ameritara un tratamiento específico por parte del Estado, ni desde el punto de vista jurídico ni tampoco desde la generación de política públicas. La única dimensión del espectáculo futbolístico que estaba medianamente reglamentada era la que se refería a la infraestructura de los estadios, y esto sólo en determinadas provincias y municipios. Ni la gestión policial de los espectadores ni las transgresiones de simpatizantes que ocurrían en el espacio del estadio eran todavía objeto de reglamentaciones que atendieran al fútbol como un evento de conflictividades particulares.

Retomando la pregunta central de este artículo nos interrogamos: ¿qué motivó el cambio perspectiva para que la violencia en el fútbol comience a ser percibida como un problema público? ¿Por qué las

agendas sociales, las agendas mediáticas y las agendas políticas confluyen en la designación de los hechos de violencia alrededor del fútbol como constitutivos de un tema problemático que requiere acciones del Estado?

Nuestro argumento sostiene que, a diferencia de lo ocurrido en Europa en general y en el Reino Unido en particular a partir de la “tragedia de Heysel” en 1985, el motor del cambio de perspectiva que se operó en las lecturas estatales del fenómeno no ocurrió en Argentina a partir únicamente de un hecho puntual o un gran acontecimiento trágico. En Argentina, el cambio de perspectiva se asemeja más al punto de llegada de un proceso de varios años de duración, claramente jalonado por sucesos trágicos en las canchas, pero también, y por sobre todo, fuertemente apuntalado por factores de otra índole.

Entre esos factores hay tres que identificamos como los más determinantes. El primero es el cambio operado en los grupos de hinchas organizados, cuyo perfil evolucionó, entre aquellas “barras fuertes” del asesinato de Linker en 1958 y las “barras bravas” de los años 1980, hacia formas donde la violencia fue adquiriendo cada vez más preponderancia. En esa mutación del perfil de los grupos de hinchas, un nuevo elemento fue ganando espacio en la caracterización de éstos por parte del discurso mediático: la vinculación de las “barras bravas” con el mundo del delito. Como señala Sustas (2013), hasta principios de los años 1980, en los medios de comunicación se reproduce un discurso que liga a las prácticas violentas con lo patológico e irracional. Pero a partir de allí también se sumará el elemento delictual, haciendo que lo patológico y lo criminal convivan en la caracterización de las cada vez más extendidas “barras bravas”.

El segundo factor es la emergencia embrionaria de lo que Stanley Cohen (1972) denominó “pánicos morales”, asociados a la caracterización que venían haciendo los medios de comunicación de los hinchas de fútbol. De la mano de la introducción de elementos vinculados al crimen, a la desviación y a la violencia, tanto el espectáculo futbolístico como los grupos de hinchas organizados comienzan a ser leídos por los medios de comunicación como focos de amenaza y peligro. Esa lectura tendrá gran pregnancia en los imaginarios de los actores gubernamentales, como lo reflejan los debates parlamentarios alrededor de la sanción de la Ley 23.184 “Régimen Penal y

Contravencional para la Violencia en Espectáculos Deportivos” en 1985.

El tercer factor que incidió en el cambio de la concepción estatal respecto del fenómeno de la violencia en el fútbol es, a nuestro entender, el más decisivo pero el menos problematizado hasta el momento por la literatura especializada. Tiene que ver con el cambio social y político operado en Argentina durante la última parte de la década de 1970 y la primera parte de la de 1980. Con el progresivo declive de la violencia política que caracterizó a la década de 1970, la restitución del proceso democrático vio emerger nuevas violencias y conflictividades sociales que rápidamente se incorporaron a la agenda política como nuevos fenómenos a los que el Estado debió dar respuesta (KESSLER, 2009). La seguridad se convertiría paulatinamente en un objeto de gobierno, y a la noción de “orden público” -asociada a las de “seguridad interior” y “seguridad nacional” tan repetidas en los años del terrorismo de Estado-, se le opone la de “seguridad ciudadana”, vinculada a las formas de gobierno de la seguridad propias de un moderno Estado de Derecho (GALVANI, 2010).

Estos tres factores que mencionamos deben pensarse encadenados e interdependientes entre sí. La incorporación de la dimensión criminal en los grupos organizados de hinchas moldea un nuevo “sujeto peligroso”, que es recuperado y procesado por los discursos simplificadores y estigmatizantes de la prensa, dando lugar a la generación de incipientes “pánicos morales” en torno a los hinchas de fútbol. Esto, sumado a un contexto de reacomodamiento de las fuerzas sociales y políticas al calor de la nueva democracia, y a una redefinición de los problemas públicos en general y de las violencias en particular, dio lugar a un cambio en la perspectiva estatal respecto al problema de la violencia en el fútbol.

Por todo lo señalado, para nuestro argumento vamos a considerar a la vuelta de la democracia en 1983 como la antesala del inicio de las políticas públicas de gestión de la violencia en el fútbol en Argentina. El verdadero mojón que marca el inicio de esas políticas públicas activas y propositivas es la sanción de la Ley N° 23.184 el día 25 de junio de 1985, que constituye el primer antecedente legislativo referido a la gestión de la violencia en el fútbol.

## LOS NUEVOS PROBLEMAS DE LA DEMOCRACIA. LEY N.º 23.184

Difícilmente se pueda comprender el derrotero del campo jurídico, del campo penal y del campo de la seguridad en las décadas de 1980 y 1990 en Argentina al margen de los efectos que el terrorismo de Estado producto del último gobierno militar generó en las instituciones y en el conjunto social. El proceso de democratización implicó una revalorización del acceso a la justicia, de la capacidad de los tribunales para garantizar derechos y de las herramientas legislativas, en tanto indicadores relevantes de la calidad democrática (JELIN, 1995).

En este sentido, uno de los rasgos del proceso de construcción de “nueva” ciudadanía (DE SOUSA SANTOS, 2010; TOURAINE, 1995) bajo el marco del Estado de Derecho fue la creciente regulación de las prácticas y conductas de los ciudadanos a través de los aparatos legislativos y judiciales (JELIN, 1995; ZIMMERMAN, 1999). Frente al fantasma reciente de la violencia institucional, las prácticas represivas y el autoritarismo, las “nuevas” violencias civiles que emergieron a la salida de la dictadura -con el delito a la cabeza- fueron rápidamente objeto de gran atención por parte del nuevo aparato estatal democrático y de los medios de comunicación. La violencia que ocurría alrededor del fútbol fue una de ellas.

Según la ONG “Salvemos al Fútbol”, en los años 1983 y 1984 se registraron 11 muertes relacionadas al fútbol en Argentina. La misma cantidad de fallecidos que existió entre la Tragedia de la Puerta 12 en 1968 y el año 1982. Es decir que, en los dos primeros años del regreso de la democracia, murieron la misma cantidad de personas en el fútbol que en los 15 años previos.

Ese salto cuantitativo resulta muy llamativo, y son varias las hipótesis a las que podemos echar mano para explicarlo. La menos creíble tiene que ver con una supuesta efectividad en el control del fenómeno por parte de los gobiernos entre 1968 y 1983, en su mayoría militares, que habría explotado tras el “aflojamiento” de los controles luego de la retirada del último gobierno de facto. Una hipótesis más interesante es la de Alabarces (2004), quien postula que las “barras bravas” heredan prácticas y formas de los grupos clandestinos de tareas de la última dictadura, cuyo despliegue acrecienta el nivel de violencia en los hechos que las involucran.

También es sugerente la lectura de Sustas (2011), quien a partir de identificar que el 30% de las muertes de la década de 1980 se enmarcan en enfrentamientos de hinchas con la policía, considera a la represión policial en el fútbol como una faceta en que toma forma la violencia institucional en esa década, y como evidencia de la supervivencia de las prácticas represivas del gobierno militar.

Pero la explicación más certera, creemos, tiene que ver con la cuestión de la visibilidad. Visibilidad de las cifras oficiales en primer término: si la desaparición de personas y el ocultamiento de cuerpos constituyó una práctica estatal extendida durante el último gobierno militar, no es llamativo que los muertos del fútbol también hayan sido ocultados, negados o escamoteados. El altísimo desfase entre las cifras “oficiales” y las cifras “reales” de los muertos en general nos hacen suponer con cierto grado de certeza que, durante esos años, los muertos del fútbol quedaron en la cuenta de la “cifra oscura” en términos criminológicos.

Y, en segundo término, visibilidad también de las prácticas y los nuevos sujetos: los grupos de hinchas organizados se consolidan definitivamente como un actor central del fútbol, en particular las “barras bravas”. Esto quedó en evidencia con la muerte de Aníbal “Matutito” Taranto, integrante de alta jerarquía de la “barra brava” de River, asesinado en un tiroteo con la “barra” de Boca en octubre de 1983. En su análisis de la cobertura que los medios de comunicación hicieron de los principales casos de violencia en el fútbol a lo largo del siglo pasado, Szlifman postula que, “mientras en las primeras muertes la noticia se seguía periodísticamente durante aproximadamente una semana, en 1983 tanto *Clarín* como *La Nación* darían lugar a la muerte de Aníbal Taranto diariamente por más de 15 días” (2010: 6). Se trata del primer hecho donde los medios darían más espacio de cobertura a la violencia que al propio partido de fútbol. A partir de allí, los incidentes ocuparán paulatinamente un lugar cada vez más destacado en las crónicas.

El aumento cuantitativo de la cobertura de la violencia en el fútbol implicó la puesta en práctica de un proceso de “construcción discursiva de la amenaza”, que se apoyó en ciertos modos habitualmente utilizados en la materia (COHEN, 1972). Así, la presencia creciente en la prensa de los incidentes

de violencia, incluso aquellos menores, dio inicio a la expansión de una idea de desorden, decadencia y peligro alrededor de los partidos de fútbol. La percepción social respecto a que los incidentes eran reflejo de una desintegración del orden social, operó en Argentina de forma similar a lo descrito por Hall (1978) en relación a la sociedad británica y el pequeño delito en los años 1970. Ese “pánico moral”, motivado por los grupos de hinchas de fútbol organizados, se trasluce de forma brutal en el film de Enrique Carreras “Las barras bravas”. Estrenado en agosto de 1985, el largometraje presenta una lectura burda y maniquea de los grupos de hinchas organizados, que sin embargo refleja potentemente las representaciones sociales del fenómeno en la época.

De la mano de la instalación de los “pánicos morales”, del crecimiento real de los incidentes en los estadios a partir del inicio de la década de 1980 (ROMERO, 1985) y de la consolidación de las “barras bravas” como actores ineludibles de las tribunas, aquella visión del fútbol extendida en los discursos sociales y mediáticos como una “fiesta de todos”, en la cual los hechos de violencia eran algo insólito, extraño y extemporal, fue dando paso a otro tipo de concepción del espectáculo futbolístico, menos festiva y más dramática.

En el marco del escenario descrito, dos acontecimientos ocurridos en 1985 resultarán fundamentales para la definitiva instalación de la violencia en el fútbol como un problema público en Argentina. El primero es la llamada “Tragedia de Heysel”, como se conoce a los sucesos ocurridos el 29 de mayo de ese año en la final de la Copa de Campeones de clubes europeos -equivalente de la actual Champions League- entre Juventus de Italia y Liverpool de Inglaterra. Debido a una avalancha ocasionada por la acción de los hooligans ingleses, 39 personas perdieron la vida en los momentos previos al inicio del partido, que se disputaba en la ciudad de Bruselas, en Bélgica. El impacto de Heysel se potenció debido a la importancia del partido y, sobre todo, a su transmisión televisiva, de carácter masiva, pormenorizada y en directo.

El drama de Heysel se produce en un momento en que el fenómeno del hooliganismo era objeto de controversia en Inglaterra desde tiempo atrás (MURPHY, 1990) y había insistentes demandas de endurecimiento del control en los estadios formulados

por la prensa. Según Mignon (1998), esos reclamos tenían dos objetivos más amplios, que excedían al mundo del fútbol: atacar la descriminalización que las leyes venían proponiendo, y velar por la “declinación moral” de la juventud inglesa. En este marco, las voces conservadoras pedían castigar a los hooligans, quienes eran vistos como los representantes de la decadencia de la juventud inglesa.

En dicho momento se inicia un proceso de cambio en las reglamentaciones sobre violencia en el espectáculo futbolístico a nivel inglés (que tendrá su culminación con el “Informe Taylor” de 1991 y las consecuencias que acarrea a nivel del Estado y del negocio del fútbol) y también europeo. A nivel continental, el Consejo de Europa (Consejo de Europa, Recomendación n<sup>o</sup> R(84)8, marzo 1984) se había pronunciado meses antes de Heysel por primera vez sobre la reducción de la violencia en manifestaciones deportivas, particularmente en partidos de fútbol. En ese documento se sugerían medidas de vigilancia de espectadores y de control de venta de entradas, barreras de protección en las canchas y medidas de restricción y prohibición de bebidas alcohólicas dentro de los estadios. Inmediatamente luego de Heysel, ese mismo Consejo incorporará al documento nuevas medidas de control. A partir de allí, el dispositivo de control social del hooliganismo a nivel europeo no se limitará ya a aportar respuestas al prejuicio real causado por actos delictuales, sino que se expandirá para cubrir también el riesgo potencial que representan los comportamientos “desviados” (TSOUKALA, 2009).

Heysel marca un quiebre en la reglamentación del hooliganismo porque por primera vez el fenómeno es considerado un problema de orden público que necesita la adopción de medidas específicas. Distinguiéndose de la posición moderada hasta allí adoptadas a niveles nacionales y continentales, estas disposiciones prefiguran una nueva época de control social en Europa, basadas cada vez más crecientemente en la gestión del peligro. En ese sentido, Inglaterra aplicó las primeras medidas de control de los hinchas a partir de dos métodos: la videovigilancia, y la separación de hinchas tanto dentro del estadio (a partir de la venta diferenciada de tickets, con muros humanos de policías y con barreras, grillas y otros separadores físicos) como fuera (con muros de policías custodiando a los hinchas visitantes) (SEGURA & MURZI, 2013).

Con el trasfondo de Heysel latente, en Argentina los cambios en el control del fenómeno de la violencia en el fútbol no llegaron sin embargo como producto de una tragedia colectiva. El “Heysel argentino” -la Puerta 12- había ocurrido 15 años antes y apenas había propiciado una ordenanza municipal luego derogada. En el país, el hecho que dio lugar a la primera política pública sobre violencia en espectáculos deportivos fue la muerte del joven hincha de Boca Adrián Scasserra, asesinado por un disparo presuntamente policial en el estadio de Independiente el 7 de abril de 1985.

La muerte de Scasserra, de 14 años, se produjo luego de una pelea de hinchas de Boca con la policía en una tribuna. El episodio conmovió al mundo del fútbol y a la política nacional, y constituyó un cimbronazo para el gobierno de Raúl Alfonsín. La violencia en el fútbol, inscripta en ese colectivo emergente de “nuevas” violencias civiles y sociales que señalábamos antes, se presentaba como un desafío para la legitimidad de un Estado democrático muy reciente y por ende aún débil y en vías de construcción. En ese contexto, la conservación y la expresión del monopolio de la violencia física podía verse como un elemento de vital importancia para el futuro político del alfonsinismo (ACOSTA, 2010), en tanto aún tallaban fuertemente los imaginarios que asociaban a los gobiernos democráticos con la debilidad y la ineficacia en los asuntos de seguridad y de “defensa” (PEGORARO, 2000).

La muerte de Scasserra puede considerarse lo que Anthony Downs (1993) denomina un “descubrimiento alarmante” en sus trabajos sobre ciclos de formación de políticas públicas. Según el autor estadounidense, existen problemas que se hallan en un estado de latencia hasta que sobreviene un hecho alarmante que los convierten en “problemas sociales”. Lo más probable es que, luego de ese pico de atención, el interés por el tema vuelva a caer, y es en ese punto donde los decisores de políticas públicas deben definir si convierten al problema en una política pública o no.

A diferencia de otros casos fatídicos que, como vimos, no tuvieron un rebote en la acción estatal frente al problema, el asesinato de Scasserra propició la que se puede considerar como la primera norma estatal específica referida al fenómeno de la violencia en el fútbol. Días después del suceso, el tema fue tratado por la Comisión de Deportes del Senado y, con

aprobación de todos los sectores políticos, el 30 de mayo de 1985 se sancionó la Ley N° 23.184 con el objetivo de regular y punir los hechos de violencia en espectáculos deportivos. Para Alabarces, aquí se da inicio al modelo “espasmódico” que según este autor caracteriza a las políticas públicas de seguridad en el fútbol en Argentina:

Esta asociación causa-consecuencia implica la aparición de una norma de conducta: el Estado y los representantes políticos comienzan a actuar sólo como reacción espasmódica a algún caso fatal que los motiva a ocuparse del tema, sabiendo que la presencia del caso en los medios les garantiza visibilidad y flashes por unos días (2004: 29).

La sanción de esta normativa puede considerarse un punto de llegada en el que se condensan, como señala Galar (2017:70) los “relatos y narraciones que colaboran a la estabilización de los problemas públicos en tanto los dotan de legitimidad y marcan el rumbo de las intervenciones de los actores involucrados”. La Ley N° 23.184, además de ser la primera legislación sobre regulación de la violencia en los estadios, traduce en su contenido la importancia que el fenómeno había adquirido, así como sus interpretaciones sociales dominantes.

## RECAPITULACIÓN Y CONCLUSIONES

Desde los inicios del fútbol en Argentina hasta entrada la década de 1960, los hechos de violencia alrededor del fútbol fueron concebidos por los discursos mediáticos y estatales como algo ocasional, circunstancial y extemporáneo. Predominaba la idea de que eran consecuencia de lo accidental, del exceso de apasionamiento o de la acción puntual de algún hincha irracional o fuera de sus cabales.

El tránsito hacia la idea de que el fenómeno de la violencia en el fútbol es una parte constitutiva del mismo espectáculo deportivo encuentra sus primeros antecedentes frente a las muertes de Linker en 1958 y fundamentalmente de Souto en 1967. De manera embrionaria, la idea del fútbol como evento festivo, carnavalesco y familiar va a ir dando lugar a otra imagen más sombría, que se consolidaría a partir de la vuelta de la democracia en 1983.

Argentina vive su gran tragedia masiva en un estadio de fútbol en 1969, con los sucesos de la “Puerta 12”, donde pierden la vida 71 espectadores.

Sin embargo, ese hecho dramático será leído por la mirada estatal como el mero producto de fallas edilicias, infraestructurales y, en menor medida, de organización. La responsabilidad de los clubes, de las fuerzas de seguridad y de los propios hinchas no será puesta en cuestión, por lo cual la tragedia no cambiará la concepción estatal sobre las prácticas y conductas que se desplegaban en los estadios. Producto de la “Tragedia de la Puerta 12” se sanciona una reglamentación que se puede considerar el primer antecedente legislativo específico de ordenamiento de espectáculos deportivos en la Ciudad de Buenos Aires, la Ordenanza N° 24.225. En su texto, la seguridad es pensada como protección física de los espectadores frente a los peligros que representan las aglomeraciones en términos de eventuales fallas estructurales, pero no frente al riesgo que supone la acción de las otras personas que concurren al estadio. Esta ordenanza municipal constituyó además el primer eslabón de una larga cadena de dispositivos jurídicos que verán la luz como respuesta inmediata a hechos trágicos -sobre todo muertes- que tienen lugar en los estadios argentinos.

Al igual que lo que sucedía en Europa – en particular en Inglaterra, donde el fenómeno del hooliganismo crecía problemáticamente –, en Argentina la violencia en el fútbol era considerada hasta los años 1980 como un problema de orden público ordinario que no ameritaba legislaciones específicas para su control, y las faltas o delitos que tenían lugar en el mundo del fútbol eran juzgados por el Código Penal general.

A partir de la vuelta del proceso democrático en 1983 esta situación se modifica, y la violencia en el fútbol comienza a ser percibida como un problema público para el Estado, debido a tres motivos principales: a) el cambio operado en los grupos de hinchas organizados hacia formas donde la violencia fue adquiriendo preponderancia, con la consolidación de la figura de las “barras bravas” crecientemente asociadas al crimen y al delito, b) la emergencia de los “pánicos morales” (COHEN, 1972) asociados a la caracterización que hacen los medios de comunicación de los hinchas de fútbol, que genera que tanto el espectáculo futbolístico como los grupos de hinchas organizados comiencen a ser percibidos como focos de amenaza y peligro, y c) los cambios a nivel social y político que motivaron el retorno de

la democracia, donde a partir del progresivo declive de la violencia política que caracterizó esos años, la restitución del proceso democrático vio emerger nuevas violencias y conflictividades sociales que rápidamente se incorporaron a la agenda política como nuevos fenómenos a los que el Estado debió dar respuesta (KESSLER, 2009).

El año 1985 es central para el campo de la seguridad deportiva en Argentina, debido a que se sanciona la primera Ley Federal de regulación de la violencia en los espectáculos deportivos. Con el trasfondo de la “tragedia de Heysel” en Bélgica, que motiva un cambio sustancial en la mirada sobre el control del hooliganismo a nivel europeo, sumado al nuevo tratamiento que el Estado argentino da a las violencias civiles en el marco del reciente Estado de Derecho, a partir de la sanción de la Ley N° 23.184 se produce la consolidación de la violencia en el fútbol como un problema público.

A partir de la acentuación de los “pánicos morales” asociados a los hinchas de fútbol en los discursos mediáticos y de la creciente visibilidad de las “barras bravas” como actores punibles y perjudiciales, la tradicional visión del fútbol como “fiesta popular” virará hacia una caracterización más conflictiva, violenta y problemática del espectáculo futbolístico.

La Ley N° 23.184, motivada por el crimen del joven Adrián Scasserra en abril de 1985, es una piedra nodal en la historia de la seguridad deportiva argentina, e inaugura muchos de los supuestos sobre los cuales se concebirá a la violencia en el fútbol en las décadas subsiguientes.

## BIBLIOGRAFIA

ACOSTA, MARIA ELENA. *Decisiones en materia de Seguridad durante las presidencias de Alfonsín y Menem*. Presentado en V Congreso Latinoamericano de Ciencia Política. Asociación Latinoamericana de Ciencia Política, Buenos Aires, 2010.

ALABARCES, PABLO. *Fútbol y Patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires, Argentina: Prometeo, 2002.

ALABARCES, PABLO. *Crónicas del Aguante. Fútbol, violencia y política*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2004.

- ALABARCES, PABLO. *Héroes, machos y patriotas: El fútbol entre la violencia y los medios*. Buenos Aires, Argentina: Aguilar, 2015.
- ARCHETTI, EDUARDO. Argentinian Soccer: A ritual of violence? In: *The International Journal of the History of Sport*, 1992, Vol.9, No. 2, p. 209-232.
- ARMSTRONG, GARY; HARRIS, ROSEMARY. Soccer hooligans. In: *Theory and evidence. Sociological Review*, 1991, Vol. 39, No. 3, p. 427-567.
- BOURDIEU, PIERRE. Programa para una sociología del deporte. En *Cosas dichas*, Buenos Aires, Argentina: Gedisa, 1988.
- BRAUN, ROBERT; VLIEGENTHART, RENS. The Contentious fans: The impact of repression, media coverage, grievance and aggressive play on supporters' violence. *International Sociology*, 2008, No. 23, p. 796-818.
- BROHM, JEAN-MARIE. *Sociología política del deporte*, México: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- CABRERA, NICOLÁS. Gramsci, Bebote y Bullrich. La papa que calienta y no quema. *Revista Voces en el Fénix*, nº 58, Facultad de Ciencias Económicas, Buenos Aires: Argentina. 2016.
- CAMAROTTI, ANA CLARA, JONES, DANIEL, & DI LEO, PABLO. (Dir.) *Entre dos mundos*, Buenos Aires, Argentina: Teseo. 2017.
- CLARKE, JOHN. *The Three Rs-Repression, Rescue and Rehabilitation: Ideologies of Control for Working Class Youth* (Nº. 41). Centre for Contemporary Cultural Studies, University of Birmingham. 1976.
- COHEN, STANLEY. *Demonios populares y 'pánicos morales': delincuencia juvenil, subculturas, vandalismo, drogas y violencias*, Barcelona, España: Gedisa, 1972.
- DE SOUSA SANTOS, BOAVENTURA. *Refundación del Estado en América Latina: Perspectivas desde una epistemología del Sur*, La Paz, Bolivia: Plural Editores. 2010.
- DOWNS, ANTHONY. *El ciclo de atención a los problemas sociales. Problemas públicos y agenda de gobierno*, México, Miguel Ángel Porrúa, 141-159. 1993.
- ELIAS, NORBERT. *Deporte y violencia. En Wright Mills, C. et al., Materiales de sociología crítica*. Madrid, España: Genealogía del Poder, 1986.
- ELIAS, NORBERT & DUNNING, ERIC. *Sport et civilisation. La violence maîtrisée*. Paris, Francia: Fayard. 1994.
- FABBRI, ALEJANDRO & PANNO, JUAN JOSÉ. *Los juegos de fútbol*. Buenos Aires, Argentina: Ci Capital Intelectual, 2008.
- FRYDEMBERG, JULIO. *Historia social del fútbol en Argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2010.
- GALAR, SANTIAGO. Problematizar el problema: apuntes para complejizar el abordaje de la inseguridad en la dimensión pública (En línea). *Papeles de Trabajo (Instituto de Altos Estudios Sociales)*, 11(19): 61-75. 2017.
- GALVANI, MARIANA et. al. *A la inseguridad la hacemos entre todos*, Buenos Aires: Argentina: Hekht Libros. 2010.
- GARLAND, DAVID. *La cultura del control: Crimen y orden social en la sociedad contemporánea*. Barcelona, España: Gedisa. 2006.
- GARRIGA, JOSÉ. Cartografías de la(s) violencia(s). In.: GARRIGA, JOSÉ. *Violencia en el fútbol: investigaciones sociales y fracasos políticos*. Buenos Aires: Godot, 2013.
- GIULIANOTTI, ROBERT & KLAUSER, FRANCISCO. Security governance and sport mega-events: Toward an interdisciplinary research agenda. *Journal of Sport and Social Issues*, 34(1), 49-61. 2010.
- HALL, STUART. The treatment of the hooliganism in the press. En Ingham, D, *Football Hooliganism*, Londres: Inter action Imprint. 1978.
- INGHAM, ROGER. *Soccer Hooliganism*. London: Inter-Action Imprint, 1978.
- JELIN, ELIZABETH. La política de la memoria: el movimiento de derechos humanos y la construcción democrática en la Argentina. En Acuña, C. H. & Przeworski, A. *Juicio, castigos y memorias: derechos humanos y justicia en la política argentina*, Buenos Aires, Argentina: Editorial Nueva Visión. 1995.
- KESSLER, GABRIEL. *El sentimiento de inseguridad. Sociología del temor al delito*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores. 2008.
- KESSLER, GABRIEL (comp.) *Seguridad y Ciudadanía: nuevos paradigmas, reforma policial y políticas innovadoras*, Buenos Aires, Argentina: Edhasa. 2009.
- MARSH, PETER. *Aggro: The Ilusion of Violence*. London: Dent., 1975.
- MIGNON, PATRICK. *La Passion du Football*. Paris: Odile Jacob, 1998.
- MURPHY, PETER; WILLIAMS, JOHN & DUNNING, ERIC. *Football on Trial: Spectator Violence and Development in the Football World*, Londres, UK: Routledge.1990.
- MURZI, DIEGO. *Fútbol, Violencia y Estado: Un Estudio sobre las Políticas Públicas de Seguridad Deportiva en Argentina (2006 -2017)*. Tesis de Doctorado en Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, 2019.
- MURZI, DIEGO; ULIANA, SANTIAGO & SUSTAS, SEBASTIÁN. El Fútbol de Luto. Análisis de los Factores de Muerte y Violencia en el Fútbol Argentino. Godio, M y

- Uliana, S. (Comps), *Fútbol y Sociedad. Prácticas Locales e Imaginarios Globales*. Buenos Aires: EDUNTREF 2011.
- MURZI DIEGO; SEGURA FERNANDO. Hacia un Mapa de las “Violencias en el Fútbol”: Actores, Dinámicas, Respuestas Públicas y Desafíos en el Caso de Argentina. In: *Revista de Gestión Pública*, Vol.7, No. 1, p. 43-75. 2018.
- PALOMINO, HECTOR; SCHER, ARIEL. *Fútbol, pasión de elites y multitudes: estudio institucional de la Asociación de Fútbol Argentino (1934-1986)*. Buenos Aires: CISEA, 1988.
- PEGORARO, JUAN. Violencia delictiva, inseguridad urbana. *Nueva Sociedad*, 167, 114-131. 2000.
- ROMERO, AMÍLCAR. *Deporte, violencia y política*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.
- ROMERO, AMÍLCAR. *Las Barras Bravas y la Contrasociedad Deportiva*. Buenos Aires: Editorial Nueva América, 1994.
- SEGURA, FERNANDO & MURZI, DIEGO. Alternativas europeas comparadas de gestión de la seguridad y la violencia en los estadios de fútbol: tres enfoques y aplicaciones diferentes. ¿Qué se puede aprender. En: Garriga, J. *Violencia en el fútbol. Investigaciones sociales y fracasos políticos*. Buenos Aires: Godot. 2013.
- SEGURA, FERNANDO; MURZI, DIEGO. ¿Gestión de la violencia en el fútbol? Perspectivas críticas sobre Inglaterra y Bélgica. In: *Revista de Gestión Pública*, Vol.4, No. 1, p. 65-106. 2015.
- SEGURA, FERNANDO; MURZI, DIEGO; NASSAR, BELEN. Violence and Death in the Argentinean Soccer. In: *The International Review for the Sociology of Sport*, On-Line-First, 1-18. 2018.
- SODO, JUAN MANUEL. Dos problemas de las clasificaciones en investigaciones sobre hinchas del fútbol argentino: apuntes desde la propia experiencia, *EFDeportes* n° 149, Buenos Aires, 2010. Recuperado de <http://www.efdeportes.com/efd149/clasificaciones-sobre-hinchas-del-futbol-argentino.htm>.
- SODO, JUAN MANUEL. De la violencia a los ambientes de violencia: entre el doble discurso de los hinchas y el doble reduccionismo mediático. In.: GARRIGA, JOSÉ (Ed.). *Violencia en el fútbol*. Buenos Aires: Godot, 2013.
- SOZZO, MÁXIMO. *Seguridad Urbana: nuevos problemas, nuevas perspectivas*. Santa Fe: Centro de Publicaciones UNL. 2009.
- SUSTAS, SEBASTIÁN. Planos y lógicas de la violencia en el fútbol. Análisis y descripción de los enfrentamientos en que suceden las muertes en Argentina. En Godio, M. y Uliana, S. (comps). *Fútbol y Sociedad. Prácticas locales e imaginarios globales*. Buenos Aires: Eduntref. 2011.
- SUSTAS, SEBASTIAN. Las violencias sentenciadas. In: GARRIGA, JOSÉ. *Violencia en el Fútbol*. Buenos Aires: Godot, 2013.
- SZLIFMAN, JAVIER. *La Fiesta Que No Fue. Un Análisis Sobre Los Medios De Comunicación Y La Violencia En El Fútbol Argentino*. Buenos Aires: EFDeportes, 2010.
- TOURAINÉ, ALAIN. *¿Qué es la democracia?*, Buenos Aires, Argentina: Fondo de Cultura Económica. 1995.
- TSOUKALA, ANASTASSIA. *Soccer Hooliganism in Europe: Security and Civil Liberties in Balance*. Houndmills, UK: Palgrave Macmillan. 2009.
- ZIMMERMAN, EDUARDO. *Law, Justice and State Building. Essays in the History of Judicial Institution in Nineteenth Century Latin America*. London: Institute of Latin American Studies; University of London Press. 1999.

## VIOLÊNCIAS NO FUTEBOL ARGENTINO: O QUÊ ESTÁ EM JOGO? QUAIS SÃO OS PARALELOS COM O BRASIL?

### DIFFERENT FORMS OF VIOLENCE IN THE ARGENTINIAN FOOTBALL: WHAT IS AT STAKE? WHAT ARE THE PARALLELS WITH BRAZIL?

SEGURA, Fernando\*

WOOD, David\*\*

JUNQUEIRA, Ricardo\*\*\*

GOMES, Vitor \*\*\*\*

NETTO, Thaisa\*\*\*\*\*

#### RESUMO

Este artigo analisa episódios de agressões, incluindo mortes, relacionadas com o futebol na Argentina, identificadas na imprensa (impresa e digital) entre os anos 2006 e 2018 a partir de um levantamento da ONG *Salvemos al Fútbol*. O objetivo é, portanto, refletir sobre atmosfera de violência em torno dos jogos na Argentina, assim como gerar uma aproximação para o contexto brasileiro, com ênfase na cidade de Goiânia. Nossa análise explora novas formas de violência, incluindo a mortes por torcedores da mesma equipe. Embora os “grandes meios de comunicação” tendem a culpar os grupos conhecidos como barras-bravas, mesma situação com o que acontece com as torcidas organizadas no Brasil, nosso intuito é analisar diferentes cenários e avaliar a variedade de interesses envolvidos. Isto inclui também os “arranjos” com a Polícia e outras autoridades, bem como as agressões entre os protagonistas do jogo em si. Por conseguinte, esperamos atualizar os debates recentes ao revelar novas tendências e sugerir hipóteses para futuras pesquisas e políticas públicas, tanto para a Argentina quanto para o Brasil.

**Palavras-chave:** Atores, Argentina, Brasil, mortes, futebol, violência.

#### ABSTRACT

This article analyzes episodes of aggressions, including deaths, related to soccer in Argentina, identified in the press (printed and digital) between 2006 and 2018 from the work of the NGO Let's Save the Soccer (*Salvemos al Fútbol*). The purpose is then to present a case study in order to reflect the internal atmosphere of violence around games in Argentina and some reflections about the Brazilian contexts, particularly the one of the city of Goiânia, capital of the state of Goiás. Our analysis explores new forms of violence, such as the deaths by supporters of the same team. Even though the corporative media tend to blame groups known as

\*Professor Visitante (2016-2020) no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás (UFG), pesquisador filiado ao CIDE (México). Este artigo constitui uma contribuição à pesquisa em andamento em parceria com a Universidade de Sheffield, Inglaterra a partir de um Award da British Academy. Doutor em Sociologia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS) de Paris. Colaborador da ONG *Salvemos al Fútbol* (Argentina).

\*\* Professor Permanente de Estudos Latino-Americanos na Escola de Línguas e Cultura da Universidade de Sheffield, Inglaterra. Coordenador da rede *Levelling the Field* sobre estudos em torno ao futebol feminino na América Latina e na Inglaterra. Ex-presidente (2019) da Associação Britânica de estudos Latino-Americanos. Doutor em estudos Latino-Americanos, com foco no Perú, pela Universidad de Exter, Inglaterra.

\*\*\* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás. Formado em Direito pela PUC-GO.

\*\*\*\* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás. Bacharel em Ciências Sociais pela UFG.

\*\*\*\*\* Bacharel e Licenciada em Educação Física pela PUC-GO. Pós-graduada em Musculação e personal trainer pelo CEAFI-GO. Estudante de Sociologia pela Estácio-GO.

*barras-bravas*, as the same occurs with the organized fans in Brazil, called *torcidas organizadas*, we try to analyze here different scenarios and evaluate the variety of interests involved, which include “arrangements” public bodies and authorities, as well as the aggression between the protagonists of the game itself. Therefore, we hope to update recent debates by revealing trends and suggesting reflections for further research and public policies, specifically for Argentina and Brazil.

**Keywords:** Actors, Argentina, Brazil, deaths, soccer, violence.

## INTRODUÇÃO

Compreender as múltiplas dimensões da violência em relação ao futebol pode ser uma tarefa complexa. Até maio de 2019, a lista de vítimas graves identificadas na Argentina ascendeu a 332 casos<sup>1</sup>. As vítimas relatam uma média que, desde 1922, resultou em três mortes por ano em quase um século. Além disso, a média anual de nove mortes de torcedores durante os últimos dez anos é maior do que a chamada “idade de ouro” do hooliganismo na Inglaterra, onde a estimativa aproximada dava seis torcedores mortos por ano, entre 1974 a 1989 (HOBBS; ROBIN, 1991: 553). Isto constitui uma razão importante para continuar a estudar este assunto no momento e poder comparar o cenário argentino com diferentes realidades, considerando que alguns registros dão conta de 304 mortes entre 1988 e 2016 no Brasil<sup>2</sup>, sendo 145 fatalidades apenas entre 2009 e 2017<sup>3</sup>. O problema da violência no mundo do futebol tem sido objeto de muitas pesquisas acadêmicas. Na Europa, o acervo possui uma história de várias décadas na tentativa de interpretação do hooliganismo (ARMSTRONG; HARRY, 1991; BRAUN; VLIAGENTHART, 2008; COMERON, 2002; DUNNING; MURPHY; WILLIAMS, 1986; EHREMBERG, 1991; INGHAM, 1978; MARSH, 1978; MIGNON, 1998; READHEAD, 1991; SPAAIJ, 2006; TAYLOR, 1971; WALGRAVE; LIMBERGEN, 1998; WILLIAMS; DUNNING; MURPHY, 1984, entre vários outros professores). No Brasil, a história da violência e o futebol, cuja ênfase são as torcidas organizadas, envolve também

uma série de trabalhos na sequência (MURAD 2013; 2017; HOLLANDA, 2014; 2017; TEIXEIRA; 2004; ZALUAR; MONTEIRO, 2003, por exemplo).

Na Argentina, o trabalho do sociólogo Amílcar Romero (1985, 1986, 1994) foi o pioneiro na análise da violência para o período compreendido entre 1958 e 1983. O futebol (*fútbol*) é um dos principais componentes da identidade nacional da Argentina (ARCHETTI, 1999), capaz de deslocar multidões e atrair atenção política desde o início do século XX (DUQUE; CROLLEY, 2001; FRYDEMBERG, 2012; LEVINSKY, 2016; PALOMINO; SCHER, 1988). O futebol é lar das mais criativas coreografias e culturas de torcedores na Argentina, mas a violência e as mortes têm, no entanto, periodicamente, impactado o cenário. O antropólogo Archetti, em coautoria com o sociólogo Romero (1994: 39), sublinharam o fato que a junção de violência com a morte pode refletir processos sociais além dos limites de futebol. Suas análises, que constituíram as bases para posteriores pesquisas na Argentina, detalharam vários fatores: repressão policial “cega”; violência entre hinchas (torcedores) organizados; o destino de vítimas inocentes, a impunidade e as complexas relações com o poder institucional, no âmbito do futebol e na política nacional. A situação não mudou durante as últimas décadas do século XX e o início do novo milênio. Portanto, o problema levou de fato a vários projetos sociais de investigação, por um lado, e medidas de políticas públicas, por outro. Todas elas pensadas para “resolver” o “mal” argentino<sup>4</sup> (GARRIGA, 2013; GODIO; ULIANA, 2016; SUSTAS, 2013). O número significativo de estudos provou o papel da violência para a construção de identidades masculinas, assim como também a sua utilização como recurso para

<sup>1</sup> Lista das mortes no site da ONG *Salvemos al Fútbol*: <http://salvemosalfutbol.org/lista-de-victimas-de-incidentes-de-violencia-en-el-futbol/> (acesso o 31.05.2019).

<sup>2</sup> <https://www.lance.com.br/futebol-nacional/absurdo-futebol-brasileiro-chega-300-mortes-por-intolerancia-entre-torcedores.html> (acesso o 31.05.2019).

<sup>3</sup> <https://www.uol/esporte/especiais/especial-violencia-torcedores.htm#imagem-1> (acesso o 31.05.2019).

<sup>4</sup> Na época dos hooligans, a mesma interpretação era feita pelos meios de comunicação, que chamavam o problema como a doença britânica (*the british disease*), (DUNNING, 2000).

negociar diversos interesses (ALABARCES, 2013). Por sua vez, as respostas públicas foram reforçando o paradigma da segurança (ULIANA; GODIO, 2013). No entanto, os diagnósticos institucionais têm, em grande parte, omitido a análise sobre as condições precárias que ocorrem nos jogos e as modalidades e confrontos estimuladas pelas forças de segurança (ARAGÓN, 2017; SAIN; RODRÍGUEZ, 2014). Já nestes dois pontos principais podemos encontrar, talvez, alguns paralelos com os cenários locais no Brasil, os quais podem ser comparados com o caso da Argentina.

A única informação (on-line) sobre tais incidentes na Argentina vem dos esforços da organização não-governamental (ONG) “Salvemos al Fútbol” (*Salvemos*), que continuou o trabalho de Amílcar Romero (SEGURA; MURZI; NASSAR, 2018). Em 2006, a ONG ganhou vida com o objetivo de denunciar um fato que tinha sido pessoalmente vivido pela sua fundadora, Mónica Nizzardo (NIZZARDO; BERGÉS, 2015). Em 2004, a sede do clube *Atlanta* (3ª divisão) foi visitada por um dos líderes da “Barra”, isto pode ser traduzido como o grupo “radical”, o que seriam as “organizadas” no Brasil. Em seu “protocolo” de visita, o líder pediu de forma agressiva para ver o presidente do clube. Ao não obter a resposta que ele queria, a pessoa, em seguida, destruiu computadores e quebrou janelas com uma barra de ferro. O caso foi a julgamento e a Justiça o isentou de qualquer pena, argumentando que não havia nenhuma razão para dar-lhe uma sentença condenatória. Para combater as ameaças sofridas, a fundadora da *Salvemos* fez vários apelos na mídia. Depois, ela recebeu chamadas de familiares de vítimas, em particular de outra mulher, Liliana Suárez, fundadora da FAVIFA (Familiares das vítimas de Violência no Futebol da Argentina), mãe de Daniel, um garoto de 18 anos morto em uma emboscada entre barras rivais argentinas na Copa América de 1995, no Uruguai (CHAPIETTA, 2015: 55). A *Salvemos*, desde então, tem fornecido apoio legal para vítimas (MURZI; SEGURA, 2014), assim como emitido comunicados à imprensa com uma série de relatórios e informações públicas via seu site e redes sociais. Esses esforços têm também estimulado a construção de pontes com o trabalho acadêmico (MURZI; ULIANA; SUSTAS, 2015; SEGURA; MURZI, 2015; MURZI; SEGURA, 2018). Nossas perguntas para este debate são as seguintes:

quais são as formas adotadas pelos episódios de violência trágicos acontecidos entre os anos 2006 e 2018 na Argentina? Quais são os perfis “chaves” nesse contexto? Nesse sentido, pretendemos sugerir alguns paralelos comparativos com o Brasil e gerar alguns apontamentos a partir de uma pesquisa em andamento na cidade de Goiânia entre 2017 e 2019. Pedimos licença ao leitor para primeiro nos situarmos na revisão dos estudos no campo (BOURDIEU, 1981) argentino.

### OS ESTUDOS SOBRE VIOLÊNCIA E FUTEBOL NA ARGENTINA

É claro que o futebol argentino se caracteriza pelo fervor das torcidas, chamadas de “hinchadas” e seus membros militantes de “hinchas” (ARCHETTI, 1985). Tradicionalmente, há inclusive duas principais categorias de espectadores: aqueles que permanecem sentados nas plateias e aqueles que estão em conjunto nas arquibancadas (*la popular*) do estádio. É neste último setor que os torcedores organizados são encontrados, ou seja, torcedores militantes que proporcionam apoio permanente: torcedores organizados (ou no termo nativo usado na Argentina: as *barras*). Porém, as barras consistem em grupos que controlam mais do que a estética das arquibancadas. Seus perfis foram evoluindo nas últimas décadas. A imprensa nomeou desde a década de 1950 os grupos organizados como *barras bravas* (CONDE, 2005), onde o termo “*bravas*” indicava, mais do que qualquer coisa, que eles eram perigosos, tanto para a imprensa quanto para o Estado...e para o resto do público que frequentava os estádios (MURZI, 2019). Seus membros normalmente descrevem-se como *La Barra* (GARRIGA, 2006; TADDEI, 2016), que é o termo nativo que nós vamos usar aqui e não aquele que a imprensa instalou (*barras bravas*). Embora não haja uma definição unânime em torno destes termos, quando se fala de “barras” se faz referência, de fato, a grupos organizados de torcedores ativos que, através do seu jeito fervoroso de torcer, podem também usar sua capacidade para gerar e administrar atos de violência. Ao mesmo tempo, as barras possuem relações instáveis com atores do mundo do futebol assim como com outros de diversos canais sociais, econômicos e políticos (ALABARCES, 2004; MURZI, 2019; SEGURA; MURZI; NASSAR, 2018).

No entanto, as famosas “barras” não compreendem grupos homogêneos, uma vez que são frequentemente divididas em facções que lutam pelo controle do espaço, e do poder envolvido nesse campo em termos da terminologia sociológica de Pierre Bourdieu (1981). Mas, será que as “barras” são o único “ator” que produz violência relacionada com o futebol? Uma pergunta que tem o mesmo valor quando se faz a respeito das torcidas organizadas no Brasil.

Confusões entre *hinchas* e agressões voltadas para os jogadores e árbitros na Argentina foram observadas já desde as primeiras décadas do século XX (DUQUE; CROLLEY, 2001; FRYDEMBERG, 2012). Assim, duas mortes foram registradas<sup>5</sup> em 1922. Em 1924, um incidente em Montevideu durante a Copa Sul-americana terminou com uma outra morte, quando um argentino assassinou um torcedor uruguaio após uma forte discussão (BARNADE; IGLESIAS, 2006). Em 1939, a brutal repressão policial no estádio do *Lanús* terminou com dois torcedores mortos. Cinco anos mais tarde, o “episódio do portão 11” no estádio do *River Plate* deixou sete mortos por asfixia e vários outros feridos. Posteriormente, devido mais uma vez à desmedida repressão policial, houve mais vítimas em 1955 e 1958. Em 1959, um colapso de uma arquibancada no estádio do *Estudiantes* fez com que dois espectadores pagarem o preço com suas vidas. Amílcar Romero (1985) atribuiu o aumento da violência no futebol no final da década de 1950 devido ao contexto político. Em 1955 um golpe de Estado contra o Presidente Juan Domingo Perón teve lugar e o partido peronista foi proibido por muitos anos. Foi nesse ambiente tenso que o futebol, enquanto fenômeno de massas, tornou-se também um espaço para confrontos (LEVINSKY, 2016). Entre 1958 e 1983, o número de feridos alcançou aproximadamente 4.000 pessoas e os presos, ou detidos, excedeu os 5.000 (ROMERO, 1985: 10). A esse respeito, Archetti e Romero identificaram diferentes cenários de mortes vinculadas ao futebol. O primeiro foi ligado a brutal repressão da polícia: Alberto Linker (18 anos) perdeu sua vida no estádio do *Velez* em 1958 (ARCHETTI; ROMERO, 1994: 16). O segundo caso envolveu a intolerância entre os *hinchas* (torcedores) rivais. Em 1967, Héctor Souto (15 anos de idade) sofreu a infelicidade de defender

um amigo que celebrou um gol do *Racing Club de Avellaneda* em um lugar “errado” do estádio, onde o núcleo duro dos torcedores do clube *Huracán* estava. Este episódio marcou uma nova era, dado que os espectadores pararam de circular no interior dos estádios (ARCHETTI; ROMERO, 1994: 26). Entre “parênteses”, o ano de 1968 teve a maior tragédia do futebol argentino, na Porta 12 no estádio do *River Plate*, onde 71 torcedores do *Boca Juniors* morreram depois de ser esmagados contra um portão fechado na tentativa de saída do estádio. Várias investigações indicaram que os torcedores tiveram momentos de tensão anteriores com a polícia (ALABARCES, 2004; ARCHETTI; ROMERO, 1994). O terceiro perfil esteve ligado a perseguição política. Em um jogo na cidade de La Plata em 1976, a polícia atirou contra torcedores do *Huracán*, considerados pela ditadura como extremistas de esquerda (ROMERO, 1986: 74). O quarto cenário foi o resultado de um confronto planejado entre torcedores organizados do *Boca Juniors* e os do *Quilmes*, com duas mortes, uma para cada “lado” em 1983 (ARCHETTI; ROMERO, 1994: 33). Durante as décadas seguintes, os cientistas sociais, muitos deles inspirados por Archetti e Romero, continuaram a propor abordagens sob diferentes ângulos.

Alguns acadêmicos sublinharam os significados simbólicos dos confrontos durante a década de 1990. Isso, no jargão “nativo” (GARRIGA, 2006), veio sob a bandeira de possuir “aguante”, isto é, uma forma de enfrentar e resistir frente aos “inimigos” (ALABARCES, 2004), numa forma de agressões ritualizadas, da mesma maneira que o hooliganismo tinha sido interpretado na Inglaterra duante a década de 1970 (MARSH, 1978). Uma série de estudos na Argentina provaram como o futebol podia ser visto como um campo de batalhas fornecedor de prestígio para os “vencedores” (ARAGÓN, 2007; GARRIGA, 2006). Os roubos de “troféus” - bandeiras, faixas e tambores - mantiveram parte deste folclore por muitos anos (MOREIRA, 2005). Nessa tônica, a construção de identidades masculinas tem reproduzido práticas de “virilidade” (CABRERA, 2013; CZESLI, 2013; GAFFNEY, 2009; GIL, 2007). Por outro lado, o “carnaval” do futebol na Argentina (ARCHETTI, 1992) tem sido muitas vezes imitado em outros países, desde os vizinhos até no México, Espanha ou mesmo Japão (CARRIÓN, 2014; CASTRO, 2013;

<sup>5</sup> Ver a lista de mortes no site da ONG: <http://salvemosalfutbol.org/>

HOLLANDA, 2017; SEGURA, 2013). Isso pode ser explicado pelo fervor e pela capacidade das hinchadas para produzir vários cânticos originais, denominados na Argentina como “cantitos” (GANDARA, 1997; PARRISH; NAURIGHT, 2013, BUNDIO, 2016), o uso de instrumentos musicais, as coloridas decorações das arquibancadas e deslocamento dos grupos para os estádios. No entanto, as ameaças mortais também foram sendo incorporadas explicitamente desde os anos 1980 (BUNDIO, 2016) em muitos “cantitos”.

Mas a maior fonte de “aguante”, neste microcosmo (WIEVORKA, 1977), tem sido as batalhas contra a polícia (ALABARCES, 2004; ARAGÓN, 2007). Os confrontos têm alimentado códigos recíprocos, até o ponto em que a polícia é percebida como um terceiro-inimigo, o maior de todos (GALVANI; PALMA, 2005). Aí, existe um claro paralelo que pode ser traçado com a ideologia dos *hooligans* britânicos e seus confrontos frequentes com a polícia entre as décadas de 1960 e 1990 (KERR, 1994). No que diz respeito ao Estado Argentino, várias leis e normas têm reforçado medidas repressivas desde 1985, quando surgiu a primeira lei para combater as “barras-bravas” (MURZI 2019; SUSTAS, 2013). O leitor pode conferir as estatísticas coletadas pela ONG *Salvemos al Fútbol*, disponíveis no seu site, as quais detalham que 22% das mortes entre 1966 e 2012 foram devido à repressão policial (MURZI; ULIANA; SUSTAS, 2015), um número assustador no que se refere à “prevenção” da violência. Isto significa, em outros termos, que a reação da Polícia tem sido um fator que aumentou a violência e as mortes. Esta mesma conclusão foi justamente destacada no famoso relatório Taylor na Inglaterra, assim como em outras pesquisas empíricas feitas na Europa (STOTT; ADANG; LIVINSTON; SCHREIBER, 2008). Aqui, os paralelos com os cenários brasileiros e seus contextos regionais teriam muito para analisar sobre a forma de atuar da PM e os corpos de segurança pública. Na Inglaterra, a gestão da polícia mudou completamente após das reformas do futebol inglês nos anos 1990 (WARD; WILLAMS, 2009: 341). Na Argentina, os perímetros de segurança ao redor dos estádios foram concebidos como parte de verdadeiras operações militares para separar torcedores rivais desde final dos 1960 até o ano 2013 (TADDEI, 2016; ULIANA; GODIO, 2013). Porém, a partir da década de 1990 os grupos e indivíduos pertencentes

às barras, sobretudo suas lideranças, aprenderam a negociar acordos com as polícia locais a fim de gerar arranjos e estabelecer relações com benefícios para ambas as partes (BERGÉS, 2015). Com essa descrição histórica, podemos, agora, analisar algumas novas situações no século XXI no cenário argentino.

### DISPUTAS INTERNAS NA ARGENTINA NO SÉCULO XXI

Diferentes estudos já demonstraram o fato dos cartolas e funcionários dos clubes, além de alguns políticos bem conhecidos na Argentina (BERGÉS, 2015; DEL FRADE, 2008), terem alimentado relações clientelistas com grupos de barras, até mesmo para o apoio para atingir a presidência de algum clube. Cabe lembrar que na maioria dos clubes argentinos a eleição das autoridades se faz via votação dos sócios dos clubes. Os grupos de barras tem sido, por vezes, “solicitados” para a intimidação de potenciais adversários (DUQUE; CROLLEY, 2001; MOREIRA, 2012; SAIN; RODRÍGUEZ, 2014). Os estudos mais recentes começaram a reparar que nem todas as dimensões do “aguante” se mantiveram ao nível do ritual masculino. Os grupos passaram a agir como redes verdadeiramente complexas, instáveis e fragmentadas nos seus interesses e vínculos (BUNDIO, 2013), com uma gama de conexões chave (D’ANGELO, 2012), dotadas de instintos de sobrevivência. Nesse sentido, um novo problema instalou-se na década de 2000-2010: as mortes ligadas aos grupos da mesma arquibancada. Pode-se observar que entre os anos 2000 e 2012, das 77 mortes, 36% foram causados por lutas internas de grupos de torcedores do mesmo clube (SEGURA, 2013: 33). Uma das principais razões pode ser atribuída às disputas pelo poder que envolve o controle de uma barra (MURZI, 2011), assim como os interesses individualistas dos líderes de tais grupos, inclusive, alguns em harmonia com tendências neoliberais do país e dos dirigentes de clubes que têm, aos poucos, permeado a cultura das arquibancadas, a partir dos níveis de corrupção nas esferas políticas e sociais para o mundo de futebol (ARAGÓN, 2017). Por conseguinte, estas brigas podem ser interpretadas, em termos de Bourdieu (1981), como lutas para controlar um “campo”, ou se o leitor quiser interpretá-lo de forma mais sofisticada como um sub-campo dentro de um campo maior

numa leitura a partir do sociólogo francês. Isso ocorre tanto em grande clubes, tais como *Boca Juniors*, *River Plate*, *Racing de Avellaneda*, *San Lorenzo* ou *Independiente*, como em clubes de tamanho médio em termos de torcedores, mas também em clubes de baixa classificação nos torneios argentinos.

Além desse problema, o qual não pode ser negado, a imprensa constitui também outro ator crucial, uma vez que, embora alegue falar sobre “os fatos”, a “violência do futebol” também é usada como uma mercadoria que vende relatos, gera audiência na TV, assim como outros impactos midiáticos (SZLIFMAN, 2010), como são hoje as repercussões nas redes sociais. A mídia hegemônica, na Argentina, uma situação que merece uma comparação séria com a mídia dominante no Brasil a respeito das torcidas organizadas, tende a salientar o discurso único: as “barras-bravas” representam o núcleo do problema (MURZI, 2019). No entanto, os cientistas sociais têm sugerido uma interpretação mais ampla da prevacente atmosfera de violência no mundo do futebol (SODO, 2013). A hipótese proposta pelos pesquisadores Diego Murzi, Belen Nassar e o autor principal deste artigo (2018) para analisar o cenário argentino entre 2006 e 2018 indica que, longe de ter sido contida, novos quadros de mortes e transtornos marcaram a direção do futebol na Argentina. A partir daí, quatro hipóteses específicas foram desdobradas, as quais podem ser, cada uma delas, comparadas com os cenários brasileiros regionais segundo seus problemas e desafios locais:

1. Houve um aumento das fontes de renda ao redor das barras e, portanto, das disputas internas nos diferentes grupos de uma hinchada (barras).
2. As políticas públicas destinadas a reprimir a violência e instalar o modelo de torcidas únicas tem contribuído para exacerbar os conflitos internos nas barras argentinas.
3. Ao contrário das décadas anteriores, quando os problemas aconteciam dentro ou ao redor dos estádios, um número crescente de episódios estão ocorrendo longe dos recintos do futebol.
4. Os incidentes coletivos que envolvem atores não-membros das barras, muitas vezes ocorrem devido a divergências sobre os resultados dos jogos, adicionando mais ingredientes para a atmosfera de violência geral, especialmente nas ligas “inferiores” e nas categorias de base dos clubes.

## QUESTÕES DE METODOLOGIA NO ESTUDO DOS CASOS

Os dados que aqui são colocados provêm da lista de mortes e incidentes relacionados com o futebol na Argentina que a ONG *Salvemos al Fútbol* construiu a partir do trabalho iniciado pelo sociólogo Amílcar Romero (1986) até 1994. Depois de 10 anos de existência, a ONG - da qual o autor principal deste texto faz parte desde 2007 – decidiu, em 2016, fazer um banco de dados para classificar esses arquivos e produzir uma abordagem mais sistemática (SEGURA; MURZI; NASSAR, 2018). É importante esclarecer que, por falta de capacidade metodológica, este trabalho não considera a violência verbal dos cânticos nas arquibancadas que incitam à morte do “inimigo”, à degradação e as discriminações, todos eles fatores que deveriam ser incluídos, também, nas categorias de violência no futebol.

A pesquisa sistematizada inicialmente entre três membros da ONG compreendeu especificamente os anos entre 2006 até 2017 e revelou um total de 651 episódios identificados que envolveram agressões físicas entre diferentes atores. Desse universo, 98 casos terminaram em mortes, o que representou um total de 15% da amostra, e uma média de 9 mortes por ano. O desdobramento dos dados indicou que, dos 651 episódios, 153 foram agressões de torcedores de todo tipo - isto é, não unicamente os notórios membros das barras - destinadas contra jogadores de futebol, treinadores, funcionários ou árbitros: em termos percentuais essa modalidade de violência representou um 27% do total. No entanto, as barras-bravas foram diretamente responsáveis (segundo a imprensa) em 63% dos casos identificados, seja por lutas entre torcedores rivais tradicionais, brigas com a polícia, ou mesmo entre grupos de diferentes facções como veremos mais a frente. Isto pode indicar que, apesar das barras serem realmente um ator relevante na violência no futebol, existe na Argentina um total de 37% de episódios de diferentes atos (agressões físicas para nossos objetivos de pesquisa) que são ocasionados por outros atores (não-membros das barras): torcedores “comuns”, polícia, jogadores e, inclusive, os próprios dirigentes em algumas ocasiões. Sem incluir a violência verbal, às vezes homofóbica, de parte de representantes da mídia (um objeto que merece uma série de artigos na Argentina), assim

como no Brasil e outros contextos. No caso goiano, por exemplo, a imprensa esportiva apresenta, além de discursos, “piadas” e atitudes homofóbicas, toda uma estrutura de silenciamento da homossexualidade no futebol, por ser considerado um assunto não relevante para coberturas jornalísticas (FERNANDES, 2019). Mas o que é realmente característico do caso argentino é o crescimento de lutas nos últimos 10 anos entre grupos de um mesmo clube, as quais atingiram 24% entre as agressões identificadas para os anos entre 2006 e 2018 (MURZI; SEGURA, 2018: 55). Logicamente, então, esse tipo de conflito foi a principal causa de mortes (51%). A violência entre torcedores rivais, aquela que era a principal preocupação em décadas anteriores, que na maioria dos países europeus tem continuado a ser o problema mais relevante (DUNNING, 2000; GINHOUX, 2016; GLORIZOVA, 2016; TSOUKALA, 2010), da mesma forma do que tem acontecido no Brasil (MURAD, 2017; MURAD, 2013), agora aparece em um estágio secundário na Argentina. Ela representa 19% dos incidentes, mas todavia uma alta porcentagem das mortes: 32%.

No que se refere aos confrontos entre torcedores e policiais na Argentina, 14% dos fatos identificados entram nessa categoria (MURZI; SEGURA, 2019: 56). Além disso, outros tipos de modalidades, embora com menor representação, também constituem formas de violência: destruição de patrimônio (ou seja, carros, lojas ou as próprias instalações dos clubes); agressões entre os “protagonistas” do jogo, isto é, jogadores de futebol envolvidos em batalhas; assim como “trágicos” acidentes, quando os torcedores podem ter caído das arquibancadas, de um trem ou de um ônibus. Seguindo assim com as considerações metodológicas que este trabalho destaca, o trabalho da ONG *Salvemos* continuou com o levantamento de dados a partir do escândalo da final da Taça Libertadores de 2018, após as pedradas que o ônibus dos jogadores do *Boca Juniors* recebeu por parte de torcedores do *River Plate* (não-membros da barra-brava). Contudo, no ano de 2018, N:81 episódios de violências foram identificados pelo levantamento habitual e anual da ONG. A partir desses incidentes, 10 mortes (12%) tiveram relação com brigas por conta do futebol numa escala nacional. Porém, a conclusão foi que só uma das mortes aconteceu no perímetro de um estádio, no jogo da final da *Copa Argentina* entre *Rosario Central* e *Gimnasia Esgrima de la Plata*, no estádio Malvinas

em Mendoza<sup>6</sup>. As estatísticas totais levantadas pela ONG têm indicado os seguintes números:

**Tabela 1: Lista de mortes na Argentina**

Anos	Quantidade de mortes identificadas
1922-2018	332

Fonte: Salvemos al Fútbol.

**Tabela 2: mortes na Argentina entre 2006 e 2018**

Quantidade de mortes identificadas	Média de mortes por ano
110	9

Fonte: (MURZI; SEGURA, 2018) e Salvemos al Fútbol.

Essas estatísticas podem ser comparadas com as mortes identificadas no Brasil por diferentes veículos de imprensa, assim como pelo sociólogo Mauricio Murad:

**Tabela 3: Mortes e futebol no Brasil**

Anos	Quantidade de mortes identificadas
1998-2017	304

Fonte: Lance (2016) e Murad (2017).

A média entre 1998 e 2017 é muito similar a da Argentina, isto é, 9 mortes por ano. No entanto, entre os anos 2009 e 2017, o número de tragédias parece ter tido um aumento:

**Tabela 4: Mortes e futebol no Brasil entre 2009 e 2017**

Quantidade de mortes identificadas	Média de mortes por ano
145	16

Fonte: Guilherme Costa (UOL, Brasil) com dados Murad (2017).

Ora, a população estimada para Argentina era, para o ano 2018, de aproximadamente 45 milhões de habitantes, isto significa que a média de 9 mortes por

<sup>6</sup>Dados coletados por Belén Nassar para as estatísticas internas da ONG (em preparação para um Relatório, *El Plan Bergés 2019* (Presidente da ONG) sobre o diagnóstico da violência no futebol da Argentina e o paradigma da segurança pública dos últimos 35 anos.

ano, por conta ou em relação ao futebol, daria um *ratio* de **0.0000002** (9/45,000,000) entre 2006 e 2017. No Brasil, esse *ratio* daria **0.00000076** (16/208,000,000 aprox) entre 2009 e 2017. Se só considerarmos as mortes (304) por estados entre 1988 e 2016 no solo brasileiro, o “ranking” dos estados mais violentos em relação ao futebol mostra esses número:

**Tabela 5: Estados mais violentos em relação ao futebol entre 1988 e 2016**

Estados	Quantidade de mortes identificadas	Média de mortes por ano
São Paulo	50	(1.8): 2 mortes
Rio Grande do Norte	43	(1.4): uma ou duas por ano
Rio de Janeiro	32	1 morte por ano
Goiás	30	1 morte cada 2 anos aprox.

Fonte: Lance (2016)<sup>7</sup>.

O Ceará segue na lista de registros com 27 mortes e o Pará com 20 fatalidades (FERNANDES, 2017: 49). Como o leitor pode perceber, os cenários nacionais argentino e brasileiro apresentam números similares em termos absolutos. No entanto, as diferenças regionais e contextuais devem ser apontadas em qualquer análise. Na Argentina, as mortes acontecem principalmente na área urbana da Cidade de Buenos Aires e sua periferia, chamada de “Grande Buenos Aires”, como as cidades de Rosario e Santa Fe, somadas a alguns casos mais pontuais em outros estados (províncias) tais como *Córboda*, *Tucumán* ou *Jujuy* (MURZI; SEGURA, 2018). No que se refere a pesquisas específicas, os autores do artigo estão realizando um levantamento desde agosto 2017 no estado de Goiás, em particular na zona metropolitana de Goiânia incluindo as cidades de Aparecida, Senador Canedo e até Trindade. Sendo que os dados apresentados na Tabela anterior mostram 30 mortes até 2016, devemos adicionar pelo menos 9 mortes acontecidas entre 2018 e 2019 para essa área ao redor de Goiânia. Alguns detalhes sobre situações

específicas serão, nesse sentido, comentadas nas próximas seções. Porém, de quê tipo de incidentes estamos falando? Quê tipo de lógicas, interesses e “atores” estão envolvidos? Devemos focarmos só nas mortes? Justamente para não permanecer somente no quadro das mortes e poder refletir sobre diferentes naturezas de agressões no futebol, todas elas geradoras de atmosferas de violência (SODO, 2013), iremos propor uma tipologia baseada na Argentina (SEGURA; MURZI; NASSAR, 2018), para tentar, num segundo plano, discernir alguns paralelos e diferenças para os diversos contextos que existem no futebol do Brasil.

### LUTAS ENTRE PARES: UMA TENDÊNCIA SÓ NA ARGENTINA?

O caso da barra do *River Plate*, nomeada como os Bêbados (*Los Borrachos del Tablón*) pode ilustrar as crescentes lutas internas pelo controle das *hinchadas* na Argentina. Durante a Copa do Mundo de 2006 da FIFA, as principais lideranças dos *Borrachos* foram observadas na televisão incentivando a seleção nas arquibancadas. Esse fenômeno acontece desde a década de 1980, isto é, os *chefes* das barras têm tido a tradição de viajar para as Copas do Mundo, semelhante aos padrões dos *hooligans* ingleses (WILLIAMS; DUNNING; MURPHY, 1984)<sup>8</sup>. Um ano depois, em 2007, um conhecido membro da *Barra* do River, Gonzalo Acro, foi assassinado quando estava saindo da sua academia. Depois de sua morte, a competição para o comando da *Barra* começou a ocorrer como um expandido padrão de disputas em diversas barras argentinas (MURZI, 2019: 175). As grandes barras, e em alguns sentidos as menores também (nos seus contextos locais), representam uma fonte de contatos, posições, rendas por operações e serviços, assim como uma estrutura de empresas clandestinas. Por exemplo, ser membro de uma barra pode ser útil para garantir conexões informais, mas também alguns empregos formais, seja em sindicatos, seja em prefeituras (GARRIGA, 2006; MOREIRA, 2012). Da mesma forma, os papéis, em termos da sociologia de Goffman (1959), que os membros “destacados” de algumas barras têm conseguido “arrumar” vão desde motoristas de políticos ou presidentes de clubes,

<sup>7</sup> <https://www.lance.com.br/futebol-nacional/potiguar-es-paulistas-goianos-cearenses-sao-torcedores-que-mais-morrem-matam-brasil.html> (acesso o 1 de junho de 2016).

<sup>8</sup> A diferença entre as barras argentinas e os *hooligans* britânicos seja talvez que muitas vezes as barras bravas, em particular entre 1982 e 2010 foram apoiadas pelos próprios clubes e até pelos governos em turno.

guarda-costas em eventos e shows, até pessoal de segurança em manifestações políticas e sindicais. Em relação a seus próprios *business*, as barras, em arranjos com a polícia, assumiram durante décadas o controle dos estacionamentos adjacentes ao estádios, inclusive nos espaços públicos das ruas. Através da intimidação, muitas barras foram assumindo também, em alguns casos dentro dos estádios, a venda de alimentos, assim como a comercialização de diversos narcóticos (GARRIGA; MURZI; ROSAS, 2017). À respeito deste último aspecto, foi frequente observar nos estádios de Goiânia, em particular no Serra Dourada durante a pesquisa em andamento<sup>9</sup>, a venda de drogas nas arquibancadas.

Ora, na Argentina, figuras como o Gonzalo Acro demonstraram que várias lideranças não são precisamente figuras marginais na sociedade. Acro, por exemplo, pertencia a um grupo que ocupava espaços do clube, piscinas, academias, campos de vôlei, restaurantes e inclusive alguns deles estavam sobre a folha de pagamento de salários na presidência de José María Aguilar (CARROZA, 2015). Várias lideranças dos *Borrachos*, na época do assassinato de Acro, em particular o grupo vinculado aos salários do clube, costumavam se vestir com estilo e etiqueta, tal como Hobbs e Robin (1991) descreveram ser comum entre líderes de renome no período dourado dos *hooligans* na Inglaterra no final dos anos 1980. A causa do assassinato apontou fortes disputas entre diferentes facções dos *Borrachos* (Murzi, 2011). As agressões continuaram, como esperado, após a morte de Acro em diferentes cenários. Em 2008, duas facções da barra se enfrentaram no estádio do *Velez*. Em 2010, outro torcedor do *River Plate*, Jonathan Waldmeier, morreu depois de um tiro executado por outra facção em seu caminho de ônibus para o estádio.

Na realidade Argentina (MURZI, 2019), a resposta do clubes e das forças de ordem tenderam a reconhecer a facção capaz de se impor pela presença ou pela negociação de acordos com os clubes e (tradicionalmente com a polícia), criando, desta maneira, grupos estabelecidos nas barras e grupos marginais excluídos, em termos da sociologia de Norbert Elias (1997). Esta situação tem sido objeto

de múltiplas disputas, onde os grupos estabelecidos procuram preservar o poder e, aqueles excluídos, a re-conquista do espaço perdido ou pretendido. Como um exemplo, a cafeteria do clube *River Plate* foi tomada em um ataque por uma facção dissidente em 2014, com a intenção de “ensinar uma lição” para a liderança “oficial” dos *Borrachos* na época. A distribuição de benefícios, bem como o prestígio de ocupar um lugar central no estádio, estabelece uma correlação entre as disputas internas nas barras que têm deixado várias mortes nos últimos 10 anos. O ano 2010 foi particularmente trágico, com 10 torcedores mortos como resultado destas brigas internas. Outro caso triste foi o assassinato do jornalista militante do *Racing Club de Avellaneda*, Nicolas Pacheco, que foi encontrado morto na piscina de uma das sedes do clube em janeiro de 2013. Na cena do crime estiveram presentes membros de uma facção aspirante para controlar a barra.

A partir da morte de um hinja (torcedor) membro da barra do *Lanús*, no estádio Único da cidade de la Plata, pela feroz repressão policial em junho de 2013, a resposta de política pública das autoridades provinciais foi a proibição de torcedores visitantes, com a expectativa de que isso poderia reduzir a violência no futebol. Esta questão deve ser analisada a sério no Brasil, onde a tendência nos jogos de clássicos com histórico de violência tem levado à política judicial da torcida única. Na Argentina, tal medida não levou em consideração o aumento dos confrontos entre facções do mesmo time. O escândalo, em maio de 2015, no jogo das oitavas da Copa Libertadores entre *Boca Juniors* e *River Plate*, apesar do fato de não haver torcedores visitantes, grupos dissidentes, pelo suposto intuito de não só de prejudicar os jogadores do *River* com spray de pimenta, levantaram a hipótese do ato ter sido uma provocação para outros grupos de torcedores estabelecidos no poder da Barra do *Boca*, *La Doce*. Cabe apontar que, depois disso, torcedores “comuns” nas plateias elegantes do estádio jogaram garrafas de água contra os jogadores do *River*, os quais se recusaram a continuar a partida. Em clubes menores com características mais suburbanas, a economia clandestina (Muriz, 2019), os laços políticos e as tensões nos bairros podem explicar muito sobre os conflitos entre facções. A lista inclui dramáticos episódios entre torcedores do *Quilmes*, *Almirante Brown*, *Nueva Chicago*, *Ituzaingó*,

<sup>9</sup> Pesquisa liderada pelo autor principal do artigo junto os alunos que participaram nas disciplinas da Pós-Graduação em Sociologia: Luiz Fernandes, Ricardo Junqueira e Flávia Alchuffi, Vitor Gomes, Thaisa Netto, Thiago Almeida e Guilherme Augusto.

*Berazategui*, e o clube *Antonio Guarani Franco*, na província de Misiones, entre muitos outros exemplos. Também vale notar que algumas barras, antigamente inimigas, podem ter acordos para dividir mercados, como o controle do famoso Mercado de la Salada (na Grande Buenos Aires, distrito de Lomas de Zamora) entre grupos vinculados a *Boca Juniors*, *Los Andes*, *Lanús*, *Temperley* e mesmo *River Plate*, em conexão, claro, com autoridades políticas e policiais. Todos estes elementos, podem dar a impressão para o leitor de língua portuguesa que as disputas são só produzidas pelas famosas barras bravas, segundo a visão e a ideologia da mídia dominante na Argentina (MORALES, 2015). No entanto, em abril de 2017, Emmanuel Balbo, um jovem torcedor do *Belgrano de Córdoba*, foi brutalmente agredido no estádio em um jogo com torcida única. Balbo teve uma discussão com outro torcedor por causa de conflitos relacionados com sua família, mas este último começou a acusar falsamente Balbo de ser fã do *Talleres de Córdoba*. Balbo foi jogado para o espaço vazio abaixo de um setor do estádio, sem nenhuma participação da *Barra*, morrendo mais tarde no hospital (SZILFMAN, 2019)<sup>10</sup>.

Mais uma vez, o leitor poderia até pensar que essas disputas estão longe de ser a principal tendência no Brasil. Porém, múltiplos exemplos podem ser encontrados. Na cidade de Goiânia, a torcida do Vila Nova teve, durante anos recentes, duas facções se enfrentando, a Sangue Colorada e a atual e “tradicional” torcida organizada Esquadrão. Houve entre elas uma série de mortes, o que levou a Sangue Colorada a ser extinta. Em abril de 2019, houve um confronto entre torcedores do Palmeiras, que, se não deixou mortos, criou um alerta, assim como acontece entre outras várias torcidas no Brasil.

### CONFRONTOS CLÁSSICOS ENTRE TORCEDORES RIVAIS

A morte de Marcelo Cejas, um torcedor militante (hincha), mas não membro da Barra do *Tigre*, que foi atingido por uma de pedra depois de um ataque da barra do Nueva Chicago em 2007, constitui uma ilustração do ódio e intolerância que muitas vezes

têm se expressado para os rivais considerados como inimigos. O jogo era a definição para a promoção para a Primera División de uma equipe (*Tigre*) ou a sobrevivência do *Chicago* na divisão superior do futebol argentino. Este episódio marcou o início da proibição de visitantes para jogos no *Nacional B* (segunda divisão). Durante aqueles anos de 2006, 2007 e 2008 houve vários confrontos nos *derbies* (clássicos) locais em várias províncias. Esses cenários são ainda, e em geral, os mais problemáticos no Brasil. Em 2008, nesses confrontos entre torcedores inimigos, o clássico *porteño* viu a morte de Rodrigo Silvera, um torcedor do *Huracán*, morto a tiros pela Barra do *San Lorenzo*, próximo ao estádio. Um hincha do *Velez*, Emanuel Alvarez, também foi morto da mesma forma quando os ônibus da hinchada iam para o estádio do *San Lorenzo*, porém, o que as investigações indicaram foi que o disparo partiu da sede social do clube *Huracán*, sendo estes três times inimigos em termos de territórios na cidade de Buenos Aires. Estas disputas envolvem, na prática, o combate e até a morte dos inimigos por questões de “honra” e “reputação” (ARAGÓN, 2007; GARRIGA, 2006; MOREIRA, 2005). Como o leitor pode imaginar, os hinchas organizados adotaram o hábito de resolver suas antigas disputas de combates físicos, “corpo a corpo”, através de armas de fogo. Esta situação, que também é frequente em vários contextos do Brasil, por exemplo em Goiânia, onde entre 2018 e 2019 várias mortes entre torcedores da Força Jovem do Goiás e a Esquadrão do Vila Nova foram “resolvidas” aos tiros. Este tipo de mortes constitui uma faceta quase inédita no contexto europeu, onde a “honra” do hooligans se disputa pela dominação da batalha física (WILLIAMS; DUNNING, MURPHY, 1984; NEWSON, 2017).

Foi nesse sentido que a proibição do público visitante, o equivalente das torcidas únicas no Brasil, foi implementada como um almejado meio para evitar os distúrbios urbanos nos dias de jogos na Argentina em todas as categorias profissionais desde o ano 2013. No entanto, os embates ferozes nos bairros foram se intensificando entre torcidas rivais. A cidade de *Rosario* constitui um exemplo de repetidos confrontos entre torcedores do *Newell's* e do *Rosario Central*. A título de ilustração, um grupo de torcedores do *Newell's* foi atacado a tiros em dezembro de 2013 quando estava saindo da cidade logo depois de um

<sup>10</sup> <https://www.laizquierdadiario.com/Justicia-en-el-caso-Balbo> (acesso o 7 de junho de 2019).

jogo com torcida única por dois torcedores do *Rosario* numa motocicleta. Os torcedores Leonardo Boladian e Walter Palacio foram mortos, uma mulher e sua filha de sete anos foram seriamente feridas<sup>11</sup>. Diferentes tentativas para permitir ambas torcidas nos jogos desde o início de 2017 têm demonstrado que a questão não se trata de só pedir para os torcedores não brigar, mas também de considerar a brutalidade policial como um fator de violência. Várias cenas de agressões da polícia contra torcedores foram identificadas nos levantamentos de fatos que realiza a ONG *Salvemos* (MURZI; SEGURA, 2018). Esta questão merece uma comparação mais detalhada com as diferentes Polícias Militares no Brasil e suas formas de lidar com os torcedores.

### CONFRONTOS COM A POLÍCIA: OUTRA FORMA DE VIOLÊNCIA

Os confrontos entre hinchas e a polícia têm constituído um fato histórico no futebol da Argentina (ARCHETTI; ROMERO, 1994), assim como uma fonte de mortes até 2019, mesmo que a tendência tenha diminuído nos últimos 10 anos (MURZI; ULIANA; SUSTAS, 2015; MURZI; SEGURA, 2018). Desde a década de 1930, as formas de abordagens policiais têm provocado frequentes agressões contra os torcedores. Basta, para o leitor, revisar os trabalhos já publicados por Alabarces (2004), Galvani e Palma (2005) ou do antropólogo brasileiro Renso Taddei (2016), que passou um ano na Argentina observando diferentes aspectos do futebol, entre eles como a gestão policial. Neste clima, os jogos de alto risco envolvem o pagamento de horas extras, assim como o desenvolvimento das mais sofisticadas operações de controle do público (ULIANA; GODIO, 2013). Cenários de brutalidade contra a polícia também têm marcado o histórico dos incidentes. Na localidade de *Laferrere*, cujo clube transita entre a terceira e a quarta divisão do futebol argentino, um grupo de policiais foi atacado em março de 2015, quando tentaram evitar que aproximadamente 200 torcedores do time entrassem no estádio sem ingressos. Dois policiais foram severamente feridos, até o ponto de ser necessário o resgate através de um helicóptero.

<sup>11</sup> A ONG *Salvemos*, através de seu presidente, Mariano Bergés, deu apoio legal para as vítimas. Um dos agressores, aquele que atirou, foi condenado em 2017 a 30 anos na prisão.

A gestão do Estado Argentino, colocada em prática após a eleição presidencial de 2015, se caracterizou por um programa nacional chamado Estádio Seguro, cujo princípio foi realizar uma revista eletrônica dos torcedores e impedir o ingresso de qualquer pessoa com antecedentes penais (não unicamente no âmbito do futebol) e tentar “limpar” das arquibancadas os indivíduos indesejados para a “sociedade” do futebol (MURZI, 2019). Na jurisdição da província de Buenos Aires, a maior da Argentina, aquela que representa o maior número de deslocamento de torcedores a cada semana, foi também implementado um programa de “tolerância zero” para os grupos de barras bravas, considerados pelo responsável da gestão como delinquentes a serem expulsos e interditados. Na realidade, a política resultou na proibição de vários grupos e, sobretudo, no maltrato geral dos torcedores pela polícia. Em termos de pesquisa acadêmica, muitas vezes é difícil esclarecer os fatos quando os excessos são cometidos pelos agentes do Estado, mais ainda quando a mídia corporativa não tende à reportá-los como episódios de violência contra os torcedores (SEGURA; MURZI; NASSAR, 2018: 11). Intuímos que a mesma dificuldade se apresenta para as pesquisas independentes realizadas no Brasil. Finalmene, existe um fator adicional que contribui para a criação de ambientes de violência: as agressões entre os protagonistas do jogo, o que inclui os incidentes que ocorrem nas categorias de base com bastante frequência.

### AGRESSÕES CONTRA E ENTRE OS PROTAGONISTAS DO JOGO

As agressão contra jogadores e árbitros têm sido frequentes no futebol da Argentina desde o início do século XX (FRYDEMBERG, 2012). A questão hoje é: quem executa tais atos? A resposta não é simples. Se analisarmos episódios recentes, nos deparamos com um cenário complexo de “atores” e de diversas situações. Em 2011, por exemplo, membros da Barra do *River Plate* entraram no campo de jogo em uma partida chave para evitar o rebaixamento do time com o objetivo de intimidar seus próprios jogadores. Uma semana mais tarde, membros do mesmo grupo tentou atacar o árbitro, quando o clube foi inevitavelmente rebaixado para a 2ª divisão (MURZI, 2011). Na verdade, vários jogadores de futebol e árbitros foram

atacados durante estes anos de estudo e levantamentos da ONG *Salvemos* (2006 e 2018): a lista inclui mais de 35 clubes onde fatos desta natureza aconteceram. Javier Cantero, presidente do *Independiente de Avellanada* (2011-2014), que abertamente desafiou os interesses da Barra, foi constantemente ameaçado e, inclusive, agredido fisicamente (CANTERO, 2014). Em outubro de 2013, a presidente do clube *Yupanqui* (5ª divisão), Lilian Machado, teve que se esconder em um escritório e esperar a polícia chegar quando um grupo da Barra tentou atacá-la. Esse tipo de ameaças também têm afetado vários treinadores e jogadores. Como parte dos privilégios adquiridos pelas barras, qualquer ameaça para suas posições em seu campo de poder (BOURDIEU, 1981) pode levar a ameaças e agressões para defender suas posições. No entanto, como temos colocado ênfase desde o início, as barras não são os únicos atores na produção de violência. Em 2015, Matías Fritzler, jogador do *Lanús*, foi atacado por um torcedor “comum” no momento em que falava com a imprensa depois de uma derrota. Vários cenários de “violência espontânea” (WALGRAVE; LIMBERGEN, 1988) também foram registrados em ligas regionais nos anos estudados (2006-2018). Os fatos foram essencialmente similares: um cartão vermelho, um pênalti ou uma derrota que desencadeou brigas entre torcedores e/ou jogadores. Em 2013, na Liga regional da província de La Rioja, o jogador Franco Nieto foi atingido por uma pedra e morreu minutos depois. A capacidade das forças policiais, além de insuficientes, muitas vezes entram em ação não para conter os conflitos, mas suas ações agressivas aumentam a raiva dos envolvidos.

As brigas coletivas de jogadores nos campos têm sido uma constante em diferentes categorias de futebol. No verão de 2016, por exemplo, o jogo entre *Gimnasia e Estudiantes de la Plata*, na cidade de Mar del Plata, precisou ser suspenso por uma rixa entre jogadores. Estes episódios se mostram com certa regularidade nos jogos de categorias de base tanto na Argentina quanto no Brasil. Em Goiânia, um jogo sub-20 entre dois times da cidade provocou, em 2018, uma série de cenas violentas entre jogadores que circularam na televisão. Este aspecto mereceria em si um estudo inteiro dedicado à avaliação dos fatores que entram em jogo nas brigas, algumas “espontâneas”, certamente por conta de situações tensas nas partidas, outras provocadas pelos torcedores nas arquibancadas,

ou pelos jogadores que trocam insultos com eles. Nesse clima, são as vezes os próprios parentes dos protagonistas que incitam à agressões. Na Argentina, Emiliano Monti, um goleiro de uma liga regional da província de *Córdoba*, perdeu sua vida em novembro de 2013 depois de um espancamento brutal por seus adversários em julho do mesmo ano. Em setembro de 2015, Matias Minanfra, um jovem jogador do *All Boys* (16 anos de idade) do foi atingido com uma pedra, como consequência de uma batalha em massa com os jogadores do *Chacarita*, seus familiares e “amigos” na arquibancada. Em março de 2017, Fernando Pereiras, um treinador de futebol de salão, morreu em um hospital em Buenos Aires depois de ter sido agredido pelo tio de um jogador rival. Nestes confrontos, o levantamento da *Salvemos* tem registrado situações onde alguns membros das barras se apresentaram nas cenas de combate junto com jogadores ou membros da família (sendo alguns deles, lógico, pais dos garotos no campo (SEGURA; MURZI; NASSAR, 2018: 13)). Como podemos inferir a partir de todos estes cenários complexos, a violência, nos seus diferentes níveis no futebol, não é uma exclusividade de um determinado grupo. Em outros termos, não é propriedade das barras ou das torcidas organizadas, como se pensa na maioria dos estúdios de televisão, rádio e imprensa na Argentina e no Brasil.

### ALGUMAS REFLEXÕES ENTRE A ARGENTINA E O BRASIL

Em primeiro lugar, o fato de refletir sobre o clima geral de violência que envolve o futebol da Argentina, além da espetacular atmosfera, a estética, os cantos e o apoio dos hinchas, reveste também um alto grau de agressividade masculina. Isso, da mesma forma que Eric Dunning e seus colaboradores sublinharam para a época dos hooligans na Inglaterra (DUNNING; MURPHY; WILLIAMS, 1986) como um ambiente de hiper-masculinidade prevalecente tanto dentro quanto fora do campo por décadas (AWARDS; WILLIAMS: 2009). Essa situação ligada a uma masculinidade dominante (FERNANDES, 2019) foi observada entre 2017 e 2019 nos estádios de Goiânia, no Brasil<sup>12</sup>. A partir daqueles quadros de mortes identificados pelos

<sup>12</sup> Sugerimos esta hipótese também para explorar outros contextos regionais nos estados, capitais e cidades do Brasil.

pesquisadores Archetti e Romero (1994), quando os núcleos duros das barras e a estrutura violenta do futebol argentino tomou suas raízes, outros estudos, posteriores, têm encontrado diferentes e variantes características no decorrer do século XXI. Quanto aos membros das barras, embora eles sejam considerados como sujeitos marginais pelos meios de comunicação e pelas políticas públicas (GARRIGA, 2006), sua capacidade para se adaptar aos clubes, sindicatos e até às lógicas dos partidos políticos na Argentina (BERGES, 2015; D'ANGELO, 2012; CANTERO, 2014; GARRIGA, 2013; MOREIRA, 2012; MURZI, 2011; 2019) demonstra que os enredos da violência na Argentina vão bem além do espaço social (BOURDIEU, 1981) do futebol. Para o leitor de língua portuguesa, talvez chegue até a surpreender o fato que o único jornal nacional dedicado ao esporte (sobretudo ao futebol masculino), *Olé*, apresente uma seção fixa dedicada às “barras bravas”. Porém, os dados ali detalhados nem sempre constituem incidentes violentos, mas apenas atividades ordinárias de uma barra brava, o que permite ver, ao pesquisador em ciências sociais, que para uma importante parte da imprensa existe uma relação automática entre os termos “barras bravas” e “violência”.

Ora, no que se refere as hipóteses acima propostas, podemos inferir, no entanto, que o uso da violência física, a qual pode por vezes resultar em mortes, têm mudado de formas e tendências a respeito do que prevalecia entre as décadas de 1950 e o final dos anos 1990, particularmente na Argentina. O crescimento de conflitos intra-faccionários dentro de uma mesma arquibancada representa, hoje, o principal número de incidentes fatais. O “maior” inimigo, ou “outro”, já não se situa sempre no lado oposto, especialmente quando a política pública de torcida única tem, sob a ótica destas reflexões, incentivado os conflitos internos nos diferentes grupos que procuram ocupar posições. Este fato social, que não pode ser negado, reforça a segunda hipótese proposta e se insere na linha de estudos que indica que a forma de lidar com o futebol e a segurança precisa ser reconsiderada há anos (ALABARCES, 2004; ARAGÓN, 2007; GALVANI; PALMA, 2005; GARRIGA; MURZI; ROSAS, 2017; MURZI, 2014; SAIN; RODRÍGUEZ, 2014; SEGURA; MURZI, 2015; ULIANA E GODIO, 2013). Como o pesquisador brasileiro Taddei (2016)

afirma, existe um estado geral de neurose entre polícia e torcedores na Argentina.

Porém, apesar do número significativo de episódios identificados longe dos estádios, não podemos sustentar a terceira hipótese. Vários confrontos brutais entre torcedores da mesma arquibancada foram resolvidos no interior do estádio. Igualmente preocupante, as agressões coletivas que envolvem outros atores, isto é, não-membros das barras, são muitas vezes desencadeadas devido à divergências sobre decisões e resultados esportivos. Estes episódios pressupõem que o fator do desempenho não deve ser abandonado como uma das explicações da violência. Precisamos, em tal sentido, distinguir duas características: quando torcedores atacam fisicamente, intimidam ou jogam objetos contra jogadores ou qualquer figura de autoridade, por um lado, e outros cenários que atraíam brigas entre os jogadores e seus familiares. Em suma, e ao contrário da interpretação hegemônica dos meios de comunicação social que considera as barras como o “câncer” a ser extirpado na Argentina, uma das conclusões deste trabalho é que diferentes formas de violência são também cometidas por outros atores. Não existe um setor ou grupo violento *per se* por um lado, e uma sociedade “puritana”, “não-violenta”, por outro. Por conseguinte, as vítimas e o contexto de suas vidas constituem uma outra dimensão que requer mais atenção. É claro que no presente trabalho temos analisado apenas partes de um problema complexo. No futuro, é necessário discernir diferentes quadros, sugerir novas hipóteses e recolher dados tanto para o contexto argentino quanto para o brasileiro. Outros padrões a serem identificados podem sugerir novos elementos representativos.

Na Argentina, o futebol faz parte de uma história importante para a cultura popular e para os interesses de certas elites (PALOMINO; SCHER, 1988). A sua violência não é um fenômeno homogêneo, considerando que existem uma variedade de situações e diferentes *modus operandi*. De acordo com Aragón (2017), o microcosmo das barras também reflete lógicas neoliberais econômicas que tem prevalecido ao longo de décadas no país. Num contexto onde a sobrevivência é um desafio com base em méritos individuais, e muitas vezes anti-éticos, a competição exacerbada entre os grupos e as lideranças da mesma arquibancada pode ser apenas uma reprodução mais

ampla de características econômicas, políticas e sociais da vida cotidiana. O leitor deve lembrar que quando os escândalos de corrupção no seio da FIFA explodiram em 2015, vários indivíduos e empresas envolvidas operavam em conexões com a Argentina e com o Brasil. Portanto, existem outros problemas que merecem atenção, tais como as possíveis relações corporativas e corrupção no futebol. Os grandes meios de comunicação parecem haver descoberto estes indivíduos e empresas, que por anos foram seus parceiros comerciais e pessoas “VIP”.

Apesar da neurótica atenção da mídia em incidentes que envolvem torcedores, e isto vale mais uma vez tanto para Argentina quanto para o Brasil, talvez esteja chegando a hora para dar maior voz ao público que frequenta os estádios. Novas associações civis têm se criado nos dois países. No Brasil, a experiência da Associação Nacional de Torcidas Organizadas (ANATORG) apareceu como uma novidade e uma tentativa de diálogo, entre as organizadas e as autoridades (SEGURA; TEIXEIRA, 2016; TEIXEIRA, 2018). Na Argentina, surgiu em 2016 a *Coordinadora de Hinchas*, um coletivo que busca defender os direitos dos hinchas frente as novas medidas repressivas e as tentativas de privatizar os clubes, sendo que estes são na Argentina, na maioria dos casos, associações civis. Ficam vários temas pendentes, como a homofobia no futebol e a possibilidade de criar espaços mistos nos estádios entre torcedores rivais, como se faz nos jogos entre Grêmio e o Inter de Porto Alegre. Aprender com os sucessos de outros países, embora os contextos sejam diferentes, também pode dar uma maior imaginação aos assuntos de gestão da segurança. Existem trabalhos que tem analisado o enfoque britânico e o belga (SEGURA; MURZI, 2015), assim como estudos em português que examinam a experiência de políticas públicas na Alemanha (TEIXEIRA; LOPES; 2018). Devemos, talvez, ver da mesma forma o que acontece em países latinoamericanos como a Colômbia (VILLANUEVA, 2013). Através de pesquisas nas ciências sociais acreditamos que existem ferramentas disponíveis e estímulos para discussões mais profundas sobre políticas públicas assim como para o debate midiático. Cabe nos perguntar se existe um verdadeiro interesse dos atores que desenvolvem as políticas públicas, assim como de aqueles geradores de “opinião pública”, para dialogar com as ciências

sociais. Os autores deste texto acham que a criação de pontes de diálogo com esses atores é fundamental para reduzir a violência no futebol. A última reflexão, sobre a qual os autores deste texto estão trabalhando para artigos futuros, tem a ver com os compromissos dos próprios clubes com seus torcedores e, em termos mais gerais, com seus bairros e comunidades. Nesse sentido, temos muito a aprender com os *Community Programs* na Inglaterra. Este assunto será o objeto de posteriores publicações como resultado de uma pesquisa em andamento no seio de alguns clubes ingleses, em particular o *Sheffield United* e o *Leicester City*<sup>13</sup>.

## REFERÊNCIAS

- ALABARCES, PABLO. **Crónicas del Aguante. Fútbol, violencia y política**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2004.
- ALABARCES, PABLO. La violencia, la academia y el fracaso. In: GARRIGA, JOSÉ. **Violencia en el Fútbol**. Buenos Aires, Argentina: Godot, p. 21-38, 2013.
- ARAGON, SILVIO. **Los trapos se ganan en combate**. Buenos Aires: Antropofagia, 2007.
- ARAGON, SILVIO. Neoliberalismo, construção de novas subjetividades e violência do futebol argentino. In: RODRIGUEZ, ONESIMO; HOLLANDA, BERNARDO. **Torcidas Organizadas na América Latina**. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 65-75, 2017.
- ARCHETTI, EDUARDO. Fútbol y Ethos. Monografías e Informes de Investigación, Buenos Aires: FLACSO, No.7, 1985
- ARCHETTI, EDUARDO. Argentinian Soccer: A ritual of violence? In: **The International Journal of the History of Sport**, 1992, Vol.9, No. 2, p. 209-232.
- ARCHETTI, EDUARDO. **Masculinities: Soccer, Polo and Tango in Argentina**. Grand Rapids, MI: Berg, 1999.
- ARCHETTI, EDUARDO; ROMERO, AMÍLCAR. Death and violence in Argentinian football. In: GIULIANOTTI, RICHARD; BOONEY, NORMAN; HEPWORTH, MIKE (Eds.). In: **Football, Violence and Social Identity**. Londres: Routledge, 1994.
- ARMSTRONG, GARY; HARRIS, ROSEMARY. Soccer hooligans. In: **Theory and evidence. Sociological Review**, 1991, Vol. 39, No. 3, p. 427-567.

<sup>13</sup> Pesquisa em andamento em parceria entre Fernando Segura, David Wood (Universidade de Sheffield) e John Williams (Universidade de Leicester) em andamento entre setembro 2018 e novembro 2019.

- BARNADE, OSCAR; IGLESIAS, WALDEMAR. **Mitos y Creencias en el Fútbol Argentino**. Buenos Aires, Argentina: Arco, 2006.
- BERGES, MARIANO. Sobre el Rafa Di Zeo, Mauricio Macri y la 12. In: MONICA, NIZZARDO; MARIANO, BERGES. **Salvemos al Fútbol**. Buenos Aires: Dunken, 2015.
- BOURDIEU, PIERRE. Comment peut-être sportif? In : **Question de Sociologie**. Paris, La Découverte, 1981.
- BRAUN, ROBERT; Vliegenthart, RENS. The Contentious fans: The impact of repression, media coverage, grievance and aggressive play on supporters' violence. **International Sociology**, 2008, No. 23, p. 796-818.
- BUNDIO, JAVIER. Redes negativas: el pequeño mundo de las hinchadas. In: **Redes**, 2013, Vol.24, No. 2, p. 109-134.
- BUNDIO, JAVIER. Un análisis del contenido y la melodía de los cantos de cancha desde sus orígenes hasta las tendencias actuales. In: LEVORATTI, ALEJO, MOREIRA, VÉRONICA. (Eds.), **Deporte, Cultura y Sociedad. Estudios socio-antropológicos en Argentina**. Buenos Aires: Ediciones Godot, 2016.
- CABRERA, NICOLAS. De corporalidades masculinas, aguantadoras y populares. Violencia, identidad y poder en la hinchada del Club Atlético Belgrano. In: GARRIGA, JOSÉ. **Violencia en el Fútbol**. Buenos Aires: Godot, 2013.
- CANTERO, JAVIER. **Contra el Sistema: El Lado Oscuro del Fútbol**. Buenos Aires: Planeta 2014.
- CARRION, FERNANDO. Violencia en el fútbol: razones de una sinrazón. In: CARRION, FERNANDO; RODRIGUEZ, MARIA JOSÉ. **Luchas urbanas Alrededor del Fútbol**. Quito: 5ta Avenida Editores, 2013.
- CARROZZA, PABLO. **“Yo no soy como esos”: Negocios, Traiciones y Muerte en la Barra de River**. Buenos Aires: Planeta, 2015.
- CASTRO, JOHN ALEXANDER. El Carnaval y el combate hacen el aguante en una barra brava. **Revista Colombiana de Sociología**, 2013, V.33, No. 1, p. 77-92,
- CHAPIETTA, JULIO. Esa madre, esas luchas. In: MONICA, NIZZARDO; MARIANO, BERGES. **Salvemos al Fútbol**. Buenos Aires: Dunken, 2015.
- COMERON, MANUEL. **The Prevention of Violence in Sport. Strasbourg: Council of Europe**. 2002.
- CONDE, MARIANA. La invención del hincha en la prensa deportiva. In: ALABARCES, PABLO. **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo, 2005.
- CZESLI, FREDERICO. Apuntes sobre la identidad en la hinchada de Platense. In: GARRIGA, JOSÉ. **Violencia en el fútbol**. Buenos Aires: Godot, 2013.
- D'ANGELO, NATALIA. La nueva conflictividad en las barras bravas en Argentina: una lectura a la luz de la teoría de redes. In: **Revista de Investigación Social**, 2012, Vol.8, No. 13, p. 55-75.
- DEL FRADE, CARLOS. **Central, Ñuls: La Ciudad Goleada. Fútbol, lavado de dinero y poder**. Tomo II. Rosario: Último Recurso, 2008.
- DUKE, VIC; CROLLEY, LIZ. Fútbol, politicians and the people: Populism and politics in Argentina. In: **The International Journal of the History of Sport**, 2011, Vol.18, No. 3, p. 93-116.
- DUNNING, ERIC. Towards an Understanding of Football Hooliganism as World Phenomenon. In: **The European Journal on Criminal Policy and Research**, 2000, Vol.8. No. 2, p. 141-162.
- DUNNING, ERIC; MURPHY, PATRICK; WILLIAMS, JOHN. Spectator violence at soccer matches: Towards a sociological explanation. In: ELIAS, NOBERT; DUNNING, ERIC. **Quest for Excitement**. Oxford: Blackwell, 1986.
- EHREMBER, ALAIN. **Le culte de la Performance**. Paris: Hachette, 1991.
- ELIAS, NORBERT; SCOTSON, JOHN. **Les Logiques de l'Exclusion : Enquete sociologique au coeur des problèmes d'une communauté**, Paris : Fayard, 1997.
- FERNANDES LEME, LUIZ. **O Preconceito Dentro e Fora das Quatro Linhas: O Papel dos Jornalistas Goianos**. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, 2019.
- FRYDEMBERG, JULIO. **Historia social del fútbol en Argentina**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2012.
- GAFFNEY, CRISTOPHER. Stadiums and society in twenty-first century Buenos Aires. In: **Soccer & Society**, 2009, Vol.10, No. 2, p. 160-182.
- GALVANI, MARIANA; PALMA, JAVIER. La hinchada de uniforme. In: ALABARCES, PABLO. **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo, 2005.
- GANDARA, LELIA. **Las voces del fútbol: análisis del discurso y cantos de cancha**: EFDeportes, 1997, p. 1-20.
- GARRIGA, JOSÉ. **Haciendo amigos a las piñas: violencia y redes sociales en una hinchada de fútbol**. Buenos Aires: Prometeo, 2006.
- GARRIGA, JOSÉ. Cartografías de la(s) violencia(s). In: GARRIGA, JOSÉ. **Violencia en el fútbol: investigaciones sociales y fracasos políticos**. Buenos Aires: Godot, 2013.
- GARRIGA, JOSÉ; DIEGO, MURZI; ROSA, SEBASTIÁN. **Enemigos Íntimos**. Anfibia (online), Junho 2017.
- GIL, GASTON. **Hinchas en tránsito**. Mar del Plata: EUDEM, 2007.

- GINHOX, BERANGERE. « Liberté pour les Ultras »: analyse sociologique des réseaux. In: BUSSET, THOMAS; GASPARINI, WILLIAMS (Eds.). **Aux Frontières du Football et du Politique**. Berna: Peter Lang, 2016.
- GLORIZOVA, EKATERINA. Soutenir et contester: les thèmes supportéristes comme vecteurs de politisation en Russie. In: BUSSET, THOMAS; GASPARINI, WILLIAMS (Eds.). **Aux Frontières du Football et du Politique**. Berna: Peter Lang, 2016
- GODIO, MATÍAS; ULIANA, SANTIAGO. Aportes para una nueva experiencia de la seguridad en los estadios del fútbol argentino. In: **Revista Brasileira de Tecnologias Sociais**, 2016, Vol.3, No. 1, p. 71-82.
- GOFFMAN, ERVING. **The Presentation of the Self in Everyday Life**. New York: Anchor, 1959
- HOBBS, DICK; ROBINS, DAVID. The boy done good: Soccer violence, changes and continuities. In: **Sociological Review**, 1991, Vol.39, No. 3, p. 551-579.
- HOLLANDA, BERNANDO, **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.
- HOLLANDA, BERNARDO. Torcidas, hinchadas e barras: A problemática torcedora em escala continental. In: RODRIGUEZ, ONESIMO; HOLLANDA, Bernardo. **Torcidas Organizadas na América Latina**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.
- INGHAM, ROGER. **Soccer Hooliganism**. London: Inter-Action Imprint, 1978.
- KERR, JOHN. **UNDERSTANDING HOOLIGANISM**. Bristol: Open University Press, 1994.
- LEVINSKY, SERGIO. **AFA: El Fútbol Pasa, Los Negocios Quedan**. Buenos Aires: Aatoria, 2016.
- MARSH, PETER. **Aggro: The Illusion of Violence**. London: Dent., 1978.
- MIGNON, PATRICK. **La Passion du Football**. Paris: Odile Jacob, 1998.
- MORALES, VICTOR HUGO. **El Rebenque del Diablo**. Buenos Aires: Colihue, 2015.
- MOREIRA, VERÓNICA. Trofeos de guerra y hombres de honor. In: ALABARCES, PABLO. **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo, 2005.
- MOREIRA, VERÓNICA. Juego electoral y relaciones políticas en el fútbol argentino. In: **Questões & Debates**, 2012, No.57, p. 127-149.
- MURAD, MAURICIO. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. In: **Revista UPS**, 2013, No. 99, p. 139-152.
- MURAD, MAURICIO. **A Violência no Futebol**, São Paulo: Benvirá, 2017.
- MURZI, DIEGO. **Hooligan or business man? Portrait des supporters de football violents en Argentine**. Mémoire de master II – Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 2011.
- MURZI, DIEGO. **Fútbol, Violencia y Estado: Un Estudio sobre las Políticas Públicas de Seguridad Deportiva en Argentina (2006 -2017)**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade de Buenos Aires, 2019.
- MURZI, DIEGO; SEGURA, FERNANDO. Violences dans les stades en Argentine: la place des «barras-bravas» et la réaction citoyenne. In: BUSSET, THOMAS; BESSON, ROGER; JACCOUD, CHRISTOPHE (Eds.). **L'autre visage du supportérisme**. Berna: Peter Lang, 2014.
- MURZI, DIEGO; SUSTAS, SEBASTIÁN; ULIANA, SANTIAGO. La violencia en el fútbol desde las ciencias sociales. In: NIZZARDO, MÓNICA; BERGES, MARIANO (Eds.). **Salvemos al Fútbol**. Buenos Aires: Dunken, 2015.
- MURZI DIEGO; SEGURA FERNANDO. Hacia un Mapa de las “Violencias en el Fútbol”: Actores, Dinámicas, Respuestas Públicas y Desafíos en el Caso de Argentina. In: **Revista de Gestión Pública**, 2018, Vol.7, No. 1, p. 43-75.
- NIZZARDO, MÓNICA; BERGES, MARIANO. **Salvemos al Fútbol: 10 años de vida**. Buenos Aires: Dunken, 2015.
- NEWSON, MARTHA. Football, Fan Violence and Identity Fusion. In: **The International Review for the Sociology of Sport**, 2017, On-Line-First, 1-14.
- PALOMINO, HECTOR; SCHER, ARIEL. **Fútbol, pasión de elites y multitudes: estudio institucional de la Asociación de Fútbol Argentino (1934-1986)**. Buenos Aires: CISEA, 1988.
- PARRISH, CHARLES; NAURIGHT, JOHN. Fútbol cantitos: Negotiating masculinity in Argentina. In: **Soccer & Society**, 2013, Vol.14, No. 1, p. 1-19.
- REDHEAD, STEVE. Some reflections on discourses on soccer hooliganism. In: **Sociological Review**, 1991, Vol.30, No. 3, p. 480-486.
- ROMEO, AMÍLCAR. **Deporte, violencia y política**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.
- ROMERO, AMÍLCAR. **Muerte en la Cancha**. Buenos Aires: Editorial Nueva América, 1986.
- ROMERO, AMÍLCAR. **Las Barras Bravas y la Contrasociedad Deportiva**. Buenos Aires: Editorial Nueva América, 1994.
- SAIN, MARCELO; RODRÍGUEZ, NICOLÁS. Los actores y la seguridad en el fútbol. In: CARRIÓN, FERNANDO; RODRÍGUEZ, MARIA JOSÉ. **Luchas Urbanas Alrededor del Fútbol**. Quito: 5ta. Avenida Editores, 2014.
- SEGURA, FERNANDO. Ritualización y mercantilización de la violencia en el fútbol: elementos comunes y diferencias

- entre las barras de Argentina y México. In.: **Documento de trabajo DAP**, (CIDE, DAP), 2013, No.267, p. 1-47.
- SEGURA, FERNANDO; MURZI, DIEGO. ¿Gestión de la violencia en el fútbol? Perspectivas críticas sobre Inglaterra y Bélgica. In: **Revista de Gestión Pública**, 2015, Vol.4, No. 1, p. 65-106.
- SEGURA, FERNANDO; MURZI, DIEGO; YOSHIDA, LAURA. Entre a Violência e a Festa Popular no Futebol da Argentina. In: **Publicatio Ciências Sociais**, 2017, Vol.25, No. 2, p. 163-173.
- SEGURA, FERNANDO; MURZI, DIEGO; NASSAR, BELEN. Violence and Death in the Argentinean Soccer. In: **The International Review for the Sociology of Sport**, 2018, On-Line-First, 1-18.
- SODO, JUAN. De la violencia a los ambientes de violencia: entre el doble discurso de los hinchas y el doble reduccionismo mediático. In.: GARRIGA, JOSÉ (Ed.). **Violencia en el fútbol**. Buenos Aires: Godot, 2013.
- SPAAIJ, RAMON. **Understanding Soccer Hooliganism**. Amsterdam, The Netherlands: Amsterdam University Press. 2016.
- STOTT, CLIFFOR; ADANG, OTTO; LIVINSTON, ANDREW; SCHREIBER, MARTINA. Tackling Football Hooliganism: A Quantitative Study of Public Order, Policing and Crowd Psychology. In: **Psychology, Public Policy and Law**, 2008, Vol.14, No. 2, p.115-141.
- SUSTAS, SEBASTIAN. Las violencias sentenciadas. In: GARRIGA, JOSÉ. **Violencia en el Fútbol**. Buenos Aires: Godot, 2013.
- SZLIFMAN, JAVIER. **La Fiesta Que No Fue. Un Análisis Sobre Los Medios De Comunicación Y La Violencia En El Fútbol Argentino**. Buenos Aires: EFDeportes, 2010.
- TADDEI, RENZO. La invención de la violencia (de las hinchadas de Buenos Aires). **Antípoda, Revista de Antropología y Arqueología**, 2016, No. 24, p. 15-33.
- TEIXEIRA, ROSANA. Os Perigos da Paixão: Visitando Torcidas Jovens Cariocas. São Paulo, Annablume, 2004.
- TEIXEIRA, ROSANA; LOPES, FELIPE. Reflexões sobre o Projeto Torcedor Alemão. In: **Revista de Antropologia São Paulo**, 2018, Vol.61, No. 3, p. 130-161.
- TAYLOR, IAN. Football Mad – Speculative Sociology of Soccer Hooliganism. In.: DUNNING, ERIC (Ed.). **The Sociology of Sport: A Selection of Readings**. Londres: Cass, 1971.
- TSOUKAKA, ANASTASSIA. **Hooliganisme en Europe**. Paris: Athena, 2010.
- ULIANA, SANTIAGO; GODIO, MATÍAS. Separar, dividir y mortificar. In: GARRIGA, JOSÉ (Ed.). **Violencia en el fútbol**. Buenos Aires: Godot, 2013.
- VILLANUEVA, ALEJANDRO. Aspectos Legales, Jurídicos y Normativos en las Barras Futboleras en Bogotá y Colombia. In: GARRIGA, JOSÉ. **Violencia en el Fútbol**. Buenos Aires: Godot, 2013.
- WALGRAVE, LODE; LIMBERGEN, KRIS. Le hooliganisme belge. **Revue Interdisciplinaire d'Études Juridiques**, 1988. No Spécial: p. 7-31.
- WARD, ANDREW; WILLIAMS, JOHN. **Football Nation: Sixty Years of the Beautiful Game**. Londres: Bloosbury, 2009
- WIEVORKA, MICHEL. Préface. In: ELIAS, NORBERT; SCOTSON, JOHN. **Les Logiques de l'Exclusion : Enquete sociologique au coeur des problèmes d'une communauté**, Paris : Fayard, 1997.
- WILLIAMS, JOHN; DUNNING, ERIC; MURPHY, PATRICK. **Hooligans Abroad**. London: Routledge, 1984.
- ZALUAR, ALBA; MONTEIRO, RODRIGO. **Torcer, Lutar, O Inimigo Masscrar: Raça Rubro-Negra!** Rio de Janeiro: FGV, 2013.

## GÊNERO, FUTEBOL E ESPORTES: A SORORIDADE COMO COMPONENTE NECESSÁRIO PARA O EMPODERAMENTO FEMININO

### GENDER, SOCCER AND SPORTS: THE SORORITY AS AN ESSENTIAL ELEMENT TO FEMALE EMPOWERMENT

Edina Schimanski\*

#### RESUMO

O presente texto discute a relação entre gênero, futebol e esporte como elemento fundamental no processo de rompimento dos preconceitos sociais e desigualdades no que concerne a participação feminina em práticas esportivas. Ressalta-se a necessidade de incorporar na construção da relação entre gênero e esporte a ideia de sororidade (*latim soror*) e empoderamento para assim vencer os mecanismos e evidências que historicamente são delineados na relação que se estabelece no cotidiano social, os quais produzem discriminação e desigualdade para a mulher.

**Palavras-chave:** Gênero; Futebol; Sororidade.

#### ABSTRACT

This issue discusses about the relation between gender, soccer and sports as an essential element towards breaking down social prejudices e inequalities in relation to female participation in the sportive practices. Thus, it is important to add in the social construction between gender and sports the notion of sorority (*latin soror*) and empowerment in order to discontinue the historical evidences which produces discrimination and inequalities in relation to women and sports.

**Keywords:** Gender; Soccer; Sorority.

---

\* Professora dos Programas de Pós Graduação em Ciências Sociais Aplicadas e Programa Pós Graduação Educação Inclusiva (Mestrado Profissional) - UEPG

## INTRODUÇÃO

Discutir sobre gênero e esportes constitui-se como uma necessidade premente no contexto atual, sobretudo em uma sociedade como a brasileira, na qual não obstante as lutas por igualdade, observa-se um volume grande de desigualdade, de preconceito e por consequência de violência em relação à mulher.

Há, sem dúvida, discursos e práticas coletivas combativas à misoginia e um avanço no trato as questões de gênero em relação a desigualdade da mulher em todas as esferas da sociedade e aqui inclui-se o objeto do presente texto – o esporte. Entretanto, apesar das boas práticas, há necessidade de maior protagonismo da mulher na prática cotidiana. Um vislumbre maior quanto a participação da mulher no esporte (e em todas as esferas sociais), tem ocorrido ainda de forma muito incipiente, e pode-se dizer que ela está ainda ausente dos processos de tomada de decisão nos meandros sociais.

Quando se trata de esportes e sua relação com gênero existe uma lacuna grande que vai desde a prática em si do esporte até a remuneração recebida por atletas. De acordo, com dados do PNUD a prática de exercícios físicos por mulheres no Brasil é 40% inferior aos homens (PNUD, 2017). Este é um indicativo forte de que o cenário esportivo ainda tem muita desigualdade de gênero. Da mesma forma, a mulher recebe bem menos que homem no desenvolvimento das práticas esportivas, o que acentua consideravelmente as diferenças (PNDU, 2017).

Nem sempre as relações desiguais são percebidas pelos sujeitos inerentes ao processo. Há, portanto, homens que reproduzem valores misóginos, mas há também mulheres que reproduzem estes mesmos valores e acabam por disseminar socialmente ideias preconceituosas em relação as outras mulheres. De fato, isto ocorre na medida que não há uma compreensão de como o preconceito pode afetar as relações de gênero. Em contraposição, a ideia de sororidade – componente atualíssimo dentro do feminismo – emerge como um elemento importante para ser experimentado na vida cotidiana, através do que as mulheres (e entre elas) podem romper com a misoginia.

Partindo das considerações acima, este texto propõe uma reflexão acerca da temática gênero e esportes evidenciando as dificuldades enfrentadas pelas

mulheres no campo do esporte. Dai a importância do empoderamento e crescimento da sororidade entre as mulheres para que as desigualdades de gênero possam ser desmaterializadas no cotidiano e, principalmente, no futebol.

## CONTEXTUALIZANDO O ESPORTE E O GÊNERO – ALGUMAS REFLEXÕES NECESSÁRIAS PARA PENSAR A PRÁTICA DO FUTEBOL POR MULHERES

Autores importantes na área da Sociologia e da História como Norbert Elias, Pierre Bourdieu e Eric Hobsbawm já haviam apontado, em algumas de suas obras, o esporte como lugar de destaque no século XX.

As atividades desportivas fazem parte do rol das principais manifestações de ordem cultural de diversos povos em todo mundo. Em culturas como a brasileira, por exemplo, o futebol fluiu historicamente como um dos esportes mais prestigiados de todos os tempos quando comparado a outras práticas esportivas.

Não só o futebol, mas o esporte de uma forma geral, foi (e tem sido) uma atividade para homens. Dados recentes do Relatório de Desenvolvimento Humano no Brasil (PNDU, 2017, p.1) mostram que o “*valor intrínseco da prática de atividades físicas e esportivas (AFEs) bem como a relação positiva entre as mesmas e a saúde, a sociabilidade, a cognição, a produtividade e a qualidade de vida como um todo já estão bem estabelecidos. Ainda assim, a maioria das pessoas não se envolve com essas práticas*”. Há, desta maneira, um espaço em branco entre aquilo que estaria a contento e a realidade concreta para o desenvolvimento dos esportes.

Quando se contempla a questão de gênero no esporte, a lacuna aponada acima torna-se um pouco mais profunda. Isto é, até pouco tempo atrás, a inserção em esportes estava restrita a atletas homens, competindo entre eles em clubes, escolas e esportes profissionais.

É certo afirmar que nos últimos anos houve um aumento das mulheres nos esportes, o que fez com que algumas mudanças trouxessem para o **termo atleta** uma nova conotação social e cultural, embora esteja longe de ser equitativa entre os gêneros.

Deste modo, a ampliação da participação das mulheres nos desportos tem feito com que apareçam

algumas distinções as quais incluem habilidades físicas para atingir um potencial máximo, padrão de machucados e contusões que estão relacionados ao gênero, bem como uma diferenciação no tratamento médico que torna-se mais específico de acordo com a participação de gênero no esportes. Porém, historicamente, não se pode negligenciar que foi negado ao gênero feminino a participação em determinadas atividades esportivas. Isto trouxe para a mulher consequências sociais, culturais e até mesmo econômicas quando se compara o quanto uma mulher ganha praticando esportes em relação ao homem. Basta pegar aqui, como exemplo, a Lista Forbes de 2018, que apresenta os 100 atletas tops do ano e verificar que não há nenhuma mulher entre os mais bem pagos. Em 2017, apenas uma – Serena Williams compunha o *podium* da lista dos 100 esportistas.

Na relação histórica entre a mulher e o esporte, vê-se que o corpo feminino estava destinado a outros propósitos, como colocaria a historiadora Mary del Priori. A autora em seu livro *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia* (2009) atenta para as marcas deixadas no imaginário social em relação às mulheres, muitas das quais repercutem até hoje.

Para Del Priori (2009), o útero como símbolo da mulher, deveria ser a todo custo preservado. Acreditava-se (através de algumas suposições médicas, inclusive!) que o cérebro feminino era dominado pelo útero. Nada poderia afetar as atividades reprodutivas e isto incluía as atividades esportivas. Assim, tudo que pudesse ferir o corpo feminino afetando aquilo que era considerado como feminilidade, deveria ser extirpado. Neste tipo de raciocínio, o esporte masculinizava a mulher e isto deveria ser considerado como algo a ser banido.

A prática do esporte para as mulheres foi historicamente um interdito. Mesmo anos mais tarde, Getúlio Vargas (que concedeu o voto feminino fazendo com as mulheres no Brasil pudessem colaborar nas escolhas políticas do país), não permitiu no chamado Estado Novo que ela praticasse determinados esportes. Assim, na plena ditadura getulista o esporte feminino foi freado através do artigo 54 do Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941 (vigora até a década de 1970), o qual limitava as modalidades liberadas para as mulheres.

A lei acima era assim exposta e oficializava o embargo feminino aos esportes: “Art. 54. *Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país*”.

Por sua vez, o presidente do Conselho Nacional de Desportos (CND), delimitou a linha que segregava o esporte feminino brasileiro: “*Não é permitida [à mulher] a prática de lutas de qualquer natureza, do futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball*”, dizia a deliberação nº 7 do conselho.

Apesar da proibição, algumas iniciativas foram tomando corpo e fazendo com as mulheres começassem a participar de esportes proibidos. Por exemplo, o *Araguari Atlético Clube*, considerado primeiro time com meninas, selecionou em 1958, 22 jogadoras para um jogo beneficente. Em 1967 a primeira mulher forma-se em arbitragem<sup>1</sup>, entre alguns outros feitos femininos.

Não bastasse o enfrentamento dos obstáculos do esporte em si (aqueles que às mulheres eram permitidos), a sensualização e o erotismo apareciam como sinal de que o corpo feminino fora feito para ser admirado e usado sexualmente. Esta ideia esteve fortemente presente ainda nos 1980/1990. Abaixo registra-se a Revista Placar em uma de suas edições no ano 1995, conforme assinalado pelo site *dibradoras.blogosfera.uol.com*:

<sup>1</sup> Asalea de Campos Fornero Medina.

Figura 1 – Revista Placar sobre o futebol feminino (1995)



Fonte: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br> – Maio (2019)

Deste modo, como evidencia a Figura 1, a ideia não era absolutamente discutir o futebol feminino, as táticas de jogo, o projeto esportivo, mas atingir o público masculino comprador da notícia. As jogadoras eram atrativos sexuais para a mídia ou pelo menos para grande parte dela.

Dos anos 1990 para cá o que mudou? Como está a posição feminina nos esportes? Como o avanço nas discussões de gênero chegaram até o esporte feminino? Como chegaram, por exemplo, ao futebol – modalidade esta considera historicamente como masculina?

Altmann (2015) aponta que a educação esportiva de mulheres no Brasil contemporâneo deve possibilitar ampliar as possibilidades do corpo feminino, questionando concepções históricas que não permitiam a inserção de mulheres em atividades físicas tidas social e culturalmente como masculinas. O esporte visto como algo vigoroso que poderia machucar, masculinizar e, até mesmo afetar as funções reprodutivas femininas, passa a ser questionado.

Tem-se, portanto, um avanço na relação entre gênero e esporte, entretanto a questão da participação feminina e igualdade está longe de ser atingida. Diante do cenário acima pode-se perguntar: Está tudo bem? Afinal, esporte não é coisa de mulher. Futebol não é coisa de mulher. [Política não é coisa de mulher. Poder não é coisa de mulher].

Não se pode querer responder as questões acima sem pensar nas questões de gênero e o papel da mulher na sociedade, seu protagonismo e empoderamento. Pensar a participação da mulher nos esportes está vinculada diretamente à categoria gênero e o que ela representa na possibilidade de visibilidade e emancipação feminina na sociedade.

### AS RELAÇÕES DE GÊNERO E O CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS

Assim como o esporte, as relações de gênero têm uma história. A história das relações de gênero está em construção permanente. Stearns (2007) aponta

que nas sociedades humanas, homens e mulheres são tratados de maneiras diferentes conforme cada uma delas percebe e organiza as diferenças sexuais do seu tempo e espaço.

Importante referendar que gênero se diferencia de sexo. Assim, o sexo diz respeito às características biológicas (físicas) de homens e mulheres. O sexo está relacionado aos tributos específicos dos aparelhos reprodutores femininos e masculinos, bem como ao seu funcionamento. **Sexo é, portanto, natureza.** De forma diferente, gênero refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social definida no tempo (histórico) e no espaço (lugar) do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais. O papel do homem e da mulher é formado culturalmente e muda conforme a sociedade. **Gênero é, portanto, cultura.**

Como cultura o gênero concentra uma carga de papéis sociais que são desenvolvidos na sociedade. Como exemplo, na cultura brasileira, rosa é a cor que identifica as meninas e azul os meninos. O papel social de gênero é construído muito cedo e delimita o que os meninos e as meninas podem fazer em casa, na escola, no clube, na igreja, enfim, na vida.

A sociedade impõe medidas e papéis sociais, bem como sanções que os sujeitos sofrem se não cumprirem o que lhes é estipulado socialmente. Por exemplo, as meninas são incentivadas a serem passivas, frágeis, dependentes. As brincadeiras valorizam a casa, a maternidade, enfim o espaço privado. Quando isto não ocorre há uma punição materializada com represálias de comportamento e até mesmo com violência.

Os meninos ao contrário, jogam bola, brincam de carrinho, de guerra, ou seja, desde pequenos são ensinados que pertencem ao grupo que tem poder. Até mesmo nos jogos e esportes os meninos comandam. Muito raramente, os livros infanto-juvenis incentivam o protagonismo das meninas ou mesmo valorizam sua participação com protuberância.

Do ponto de vista acadêmico, é importante salientar que foi na década de 1970, que houve um esforço intelectual e social para buscar uma separação entre sexo e gênero para a teoria feminista. Oka e Laurenti (2018, p.238) assim expressam esta decisão:

Na década de 1970, a separação analítica entre “sexo” e “gênero” teve uma grande expressão na teoria feminista, com o objetivo de questionar as

justificativas biológicas das violências sofridas pelas mulheres, deslocando as explicações para as condições históricas e culturais em que essas opressões se manifestam – o “gênero”. Assim, historicamente, feministas lutaram pela primazia de “gênero” em detrimento de “sexo”.

Uma das principais autoras dentro do chamado feminismo – Simone Beauvoir – que escreveu o famoso *O Segundo Sexo* publicado 1949 defendia a ideia de que a mulher não é o “segundo sexo” ou o “outro” por razões naturais e imutáveis, mas sim por uma série de processos sociais e históricos que criaram esta situação. Assim, para a autora, a mulher torna-se mulher no contexto das relações sociais e humanas.

A luta pelo empoderamento feminino é recente, pois até o século XIX, a mulher “era vista” como um ser inferior aos homens, as quais não possuíam os mesmos direitos, como ler, escrever, estudar, participar de determinadas atividades físicas como vimos acima, enfim, escolher o destino de sua vida.

O contexto da Revolução Industrial foi um marco importante para a mulher, pois ela como o homem (e até mesmo as crianças) foram obrigatoriamente para o espaço da fábrica trabalhar na produção. A mulher por necessidade econômica se viu obrigada a sair de casa para trabalhar. A industrialização exigiu isto da mulher, porém não deu a ela o devido acesso a igualdade no trabalho até os dias atuais<sup>2</sup>. O próprio Marx em seus estudos, mesmo que periféricamente, já alertava para o esforço sobre-humanos que as mulheres tinham que fazer na execução do trabalho na indústria. Ao estudar o livro *O capital* buscando elementos para compreender a categoria gênero em Marx, a autora Silvia Federici (2017, p.1) aponta algumas observações que Marx fez sobre o trabalho de mulheres e meninas:

(...) as costureiras que morriam por excesso de trabalho e falta de ar e alimento (Marx, 1995: 198), sobre meninas que trabalhavam sem alimentar-se quatorze horas por dia, ou que se arrastavam seminuas nas minas para transportar carvão à superfície, sobre crianças que eram tiradas da cama à meia-noite “e obrigadas a trabalhar para ganhar um mísero sustento” (ibid.: 188): “as crianças eram

<sup>2</sup> Destaca-se aqui estudos empreendidos por Marcela Pereira para sua tese de doutoramento do Programa de Pós-Graduação em ciências Sociais Aplicadas no estudo do futebol feminino no campo do trabalho e as dificuldades que as atletas têm para se profissionalizar no futebol.

levadas ao matadouro” (Ibid.: 233 ) [onde] máquinas vampíricas consumiram suas vidas “enquanto existisse um músculo, um tendão, uma gota de sangue para sugar” (ibid.: 241).

Com as mazelas do capitalismo, diversos movimentos sociais entram em curso. Entre eles, os chamados movimentos feministas espalhados pelo mundo foram se materializando e lutando pelos direitos das mulheres. Foram por assim dizer tomando corpo e cada vez mais lutando e conquistando diversos direitos reivindicados (direito à educação, voto, propriedade, divórcio, igualdade de salários, praticar esportes, jogar futebol e futebol profissional, entre outros feitos).

Nas culturas ocidentais, o movimento feminista passou a adquirir maior visibilidade a partir do século XX. Politicamente, foi na metade dos anos 1980 que o conceito de gênero se torna mais divulgado globalmente, tendo sido construído coletivamente e de modo desafiador. Gênero buscaria então avançar na explicação das relações socialmente constituídas, as quais advém da contraposição daquilo que está socialmente constituído e convencionado em termos dos gêneros feminino e masculino, suas variações e hierarquização no contexto social construído.

Dentro desta seara, um dos grandes desafios colocados pelo movimento feminista é a questão da invisibilidade da mulher, enquanto sujeito histórico capaz de construir seu espaço. É aqui que entra a imagem de gênero enquanto categoria histórica de Joan Scott (1989) para mostrar que a ideia de gênero vai além de explicações, mas torna-se uma categoria de análise posicionada.

A tarefa principal do movimento feminista tem sido ao longo dos anos tornar visível a mulher que vem sendo segregada política e socialmente ao longo da história. Esta não tem sido, sem dúvida, uma tarefa muito fácil.

O atual modelo de desenvolvimento econômico-político e social reforça as desigualdades. Ignora o trabalho reprodutivo não pago, tornando invisível a maior parte da produção feminina, e ignora a divisão sexual do trabalho.

No caso específico do esporte, a desvantagem da mulher e das chamadas minorias sociais em relação ao homem não é diferente. Assim, conforme o PNUD (2017, p.3):

as disparidades existentes no Brasil em termos de raça, gênero, situação econômica, nível de instrução etc. são refletidas também no problema do acesso às AFEs no país. Características como ser jovem, homem, branco, de alto nível socioeconômico e alto grau de instrução estão frequentemente vinculadas a um nível mais alto de prática das AFEs, ao passo que características como ser idoso, mulher, negro, de baixo nível socioeconômico ou baixo grau de instrução estão frequentemente vinculadas a um nível mais baixo de prática de AFEs.

Da mesma forma que reforça determinadas condutas em relação a mulher (inclusive a violência!) a sociedade cria mecanismos que dificultam o protagonismo feminino, sobretudo quando se trata de raça e condição social. Assim, fica claro que para ter acesso aos mesmos direitos é preciso ter igualdade de condições.

Para finalizar é preciso, ainda, dizer que há necessidade de pensar alguns conceitos que podem colaborar no processo de construção de uma sociedade mais justa e democrática. Um conceito atual que vem sendo desenvolvido dentro dos movimentos feministas e tem adentrado na esfera acadêmica e social é a noção de sororidade como se verá a seguir.

### **A SORORIDADE COMO ELEMENTO PARA ROMPER COM AS BARREIRAS DE GÊNERO NO ESPORTE**

A palavra sororidade vem do latim *soror* – que quer dizer irmã ou irmandade. É o pacto entre as mulheres que são reconhecidas irmãs, sendo uma dimensão ética, política e prática do feminismo.

O modelo de sociedade é um modelo hetero, branco e elitizado. A visão masculinizada e sua influência na sociedade, na família, na casa, no espaço doméstico, sobre as mulheres, sobre os filhos é muito forte. É tão poderosa que alcança até mesmo o idioma/língua.

A palavra fraternidade – é muito conhecida – é a união de irmãos. Mas a palavra sororidade, que seria a união de irmãs, não faz parte das palavras do dia a dia. Sororidade implica no não julgamento prévio entre as mulheres que, muitas vezes, ajudam a fortalecer determinados preconceitos criados por uma sociedade machista. Isto posto, é importante perguntar: O que compõe a sororidade?

A resposta mais próxima e mais contundente é a empatia enquanto categoria. A empatia é a capacidade de se colocar no lugar de outra pessoa - baseia-se na partilha e na compreensão de estados emocionais vividos por outras pessoas. É colocar-se no lugar da outra. Assim, como apontam Becker e Barbosa (2016, p. 244) a empatia estima,

pensar formas e espaços possíveis de serem colocados a serviço de projeto, neste caso o projeto de um novo caminhar que busca transformar as relações excludentes que se estabelecem entre as mulheres em função de uma cultura patriarcal, a fim de perceber terrenos férteis para novos caminhos que venham proporcionar uma nova cultura: da empatia e da solidariedade, ou seja, da prática sororal.

Como a sororidade acontece? Primeiramente quando rompe com a ideia de que as mulheres não valem muito (aspecto cultural-histórico). Também pela valorização de experiências positivas entre as mulheres (na dor, na alegria, na tristeza), isto é, nas relações sociais construídas no cotidiano. Mais que tudo na eliminação de todas as formas de preconceito, não ridicularizando ou expondo negativamente outras mulheres (seja por qualquer motivo – sua roupa sua fala, seu jeito, por ser pobre ou rica, por ser loira ou morena). A expressão LUTE COMO UMA MULHER e o que ela representa em termos políticos é um exemplo de sororidade.

A sororidade leva ao empoderamento feminino, sendo este um processo em que pessoas (grupos) historicamente desenvolvem autonomia. O empoderamento feminino rompe com a barreira da discriminação. O empoderamento acontece quando a mulher refaz sua identidade de gênero, negando a subordinação que sofre pela sociedade.

As mulheres devem praticar a sororidade, unirem-se a outras mulheres através de empatia para alcançar objetivos comuns: eliminar a violência, o assédio, as desigualdades nas tarefas cotidianas, no trabalho, enfim na sociedade.

Como levar a sororidade para o campo do esporte e ao futebol? A resposta é simples, mas ao mesmo tempo complexa, pois contempla uma série de barreiras de gênero que devem ser transpostas. A ideia principal é a de reversão do preconceito através da valorização das práticas femininas, bem como promover a igualdade entre atletas nas mais diferentes modalidades esportivas, incentivando a participação

feminina em todas as esferas. Assim, como colocam Becker e Barbosa, 2016, p.246:

As relações de inimizade e ódio cultivadas entre as mulheres são resultados da organização patriarcal do mundo e estimuladas através de processos educativos escolares e não escolares e também pela forma como ocorre a socialização de gênero. Cada mulher aprende a ser competitiva com outra mulher através da mediação de classe, raça, etnia, geração, religião. Desse modo, elas estabelecem entre si eixos hierárquicos de domínio e de opressão de umas sobre as outras. As mulheres acabam reproduzindo formas autoritárias de maneira acrítica. O controle do conhecimento e das maneiras de fazer, o prestígio, a fama, a distribuição de recursos e oportunidades são formas que permitem umas mulheres avançar de maneira desigual em relação a outras. E assim se aprofundam os estranhamentos e os laços de inimizade.

Em complemento, Becker e Barbosa (2016, p.246) afirmam que “*sororidade requer o reconhecimento pelas próprias mulheres das formas de opressão exercidas por elas sobre elas*”. Isto posto, ressalta-se aqui que o preconceito e as desigualdades no esporte e no futebol podem ser suprimidos por práticas mais positivas e críticas a partir de compreensões mais expressivas que valorizem a mulher distanciando-se das compreensões misóginas de gênero.

## CONCLUSÃO

Nas relações de gênero e esporte alguns elementos são fundamentais para alavancar a luta pelo preconceito e valorização do esporte feminino. Se historicamente à mulher foi dificultado e até mesmo negado a participação, hoje existem exemplos que devem ser seguidos. Cabe ressaltar aqui a Copa do Mundo de Futebol Feminino que aconteceu na França nos meses de junho a julho de 2019 podem ser vistos como momentos importante para se valorizar a participação feminina no campo do esporte.

Neste cenário, a ideia de igualdade e eliminação de preconceitos na esfera do gênero e esportes pode ter como elemento coadunação a noção de sororidade através do qual se buscaria o empoderamento feminino.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. *Educação física escolar: relações de gênero em jogo*. São Paulo: Cortez, 2015.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. SP: Editora Nova Fronteira, 2019.

BECKER, Marcia Regina; BARBOSA, Carla Melissa. Sororidade em Marcela Lagarde y de los Ríos e experiências de vida e formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre o saber-fazer-pensar nas ciências humanas. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 2 n. 2, p. 243-256, ago.-dez. 2016. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero>. Acesso em 14 de junho de 2019.

BRASIL. *Câmara dos Deputados*. DECRETO-LEI Nº 3.199, DE 14 DE ABRIL DE 1941 - Publicação Original. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 20 de maio de 2019.

FEDERICI, Silvia. Notas sobre Gênero em “O CAPITAL” DE MARX. *Revista Movimento*, 2017. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2017/09/genero-o-capital-marx-feminismo-marxista/>. Acesso em 25 de maio de 2019.

FORBES. <https://www.forbes.com/athletes/list/#tab:overall>, 2017. Acesso em 14 de junho de 2019.

FORBES. <https://www.forbes.com/athletes/list/#tab:overall,2018>. Acesso em 14 de junho de 2019.

MORAIS, Pamela. O que é ideologia de gênero (E por que falam tanto dela)? *Politizi!*, 2019. <https://www.politize.com.br/ideologia-de-genero-questao-de-genero/>. Acesso em 14 de junho de 2019.

OKA, Mateu; LAURENTI, Carolina. Entre sexo e gênero: um estudo bibliográficoexploratório das ciências da saúde. *Saúde Soc.* São Paulo, v.27, n.1, p.238-251, 2018. Disponível em: [https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=/media/assets/sausoc/v27n1/1984-0470-sausoc-27-01-238.pdf](https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/sausoc/v27n1/1984-0470-sausoc-27-01-238.pdf). Acesso em 25 de maio de 2019.

PNUD. *Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional - Movimento é Vida: Atividades Físicas e Esportivas para Todas as Pessoas*. Brasília: PNUD, 2017. Disponível em: [http://movimentoevida.org/wp-content/uploads/2017/09/PNUD\\_RNDH\\_completo.pdf](http://movimentoevida.org/wp-content/uploads/2017/09/PNUD_RNDH_completo.pdf). Acesso em 27 de maio de 2019.

DEL PRIORI, Mary. *Ao sul do corpo*. Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. SP: Editora da Unesp, 2009.

SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses*. Gender and the politics of history. New York: Columbia University Press, 1989.

## O FUTEBOL NO ESPAÇO AUTOBIOGRÁFICO: UMA ANÁLISE DAS OBRAS DE NICK HORNBY

### FOOTBALL IN AN AUTOBIOGRAPHIC SPACE: AN ANALYSIS OF NICK HORNBY'S PRODUCTIONS

Natasha Santos-Lise\*

#### RESUMO

A presente pesquisa busca discutir o futebol, a partir de outras produções de Nick Hornby, como as coletâneas *My Favourite Year* (1993), *Pray* (2012) e *Fan Mail* (2013). Foram utilizados, também, alguns textos publicados no jornal *The Independent*, entre 1993 e 95. O objetivo foi identificar as rupturas e/ou continuidades à autobiografia *Febre de Bola*, seja com relação à forma de escrita ou com o conteúdo. Para tanto, buscou-se apoiar metodologicamente na perspectiva de texto e contexto, desenvolvida por Antonio Candido, bem como no conceito de “espaço autobiográfico”, definido por Philippe Lejeune. Pode-se perceber que o tratamento do futebol, de acordo com a análise das obras de Hornby, passa por três significados distintos – memória, verossimilhança e notícia.

**Palavras-chave:** Literatura; Esporte; Futebol Inglês.

#### ABSTRACT

The present research aims to discuss football, from Nick Hornby productions, such as the collections *My Favorite Year* (1993), *Pray* (2012) and *Fan Mail* (2013). Some texts published in *The Independent* between 1993 and 1995 were also used. The objective was to identify ruptures and / or continuities in autobiography *Fever Pitch*, whether in writing or in content. For this, we sought to support methodologically in the perspective of text and context, developed by Antonio Candido, as well as in the concept of “autobiographical space”, defined by Philippe Lejeune. It can be seen that the treatment of football, according to the analysis of Hornby's works, has three distinct meanings: memory, verisimilitude and news.

**Keywords:** Literature; Sport; English football.

---

\*Doutora em Educação Física. Universidade Federal do Paraná. E-mail: natashalise@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

Meu primeiro livro vendeu razoavelmente bem; por outro lado, os livros que adorei e sobre os quais escrevi resenhas em 1991 e 1992, tão bons ou melhores do que o meu, já saíram de circulação, simplesmente porque nunca atraíram um número razoável de leitores (HORNBY, 2009, p. 56 – fevereiro de 2004).

Muito embora o texto autobiográfico assuma, em partes, o caráter inventivo, uma vez que estaria intimamente vinculado a construções artificiais, já que narrador e personagem tendem a se confundir na narrativa, não se pode negligenciar a questão da memória (ALBERTI, 1991; CALADO, 2009; SANTOS, 2006). Ou seja, o autor pretende que sua narrativa seja tratada enquanto um texto verídico, sincero e autêntico, todavia, esta intenção não garante o rompimento com a subjetividade do escritor, ao omitir acontecimentos de sua vida ou transformá-los segundo a conveniência de sua perspectiva. Esse julgamento com base na intenção de verdade é o que aproxima a autobiografia da história, ao mesmo tempo em que há a impossibilidade de se alcançar uma essência verdadeira. Começa-se, aqui, a delinear um gênero híbrido que, apesar da tentativa de verdade, atinge acepções também literárias.

O crítico inglês Raymond Williams (2014), ao se debruçar sobre o entrelaçamento entre literatura e sociedade, expõe que o processo de produção da escrita é também social e acontece junto à construção de aspectos estéticos no texto. Dessa forma, embora os elementos sociais contribuam significativamente para a produção da literatura, não se pode dizer que esses elementos contextuais estejam puros, sem qualquer deformação, ao longo da obra.

Nesse mesmo sentido, ao se referir ao elemento sociológico (externo), Candido (2014) aponta que este é importante na medida em que desempenha um papel na constituição da estrutura da obra – tornando-se, portanto, um elemento interno ao texto. Tal constatação dialoga com a percepção de Williams ao tratar do bucólico nas produções inglesas seiscentistas, por exemplo, quando percebe a mudança do estilo de escrita, atrelada às mudanças na paisagem campestre.

Ao tratar dos aspectos que colocam a autobiografia como um gênero de referência, Philippe Lejeune (2014) aponta, também, para o elemento

autobiográfico que pode existir em gêneros de ficção, como o romance. Dessa forma, os textos que, embora sejam narrativas sobre a vida de determinado personagem, não se declaram como autobiografias, são tratados por Lejeune (2014, p. 29) como romances, os quais podem até ser autobiográficos: “Chamo assim (romances autobiográficos) todos os textos de ficção em que o leitor pode ter razões de suspeitar, a partir das semelhanças que acredita ver, que haja identidade entre autor e *personagem*, mas que o autor escolhe negar essa identidade ou, pelo menos, não afirmá-la”. Nesse sentido, é possível pensar em um “espaço autobiográfico”, composto pelas obras do escritor em um sentido mais amplo, com o intuito de refletir sobre estilos de escrita e mesmo elementos da vida do escritor.

A presente pesquisa se refere, assim, a uma parte da pesquisa de doutorado, relacionada à análise do futebol na obra autobiográfica do autor inglês Nick Hornby, intitulada *Febre de Bola* (1992). Pretende-se tratar, aqui, portanto, das obras sobre futebol, além da autobiografia, produzidas por Nick Hornby. Após *Febre de Bola*, sua primeira publicação literária, em 1992, o escritor dedicou muitos livros ao esporte e, naqueles em que não trata do futebol, este aparece entre um diálogo e outro.

Entre as produções esportivas, pode-se citar quatro obras:

1) *My Favourite Year*, publicado em 1993, que se refere a uma coletânea de escritos sobre o futebol, em que Hornby organiza textos de outros autores. Um dos capítulos é de sua autoria – *The Abbey Habit* –, e está disponível no livro *Fan Mail*.

2) *The Picador Book of Sportswriting*, publicado em 1997, também é uma coletânea editada por Nick Hornby e Nick Coleman.

3) *Pray: Notes on the 2011/2012 Football*, 2012, não-ficção, coletânea de textos de futebol, sobre a temporada em questão.

4) *Fan Mail: twenty years of writing about soccer*, 2013, não-ficção, coletânea de textos de futebol, escritos ao longo de 20 anos e publicados em jornais, revistas e livros. Inclusive, *Pray* é um dos textos organizados nesta edição.

## UM ESPAÇO AUTOBIOGRÁFICO

*Pray* e *Fan Mail* foram publicados apenas no formato de *e-book*, pela Penguin Specials<sup>1</sup>. Ambos se aproximam da ideia de *Febre de Bola*, com crônica, seguida da data e das equipes que jogaram. Sobre *My Favourite Year*, o jornal *The Observer*, publicou a seguinte matéria:

Uma “coleção da nova escrita do futebol” está sendo publicada, na qual os literatos tentam resgatar a reputação do jogo. [...] A coleção, *My Favorite Year*, é editada por Nick Hornby, o homem que acertou o chute na gaveta das publicações com seu livro *Febre de Bola*, detalhando sua devoção ao Arsenal. *My Favourite Year* marca o surgimento de uma nova classe de torcedores de futebol – culta, discernida e amplamente lida (WROE, 31 out. 1993, p. 6).<sup>2</sup>

Na sequência, no *The Observer* do dia 07 de novembro de 1993, foi publicado um trecho de *My Favourite Year*, ocupando três páginas. O excerto supracitado aponta para o surgimento de uma nova escrita do futebol, bem como de uma nova classe de torcedores, que seriam cultos. Cabe lembrar que *Febre de Bola* se refere ao espectador de futebol, sim. E, conforme já apontado por Lise (2018), uma releitura em contrapartida ao torcedor desregrado, sobre o qual tanto se falou ao longo da década de 1980 e início de 90. Jeffrey Hill (2006) reitera tal perspectiva, ao afirmar que Hornby, de certa, forma, reabilita a imagem do torcedor, ao representa-lo como uma pessoa comum – talvez mais obsessiva. Dessa forma, concorda-se com Martin Wroe (31 out. 1993, p. 6.), sobre uma tentativa – exposta sobretudo em *Febre de Bola* – de resgatar a reputação do jogo que, como exposto mais adiante, é um dos pontos de maior reverberação e elevação da autobiografia em foco.

Todavia, é problemática a assertiva de Wroe, ao dizer que, junto a esta nova literatura que se estabelecia, surgia um novo tipo de torcedor, que se dedicaria à

leitura. Embora o foco da matéria seja *My Favorite Year*, é importante lembrar que, em *Febre de Bola*, Nick Hornby busca, exatamente, mostrar que, antes da publicação de sua autobiografia, já existiam torcedores cultos, sendo ele próprio um destes. O meio pelo qual o literato busca resgatar determinada honra do esporte é falando de si mesmo, enquanto um dos torcedores que não se encaixava no estereótipo de violência. Dessa forma, essa nova literatura pode ter levado o futebol a indivíduos cultos, que não acompanhavam o esporte; mas é pouco plausível dizer que esses indivíduos se tornaram torcedores. As mudanças nos estádios, relacionadas à espetacularização, certamente mudaram, de forma lenta e gradual, as formas de torcer e de consumir o esporte, entretanto, é complexo afirmar que essas novas maneiras atingiram torcedores mais ou menos cultos.

Embora tenha aparentemente produzido pouco sobre futebol – já que muito se fala de *Febre de Bola*, apenas –, Hornby se tornou colunista em algumas revistas e jornais como *Time Out* e *Times Literary Supplement*, em adição a suas análises musicais para o *New Yorker*. Além de escrever sobre futebol em *The Sunday Times*, algumas contribuições esportivas foram publicadas por *The Guardian* e *The Independent*, assim como no *site* da ESPN.

Na introdução ao livro *Fan Mail*, Nick Hornby apresenta uma justificativa a respeito de sua produção literária do futebol: “Eu tinha medo de que meu primeiro livro, *Febre de Bola*, que descreve meu relacionamento com o Arsenal FC (embora, se você tiver chegado a ler isto, você bem sabe disso) poderia me estereotipar, e é por isso que eu nunca escrevi outro livro completo sobre o assunto” (HORNBY, 2013, s/p)<sup>3,4</sup>. Todavia, *Febre de Bola* sempre aparece como uma grande referência. Seja em *sites* relacionados a esporte, como o da ESPN, em que a apresentação de Hornby é feita da seguinte forma: “Nota dos editores: [...] Nick Hornby – romancista e roteirista que escreveu sobre sua obsessão como torcedor do Arsenal

<sup>1</sup> A Penguin Specials, uma variação da marca Penguin Books, se dedica à publicação de livros de leitura rápida, de autores contemporâneos, com versão em *e-book* apenas. Nick Hornby possui três publicações neste formato – além de *Pray* (2012) e *Fan Mail* (2013), há *Books, Movies, Rhythm and Blues* (2013).

<sup>2</sup> Originalmente: “A ‘collection of new football writing’ is being published in which the *literati* attempt to rescue the game’s reputation. [...] The collection, *My Favourite Year*, is edited by Nick Hornby, the man who kicked football into publishing’s top drawer with his book *Fever Pitch*, detailing his lifelong devotion to Arsenal. *My Favourite Year* marks the emergence of a new class of football fan – cultured, discerning and widely-read” (WROE, 31 out. 1993, p. 6).

<sup>3</sup> Originalmente: “I had been afraid that my first book, *Fever Pitch*, which describes my relationship with Arsenal FC (although if you’ve got as far as reading this, you may well know that already) might stereotype me, which is why I never wrote another full-length book on the subject” (HORNBY, 2013, s/p).

<sup>4</sup> É importante destacar que, por se tratar de um *e-book*, este não possui páginas, mas “posições”, que podem variar de acordo com o dispositivo em que se está lendo. Neste caso, usando como referência o Kindle, com tamanho de letra 5, tal citação se encontra na posição 43 do livro.

em *Febre de Bola*” (ESPN, 15 jun. 2017)<sup>5,6</sup>. Ou nas entrevistas, disponíveis no *YouTube*, em que o assunto não é o esporte, propriamente (YOUTUBE, 2015, 2016). Em todas essas menções, entretanto, a ênfase não parece ser apenas no fato de ser um entendedor do esporte, como se pode supor acerca da *ESPN*, mas o que é destacado é, também, a grandiosidade da obra, visto que foi o livro que o tornou conhecido. Dificilmente, a autobiografia deixe de ser considerada a sua maior obra – ao lado de *Alta Fidelidade*.

Coadunando-se ao incômodo de ser visto como um autor de esportes, Nick Hornby compara sua imagem nos Estados Unidos e no Reino Unido... “É interessante, porque em alguns aspectos, eu prefiro minha carreira norte-americana do que minha carreira britânica. Tudo no Reino Unido é visto pelo prisma do meu primeiro livro, *Febre de Bola*, e porque eu escrevi sobre futebol, então é isso, eu era um escritor do futebol”<sup>7</sup> (YOUTUBE, 10 fev. 2015). Esta comparação, inclusive, é recorrente em *Stuff I've been Reading*, especialmente ao alegar que os norte-americanos são mais abertos a novos tipos de arte. No caso desta entrevista, Hornby se vê como mais eclético nos EUA, considerando as obras publicadas e filmes lançados no país. O que Hornby parece desconsiderar é a pouca popularidade do *soccer* nos Estados Unidos, algo que poderia contribuir para a menor retomada da autobiografia pelos americanos – embora, na mesma entrevista de que foi retirada a fala supracitada, a qual foi realizada em solo americano, para o *Google Talks*, o escritor é questionado sobre *Febre de Bola*. Isso leva a crer que a diferença entre EUA e Reino Unido possa estar na discussão sobre arte, no sentido de definir o que é clássico e o que não é, por exemplo.

Esse afastamento do futebol, somado a essas declarações que levam a crer que Nick Hornby não quer ser visto como um autor esportivo, são, de certa forma, surpreendentes, dado todo o seu envolvimento afetivo com o Arsenal. Todavia, Hornby não deixou

exatamente de escrever sobre o esporte, pois se tornou colunista do *Sunday Times*<sup>8</sup>, chegando a publicar alguns textos no *Guardian*. Junto a isso, há a introdução de *Febre de Bola*, escrita 20 anos depois de sua primeira publicação (HORNBY, 2013, p. 9-15), em que Hornby, cuidadosamente, trata da prerrogativa de que livros de futebol não vendem, sendo este o motivo pelo qual a autobiografia foi recusada à publicação algumas vezes. Além disso, o autor destaca as reapropriações da obra, segundo as quais, esta teria vendido o esporte para a classe média, o que Hornby retoma em algumas de suas falas, ao alegar, por exemplo, que as pessoas (sem especificar quem) levaram o livro a sério demais, quando o que o escritor fez, na realidade, teria sido algo simples (YOUTUBE, 10 fev. 2015).

É possível que Nick Hornby quisesse se dedicar ao romance e aos roteiros, já que, antes de emplacar *Febre de Bola*, suas tentativas consistiam em roteiros para a TV (YOUTUBE, 10 fev. 2015), sendo todos recusados...

Comecei escrevendo peças [...] e elas não eram muito boas... quando eu saí da universidade e tentei escrever, tudo soou como ensaios ruins, então pensei que deveria manter o diálogo. Eu não tinha feito leitura suficiente – não das coisas que eu queria imitar – então demorei um tempo, um longo tempo, para lidar com a voz ... tudo mudou para mim quando eu li Anne Tyler, Raymond Carver, Richard Ford e Lorrie Moore, tudo em torno de 1986-87... voz, tom, simplicidade, humor, alma... todas essas coisas pareciam estar perdidas na ficção inglesa contemporânea que eu olhava, e eu sabia o que queria fazer (NICK HORNBY, 2017, s/p).<sup>9,10</sup>

A inspiração em Anne Tyler é retomada em *Frenesi Polissilábico*:

<sup>8</sup> Não foi possível o acesso a tais produções, uma vez que, embora a autora seja assinante do jornal *The Times*, os arquivos digitais disponibilizados, abrangem dois séculos de publicações, todavia o período é de 1785 a 1985. Não há o intervalo específico de tempo em que Hornby escreveu para o *Sunday Times*, mas começou na década de 1990, após a publicação de *Febre de Bola*. Para ter acesso a tal conteúdo, apenas via bibliotecas britânicas.

<sup>9</sup> Originalmente: “I started by writing plays [...] and they weren't very good... When I left university and I tried to write, everything came out sounding like bad essays, so I thought I should stick to dialogue. I hadn't done enough reading – not of the things I wanted to emulate – so it took me a while, a long while, to grapple with voice... everything changed for me when I read Anne Tyler, Raymond Carver, Richard Ford, and Lorrie Moore, all in about '86-'87... voice, tone, simplicity, humour, soul... all of these things seemed to be missing from the contemporary English fiction I'd looked at, and I knew then what I wanted to do” (NICK HORNBY, 2017, s/p).

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.nickhornbyofficial.com/about/>>.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.espn.com/soccer/club/arsenal/359/blog/post/3143118/nick-hornby-on-arsenal-and-arsene-wenger-after-horrible-premier-league-campaign>>.

<sup>6</sup> Originalmente: “Editors' note: [...] Nick Hornby – novelist and screenwriter who wrote about his obsessive fandom of Arsenal in “Fever Pitch” (ESPN, 15 jun. 2017).

<sup>7</sup> Transcrição livre. Originalmente: “It is interesting, because in some ways I prefer my American career to my British career. Everything in UK is seen through the prism of my first book, which is *Fever Pitch*, and because I wrote there about football, then that was it, I was a football writer. Forever” (YOUTUBE, 10 fev. 2015).

Quando comecei a escrever pra valer, li *Almoço no restaurante da saudade*, de Anne Tyler, e de repente fiquei sabendo o que era o que queria ser, para o bem e para o mal. [...] cada decisão artística, cada impulso, a alma do trabalho bem como a de seu criador. “Isso sou eu”, foi o que tive vontade de dizer ao ler o suntuoso, triste e adorável romance de Tyler (HORNBY, 2005, p. 16-17).

A referida obra de Tyler – que, como dito previamente, conta com um desmaio no estádio de beisebol bastante parecido ao descrito por Hornby na autobiografia –, se refere a um drama familiar, em torno de uma mãe e seus três filhos. Pearl Tull tinha já idade avançada quando se casou com Beck Tull. Tiveram três filhos: Cody, Ezra e Jenny. A história, de narrador onisciente, tem início com a mãe doente, em 1979. Os *flashbacks* são, assim, um recurso comum na obra em questão, no sentido de contar a história da família, bem como de construir psicologicamente o perfil de cada personagem. Beck, que passava boa parte das semanas viajando a trabalho, abandonou a família em 1944, quando os filhos tinham, respectivamente, 14, 11 e 9 anos de idade. Essa informação, junto à idade posterior dos personagens (por exemplo, Ezra aos 46 anos cuidando da mãe), é o que permite ao leitor se localizar temporalmente.

Pois bem, se para os filhos, principalmente Cody, a mãe era muito dura; esta enfrentava a árdua tarefa de criar três filhos sozinha. Embora o ex-marido enviasse quantias em alguns meses, Pearl começou a trabalhar no caixa de uma mercearia, para complementar a renda. Isso tornou ainda mais difícil a tarefa, já que passava boa parte do dia fora. Tem-se, por um lado, uma mãe preocupada, que acaba por se abster de afetividade para com os filhos; e, por outro, filhos carentes disso.

As refeições são enfatizadas ao longo da narrativa, pois, o “Restaurante da Saudade” é de propriedade de Ezra e a refeição traz a significação de carinho – uma falta naquela casa, já que nunca conseguiram terminar um só jantar sem brigas. Além disso, ao longo da infância dos filhos, as discussões aconteciam na hora das refeições – mesmo porque, era o momento em que todos estavam reunidos. Paralelamente, Ezra sempre teve a habilidade de apresentar comida a quem estivesse triste, como uma forma afetuosa de consolo.

Anne Tyler trata de uma família fora dos padrões, que carrega uma série de diferenças e dificuldades de relacionamento. Todavia, é uma família com os mesmos problemas de qualquer outra, e essa percepção é recorrente nas obras de Hornby, como *Slam*, *Um Grande Garoto* e *Como ser legal*. Dessa forma, ao dizer “isso sou eu”, a respeito do romance em questão, é como se o autor estivesse se amparando em narrativas a respeito de filhos que, como ele próprio, deram certo na vida, apesar de terem os pais separados.

A linguagem simples e compreensível – convergente à escrita de Tyler – junto ao humor majoritariamente autodepreciativo, apareceu aos montes em *Febre de Bola*, o que facilitou a transcendência da obra ao âmbito esportivo. É possível que o autor intentasse voar pelos campos da ficção, como os escritores que lhe inspiraram, os quais não se dedicavam tanto ao esporte – à exceção de Frederick Exley e sua proximidade ao futebol americano. Ou há a possibilidade de o fanatismo de que Nick Hornby trata na autobiografia ter esmaecido, seja por conta do tempo disponível ou por uma simples mudança de prioridades. Uma terceira possibilidade pode estar relacionada ao fato de que a autobiografia foi encarada como uma espécie de propaganda do futebol à classe média, quando o objetivo de Hornby parecia ser, exatamente, o oposto – mostrar o quanto a febre de bola era inviável ao consumo do futebol. O estudioso Jeffrey Hill (2006) destaca algo nesse sentido: o que escritor detestaria é o modo com que o futebol foi apropriado pela classe média, sendo *Febre de Bola* culpado por isso, em partes. Outra coisa já elencada por Antony King (2002) é que Hornby, embora se visse como pertencente ao grupo de torcedores de classe baixa, ele pertencia, já na década de 1970, à classe média. Por esse motivo, essa aversão a uma reformulação do esporte se apresenta como um relativo paradoxo, se vista do ponto de vista de classe. Apesar de o foco das mudanças estar em atingir a classe média, Nick Hornby não manifestou, efetivamente, qualquer crítica a determinado estrato social, mas às formas de torcer, que não seriam as mesmas. Supostamente, não haveria a febre de bola entre os novos torcedores.

Ainda na introdução do livro, escrita em 2012, Hornby aponta, como já mencionado em capítulos anteriores, que não seria capaz de escrever *Febre de*

*Bola* naquele momento, destacando o fato de que sua perspectiva mudou em relação ao personagem da autobiografia (HORNBY, 2013, p. 15). E, dramaticamente, registra que sente falta daquela pessoa que “[...] tinha tempo e energia para tanta angústia e paixão, e, se fosse escrever sobre ele agora, provavelmente lhe faria um afago na cabeça e contaria que, quando ele fosse mais velho e mais sábio, a própria razão da existência deste livro (*Febre de Bola*) teria se perdido” (HORNBY, 2013, p. 15). Nick Hornby escreve como alguém que sofreu uma enorme decepção, possivelmente se referindo às mudanças nos estádios que, conseqüentemente, transformaram as formas de torcer. O futebol, em si, se transformou, o que acentua ainda mais o saudosismo já presente em 1992. E, além disso, há a possibilidade de que a autobiografia, como sugere o autor, tenha sido reapropriada para promover o consumo do futebol – exatamente aquilo a que Hornby critica.

### A OBRAS DE FICÇÃO

É importante ressaltar, também, que o esporte jamais deixou de aparecer em seus textos, como nas colunas da *Believer*, nas quais, como visto no capítulo anterior, o futebol figura como o motivo dos atrasos nas leituras – o que acaba se delineando como um elemento de humor no texto. Já na ficção, a modalidade se estabelece como um dos efeitos de verossimilhança, que auxiliam na compreensão de que a história narrada é possível.

Em *Como ser legal* (2002), por exemplo, quando David e Karen conversam sobre dar abrigo a um morador de rua, o marido acusa a esposa de ter uma visão estereotipada daqueles. Karen responde:

- Sei muito bem o que estou fazendo, David. Mas sabe... o estereótipo do torcedor de futebol é alguém que se embecta e quebra garrafas nas cabeças das pessoas. Sei que isso é um estereótipo e conheço muitos torcedores do Arsenal que não são assim. Mas... talvez haja alguns que realmente são. E acho que não quero dizer à Ros e ao Max<sup>11</sup> que eles precisam morar com esse pessoal (HORNBY, 2002, p. 151).

Aqui, o esporte é completamente acessório na narrativa, mas permite que o diálogo seja reconhecido como cotidiano, banal. E é possível perceber que Nick Hornby traz parte da discussão implícita em *Febre de Bola*, sobre a marginalização dos torcedores de futebol, especialmente, após os desastres nos estádios.

Em *Uma longa queda* (2014), Maureen tem um filho deficiente, em estado vegetativo, e ela tenta decorar o quarto com coisas que um menino da idade dele possivelmente gostaria. Entre essas coisas, estava um pôster de Paddy, jogador do Arsenal... “O John é um homem gentil, e comprou uma foto enorme e muito boa do Paddy comemorando um gol, e nem quis que eu pagasse [...]. Por alguma razão, ele achou que meu menino era um menino pequeno, de dez ou doze anos, e prometeu leva-lo a um jogo” (HORNBY, 2014, p. 155).

Ou, ainda, em *Funny Girl* (2014), como um recurso para elucidar a má situação de um dos atores... “Clive sentia como se, numa partida de futebol, tivesse tomado três gols nos dois primeiros minutos de jogo, e embora suspeitasse que agora até um empate estava fora do alcance, podia pelo menos fazer o gol de honra” (HORNBY, 2014, p. 84)<sup>12</sup>. Clive era o ator da série cômica *Barbara (e Jim)* e estava perdendo espaço para Sophie Straw, que interpretava Barbara – personagem de destaque.

Por fim, Nick Hornby escreveu um conto, no livro infanto-juvenil *Foras da lei barulhentos, bolhas raivosas e algumas outras* (2012). No texto, *Pequeno País*, a história gira em torno de Stefan, um menino que detesta futebol, mas que é obrigado a substituir o pai, que quebrou a perna, na seleção. Contando com pai de Stefan, são 11 os homens e meninos de Champina, em condições de correr. Ou seja, todos eles compõem a seleção, capaz de perder para San Marino, por um placar de 30 a 0. Acaba que no dia do jogo, taticamente, Stefan, com as estratégias de um jogador de xadrez, ajuda a equipe, que perde por 16 a 0 – sendo o mais impressionante o fato de ter levado apenas 3 gols no segundo tempo. Novamente, Hornby traz a intelectualidade para o esporte, ao permitir, literariamente, que um personagem que é

<sup>11</sup> Ros e Max são vizinhos de Karen e David, que abrigaram um morador de rua. O menino fugiu levando alguns pertences do casal.

<sup>12</sup> Originalmente: “Clive felt as though he’d gone three goals down in the first two minutes of a football match, and though he now suspected that even a draw was beyond him, he could at least make a better fist of things” (HORNBY, 2014, p. 84).

um estudioso e que está longe de ser um atleta possa ajudar um time a vencer uma partida de futebol.

Com base nesses exemplos, fica evidente que o esporte não ocupa centralidade da ficção de Nick Hornby. Apesar de o futebol assumir o papel de verossimilhança, como apontado anteriormente, deve-se ressaltar que os romances de Hornby se aproximam da literatura pop e, portanto, o assunto da narrativa é o cotidiano, o que por si só, torna a história possível de acontecer. Todavia, embora não tenha papel preponderante, a modalidade reforça a banalidade (não tão banal) das obras, tendo em vista que, facilita a identificação com o diálogo dos personagens.

### AS OBRAS DE NÃO-FICÇÃO

Todos esses elementos mudam de figura, quando se trata de *Fan Mail* (2013) e *Pray* (2012), mesmo porque se referem a textos não-ficcionais.

Seguindo um formato parecido ao de *Febre de Bola*, *Pray* traz as datas e os placares dos jogos, todavia, a vida de Nick Hornby já não aparece atrelada ao futebol e a centralidade não é do Arsenal nem do torcedor. O que se tem no livro é uma escrita essencialmente voltada à temporada de 2011/12, cujo início demonstrava o abismo econômico entre os clubes.

Nem sempre foram os clubes maiores e mais ricos que terminaram campeões. Sete equipes diferentes chegaram ao topo da Primeira Divisão nos vinte anos anteriores ao início da Premier League em 1992: Aston Villa [...], Derby County, Nottingham Forest, Arsenal, Leeds United, Everton e, por onze vezes, Liverpool – que não era mais rico do que qualquer outro, era apenas melhor e mais inteligente e mais trabalhador (HORNBY, 2012, s/p).<sup>13 14</sup>

Tal como apontado anteriormente, o estabelecimento da *Premier League*, que começou efetivamente em 1992, fez emergir a forma de jogo contemporânea (KING, 2002; GOLDBLATT, 2015), algo já destacado por alguns pesquisadores e que é

retomado por Hornby. Assim, com a entrada do dinheiro da televisão e a liberdade dos jogadores poderem sair do país, por exemplo, acentuou a lacuna entre os clubes grandes e pequenos, já que, como destaca David Goldblatt (2015), há uma íntima relação entre o salário dos jogadores e as vitórias da equipe.

Nick Hornby critica os investimentos bilionários dos compradores de alguns clubes, como o Chelsea de Roman Abramovich ou o Manchester City, do Grupo Abu Dhabi United. O escritor, em confluência com o pesquisador Goldblatt, aponta os resultados como uma “lição clara”, já que havendo um industrialista ou um oligarca, o clube será rico e, conseqüentemente, ganhará títulos.

O que se buscou implantar nos clubes ingleses, já nos fins da década de 1980 e início da década de 1990, era um novo tipo de administração, pautada no modelo empresarial, o que exigia, inclusive, dirigentes com experiência em gestão... “Os clubes ingleses de futebol não foram incorporados a grandes empresas capitalistas. Em vez disso, os novos diretores apenas adicionaram o clube de futebol aos seus interesses de capital ou colocaram todo – ou uma parte substancial de – o seu capital em um único clube”<sup>15</sup> (KING, 2002, p. 121). A princípio, como disserta o pesquisador, o objetivo era que o clube de futebol se transformasse em um negócio independente e rentável. É esta a lógica empresarial: um investimento que retorna lucrativamente ao investidor – no caso, o dirigente. A perspectiva relacional entre investimento e lucro, por si só, já seria suficiente para criar um abismo entre os clubes maiores e os menores; o que se soma, ainda, aos recursos advindos da televisão que, por óbvio, se concentrariam em maior escala nos clubes de maior torcida. Ou seja, seria um processo análogo à osmose, já que os investimentos se convergiram para os times com maior potencial de propiciarem um retorno mais lucrativo.

Todavia, tal como aponta Goldblatt (2015), essa lógica empresarial não funcionou exatamente bem, haja vista o surgimento de indivíduos ou grupos bilionários – como Abramovich e Abu Dabhi –, que efetivaram investimentos altíssimos e não obtêm lucro. Isso rompe com a estratégia de *investir para*

<sup>13</sup> De acordo com o dispositivo Kindle, com letra tamanho 6, tal citação se encontra na posição 47.

<sup>14</sup> Originalmente: “It hasn’t always been the biggest and richest clubs who finish champions. Seven different teams came top of the First Division in the twenty years before the Premiership began in 1992: Aston Villa [...], Derby County, Nottingham Forest, Arsenal, Leeds United, Everton, and, eleven times, Liverpool – who weren’t richer than any of the others, just better and smarter and more industrious” (HORNBY, 2012, s/p).

<sup>15</sup> Originalmente: “English football clubs have not been incorporated into larger capitalist companies. Rather, the new directors have merely added the football club to their capital interests or have put all – or a substantial part of – their capital in a single club” (KING, 2002, p. 121).

*obter lucro* de qualquer empresa comum, tornando-se catastrófico, competitivamente falando, para os clubes que não dispõem desta mina de ouro – que, por vezes, pode estar atrelada à lavagem de dinheiro. Daí a perspectiva de Nick Hornby, ao apontar os sheiks<sup>16</sup> como a solução para que o clube consiga atingir a marca de seis vitórias e um empate, ao longo de três semanas de campeonato, por exemplo. Já que, podendo pagar os maiores salários, os clubes são capazes de formar um elenco capaz de vencer a Copa do Mundo, com os melhores jogadores de cada país. Dessa forma, Nick Hornby (2012) destaca que o Arsenal conseguiu vencer a *Premier League* por três vezes, sem ajuda financeira externa – o que é um grande feito, visto que o Manchester City, naquele momento, possuía recursos para bancar o dobro do valor máximo salarial que o Arsenal poderia assegurar. Muito embora sendo inebriado por um comportamento febril, Hornby negligencia que o Arsenal não é um clube de poucos investidores e sequer menciona a construção do novo estádio, com *rights name* da Emirates, por exemplo. Efetivamente – e esta tem sido uma discussão cada vez mais forte sobre os rumos da *Premier League*, em programas como o *Futebol no Mundo*, da *ESPN* –, o Arsenal não apresenta os mesmos recursos que Manchester City e Chelsea, mas, via de regra, se mantém entre os primeiros da tabela. Novamente, Hornby expõe um pensamento semelhante com o de *Febre de Bola*, quando reclama que o clube ficou por 17 temporadas sem ganhar um campeonato. Como se a febre de bola dependesse de títulos.

Diante dessa dificuldade para manter jogadores, Hornby destaca a amarga derrota para o Manchester United, pelo placar de 8 a 2...

A catástrofe do Arsenal em Old Trafford, no entanto, a pior derrota da minha vida – a pior derrota nas vidas de qualquer torcedor do Arsenal com menos de 115 anos – só poderia ser parcialmente explicada pelo dinheiro e pelos jogadores que perderam, um dos quais foi seu capitão e um dos melhores jogadores do mundo, Cesc Fabregas (HORNBY, 2012, s/p).<sup>17 18</sup>

<sup>16</sup>No sentido ocidental da palavra, referindo-se àquele que possui posses.

<sup>17</sup>De acordo com o dispositivo Kindle, com letra tamanho 6, tal citação se encontra na posição 66.

<sup>18</sup>Originalmente: “Arsenal’s catastrophe at Old Trafford, however, the worst defeat of my lifetime – the worst defeat in the lifetimes of any Arsenal fan under the age of 115 – could only partly be explained by money, and by the players they had lost, one of whom was their captain and one of the world’s

Ora, no conto sobre o *País Pequeno* (HORNBY, 2012, p. 36), os personagens reconhecem que perder o segundo tempo, para San Marino, de apenas 3 a 0 foi o melhor resultado internacional de Champina. E imaginavam que, se jogassem daquele jeito em todo o tempo regulamentar, perderiam de 6 a 0... “Seis a zero parecia um placar de futebol. Times bons, times dos quais você ouvia falar, perdem por 6 x 0 às vezes. Ninguém nunca perde de 26 x 0, porém”. Corroborando com a ficção, o Arsenal era um time grande de quem se ouvia falar e perdeu de 8 x 2.

Nick Hornby faz uma análise técnica do jogo, apontando o quanto os jogadores do Arsenal não tinham chances de levar menos do que cinco gols. Ou seja, “[...] A história da temporada, então, em uma única tarde: quem tem mais dinheiro vence, sem dúvida. Sheikh Mansoor venceu a Premier League, e Roman Abramovich venceu a Liga dos Campeões”<sup>19</sup> (HORNBY, 2012, s/p). E, dessa forma, o futebol aparece como um grande meio de entretenimento e o grande inimigo de Hornby já não são os torcedores-consumidores, que abandonariam o time em momentos de maus resultados, mas os grandes investidores dos clubes rivais.

Seguindo adiante na temporada, Hornby destaca dois casos de racismo, acontecidos em outubro de 2011. “Esses incidentes eram banais, feios e notavelmente semelhantes: dois jogadores bem conhecidos disseram o que não deveriam ter dito a oponentes negros” (HORNBY, 2012, s/p)<sup>21 22</sup>. Nick Hornby se refere aos casos de Luis Suárez (Liverpool)/Patrice Evra (Manchester United); e John Terry (Chelsea)/Anton Ferdinand (Queens Park Rangers). O autor abre, inclusive, uma breve discussão sobre a ética do esporte, haja vista que, embora outros torcedores ingleses, que não do Liverpool, admirem Suárez como jogador, certamente mantêm algumas ressalvas sobre as suas qualidades enquanto ser humano. Para além

best players, Cesc Fabregas” (HORNBY, 2012, s/p).

<sup>19</sup>Originalmente: “[...] The story if the season, then, in a single afternoon: the big money wins, emphatically. Sheikh Mansoor won the Premier League, and Roman Abramovich won the European Champions League” (HORNBY, 2012, s/p).

<sup>20</sup>De acordo com o dispositivo Kindle, com letra tamanho 6, tal citação se encontra na posição 79.

<sup>21</sup>De acordo com o dispositivo Kindle, com letra tamanho 6, tal citação se encontra na posição 100.

<sup>22</sup>Originalmente: “These incidents were banal and ugly and remarkably similar: two well-known players said something they shouldn’t have said to black opponents” (HORNBY, 2012, s/p).

do racismo, que já seria, por si só, suficiente para tais restrições, houve a situação na Copa de 2010, em que ele impediu o gol da seleção de Gana com a mão, dentro da grande área. O jogador foi expulso e, quando o goleiro uruguaio defendeu o pênalti, as câmeras mostraram Suárez fora de campo, vibrando, como se tivesse marcado gol<sup>23</sup>.

Ou seja, ao longo desses textos referentes à temporada 2011/12, o escritor rompe com a literariedade dramática presente em *Febre de Bola*, passando a escrever sobre as quatro linhas em si. O estilo, a linguagem simples e o formato de boletim esportivo são o que permanecem no texto. Diferentemente de *Fan Mail* (2013), que traz textos mais semelhantes ao *Febre de Bola*, inclusive revisitando o *best-seller*. A coletânea se refere, como sugere o próprio subtítulo, a 20 anos de escrita sobre o futebol. Dessa forma, tudo já foi publicado antes e é mais uma mostra de que Hornby não deixou, efetivamente, de escrever sobre futebol, mas o retirou do cerne de sua produção literária, alegando que todas essas publicações foram propostas tentadoras.

*The Abbey Habit: Cambridge United 1983/84* abre a coletânea. O texto foi publicado pela primeira vez no livro de organização de Nick Hornby, *My Favourite Year*, de 1993. O Cambridge United, cujo estádio se chama Abbey, é um velho conhecido em *Febre de Bola*. Na autobiografia, Hornby dedica alguns textos a tratar dos jogos do time, que passou a acompanhar quando entrou na universidade. Dessa forma, pode-se dizer que o literato torcia para outra equipe, sendo esta mais modesta. Na temporada de 1983/84, o Cambridge United venceu apenas quatro jogos e perdeu 24. Foi uma temporada terrível, que culminou com o rebaixamento da equipe que, mais tarde, retornaria à quarta divisão.

Assim como em *Febre de Bola*, Nick Hornby traz assuntos pessoais para o texto. Ao se questionar, por exemplo, se existe algo como uma personalidade propensa ao vício, o autor conta que está tentando parar de fumar e compara o cigarro ao futebol:

O vício em futebol funciona da mesma maneira e, em alguns sentidos, meu vício no Cambridge United na época foi o mais puro que já experimentei.

Fumar me dá nicotina, e com isso algum estímulo e relaxamento; meu vício no Arsenal é, ocasionalmente, recompensado por copas e campeonatos [...]. Meu vício ao terrível lado de Cambridge em 1983/84 não me levou a lugar nenhum (HORNBY, 2013, s/p).<sup>24 25</sup>

O escritor retoma a veia dramática, recorrente em sua autobiografia, mas para se referir ao Cambridge United e não exatamente ao Arsenal. Apesar de que, em *Febre de Bola*, o Arsenal é em grande parte do tempo um time capaz de perder jogos para equipes da terceira divisão. Ao passo que aqui, embora se refira ao espaço temporal próximo ao da primeira obra, o time londrino é o que retribui seu vício, com títulos em campeonatos; sendo o Cambridge United um terrível erro de julgamento.

O texto *Return of the Red Devils*, também publicado no jornal *The Guardian* (25 jan. 1993, p. 22), é sobre o Manchester United. A chamada, no periódico, diz o seguinte: “Manchester United, o gigante caído do futebol, tem sido uma das melhores e mais duradouras piadas dos torcedores rivais. Mas quem está rindo agora?”<sup>26</sup>

Nick Hornby, como um bom *Gunner*<sup>27</sup>, satiriza: “Eu expresso a fervorosa esperança de que eles vão explodir novamente, de preferência o mais tarde possível, o último minuto do último jogo da temporada, para doer mais”<sup>28</sup> (HORNBY, 25 jan. 1993, p. 22). O Manchester United estava prestes a vencer o campeonato, mas Hornby torcendo para que não acontecesse, sob a justificativa de que o Manchester se autoconsidera o maior, melhor e mais importante clube da Europa, o que torna mais prazeroso torcer contra a equipe. Para além das alfinetadas, Hornby ameniza a situação, alegando que os torcedores contemporâneos a ele teriam, em partes, um amor pelo clube, a partir

<sup>24</sup> Originalmente: “Football addiction works in much the same way, and in some senses my addiction to Cambridge United that season was the purest I have ever experienced. Smoking gives me nicotine, and with it some stimulation and relaxation; my addiction to Arsenal is, occasionally, rewarded by cups and championships [...]. My addiction to the appalling Cambridge side of 1983/84 brought me nothing at all” (HORNBY, 2013, s/p).

<sup>25</sup> De acordo com o dispositivo Kindle, com letra tamanho 6, tal citação se encontra na posição 126 a 131.

<sup>26</sup> Originalmente: “Manchester United, the fallen giants of football, have long been one of rival fans’ best and most enduring jokes. But who’s laughing now?” (HORNBY, 25 jan. 1993, p. 22).

<sup>27</sup> Torcedor do Arsenal.

<sup>28</sup> Originalmente: “I express the fervent hope that they’ll blow it again, preferably as late as possible, the last minute of the last game of the season, so that it hurts more” (HORNBY, 25 jan. 1993, p. 22).

<sup>23</sup> Cabe lembrar que o jogo valia a classificação para as semifinais da Copa e a partida estava empatada em 1 a 1. O lance da penalidade máxima, cometido por Suárez, aconteceu já nos acréscimos e a disputa foi para os pênaltis, tendo o Uruguai se classificado.

de uma fixação formativa com o Manchester, que tinha os melhores jogadores.

O final dos anos 1960 e início dos 70 eram uma Era de Ouro para o futebol, tal como eram para a música pop: Best e Marsh, Dylan e Aretha, os Charlton e os Stones, Matt Busby e Berry Gordy. (Na minha adolescência, descobri que, durante o sono, confundi o pop e o futebol, os dois pilares das minhas horas acordado: costumava ter sonhos de que Rod Stewart ou Jimmy Page haviam sido “transferidos” para uma banda rival e, portanto, eu não seria mais capaz de gostar deles). Com efeito, o Manchester United era os Beatles (George Best era frequentemente chamado de “o quinto Beatle”) – o maior, o melhor, o sine qua non do futebol inglês (HORNBY, 25 jan. 1993, p. 22).<sup>29</sup>

Ao exaltar o time do Manchester United como um time de celebridade, especialmente, ao fazer referência aos Beatles, parece justificar o motivo pelo qual é agradável torcer contra a equipe. Inclusive, esta é uma lógica, via de regra, dominante no futebol: a tendência em torcer contra os times mais fortes – isso nos jogos com equipes neutras, pois sempre se torcerá contra os principais rivais.

A respeito dos jogadores, continua... “[...] Eu amei o Arsenal, mas no fundo eu sabia que meus deuses – George Armstrong, John Radford, Bobby Gould – não viviam na mesma montanha que Best, Law e Charlton. Bobby Gould era certamente um habitante de Scafell Pike, não do Olimpo”<sup>30</sup> (HORNBY, 25 jan. 1993, p. 22). Nick Hornby, em um tom espirituoso, compara Scafell Pike, a montanha mais alta da Inglaterra, com o monte Olimpo. Além daquela ser, efetivamente, mais baixa do que este, é clara a alusão ao fato de que os deuses gregos habitavam do Olimpo. Ou seja, é como se o time do Manchester estivesse ao nível da mitologia grega, ao passo que o do Arsenal

se limitasse a uma referência geográfica, com 978 metros de altitude.

Já o time de 1993 continha apenas ecos dos anos 1960. Mesmo porque, tal como aponta Hornby, dificilmente seria possível manter jogadores do nível de Best, Law e Charlton em qualquer clube inglês, na década de 1990. Certamente, eles estariam em Turim ou Milão.

Esse texto de Nick Hornby, quando publicado pela primeira vez, em 1993, gerou repercussão entre os leitores de *The Guardian*. Por um lado, torcedores do Manchester United escreveram ao periódico, questionando veementemente o motivo que levou um torcedor do Arsenal a escrever sobre outro clube. O leitor Tony Smith, torcedor do Manchester United, por exemplo, respondeu à coluna de Hornby com certa indignação: “[...] Mas por que vocês deram uma página e meia do *Guardian* para um torcedor do Arsenal expressar sua inveja? Os assuntos do United não têm nada a ver com os torcedores do Arsenal. Qual a próxima? O Papa vai descrever o que há de errado com o Islã?”<sup>31</sup> (THE GUARDIAN, 27 jan. 1993, p. 17). Grande parte da irritação ficou por conta de Hornby ter escrito que o Manchester se acha o maior, melhor e mais importante clube da Europa.

Outro torcedor, Roger Brierley, comentou, também com desagrado, que um torcedor do Arsenal falando do Manchester United é tolerável; o que é inaceitável é que Hornby falasse do futuro da *Premier League* (THE GUARDIAN, 28 jan. 1993, p. 18).

Por outro lado, torcedores do Arsenal também se manifestaram, tanto acerca dos comentários publicados no dia 27 de janeiro, quanto à coluna de Hornby, pois não concordavam que o Manchester um dia foi o maior de todos. Os *gunners* Neil Finnegan e Tony Mitchell citam Tony Smith, alertando que o Manchester não é o melhor e, exatamente, por isso, aborrece a todos com sua arrogância. Michael Buckley também rebate o comentário de Smith, dizendo que este realmente falha em reconhecer que a era do Manchester United enquanto o melhor já acabou (THE GUARDIAN, 30 jan. 1993, p. 24).

Sobre a Copa do Mundo de 1994, Nick Hornby (2013), novamente fazendo as vezes de um saudosista,

<sup>29</sup> Originalmente: “The late sixties and early seventies were a Golden age for football, just as they were for pop music: Best and Marsh, Dylan and Aretha, the Charltons and the Stones, Matt Busby and Berry Gordy. (In my adolescence I found that during sleep I confused pop and soccer, the two pillars of my waking hours: I used to have dreams that Rod Stewart or Jimmy Page had been ‘transferred’ to a rival band, and that therefore I would no longer be able to like them). In effect, Manchester United were the Beatles (George Best was often referred to as ‘the fifth Beatle’) – the biggest, the best, the sine qua non of English football” (HORNBY, 25 jan. 1993, p. 22).

<sup>30</sup> Originalmente: “[...] I loved Arsenal but deep down I knew that my gods – George Armstrong, John Radford, Bobby Gould – did not live on the same mountain as Best, Law and Charlton. Bobby Gould was surely an habitant of Scafell Pike, not Olympus” (HORNBY, 25 jan. 1993, p. 22).

<sup>31</sup> Originalmente: “[...] But why did you give an Arsenal supporter a page-and-a-half of the Guardian to express his envy? United’s affairs are nothing to with Arsenal fans. What next, the Pope to write a feature on what is wrong with Islam?” (THE GUARDIAN, 27 jan. 1993, p. 17).

escreve *Desperately Seeking Pelé*, originalmente publicado na revista *Time*, em 1994. Segundo o autor, a Copa precisava ser salva, especialmente se ninguém estivesse disposto a jogar futebol de verdade. Era necessário, acima de tudo, uma estrela performática, alguém capaz de atrair a atenção da mídia, já o público, principalmente o norte-americano, queria ver um espetáculo. Alguém que fizesse o que Pelé conseguiu em 1970.

Essa relativa preocupação com a competição sediada pelos EUA já dava as caras em momentos anteriores. No jornal norte-americano *The Palm Beach Post*, Hornby publicou um texto sobre a realização da Copa.

Queridos americanos,

Não é com frequência que escrevo para uma nação inteira [...]. No ano que vem, o seu país hospeda o Torneio de Futebol da Copa do Mundo. Na verdade, não se chama o Torneio de Futebol da Copa do Mundo; por aqui (e por “aqui”, quero dizer, em todas as outras nações da Terra), a competição é conhecida simplesmente como a Copa do Mundo (HORNBY, 12 dez. 1993, p. 14C).<sup>32</sup>

O texto é sarcástico, colocando em xeque, sobretudo, os conhecimentos futebolísticos dos norte-americanos. Hornby dá continuidade dizendo que viu um programa de TV, em que alguns norte-americanos foram perguntados sobre o que era a Copa do Mundo e foi terrível. Um deles perguntou quem ganhou, outro achou que fosse raça de cachorro e um terceiro pensou que se tratasse de sabor de sorvete.

Na sequência, o escritor explica o que é a Copa:

[...] A Copa do Mundo acontece a cada quatro anos, como as Olimpíadas – exceto pelo fato de que as pessoas realmente se importam com o que acontece na Copa. Suspeito que algumas pessoas só se importam com isso, precisamente porque sabem que nenhum americano pode vencer (HORNBY, 12 dez. 1993, p. 14C).<sup>33</sup>

<sup>32</sup> Originalmente: “Dears Americans,

<sup>33</sup> is not often that I write to an entire nation [...]. Next year, your country is hosting the World Cup Soccer Tournament. It is not really called the World Cup Soccer Tournament at all; over here (and by ‘over here’ I mean in every other nation on Earth) it is known simply as the World Cup (HORNBY, 12 dez. 1993, p. 14C).

<sup>34</sup> Originalmente: “[...] The World Cup happens every four years, like the Olympics – except, unlike the Olympics, people really care about what happens in it. Some people, I suspect, only care about it precisely because they know that no Americans can win the thing” (HORNBY, 12 dez. 1993, p. 14C).

Ao mesmo tempo em que faz piada a respeito do *soccer*, Hornby reconhece que os norte-americanos são dominantes no quadro de medalhas das Olimpíadas.

No sentido de que os leitores compreendessem do que falava, Nick Hornby compara a Copa de 1994, a ser sediada e “bagunçada” pelos norte-americanos a algo como se o Super Bowl fosse realizado apenas de 4 em 4 anos; e alguém tivesse a ideia de deixar a Itália sediar o evento. Hornby ainda dá dicas de como assistir ao evento e finaliza dizendo que os norte-americanos “[...] não sabem o quanto têm sorte”.

Ao longo de seus escritos, Nick Hornby fala da relação forçada como um novo jogador, comparando a relações familiares<sup>34</sup>; trata da volta dos torcedores ingleses a competições europeias, apontando que estes não são mais os mesmos<sup>35</sup>; aborda a Copa de 2002 e, como sempre que a competição vem à tona, desenrola sobre a seleção brasileira e Ronaldo<sup>36</sup>; retoma, também, a seleção inglesa na Copa de 2006, reforçando que o vínculo com o Arsenal é mais forte.

Até que volta a *Febre de Bola*. Em *Fever Pitch Revisited*, posfácio para a edição da *Penguin Modern Classics*, de 2012, que, por sinal, é o mesmo texto da introdução comemorativa, da edição brasileira da Companhia das Letras, Hornby retoma uma série de aspectos da obra de 1992, como já comentado na presente pesquisa. Mas, cabe destacar, que o autor reconsidera alguns pontos da autobiografia, ainda que não desenrole muito sobre isso. Tal é o caso da reformulação dos estádios pós-Hillsborough. Embora o autor não fale abertamente a este respeito na autobiografia, é possível perceber dois pontos de vista. O primeiro deles se refere a uma lamentação pelo fim do Setor Norte no Highbury, que era onde a torcida entoava os cantos, que representava simbolicamente a experiência do torcer. Por outro lado, as críticas mais incisivas repousavam em relação às mudanças que vinham junto à reformulação dos estádios, que era o aumento do preço dos ingressos e a iniciativa de transformar o torcedor em consumidor – sobre o que Hornby não concordava.

Dessa forma, se em 1992, o escritor lamentava o fim do Setor Norte e se colocava ausente de

<sup>34</sup> *Heroes and Villains: Perry Groves*, publicado originalmente no jornal *Independent*, em 1992.

<sup>35</sup> *A Copenhagen Jaunt*, publicado originalmente na revista *Loaded*, em 1994.

<sup>36</sup> *The 2002 World Cup*, publicado originalmente na revista *The New Yorker*, em 2002.

uma discussão mais crítica sobre os desastres que aconteceram na década de 1980; ao revisitar a obra, Hornby aponta que “[...] Depois de Hillsborough, houve um reconhecimento geral de que algo precisava ser feito – de que arquibancadas de concreto caindo aos pedaços não eram seguras, de que, no pacote de uma tarde de diversão, não deveria vir junto a ameaça de ferimento ou de morte” (HORNBY, 2013, p. 11). Finalmente, o escritor aborda as questões incisivas, possivelmente, relacionadas ao Relatório Taylor, já que, ao longo de *Febre de Bola*, qualquer fala com essa transparência jamais tinha se evidenciado. Ao mesmo tempo, entretanto, a assertiva de Hornby é capciosa. Há o reconhecimento de que algo deveria ser feito em relação às arquibancadas que estavam caindo aos pedaços, o que não quer dizer que ele estivesse falando de reformas em todos os estádios ingleses, com o fim das arquibancadas e inserção de cadeiras. Tal posicionamento, aparentemente pautado na ideia de reformar estádios que precisem de reforma, já havia sido manifestado no início da década de 1990, mas não em uma de suas obras.

Um dos autores que, assim como Nick Hornby, escreve sobre a experiência do torcer, é Tom Watt (1995), sobre quem será melhor tratado no capítulo seguinte. No livro *The End: 80 years of life on the terraces*, originalmente publicado em 1993, Watt traz depoimentos de torcedores e ex-jogadores do Arsenal, desde 1913. Parece uma iniciativa no sentido de registrar a memória de um espaço que estava prestes a deixar de existir.

Eis que um dos torcedores entrevistados por Watt foi Nick Hornby, cujas declarações são carregadas de ironia, como por exemplo, “Eu acho que mais pessoas teriam sido mortas se não tivéssemos colocado as cadeiras. Tivemos um desastre a cada 15 anos e esse não é um preço que valia a pena pagar. Preferiria me sentar do que morrer!”<sup>37</sup> (HORNBY In WATT, 1995, p. 326). Como todo o livro é dividido por intervalos temporais, este excerto se refere ao momento entre 1987 e 1992, quando as lembranças dos entrevistados giram em torno da temática de que nada seria igual ao Setor Norte. Daí a fala de Hornby, no sentido de que, sob a sua perspectiva, não haveria motivo para que aquela arquibancada fosse reformada e paramentada

com cadeiras. O literato, ao falar dos desastres a cada 15 anos, não se refere aos estádios ingleses, em um sentido geral; está, sim, dizendo que o Highbury é um estádio seguro, estatisticamente falando. E, para fechar, o ponto de exclamação, coroando a elegante ironia da sentença. Em se tratando de Nick Hornby, sabe-se que a pontuação não está ali por acaso – especialmente tendo em vista as discussões a este respeito tanto em *Febre de Bola* quanto em *Funny Girl* (2014). Ao exclamar “Preferiria me sentar do que morrer!”, Hornby deixa em dúvida se estava falando sério. Mesmo porque, naquele momento, embora reconhecesse algumas situações que poderiam ter causado sua morte ou, ainda, ele poderia ter estado em Heysel ou Hillsborough (HORNBY, 2013), o autor não se posicionava favoravelmente à colocação de cadeiras no Setor Norte.

Assim como em sua autobiografia, ao falar do período entre 1971 e 86, Nick Hornby retoma a máxima de que os torcedores, em um sentido geral, corriam perigo...

[...] Mas me lembro da minha primeira vez no Setor Norte e o Arsenal marcou e eu descí uns 15 degraus. Eu estava aterrorizado no caminho para baixo, mas era como ver as aeromoças em um avião – ninguém mais estava assustado, então pensei: *isso é ótimo*. E foi assim o tempo todo, de verdade, e se três ou quatro pessoas tivessem caído, você teria tido problemas. Eu acho que houve momentos em que senti que havia muitas pessoas no chão. [...]. Havia pontos que simplesmente não eram seguros – como aqueles degraus na parte de trás. Fiquei atraído por tudo isso, mas acho que, se eu soubesse o quão perigoso era, não teria me divertido tanto (HORNBY In WATT, 1995, p. 151).<sup>38</sup>

Todavia, novamente, Nick Hornby coloca um discurso duplo. Primeiramente, reconhece que a onda na arquibancada, no momento do gol, era perigosa e que todos ali corriam riscos; para logo em seguida alegar que se soubesse que aquilo era perigoso, não teria sido capaz de se divertir. Hornby satiriza a

<sup>37</sup> Originalmente: “I think more people would’ve been killed if we hadn’t gone all-seater. We had a disaster about every 15 years and that’s not a price that was worth paying. I’d rather sit than die!” (HORNBY In WATT, 1995, p. 326).

<sup>38</sup> Originalmente: “[...] But I remember the first time I was on the North Bank and Arsenal scored and I went down about 15 steps. I was terrified on the way down but it was like watching air-stewardesses on a plane – nobody else was frightened, so I thought: *this is great*. And that’s how it was all the time, really, and if three or four people had gone down you’d have been in trouble. I think there were times when I felt there were too many people in the ground. [...]. There were spots that just weren’t safe – like those steps at the back. I was attracted to all that but I think if I’d known how dangerous it was, I wouldn’t have had quite so much fun as I did” (HORNBY In WATT, 1995, p. 151).

situação e se pode hipotetizar o porquê. Como tratado anteriormente, as mortes no estádio de Heysel e em Hillsborough, apesar de uma deficiência organizativa e mesmo no espaço do estádio, não foram causadas por momentos como o descrito pelo literato. Foram catalisadas, sim, por *hooligans* que ou estavam perseguindo a torcida adversária ou queriam entrar no estádio sem ingresso. Dessa forma, a fala de Nick Hornby, ao ironizar um suposto apoio à reforma em Highbury, pode ser compreendida, inclusive, com um tom de indignação, já que todos os torcedores pagariam por algo que alguns indivíduos teriam causado.

Esse pensamento se coaduna ao *Febre de Bola*, na medida em que parece uma constante tentativa de mostrar que, talvez, a maioria dos torcedores de futebol não fossem *hooligans*, nem brigassem em estádios. O que se evidencia ao destacar, ainda na autobiografia, que pessoas que frequentam a universidade, que leem e que são bem-sucedidas frequentam o estádio. Nesse sentido, o objetivo primeiro parece ter sido uma defesa de si mesmo, enquanto torcedor. Retomando alguns dos preceitos de Philippe Lejeune (2014), ao tratar da autobiografia como um texto em que o autor mostra como se tornou o que é, não seria impossível se *Febre de Bola* se chamasse “Como e porque sou torcedor do Arsenal”.

Sobre o comportamento dos torcedores no Setor Norte, Hornby descreve um hábito comum naquela extremidade do campo.

Havia sempre planos e coisas. As pessoas costumavam ouvir rumores, você sabe, sobre os torcedores do Rotherham<sup>39</sup> que iriam tentar tomar o Setor Norte quando jogaram na Copa! Lembrome de um jogo quando eu era criança, uma dúzia de torcedores do Arsenal entrou cantando: *Tranmere! Tranmere!*<sup>40</sup> ou quem quer que fosse e o Setor Norte correu. E pensei: *Ah, não! Há torcedores do Tranmere no Setor Norte*. Eram apenas os torcedores do Arsenal brincando, embora houvesse uma grande fobia sobre isso, uma paranoia – que fazia parte da diversão. [...]. Mas quero dizer, havia briga dentro do Highbury, todos os sábados, entre 1968 e 75 ou 76 (HORNBY In WATT, 1995, p. 158).<sup>41</sup>

<sup>39</sup> Rotherham United Football Club que, na época, jogava a segunda divisão inglesa.

<sup>40</sup> Em referência a Tranmere Rovers Football Club.

<sup>41</sup> Originalmente: “There were always plans and things. People used to hear rumours, you know, about Rotherham supporters who were going to try and

Mais um exemplo de como Nick Hornby minimiza os acontecimentos, sendo difícil identificar as motivações das brigas ou mesmo a sua magnitude. Segundo aponta na autobiografia, sua estreia no Setor Norte aconteceu em 1972, quando tinha 15 anos de idade e, sobre esta que seria a sua formatura, Hornby conta que planejou com cuidado, pois estava com medo, sem saber exatamente do que (HORNBY, 2013). Quando viajava para ver jogos fora, comumente assistia ao jogo da arquibancada rival, isto é, especialmente semelhante ao Setor Norte, porém, cheia de torcedores adversários em volta. Dessa forma, aponta que havia perigo maior do que estar entre 30 mil pessoas incentivando o Arsenal. “Depois do início assustado, comecei a amar aquele movimento, ser lançado na direção do campo e sugado de volta pro lugar” (HORNBY, 2013, p. 109). O cálculo foi que, nesta partida conta o Ipswich Town FC, dificilmente haveria invasão no Setor Norte. Escolha, ainda assim, arriscada, se pensar a declaração acima mencionada de que, neste período havia briga quase todo sábado. Mais uma vez, conta-se com o paradoxo de que, por um lado, os rumores de confusão eram uma grande brincadeira da torcida, ao mesmo tempo em que, por outro, as brigas eram frequentes.

Possivelmente, uma tentativa de minimizar as situações, até porque, mais do que incentivar o time, o Setor Norte possuía uma espécie de dever social com o clube.

Sem o Setor Norte, a tensão entre um jogador talentoso e a gerência seria quebrada anteriormente. Charlie George e Nicholas teriam saído antes – George Graham não poderia se dar ao luxo de alienar a multidão em sua primeira temporada, vendendo Nicholas. Você pode ver o mesmo acontecendo com Limpar. Era muito importante que esses jogadores fossem valorizados por uma extremidade do campo (HORNBY In WATT, 1995, p. 191).<sup>42</sup>

take the North Bank when they played them in the Cup! I remember one game when I was a kid, a dozen Arsenal supporters walked in chanting: *Tranmere! Tranmere!* or whoever it was and the North Bank ran out. And I thought: *Oh no! there's Tranmere supporters in the North Bank*. That was just Arsenal supporters messing about but there was a big phobia about it, a paranoia – and it was part of the fun. [...]. But I mean, there was a fight inside Highbury every single Saturday I went between about 68 and 75 or 76” (HORNBY In WATT, 1995, p. 158).

<sup>42</sup> Originalmente: “Without the North bank, the tension between a talented player and the management would be broken earlier. Charlie George would have left sooner, Nicholas would've [sic] – George Graham couldn't afford to alienate the crowd in his first season by dropping or selling Nicholas. You can see the same thing happening with Limpar. It was very important for

Trata-se de um apoio evidenciado pelos cânticos no campo, o que não significa que houvesse diálogo entre torcida e dirigentes, como inclusive, foi proposto no Relatório Taylor. E é aí que mora o ponto de grande parte da problemática, tendo em vista que Hornby apontava para uma empreitada do clube, que estaria buscando levar ao estádio um público diferente. Daí a importância, para o clube, de acabar com o Setor Norte.

Se o objetivo dos clubes é trazer um público diferente, então o público que eles querem trazer são os *connoisseurs*<sup>43</sup>. O problema é que apenas cerca de duas vezes por temporada você sente vontade de aplaudir qualquer coisa que aconteça no campo de futebol de ambos os lados. É por isso que não vai funcionar – o partidarismo é absolutamente o ponto do futebol. Não pode funcionar de outra maneira. [...] é simplesmente ridículo esperar que um *connoisseur* seja atraído por algo assim (HORNBY In WATT, 1995, p. 267).<sup>44</sup>

Nick Hornby destaca, repetidamente, a inviabilidade de transformar o torcedor de futebol em consumidor. Tal ideia esboça certa proximidade à *Febre de Bola*, o que fica bastante evidente em alguns textos publicados em *The Independent*, inclusive, por parte do próprio jornal que, apresenta Nick Hornby como o autor daquela autobiografia. A maioria das publicações do escritor neste periódico está entre os anos de 1993 e 1995, sendo pouquíssimas delas sobre futebol – até porque a coluna escrita por Hornby fazia parte do caderno cultural, o que cria até certa polêmica por parte de alguns leitores, pois o futebol não estava restrito ao caderno esportivo. Optou-se por destacar dois dos textos de Nick Hornby, ambos referentes ao Arsenal.

Em “O que o meu eu mais jovem diria se me encontrasse agora?” (*What would my younger self*

*say if he met me now?*), Hornby fala da boa fase do Arsenal.

Eu acho que qualquer versão mais jovem de mim teria sido intimidada pelo meu desejo aparentemente inesgotável de descontentamento. Se o “eu” de 28 anos de idade, o vintage de 1985, me visse há alguns meses, vaiando o time após uma triste derrota em casa para o Bolton, ele não ficaria surpreso; o Arsenal foi terrível em 1985, e continuou por anos, então o que ele poderia esperar de diferente? (HORNBY, 11 jun. 1994, s/p).<sup>45</sup>

Sob tal devaneio, o Hornby jovem teria sido simpático às vaias, até descobrir que o Arsenal havia vencido cinco troféus nos últimos oito anos. Primeiro, ele cairia da cadeira e, depois de assimilada a ideia, jamais vaiaria a equipe. Uma lógica bastante plausível de pensamento, tendo em vista que o personagem narrado na autobiografia nunca havia visto o Arsenal vencer qualquer título. É curiosa essa abordagem ao estilo de *De volta para o futuro*, pois, embora o Nick do passado tenha se transformado no Nick do presente, aquele nada mais é do que a representação de um *self possível* na autobiografia (LEJEUNE, 2014). Muito embora, tanto em *Febre de Bola* quanto na coluna do *Independent*, todos os Nick Hornby’s apresentam um desejo inesgotável de descontentamento, tornando, portanto, possível que Nick do passado e Nick do futuro viaassem juntos o Arsenal apático daqueles dias de 1995.

Em “Uma semana quando o futebol ficou louco” (*A week when football went mad*), Nick Hornby volta a abordar a temática das reformas dos estádios e o quanto isso afetou o barulho dos campos de futebol. “Os recentes redesevolvimentos em Old Trafford, Highbury e Anfield, por exemplo, têm resultado na lamentação dos torcedores daqueles times pela falta de atmosfera nos jogos em casa”<sup>46</sup> (HORNBY, 05 fev. 1995, s/p). A falta de atmosfera se refere à ausência do Setor Norte, em Highbury, por exemplo, aquela parte da torcida que cantava e incentivava a equipe. Somado

those players to be valued by one end of the ground” (HORNBY In WATT, 1995, p. 191).

<sup>43</sup> Palavra francesa que indica alguém com grande conhecimento nas artes finas, cozinha e sabores. Optou-se por manter a palavra, visto que não há, no Português, uma palavra equivalente.

<sup>44</sup> Originalmente: “If the aim of the clubs is to bring in a different audience, then the audience they want to bring is the connoisseurs. The trouble is that only about twice a season that you feel like applauding anything that happens on the football pitch from either side. That’s why it won’t work – the partisanship is absolutely the point of football. It can’t work any other way. [...] it’s just ludicrous to expect the connoisseur to be attracted to anything like that” (HORNBY In WATT, 1995, p. 267).

<sup>45</sup> Originalmente: “I think that any younger version of myself would have been daunted by my apparently inexhaustible appetite for discontent. If the 28-year-old me, the 1985 vintage, had seen me at Arsenal a few months back, booing the team off the pitch after a dismal Cup defeat at home to Bolton, he wouldn’t have been surprised; Arsenal were terrible in 1985, and had been for years, so why should he have expected any different?” (HORNBY, 11 jun. 1994, s/p).

<sup>46</sup> Originalmente: “The recent redevelopments at Old Trafford, Highbury and Anfield, for instance, have resulted in supporters of those teams bemoaning the lack of atmosphere at home games” (HORNBY, 05 fev. 1995, s/p).

às transmissões dos jogos pela ITV, os estádios ficavam mais vazios e, portanto, mais silenciosos. Para Hornby, essa atmosfera se estabelece com as manifestações dos torcedores, sejam elas verbais ou gestuais, “[...] Você pula. Você acena com os braços. Você grita. Uma ou duas pessoas – oh, tudo bem, praticamente todos – usam linguagem suja e abusiva. Isso, eu sempre entendi, era para o que estávamos lá”<sup>47</sup> (HORNBY, 05 fev. 1995, s/p). Hornby trata a linguagem suja e abusiva como a externalização da paixão pelo clube, incitada no momento do jogo... “Os guardiões morais do futebol vão se arrepender disso, mas você pode não ter os dois lados: você não pode vender o jogo em sua paixão e, em seguida, expressar consternação quando as pessoas mostram alguma”<sup>48</sup>.

Hornby apresenta a deixa para criticar a espetacularização crescente do futebol, bem como a tentativa de alcançar uma torcida que fosse consumidora. Todavia, ao retomar a questão da venda do esporte, o escritor entra em um caminho perigoso, pois, ao afirmar que o torcedor vai ao campo para xingar, pode se emparelhar à justificativa recorrente ao racismo, por exemplo. Sob a máxima do “calor do jogo”, não são poucos os casos em que o preconceito de raça no estádio de futebol é justificado pela emoção. É importante ressaltar que, conforme anteriormente citado, Hornby trata, já em 2011 de dois casos no futebol, destacando o uruguaio Luis Suárez, como alguém que gera dúvidas sobre si, enquanto ser humano.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Nick Hornby, transformar os torcedores de futebol em um público apreciador – ou, como trata em *Febre de Bola*, em consumidores – seria inviável. Em grande parte do tempo, o torcedor de futebol está descontente com o jogo a que assiste, sendo a afetividade pelo clube, o principal motivo da permanência da torcida, ainda que o clube vá de mal a pior. É como se a autobiografia e os textos daquele período fossem o hino do Arsenal escrito em prosa, já que, essencialmente, o que Nick Hornby destaca é

que “Vencendo ou perdendo / É você que escolhemos” (*Whether you win or lose / It's you that we choose*).

A escrita do futebol na década de 1990 e início dos anos 2000, como verificado em *Fan Mail* e no próprio *Febre de Bola*, é diferente da escrita da década dos anos 2010, como se percebe a partir de *Pray*. Com base nos elementos contextuais e no quanto estes interferem no texto, é provável que essa mudança na forma de escrita seja um reflexo – entre outras coisas, como a autonomia do autor –, do esporte em si. Pois, a modalidade da década de 1990 é absolutamente distinta do modelo contemporâneo espetacularizado. Assim, é possível que essas mudanças no contexto esportivo tenham influenciado a produção de Hornby, que já não aborda os efeitos afetivos do futebol, mas estritamente o que acontece em campo.

As publicações no jornal *The Independent* reafirmam o que já foi mencionado anteriormente, sobre a forte presença das características e mesmo do conteúdo exposto em *Febre de Bola*, nos escritos dos anos 1990. Para além de todas as mudanças do esporte, é importante lembrar, também, que graças à autobiografia, Nick Hornby passou a ser colunista em alguns periódicos, nos quais escrevia também sobre futebol – ou exclusivamente sobre isso. Dessa forma, escrever sobre futebol no jornal implica tratar dos acontecimentos futebolísticos, aproximando-se do formato da crônica não apenas pela forma de escrita, como pela proximidade com a notícia. Daí as diferenças na forma de escrever entre a década de 90 e os anos 2000. O saudosismo em relação ao futebol tende a aparecer nas colunas culturais, em que o futebol não é o principal assunto a ser tratado.

Dessa forma, pode-se pensar em três apresentações distintas do esporte, segundo as produções de Nick Hornby: 1) o futebol que corresponderia a um mito do passado mais feliz, atrelado aos sentimentos do escritor e, portanto, eivado de subjetividade, presente na autobiografia, na entrevista a Tom Watt e nas colunas culturais. 2) A modalidade como ela é, paradoxalmente presente nas obras de ficção, no sentido de conferir verossimilhança aos textos, via de regra, ocupando uma passagem bastante curta da narrativa. Por fim, 3) pode-se pensar no futebol atrelado à notícia, presente nas colunas esportivas dos jornais, conferindo objetividade na forma de escrever, bem como ao próprio esporte.

<sup>47</sup> Originalmente: “You jump to your feet. You wave your right arms about. You shout. One or two people – oh, all right then, everybody, just about – uses foul and abusive language. This, I had always understood, was what we were there for” (HORNBY, 05 fev. 1995, s/p).

<sup>48</sup> Originalmente: “Football’s moral guardians will regret this, but you can’t have it both ways: you can’t sell the game on its passion, and then express dismay when people show some” (HORNBY, 05 fev. 1995, s/p).

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 66-81, 1991.
- CALADO, Eliana Alda de Freitas. Da História ou da Literatura? O Limbo das Autobiografias. *Saeculum - Revista de História*, João Pessoa, n. 20, p.103-110, jan./jun. 2009.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de Teoria e História Literária*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.
- ESPN. *Nick Hornby looks back on Arsenal's worst season in 21 years*. 15 jun. 2017. Disponível em: <<http://www.espn.com/soccer/club/arsenal/359/blog/post/3143118/nick-hornby-on-arsenal-and-arsene-wenger-after-horrible-premier-league-campaign>>. Acesso em: 19 dez. 2017.
- GOLDBLATT, David. *The Game of Our Lives – the meaning and making of English Football*. Londres: Penguin Books, 2015.
- HILL, Jeffrey. *Sport and the Literary Imagination*. Oxford/Bern: Peter Lang, 2006.
- HORNBY, Nick. *Febre de Bola*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (Originalmente publicado em 1992).
- \_\_\_\_\_. (Org.). *My favourite year: a collection of football writing*. Londres: Phoenix, 2001, Kindle Edition. (Originalmente publicado em 1993).
- \_\_\_\_\_. *Return of the Red Devils*. Londres: The Guardian, 25 jan. 1993, p. 22.
- \_\_\_\_\_. *Don't blow this World Cup Thing*. Florida: The Palm Beach Post, 12 dez. 1993, p. 14C.
- \_\_\_\_\_. *What would my younger self say if he met me now?* Londres: The Independent, 11 jun. 1994. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/artsentertainment/wh-what-would-my-younger-self-say-if-he-met-me-now-1421982.html>>. Acesso em: 01 mar. 2017.
- \_\_\_\_\_. *A week when football went mad*. Londres: The Independent, 05 fev. 1995. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/sport/a-week-football-went-mad-5420489.html>>. Acesso em: 01 mar. 2017.
- \_\_\_\_\_. *Alta fidelidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (Originalmente publicado em 1995).
- \_\_\_\_\_. *Como Ser Legal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. (Originalmente publicado em 2001).
- \_\_\_\_\_. *31 Canções*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. (Originalmente publicado em 2003).
- \_\_\_\_\_. *Uma Longa Queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Originalmente, publicado em 2005).
- \_\_\_\_\_. *Pray: Notes on the 2011/2012 Football Season*. Londres: Penguin Specials, 2012, Kindle Edition.
- \_\_\_\_\_. *Fan Mail: twenty years of writing about soccer*. Londres: Penguin Specials, 2013, Kindle Edition.
- \_\_\_\_\_. *Pequeno País*. In: Vários autores. *Foras da lei barulhentos, bolhas raivosas e algumas outras*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 15-38.
- \_\_\_\_\_. *Funny Girl*. Londres: Penguin Books, 2014.
- KING, Anthony. *The end of terraces: the transformation of English football em the 1990s*. Londres: Leicester University Press, 2002. (Originalmente publicado em 1998).
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- LISE, Natasha Santos. *Arsenal, we're on your side: uma análise do futebol em Nick Hornby*. Curitiba: Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (Tese de Doutorado), 2018. 189 p.
- SANTOS, Márcia Pereira dos. A compreensão do si mesmo e do outro em autobiografias: contribuições ricoeurianas na escrita da história. Goiás: *Emblemas – Revista do Departamento de História e Ciências Sociais*, v. 1, n. 2, 2006.
- THE GUARDIAN. *Hot Shots*. Londres: The Guardian, 27 jan. 1993, p. 17.
- \_\_\_\_\_. *Team Spirit*. Londres: The Guardian, 28 jan. 1993, p. 18.
- \_\_\_\_\_. *Sick as parrots*. Londres: The Guardian, 30 jan. 1993, p. 24.
- TYLER, Anne. *Almoço no Restaurante da Saudade*. São Paulo: Mandarim, 1998.
- WATT, Tom. *The End – 80 years of life on the terraces*. Edimburgo: Mainstream Publishing, 1995. (Originalmente publicado em 1993).
- WROE, Martin. *'Soccerati' out of closet*. Londres: The Observer, 31 out. 1993, p. 6.
- YOUTUBE. *Nick Hornby: "Funny Girl" Google Talks*. 10 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S0Vo2-1KC8s>>. Acesso em: 18 dez. 2017.
- \_\_\_\_\_. *The BAFTA & BFI Screenwriters' Lecture Series – Nick Hornby*. 30 set. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vmzdBSgboM>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

# AS MULHERES ENTRAM EM CAMPO? A COBERTURA DO JORNAL GAZETA DO POVO REFERENTE ÀS COPAS DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO DOS ANOS DE 2007 E 2015

## WOMEN ENTER THE FIELD? THE COVER OF THE NEWSPAPER GAZETA DO POVO REFERRING TO THE WOMEN'S WORLD CUP OF THE YEARS 2007 AND 2015

**Nathalia Lutt Lourenço\***

**Dayanne Vieira Santos Pinto\*\***

**Fabiana Della Giustina dos Reis\*\*\***

**Maria Thereza Oliveira Souza\*\*\*\***

**André Mendes Capraro\*\*\*\*\***

### RESUMO

Essa pesquisa busca investigar o histórico recente de aparição do futebol feminino no jornal impresso Gazeta do Povo. Para tanto, delimitou sua cobertura das edições da Copa do Mundo dos anos de 2007 e 2015, buscando demonstrar e problematizar a forma e a recorrência de reportagens sobre tais eventos e, perceber se há um crescente interesse por essa modalidade feminina ou se a situação de pequena repercussão é uma constante. Foi constatado que, nesses anos, o jornal não realizou uma cobertura que promovesse a competição, e que, mesmo durante sua realização, nenhuma chamada foi publicada na capa do periódico. Conclui-se que o aparecimento do futebol feminino na mídia segue um padrão de descontinuidade, já que isso geralmente ocorre apenas em períodos específicos e ainda depende de bons resultados da seleção brasileira para uma vinculação maior de notícias.

**Palavras-chave:** Futebol Feminino; Gazeta do Povo; Copa do Mundo; Jornal.

### ABSTRACT

This research seeks to investigate the recent history of the appearance of women's soccer in the printed newspaper Gazeta do Povo. In order to do so, it delimited its coverage of the World Cup editions of the years 2007 and 2015, seeking to demonstrate and problematize the form and the recurrence of reports about such events and to see if there is a growing interest in this feminine modality or if the situation of small repercussion is a constant. It was found that, in those years, the newspaper did not promote the competition, and even during its execution, no calls were published on the cover of the newspaper. It is concluded that the appearance of women's soccer in the media follows a pattern of discontinuity,

---

\* Graduada (Bacharelado) e Mestranda em Educação Física na Universidade Federal do Paraná.

\*\* Graduada (Bacharelado e Licenciatura) em Educação Física na Universidade Federal do Paraná. Professora de Educação Física no Colégio Positivo.

\*\*\* Graduada (Bacharelado) e Mestranda em Educação Física na Universidade Federal do Paraná.

\*\*\*\* Mestre e Doutoranda em Educação Física na Universidade Federal do Paraná. Professora de Educação Física no Centro Universitário Campos de Andrade.

\*\*\*\*\* Doutor em História na Universidade Federal do Paraná. Estágio Pós-doutoral na Università Ca' Foscari di Venezia. Professor de Educação Física na Universidade Federal do Paraná.

since this usually occurs only in specific periods and depends on the good results of the Brazilian team for a greater linkage of news.

**Key Words:** Women's Soccer; Gazeta do Povo; World Cup; Newspaper.

## INTRODUÇÃO

A organização de torneios mundiais de futebol feminino ainda tem história bastante recente, pelo menos no que concerne às realizações da entidade que hoje regulamenta a modalidade – FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*). A federação elaborou o primeiro mundial da categoria em um momento em que o futebol feminino, principalmente no Brasil, tinha pouquíssima aderência, o que tornou as fases preliminares um tanto confusas e sem um padrão organizado de competição, assim:

[...] com a realização da I Copa do Mundo oficial, a atividade futebolística feminina no Brasil resumir-se-ia, basicamente, a seleção nacional. Como o subcampo futebolístico feminino estava em processo de estruturação, as suas lógicas de funcionamento específicas não estavam definidas. Por conseguinte, a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) organizou o I Sul-Americano, realizado no Brasil, em Maringá, entre os dias 28 de abril e 5 de maio de 1991, regulamentando-o como classificatória direta e única para o Mundial. (GABRIEL, 2014, p. 154).

No mesmo ano, então, sob esse contexto ainda bem amador no modelo de organização e competição, aconteceu a primeira edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino, na cidade de Guangzhou – China. As finalistas foram as seleções dos Estados Unidos e da Noruega. O jogo decisivo terminou 2x1, sagrando as americanas como as primeiras campeãs mundiais de futebol feminino (SILVA, 2015).

O acontecimento do primeiro Mundial se deu principalmente por uma iniciativa tomada em 1988, pelo então presidente da FIFA, João Havelange, em promover o “Torneio Internacional de Futebol Feminino”. Esse torneio foi uma espécie de teste para a possível realização do Mundial (FONTES JUNIOR, 2015).

Com um público de 35 mil pessoas, a Noruega sagrou-se campeã diante da Suécia. A equipe brasileira chegou na terceira colocação, vencendo a China nos

pênaltis. Com o sucesso da competição, três anos depois, as atenções voltaram-se para a China, desta vez para a primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino da história. Contando com 45 seleções nas Eliminatórias, o torneio teria a presença de 12 seleções de 6 confederações diferentes, novamente com o Brasil entre as equipes. A competição foi sediada em 4 cidades, tendo 6 estádios recebendo partidas do torneio (FONTES JUNIOR, 2015).

A partir de seu primórdio, então, já foram realizadas mais seis edições da Copa do Mundo de futebol feminino. Em 1995, ocorreu a segunda edição do Mundial, que foi sediada na Suécia e a grande campeã foi a seleção da Noruega que derrotou as alemãs no jogo derradeiro. Em 1999, com sede nos Estados Unidos, as americanas se tornaram bicampeãs mundiais. Em 2003 o mundial ocorreu na China, mas devido a uma epidemia da gripe aviária transferiram o local para os EUA. Neste ano, as alemãs conquistaram o título mundial sobre as suecas.

O torneio de 2007 foi realizado na China e contou com a participação de 15 países, sendo eles: Nigéria, Gana, China, Austrália, Coreia do Norte, Japão, Estados Unidos, Canadá, Noruega, Suécia, Alemanha, Dinamarca, Inglaterra, Nova Zelândia, Argentina e Brasil. Tal escolha foi feita em decorrência da efetiva participação do selecionado brasileiro, já que as atletas chegaram à final do torneio e só foram derrotadas pela forte seleção alemã. Antes disso, sua trajetória incluiu a primeira colocação do grupo D, no qual somou três vitórias em três jogos contra as seleções da China, Dinamarca e Nova Zelândia. Nas quartas de final o Brasil enfrentou a Austrália, segunda colocada do grupo C, e venceu por 3x2. Já na fase de semifinal, as brasileiras enfrentaram as norte-americanas, e com o placar elástico de 4x0 e memorável atuação da então melhor jogadora do mundo, Marta, garantiram a vaga para a final. Como já mencionado, a seleção alemã derrotou a brasileira e pelo placar de 2x0, sagrando-se nessa oportunidade bicampeãs mundiais. Apesar da derrota, o resultado de certa maneira foi histórico para as brasileiras, já que foi

a melhor colocação conquistada até hoje pelo Brasil nos mundiais de futebol feminino. Além da medalha de prata, Marta, camisa 10 da seleção brasileira, marcou sete gols no mundial e conquistou os prêmios de Bola de Ouro Adidas (prêmio para a melhor atleta da competição) e Chuteira de Ouro Adidas (prêmio para artilheira da competição). Pela primeira vez na história da Copa do Mundo de Futebol Feminino, todas as equipes participantes receberam prêmios em dinheiro, contabilizados em dólares. De acordo com a FIFA, a seleção campeã recebeu 1.000.000, a vice-campeã 800.000, a terceira colocada 650.000, a quarta 550.000, aquelas seleções que chegaram até as quartas de final receberam uma quantia de 300.000 e as que ficaram na fase de grupos, 200.000.

Em 2011, a Copa do Mundo aconteceu na Alemanha, e foi a vez do Japão conquistar pela primeira vez o título de campeão mundial, vencendo os EUA nos pênaltis por 3x1, após um empate em 2x2 no período normal de jogo.

Na última edição do mundial, em 2015, realizada no Canadá, o número de equipes participantes aumentou de 16 para 24 seleções, sendo que 8 nunca tinham participado dessa competição até então. As seleções que participaram foram Nigéria, China, Austrália, Coréia do Sul, Japão, Tailândia, México, Estados Unidos, Canadá, Costa Rica, Noruega, Suécia, Suíça, Alemanha, Inglaterra, Espanha, Países Baixos, França, Nova Zelândia, Brasil, Colômbia, Equador, Camarões e Costa do Marfim. O Brasil foi eliminado pela Austrália nas oitavas de final do torneio.

A próxima edição da Copa do Mundo será disputada em 2019 na França e, por enquanto, as informações são escassas e muitas pessoas não sabem da sua realização. Em contrapartida, a modo de exemplo, a última Copa do Mundo masculina ocorreu entre os meses de junho e julho de 2018, na Rússia, e o engajamento midiático e populacional foi bastante claro. Todos os jogos da competição foram transmitidos pelo principal canal de TV a cabo do país e o canal aberto que dispunha dos direitos de transmissão apenas não passou *ao vivo* os jogos que tiveram sobreposição de horários com outros, na última rodada da fase de grupos. Esse engajamento pôde ser percebido muito antes da realização do evento, sendo um exemplo disso a “contagem regressiva” feita em diversos meios de comunicação quando faltava um ano para o início do torneio.

Tal pesquisa se interessa então por investigar o histórico recente de aparição do futebol feminino na mídia impressa brasileira. Para tanto, delimitou o jornal Gazeta do Povo e sua cobertura das edições femininas da Copa do Mundo dos anos de 2007 e 2015, no intuito de demonstrar e problematizar a forma e a recorrência de reportagens sobre tais eventos e, então, perceber se há um crescente interesse por essa modalidade feminina ou se a situação de pequena repercussão é uma constante. Tais edições foram escolhidas a partir dos seguintes critérios: 2007 por ter sido a melhor colocação brasileira em copas do mundo e 2015 por ser aquela de realização mais recente. Já por isso a anterior descrição mais detalhada dessas duas edições.

## METODOLOGIA

No sentido de atingir o objetivo lançado anteriormente, buscou-se respaldo da metodologia de análise de fontes jornalísticas. Para analisar um jornal e seu conteúdo, devemos pensar, então, qual a posição social ocupada pelo periódico. Pensar, no caso específico do presente estudo, quais são aqueles assuntos mais usualmente noticiados no caderno esportivo da Gazeta do Povo.

O próprio nome dos periódicos já pode fornecer questões para análise. Neste caso, o nome Gazeta do Povo parece remeter a uma tentativa de aproximação com o leitor, já que o termo “do Povo” passa a impressão de pertencimento e apropriação por parte do público leitor. O jornal possui um enfoque principal nas informações locais e regionais. De acordo com Silva (2015), a Gazeta possui aproximadamente 90 anos e é fruto de um projeto de duas famílias tradicionais de Curitiba, sendo, atualmente, integrante do grupo GRPcom, que é o principal grupo de comunicação do estado do Paraná. Vale lembrar que a Gazeta também está disponível na *internet*, através da Gazeta do Povo *online*, mas que para o presente trabalho foram utilizadas apenas versões impressas.

A partir da compreensão da já citada predominância de assuntos locais e regionais no conteúdo vinculado pelo periódico analisado, torna-se facilmente visualizável a grande preferência dada à veiculação de reportagens referentes aos três principais clubes de futebol da capital paranaense (Coritiba, Atlético Paranaense e Paraná Clube)

no seu caderno esportivo. As páginas destinadas à discussão esportiva possuem na grande maioria dos dias um amplo espaço destinado a tratar de questões cotidianas, de preparação ou de resultados obtidos pelos três clubes mais representativos do estado. Não raro, existem também grandes chamadas relacionadas a isso na própria capa do jornal, além de colunas e charges destinadas a repercutir fatos interessantes sobre ambos.

Levando em consideração a parcialidade da veiculação de notícias pelos jornais, torna-se ainda mais necessária a avaliação dos objetivos e escopo do periódico que se pretende analisar. Sabe-se também que, para uma informação ser noticiada em um jornal, existem critérios que devem ser levados em consideração. “Primeiramente são avaliados os critérios de noticiabilidade, ou seja, os elementos que tornam uma informação notícia, tais critérios estão relacionados com novidade, relevância e alcance de público” (SILVA, 2015, p. 227).

Sendo assim, a mídia impressa, que diferentemente da televisiva, não conta com o tempo de comerciais e propagandas, possui algumas formas de dar destaque para determinadas informações. Uma delas é trazer nota de uma matéria para a capa do jornal, a qual, normalmente, gera um primeiro impacto no leitor, com o objetivo de despertar a curiosidade para ler a matéria completa que estará dentro dos cadernos. Outra forma de salientar ou dar importância a uma notícia é através do espaço físico ocupado por essa matéria no jornal, isso é determinado de acordo com o interesse do público em determinado conteúdo, ou de acordo com o diagnóstico de importância dado pelo jornalista a essa matéria. Levar em conta esses mecanismos é de essencial necessidade, então, para o presente estudo, já que a avaliação do discurso midiático do específico periódico analisado acerca do objeto de estudo deverá passar necessariamente por esse tipo de crivo (LUCA, 2008).

Além disso, para analisar esse tipo de fonte é necessário fazer uma especificação temporal. Sendo assim, como já foi dito anteriormente, os anos dos mundiais que foram analisados são os de 2007 e 2015. Em relação às reportagens recortadas, foram feitas análises do mês que antecedeu a competição, do mês em que ocorreu a Copa e o mês que sucedeu o campeonato. Em 2007, o mundial aconteceu entre os dias 10 e 30 de setembro. Portanto, as reportagens

analisadas foram as publicadas nos meses de agosto, setembro e outubro. Já em 2015, no Canadá, a Copa do Mundo aconteceu entre os dias 6 de junho e 5 de julho. Desse modo, as reportagens analisadas foram as publicadas em maio, junho e julho.

### **A COPA DO MUNDO DE 2007: O RETRATO DA GAZETA DO POVO**

A Copa do Mundo de futebol feminino de 2007, realizada entre os dias 10 e 30 de setembro, foi reportada pelo jornal Gazeta do Povo em vinte e oito (28) oportunidades.

Durante o período de realização do referido campeonato, os jogos considerados importantes pela edição do periódico foram citados no espaço “Programe-se”, do caderno esportivo da Gazeta. O quadro configurava-se como aviso para aqueles eventos de maior importância do mundo esportivo na semana. Quando esses eventos aconteceriam no dia de publicação do jornal, as partidas eram destacadas no espaço “Hoje na TV”, o qual detalhava o horário e os canais que transmitiriam os mesmos. Alguns desses avisos contavam com uma nota um pouco maior para detalhar informações mais precisas sobre o evento. Sendo que, as oportunidades nas quais foram encontradas essa especificidade relacionada à Copa do Mundo de Futebol Feminino daquele ano, serão identificadas na sequência.

A cobertura do evento mundial na Gazeta começa inclusive com uma dessas notas. No dia 11 de setembro de 2007, um dia após a abertura da competição, o jornal trouxe, no quadro “Programa-se”, a seguinte nota: “atual campeã Pan-americana, a seleção estreia como uma das favoritas ao título da competição” (GAZETA DO POVO, 11 de set. 2007, p.2 – caderno esportivo). A notícia contou também com uma pequena foto sobre a antecedente abertura.

A primeira grande matéria sobre a Copa do Mundo de 2007 foi publicada no dia 11 de setembro, na página três do caderno esportivo. Cheia de detalhes sobre a competição, a reportagem contava com informações sobre a quantidade de times participantes do evento, a cidade em que aconteceria o jogo de estreia da seleção brasileira, além de suas primeiras adversárias. O jornal deu grande destaque para a jogadora Marta, publicando um trecho de uma entrevista feita com a jogadora e vinculando,

inclusive, uma imagem de jornalistas chineses cercado a camisa 10 do Brasil. Além disso, na mesma matéria, o jogo entre Alemanha e Argentina, que teve um placar de 11 a 0 para as alemãs, foi citado como “a partida com o maior número de gols em partidas realizadas pela FIFA, incluindo jogos de homens e mulheres” (GAZETA DO POVO, 2007, p.2 – caderno esportivo). Há, ainda, mais uma nota sobre a citada goleada alemã, logo abaixo da matéria anterior, possuindo também uma imagem ilustrativa sobre o jogo, fato que demonstra a importância dada ao feito da equipe europeia.

O grande destaque da matéria “Tudo igual” (Gazeta do Povo, 12 set. 2007, p.2 – caderno esportivo), veiculado no dia 12 de setembro, foi a imagem ilustrativa da nota trazida pelo jornal. A foto possuía tamanho considerável e que provavelmente chamou a atenção do público para ler e entender melhor do que se tratava tal ilustração, que tinha a atacante inglesa Kelly Smitt beijando sua chuteira. A nota presente abaixo da foto informava sobre os placares dos jogos que haviam ocorrido no dia anterior, além de apresentar aqueles que iriam acontecer no dia seguinte.

No espaço “Programe-se”, do dia 12 de setembro, abaixo da informação que continha o horário do confronto entre Nova Zelândia e Brasil, foi escrita uma pequena nota: “A equipe nacional, atual campeã pan-americana, aposta tudo no talento da armadora Marta” (GAZETA DO POVO, 12 set. 2007, p.2 – caderno esportivo). Aqui se evidencia um possível motivo para uma maior cobertura que estava sendo dada até então ao selecionado nacional: a recente conquista do título pan-americano e a grande aposta no talento da jogadora Marta, que teve uma foto sua ilustrando esse espaço no jornal.

O fato é que, como já citado, as brasileiras haviam conquistado um título continental disputado no Brasil, no qual a grande final ocorreu frente a um Maracanã preenchido por aproximadamente 50 mil pessoas. Com isso, as atletas adquiriram certa legitimidade para reclamar por melhores condições para o esporte no país, o que gerou uma momentânea fluência de informações.

No dia 15 de setembro, o periódico publicou uma nota referente ao jogo entre a seleção brasileira e a chinesa, que seria válido pela segunda rodada da primeira fase daquela Copa do Mundo. Seu

conteúdo focava na provável pressão que a equipe brasileira sofreria da torcida adversária, já que estaria enfrentando a anfitriã da competição. Posterior ao jogo, que terminou com vitória brasileira por 4 a 0, a matéria publicada pelo jornal deu destaque para algumas qualidades técnicas da seleção, principalmente ao talento individual das jogadoras Marta e Cristiane. Além disso, informou-se que a seleção brasileira mantinha seu aproveitamento de 100% ao vencer as duas primeiras partidas da competição e a defesa menos vazada desta.

No dia 21 de setembro, a partida entre Brasil e Dinamarca, que havia acontecido no dia anterior (20), recebeu um considerável destaque nas páginas do caderno esportivo da Gazeta. Além de contar com um grande espaço físico, a matéria também possuía uma imagem sobre a vitória da seleção brasileira. No transcorrer da notícia, detalhes sobre a partida foram sendo citados, principalmente, com relação a pouca efetividade da seleção brasileira no ataque e a baixa qualidade técnica apresentada. Somou-se a isso a informação da grande quantidade de finalizações que a seleção alemã, responsável por uma goleada de 11 a 0 na seleção argentina, vinha tendo na competição. Por fim, a reportagem contou com um excerto de fala do técnico da seleção dinamarquesa: “É suicídio jogar contra o Brasil sem uma defesa reforçada. É como se fosse declarar para o mundo inteiro ‘quero perder’” (MOLLER, Gazeta do povo, 21 set. 2007, p.3 – caderno esportivo). Todos esses fatores salientados parecem se juntar em maneira de cobrança por um desempenho melhor da seleção nos próximos jogos, já que as atletas tinham qualidade técnica suficiente para tal, e de fato teriam que o fazer se quisessem se aproximar da bela performance alemã até ali. Com relação ao papel do periódico, já parece haver um aumento do espaço dado ao selecionado nacional, já que antes mesmo da realização do jogo citado, haviam sido divulgados três matérias em dias anteriores, no intuito de divulgar o confronto, ora em forma de lembrete de transmissão, ora com detalhes técnicos sobre este.

Outro indício de uma maior abertura para a campanha brasileira na Copa do Mundo de 2007 foi o grande espaço dedicado à promoção do confronto válido pelas quartas de final da competição, no qual a seleção brasileira iria enfrentar a Austrália. A reportagem foi veiculada no dia 23 de setembro,

além de destacar a melhor campanha que a equipe conquistou na primeira fase da competição, contava com trechos de entrevista de um dos símbolos do futebol feminino no Brasil, a atleta Formiga, que iniciou dizendo: “Tenho 16 anos de seleção, disputei 4 mundiais e com certeza essa é a equipe mais forte que tivemos. São boas as possibilidades de chegarmos a final” (GAZETA DO POVO, 23 set. 2007, p.5). Sobre a medalha de prata nas Olimpíadas de Atenas em 2004, a atleta comentou: “Foi um dos momentos mais especiais da minha carreira” (GAZETA DO POVO, 23 set. 2007, p.5). Com relação à reta final da Copa do Mundo, Formiga afirmou: “Não podemos escolher os adversários até a grande decisão. Temos que encarar quem vier, ditando nosso ritmo de jogo e melhorando certos detalhes. Por exemplo: precisamos trabalhar o último passe antes da finalização” (GAZETA DO POVO, 23 set. 2007, p.5).

A cobertura continua com mais uma reportagem detalhada sobre a participação da seleção brasileira na Copa do Mundo. Dessa vez reportando o jogo entre Brasil e Austrália, válido pelas quartas de finais, a reportagem descreveu aspectos técnicos e detalhou os lances mais importantes do confronto decisivo, trazendo, inclusive, uma imagem que ilustrava o momento de comemoração de um dos gols convertidos pela seleção brasileira, na partida que terminou em 3 a 2 para o Brasil.

Seguindo o mesmo padrão de publicações, entre o dia em que o Brasil venceu as australianas, nas quartas de finais, e o dia em que iria acontecer o confronto entre Brasil e EUA – 23 e 26 de setembro, respectivamente –, houve sete menções à participação da seleção brasileira no mundial; das quais, três matérias eram detalhadas, outras três foram publicadas no “Programe-se” e uma no “Hoje na TV”. O foco principal de todas essas vinculações era salientar a importância do confronto que estava por vir, já que este era válido pela semifinal da Copa do Mundo e as adversárias eram as então atuais campeãs olímpicas (Atenas, 2004), que haviam inclusive derrotado a seleção brasileira nessa competição. Além disso, era a chance de se chegar a uma inédita final de campeonato mundial.

O jornal privilegiava as informações sobre os jogos das brasileiras, mas no dia 26, foi publicada a primeira matéria sobre o mundial com relação a outras equipes, já que o confronto citado valeria a outra vaga

para a final da competição – Alemanha e Noruega. Nessa reportagem, foram destacadas as principais características das duas seleções envolvidas na citada semifinal e a previsão de que seria um jogo de ataque contra defesa, em virtude da campanha desses times na competição – já que a Alemanha possuía o ataque mais eficiente e a Noruega, a defesa menos vazada.

A segunda matéria, com um enfoque na jogadora Marta, tratava do respeito e reconhecimento das americanas quanto ao futebol da artilheira da seleção brasileira. Reconhecimento este, que foi demonstrado através da publicação de um trecho de uma entrevista realizada com as atletas dos EUA:

Eu espero um jogo muito físico, como foi o amistoso em junho [2 a 0 EUA]. Marta não estava lá, mas ela é uma das mais talentosas jogadoras do mundo. Sua presença em campo irá deixar o time do Brasil muito melhor no ataque (GAZETA DO POVO, 26 set. 2007, p.2 do caderno esportivo).

Além de divulgar o confronto, a matéria, ao destacar a preocupação das americanas com a habilidade da Marta, provavelmente tinha a intenção de promover o confronto pautado sobre a imagem simbólica que essa atleta já havia conquistado.

No dia 28 de setembro, a matéria que detalhava o jogo, que resultou na primeira disputa de final das brasileiras, ocupou uma página completa do caderno esportivo da Gazeta. No texto principal, publicado mais especificamente na página sete do caderno de esportes, o primeiro fato relatado foi sobre a bela participação da torcida chinesa, que praticamente lotou o estádio para apreciar o futebol apresentado pelas seleções brasileira e americana, além de ver a melhor jogadora de futebol do mundo da época em ação, Marta. A preferência da torcida chinesa pela seleção brasileira foi exemplificada pela Gazeta com as seguintes palavras:

A cada vez que o ataque brasileiro tocava na bola, o estádio gritava “Baxi! Baxi!” (Brasil em chinês) ou “Mata! Mata!”, numa alusão à artilheira do mundial. Foi a forma como os chineses encontraram para reverenciar a goleada por 4 a 0 sobre as americanas, com direito a show da camisa 10, nas semifinais do Mundial. (GAZETA DO POVO, 28 set. 2007, p.7 do caderno esportivo).

A notícia discorreu sobre fatos como a atuação impecável da seleção brasileira e o *show* de técnica e

habilidade da camisa 10 do Brasil, que marcou dois dos quatro gols da seleção, que acabou vencendo o confronto por 4 a 0. A imagem que ilustrava a matéria possuía a seguinte legenda “Marta à frente de Ellerton, vítima da habilidade da brasileira” (GAZETA DO POVO, 28 de set., 2007, p.7 do caderno esportivo). A matéria comentou também sobre a repercussão da derrota dos EUA nas revistas e jornais americanos, que resultou em várias críticas ao treinador da seleção americana, Greg Ryan, por ter optado em deixar no banco a atleta Hope Solo, que até então era a goleira titular dos EUA, mas, principalmente, quanto aos métodos utilizados pelo treinador, como se vê no seguinte excerto:

No site da revista *Women's Soccer World*, Ryan não foi poupado. Em tom quase editorial, a publicação critica os métodos do treinador e pede a federação norte-americana que indique uma mulher para treinar a equipe a partir de agora “A maioria dos times universitários tem treinadoras com mais conhecimento que Ryan”, escreveu um articulista da revista. Um blogueiro de futebol da ESPN escreveu que Ryan, ao optar por Scurry no gol e deixar Solo no banco, usou método que podem funcionar no beisebol, porém que não funcionam no futebol (GAZETA DO POVO, 28 de set. 2007, p.7 do caderno esportivo).

É válido destacar a pressão colocada pela revista *Women's Soccer World* para que uma mulher fosse a treinadora da seleção feminina norte-americana, situação esta que no Brasil nem é cogitada. Isso pode ser entendido como uma diferença de formação cultural da modalidade nos diferentes países, visto que no Brasil esse esporte se constituiu de maneira amplamente relacionada ao gênero masculino e no país norte-americano isso se deu de forma muito mais similar, com, inclusive, uma leve predominância às mulheres.

Viu-se, nas páginas que reportaram o jogo de semifinal brasileira na Gazeta do Povo, o reconhecimento do grande momento técnico pelo qual a seleção passava, caracterizando tal jogo como espetáculo e dando um grande espaço para repercutir seus desfechos. Por fim, imediatamente na mesma matéria começou a ser divulgada a grande final da competição, que seria realizada contra a seleção alemã.

Além da matéria do dia 28, até o dia 30 o confronto foi lembrado pelo jornal através de três pequenas notas no espaço “Programe-se” (uma em cada dia) e mais cinco textos foram publicados com o intuito de promover o jogo decisivo do mundial. Uma delas merece destaque: falando sobre o “velho discurso” de falta de apoio, o jornal fez uma análise sobre o papel da CBF na condução do futebol feminino, através da fala de algumas atletas com grande representatividade. Foi deixada clara a diferença de apoio e investimento dado pela CBF para o futebol masculino e o feminino, e o exemplo utilizado foi o uso de um uniforme antigo da seleção masculina pelas mulheres na disputa do Pan-americano de 2007. Com o burburinho que estava sendo causado e pela crescente legitimação das reclamações das atletas, devido a seus importantes resultados em competições internacionais, a CBF prometeu realizar uma Copa do Brasil feminina.

Apesar da ótima campanha e do entusiasmo exposto no caderno esportivo da Gazeta sobre a final da Copa do Mundo, as brasileiras não conseguiram vencer as alemãs no confronto decisivo, sendo derrotadas por 2 a 0. Sobre isso, no dia 1º de outubro, dia seguinte à partida, o caderno não economizou espaço para relatar os detalhes do jogo. Foram duas páginas de destaque e quatro matérias com abordagens diferentes. A primeira delas retomava o discurso da falta de apoio ao futebol feminino no Brasil. A segunda, com um pouco mais de detalhes, falava sobre a mobilização da família e da cidade de Dois Riachos, para assistir a grande final e torcer por Marta, jogadora natural da pequena cidade alagoana. A terceira descreveu o jogo e detalhes da partida, trazendo um título em tom de frustração “O dia em que a eficiência parou a arte” (GAZETA DO POVO, 28 de set. 2007, p.8 do caderno esportivo). A matéria colocou em evidência a atuação da goleira alemã e da camisa 10 do Brasil, que nesse jogo não manteve o ótimo desempenho que vinha tendo e inclusive perdeu um pênalti. A quarta e última nota se referia ao protesto que algumas jogadoras da seleção brasileira realizaram ao subir ao pódio carregando um cartaz que pedia apoio ao futebol feminino no Brasil. Nota-se que o jornal reiterou o protesto feito pelas atletas, comentando sobre as promessas antigas feitas pela CBF que não foram cumpridas. Esse posicionamento demonstra o interesse em transmitir ao público leitor

o real cenário vivido pelo selecionado nacional, num contexto geral do futebol feminino no Brasil.

Após o término da competição, as críticas à CBF e exigências de incentivo e melhor estrutura para o futebol feminino brasileiro continuaram repercutindo na Gazeta do Povo:

A Seleção brasileira de futebol feminino, vice-campeã da Copa do Mundo, exigiu da CBF incentivo, premiação e estrutura durante o desembarque da delegação, ontem, no Rio. A equipe demonstrou desconfiança quanto as promessas da entidade em realizar a Copa do Brasil para as mulheres, prevista para começar em outubro. Várias atletas reclamaram do descaso do país. Contaram que a seleção viajou pra China sem cozinheiro e passou quase um mês sem comer feijão. Revelaram que sofreram com a alimentação inadequada. “Comemos coisas que não estávamos acostumadas”, disse uma das jogadoras da equipe que pediu anonimato. A Seleção reivindica também mais amistosos durante o ano (GAZETA DO POVO, 3 out 2007, p.3).

Outro ponto abordado foi a dificuldade encontrada pela grande maioria das atletas, que ficou clara em publicações especiais que ocuparam duas páginas do caderno esportivo no dia 7 de outubro:

[...] O salário de 30 mil euros (R\$ 77 mil), pago religiosamente nos três primeiros dias do mês é quase uma utopia para quem não tem o mesmo talento – ou a oportunidade – da versão feminina de Ronaldinho Gaúcho (VICELLI, 7 out. 2007, p. 4).

Nesse trecho, o jornal comparou a melhor jogadora de futebol do mundo à época, Marta, com o melhor jogador de futebol do mundo em 2004 e 2005, Ronaldinho Gaúcho, demonstrando a exorbitante diferença econômica que baliza a prática do futebol profissional masculino e feminino.

A dupla jornada vivida pela grande maioria das atletas também foi abordada por Vicelli, um dos redatores do caderno esportivo da Gazeta, em matéria publicada no dia 7 de outubro de 2007:

Fabiola Zanella, de 25 anos, divide seu tempo entre o trabalho, numa empresa de engenharia civil, o curso de educação física, os treinos no time de futsal da Faculdade Dom Bosco (responsável pela bolsa de estudos) (...) A baixa remuneração obrigou a jogadora deixar a bola em segundo plano e encarar uma longa jornada que quase nunca termina antes da meia noite. A falta de tempo para se dedicar

ao futebol, fez com que a garota, convocada ano passado para um período de preparação da seleção brasileira na Granja Comary, em Teresópolis- RJ, não aguentasse o puxado ritmo de treinos diários. (VICELLI, 7 out. 2007, p.5).

Neste dia, quatro matérias foram publicadas com relação a esse tema. Nota-se, aqui, uma tentativa de aproximar o público leitor das notícias da seleção brasileira e da realidade vivida pelas atletas dos clubes locais de Curitiba, cidade principal de distribuição do periódico da Gazeta. Vicelli relatou a realidade vivida pelas atletas da equipe do Villa Fanny, clube amador tradicional de Curitiba. A reportagem trouxe dados como os míseros valores recebidos pelas atletas após cada jogo, a dificuldade para treinar durante a semana, devido ao fato de que praticamente todas precisam trabalhar para se manter estáveis financeiramente, além da precariedade das estruturas oferecidas pelo clube, como vestiários sujos, falta de iluminação no campo, poucas bolas e materiais para treinamento.

A última matéria publicada na Gazeta do Povo no ano de 2007 (em 12 de outubro) – que pode ser considerada uma consequência da boa campanha da seleção brasileira na Copa do Mundo daquele ano – fazia referência ao projeto Futebol Mulher, lançado pela empresa Cocco Sport Marketing, logo após a CBF anunciar a criação da Copa do Brasil. O projeto previa a formulação de um campeonato nacional nos moldes da NBA (famosa liga americana de basquetebol). Tudo isso parece apenas ser mais um daqueles efeitos imediatos que logo caem no esquecimento, já que a maioria das promessas não foi concretizada, e mais de oito anos depois, a situação do futebol feminino no país continua muito similar à época referida.

### **A COPA DO MUNDO DE 2015: O RETRATO DA GAZETA DO POVO**

No ano de 2015, a Copa do Mundo de futebol feminino foi sediada no Canadá e a competição aconteceu entre os dias 6 de junho a 5 de julho. O período utilizado para a coleta de dados corresponde ao mês anterior à realização da competição, ao mês em que a mesma ocorreu e ao mês seguinte, ou seja, maio, junho e julho de 2015.

Nesse período foi encontrado um total de oito (8) matérias sobre o mundial no caderno de esportes da Gazeta do Povo, sendo que nenhuma delas constava

como chamada na capa do jornal. Os jogos apareceram oito vezes nos “Destaques da TV” – nota em forma de um pequeno quadro que informam horários e canais nos quais importantes eventos esportivos irão ser transmitidos no presente dia.

No mês de maio, não foi encontrada nenhuma notícia sobre o mundial de futebol feminino nas páginas do periódico. Já em junho, mês da realização do evento, foram encontradas seis matérias. Sendo uma única matéria publicada no mês de julho.

A primeira matéria encontrada foi publicada no dia 9 de junho. Nessa data, o caderno esportivo trouxe duas notas sobre o mundial – único dia em que isso aconteceu. A primeira, com o título “Largada” (GAZETA DO POVO, 9 jun. 2015, p.2 do caderno esportivo), dentro do espaço destinado aos “Destaques da TV”. Esta foi formatada em um pequeno espaço do caderno esportivo do periódico e chamava a atenção para a estreia do “time do técnico Vadão” no Mundial do Canadá. Percebe-se aqui uma tentativa de aproximar a seleção brasileira feminina de um aspecto mais comum aos olhos do público, ou seja, fazendo referência ao técnico Vadão, profissional com ampla circulação no ambiente do futebol masculino no Brasil, a chamada procura dar maior representatividade ao selecionado nacional. Logo em seguida, no mesmo caderno esportivo, vê-se o título “Brasil estreia contra a Coreia do Sul no Mundial do Canadá” e a chamada para o início da trajetória brasileira reforça o seguinte:

Mais uma vez a maior esperança do Brasil está no trio formado por Marta, Formiga e Cristiane. Treinada por Oswaldo Alvarez, a seleção luta por seu primeiro título – foi vice na China, em 2007, e terceira colocada nos Estados Unidos em 1999. O trio de “veteranas” tem o respeito das outras jogadoras da seleção. “Cada jogadora tem a sua responsabilidade dentro de uma equipe, mas quando você é a capitã é totalmente diferente. Hoje, dentro de campo, olho para um lado e vejo a Formiga, para outro vejo Marta e Cristiane”, disse Andressinha, de 20 anos, que jogará o primeiro Mundial com a seleção principal. Espanha e Costa Rica fecham o grupo do Brasil na primeira fase do mundial. (Gazeta do povo, 9 jun. 2015, p.2 do caderno esportivo).

Às vésperas da estreia do torneio mais importante do circuito mundial de futebol feminino, as matérias destinadas ao primeiro jogo da seleção brasileira não foram ilustradas por imagens, muitos

menos contaram com informações detalhadas sobre a escalação ou aspectos táticos do confronto. Pelo contrário, limitaram-se a falar da conhecida importância de atletas consagradas, as três veteranas da seleção brasileira (Marta, Formiga e Cristiane).

No dia seguinte, 10 de junho, foi publicada na página dois do caderno esportivo a seguinte matéria: “Marta alcança recorde de gols na estreia do mundial”. O destaque é dado para o recorde de gols alcançado pela jogadora brasileira, que se tornou a atleta que mais marcou em todas as edições da Copa do Mundo de Futebol feminino. A matéria apresenta um resumo dos lances que resultaram em gols, sem entrar no mérito de beleza e/ ou feminilidade. Apesar de ainda ter pouco destaque no jornal, a matéria conta com imagens para ilustrar seu conteúdo, o que por si só já é um fator de diferenciação, já que as demais, em sua maioria, não possuíam ilustrações.

#### Imagem 1 – Reportagem dia 10 de junho de 2015



GAZETA DO POVO, *Marta alcança recorde de gols na estreia do Brasil no Mundial, 10 de jun. 2015, p.2 do caderno esportivo.*

A matéria do dia 14 de junho, sobre a vitória de seleção brasileira feminina sobre a Espanha, que garantiu a classificação para as oitavas de final do

Mundial, divide a página com a reportagem publicada sobre o jogo entre Paraguai e Argentina pela Copa América de futebol masculino. Essa divisão foi feita de forma desigual, ou seja, há uma clara preferência por noticiar o jogo entre duas seleções masculinas a reportar a conquista da vaga para as oitavas-de-finais da seleção feminina, já que a reportagem destinada a contar a história do jogo masculino ocupa quase a totalidade da página.

A matéria sobre o jogo entre Brasil e Costa Rica não contou com nenhuma imagem para ilustração. O conteúdo deu destaque para a tranquilidade com que as brasileiras chegaram ao último confronto da fase de grupos, já que, tendo vencido os demais jogos, a seleção teve o privilégio de poupar as titulares e dar espaço para as jogadoras reservas, que venceram a partida por 1x0 e garantiram 100% de aproveitamento nessa fase. É válido comentar que, na mesma página na qual essa reportagem foi publicada, também foi vinculada uma matéria da derrota da seleção masculina de futebol para a Colômbia na Copa América; matéria esta que recebeu uma imagem ilustrativa que ocupava praticamente metade da página seis do caderno esportivo. Tal fato nos faz retomar ao já citado potencial de retorno, que é mais representado em matérias relacionadas ao futebol masculino, pois como

se sabe este representa um forte fator na constituição da identidade nacional brasileira, o que faz inclusive com que uma notícia sobre um campeonato continental se sobreponha ao mundial feminino. Isso também pode ser entendido pela predominância de público masculino que, historicamente, adquire periódicos impressos.

A matéria sobre o jogo das oitavas de final, Brasil x Austrália, teve pouco destaque no jornal analisado, ocupando aproximadamente um espaço de 4x3 cm. Publicada no dia 21 de junho, com o título “Seleção feminina busca vaga nas quartas”, tal notícia foi elaborada para promover a disputa de um jogo eliminatório de uma copa do mundo após uma campanha com 100% de aproveitamento na primeira fase da competição, o que deu ao Brasil o posto de melhor colocado geral. A publicação divide espaço na página quatro do caderno esportivo do periódico, com uma detalhada matéria sobre a ausência de Neymar na disputa do próximo jogo na Copa América de futebol masculino. Oposição que reflete, também, a diferença de relevância dada as duas modalidades no imaginário social.

A maior matéria da Gazeta do Povo sobre o mundial feminino de 2015, foi publicada no dia seguinte:

Imagem 2 – Reportagem do dia 22 de junho de 2015



GAZETA DO POVO, *Meninas caem nas oitavas e dão adeus ao título inédito*, 22 de jun. 2015, p.6 do caderno esportivo.

A reportagem, divulgada no dia 22 de junho, na página seis (6) do caderno esportivo, faz referência à derrota da seleção brasileira nas oitavas de final da competição, diante da seleção australiana, notícia que ocupou aproximadamente 1/3 da referida página do caderno esportivo. Além da matéria do dia 10 de junho, esta foi a única a receber uma imagem sobre a campanha brasileira na competição. Sobre o conteúdo, foi salientado o fato de que o único gol tomado pela seleção brasileira no mundial resultou em sua eliminação. Na mesma página, ocupando o restante do espaço, foi publicada uma matéria com a seguinte chamada “Brasil supera a ausência de Neymar” (GAZETA DO POVO, 22 jun. 2015, p.6 do caderno esportivo), tratando da vitória da seleção masculina na Copa América, por 2x1 sobre a Venezuela. A matéria sobre a seleção masculina, além de conter uma grande foto sobre o jogo, possui também uma ilustração sobre os próximos cruzamentos e uma tabela detalhada sobre quais jogadores foram utilizados durante a partida. Reportagem que inclusive possuía chamada na capa do jornal. Aqui evidencia-se a influência dos fatores de consumo mencionados anteriormente, os quais pautam o destaque e a importância dados a determinado assunto nos meios de comunicação. Ou seja, o periódico considera mais pertinente e lucrativo noticiar de forma mais completa e abrangente os jogos da seleção masculina de futebol, independentemente dos resultados obtidos, já que o potencial de retorno dessa modalidade é maior se comparado ao seu correspondente feminino.

Após a matéria sobre a eliminação das brasileiras no mundial, a próxima e última matéria encontrada foi publicada no dia 6 de julho, matéria esta que tratava do desfecho da final da Copa do Mundo de Futebol Feminino. Na derradeira notícia sobre o campeonato mundial do Canadá, num pequeno espaço da página três do caderno esportivo, o qual possuía o mesmo tamanho da notícia sobre o empate entre Londrina e Guaratinguetá, em 0x0 pela série C do campeonato brasileiro, o jornal informou aos leitores sobre o vencedor do mundial, os EUA, sem falar de aspectos técnicos ou táticos utilizados pelas seleções. Neste momento, foi ressaltado o espetáculo apresentado pela seleção americana e a ampla vantagem que estas conquistaram no placar, que terminou em 5x2 sobre as nipônicas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de realizadas as análises do periódico Gazeta do Povo, foi constatado que, tanto em 2007 quanto em 2015, o jornal não realizou uma cobertura que promovesse a Copa do Mundo de futebol feminino, já que durante o mês antecedente aos dois torneios, nenhuma matéria relacionada ao assunto foi veiculada. Além disso, mesmo durante a realização dessas competições, nenhuma chamada foi publicada na capa do periódico.

Assim como constatou Bruno José Gabriel (2015), a respeito da cobertura jornalística feita pela Folha de São Paulo em relação às copas do mundo de futebol feminino, o presente trabalho também identificou não haver caráter depreciativo ou preconceituoso com relação à prática desse esporte pelas mulheres nas folhas do caderno esportivo do jornal Gazeta do Povo, ao reportar as copas do mundo de 2007 e 2015. Além disso, não houve um foco estético presente nas análises do periódico em relação às atletas da seleção. Indicando que, provavelmente, aquela visão anterior que pautava a prática feminina no futebol (SALVINI; MARCHI JUNIOR, 2013 e 2013a; MOURÃO; MOREL, 2005), já foi bastante relativizada.

Outra importante conclusão é que houve uma disparidade muito grande de quantidade de matérias publicadas no ano de 2007 com relação a 2015, já que naquele ano foram publicadas vinte e oito (28) matérias e neste, o número foi reduzido a somente oito (8).

Alguns aspectos podem ser levados em consideração para tamanha diferença. Primeiramente, no ano de 2007, pouco antes da realização do campeonato mundial, as brasileiras haviam sido campeãs Pan-americanas, jogando em território brasileiro e derrotando na final a fortíssima seleção estadunidense. Dessa forma, a seleção entrava em um breve momento de visibilidade, inclusive com reclamações e reivindicações públicas com relação ao apoio necessário à modalidade no país. Já no ano de 2015, a seleção brasileira também foi campeã Pan-americana de futebol feminino, mas, essa competição aconteceu após o mundial. Elemento que, somado aos resultados pouco significativos em competições anteriores, (no Mundial de 2011 as brasileiras foram eliminadas nas quartas-de-final e no Pan de 2011,

as brasileiras perderam a final para as canadenses, ficando com a segunda colocação), acabou por não legitimar qualquer expectativa em termos de bons resultados por parte da seleção feminina.

Esse fato demonstra que o aparecimento do futebol feminino na mídia segue um padrão de descontinuidade, já que isso geralmente ocorre apenas em períodos específicos durante a realização de competições importantes e ainda depende de bons resultados da seleção brasileira para uma vinculação maior de notícias correlacionadas. Isso pode ser observado no tratamento dado pelo jornal à campanha da seleção na Copa do Mundo de 2007, visto que nessa oportunidade a equipe chegou até a final da competição e pareceu dessa forma legitimar-se para reivindicar melhores condições para sua prática – fato repercutido em várias matérias posteriores ao encerramento do mundial. Pelo contrário, a Copa do Mundo de 2015 (na qual a seleção foi derrotada nas oitavas-de-finais) possuiu uma cobertura bem menor nas páginas do periódico e esta se iniciou e teve encerramento durante a exata duração da competição.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- FONTES JUNIOR, M. **Copa do Mundo de Futebol Feminino: 1991, o início de tudo**. 16 maio 2015. Disponível em: <<http://torcedores.com/noticias/2015/05/copa-do-mundo-de-futebol-feminino-1991-o-inicio-de-tudo>>. Acesso em 5 nov. 2015.
- GABRIEL, J. G. **A cobertura acerca da seleção brasileira de futebol feminino realizada pelo caderno de esporte da Folha de S. Paulo (1991 – 2011)**, Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), Universidade Estadual de Ponta Grossa. 252p. Ponta Grossa, 2015.
- GAZETA DO POVO. **Marta comanda o Brasil na luta pelo mundial**. 11 set. 2007, p.2 do caderno esportivo.
- \_\_\_\_\_. **Programe-se**. 12 set. 2007, p.2 Caderno esportivo.
- \_\_\_\_\_. **“Capítulo mais bonito” move as brasileiras**. 23 set. 2007, p.5 do Caderno esportivo.
- \_\_\_\_\_. **Americanas elogiam Marta**. 26 set. 2007, p.2 Caderno esportivo.
- \_\_\_\_\_. **O dia em que a eficiência parou a arte**. 1 out. 2007, p.8 Caderno esportivo.
- \_\_\_\_\_. **Seleção reclama da falta de feijão estrutura e premiações**. 3 out. 2007, p.3 do Caderno esportivo.
- \_\_\_\_\_. **Largada**. 9 de jun. 2015, p.2 do Caderno esportivo.
- \_\_\_\_\_. **Marta alcança recorde de gols na estreia do Brasil no Mundial**. 10 de jun. 2015, p.2 do Caderno esportivo.
- \_\_\_\_\_. **Meninas caem nas oitavas e dão adeus ao título inédito**. 22 de jun. 2015, p.6 do Caderno esportivo.
- \_\_\_\_\_. **Brasil supera a ausência de Neymar**. 22 jun. 2015, p.6 Caderno esportivo.
- GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo: v. 19, n. 02, p. 143-151, abr./jun. 2005.
- LUCA, T. R. Historia dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, p. 111-153. 2008.
- MOLLER. **Intacto, Brasil avança na copa**. Gazeta do povo. 21 set. 2007, p.3 do Caderno esportivo.
- MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Rev. Bras. Ciên. Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005.
- SALVINI, L. ; MARCHI JUNIOR, W. . Uma História Do Futebol Feminino Nas Páginas Da Revista Placar Entre Os Anos De 1980 e 1990. **Movimento** (Porto Alegre. Online), v. 19, p. 95-115, 2013.
- \_\_\_\_\_. Notoriedade Mundial E Visibilidade Local: O Futebol Feminino Na Revista Placar Na Década De 1990. **Revistas Sociologias Plurais**, v. 1, p. 144-160, 2013a.
- SILVA, L. L. **A história da Copa do Mundo de Futebol Feminino**. 02 jun 2015. Disponível em:<<http://www.futeboluropeu.com.br/2015/06/historia-da-copa-do-mundo-de-futebol-feminino.html>>. Acesso em 05 nov. 2015.
- VICELLI, C.E. **Boleiras driblam a escuridão**. Gazeta do Povo. 7 out. 2007, p.4-5 do Caderno esportivo.
- WISNIK, J. M. **Veneno Remédio – o Futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p 345.

# FUTEBOL, MÍDIA E SOCIEDADE: A ESPETACULARIZAÇÃO DA IMAGEM DO SUCESSO E SUAS INFLUÊNCIAS<sup>1</sup>

## SOCCER, MEDIA AND SOCIETY: THE SPECTACULARIZATION OF THE IMAGE OF SUCCESS AND ITS INFLUENCES

Gustavo Souza da Silva\*

Cristina Schmidt\*\*

### RESUMO

O futebol é o esporte mais popular do mundo. No Brasil, a modalidade não só tem grande apelo entre as massas como compõe a identidade nacional e cultural do povo, sendo capaz de provocar as mais variadas paixões, mobilizar diferentes classes sociais e influenciar, diretamente, o cotidiano, o comportamento e os sonhos dos amantes da bola. Por toda essa importância na sociedade e por sua capacidade de gerar audiência, o futebol, desde sua profissionalização nos anos 1930, tem sido altamente visado pelo jornalismo, pelo entretenimento midiático e pelo mercado publicitário. Diante disso, este artigo, por meio de levantamento bibliográfico e entrevista em grupo focal com 11 jogadores de base, objetiva compreender a espetacularização do esporte e atletas na mídia, bem como as suas influências junto a adolescentes que sonham com uma carreira profissional de sucesso no futebol.

**Palavras-chave:** Futebol. Espetacularização. Mídia.

### ABSTRACT

Soccer is the most popular sport in the world. In Brazil, the game not only has great appeal among the masses as the national and cultural identity of the people, being able to cause various passions, mobilize different social classes and influence, directly, the everyday, the behavior and the lovers' dreams of the ball. For all the importance in society and by your ability to generate audience, soccer, since your professionalism in the years 1930, has been strongly endorsed by the journalism, by media and entertainment by the advertising market. Given this, this article, through bibliographical survey and focus group interview with 11 players, aims to understand the spectacularization of the sport and athletes in the media, as well as their influences with the teenagers who dream of a professional career of success in football.

**Keywords:** Soccer. Spectacularization. Media.

<sup>1</sup>Os resultados deste estudo são decorrentes de duas edições do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), de apresentações nos congressos nacionais da Intercom Júnior 2016 e 2017 e do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) vinculado à graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo e ao Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas, na Universidade de Mogi das Cruzes.

\* Mestrando em Políticas Públicas e bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade de Mogi das Cruzes-SP (UMC). Realiza pesquisa na área de Teorias da Comunicação, com análise de produtos jornalísticos, estudos de recepção midiática, políticas de comunicação, comunicação pública, participação popular, cidadania e relações entre Estado, mídia e sociedade. É jornalista, pesquisador, assessor de imprensa e redator.

\*\* Pós-doutora pela Cátedra UNESCO/Umesp. Doutora em comunicação e Semiótica pela PUC-SP; Mestre em Teoria e Ensino em Comunicação pela Metodista-SP. Atualmente é professora e pesquisadora do Mestrado em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes- UMC. Coordena o Grupo de Pesquisa Comunicação, Diversidade e Cidadania CNPq/UMC. Também atua no Curso de Comunicação da UMC, e nos Cursos de Direito e Pedagogia na Faculdade Bertogã – FABE. É Sócio-fundadora da Rede Folkcom, Sócia da Intercom, e Diretora Administrativa da SOCICOM.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem o propósito de compreender a lógica da espetacularização do futebol e dos atletas mais destacados na mídia, analisando de que modo a imagem de sucesso vinculada ao esporte e difundida massivamente pelas milhões de telas influencia adolescentes brasileiros que sonham ter uma vida melhor por meio da carreira de jogador profissional, ou seja, jovens que enxergam na modalidade uma via de acesso ao estrelato, à riqueza e à fama, apesar de a realidade futebolística se apresentar muito mais complexa e menos glamorosa do que aquela difundida pela imprensa.

A relação entre meios de comunicação e futebol, aliás, vai muito além da cobertura jornalística de grandes eventos esportivos e da difusão massiva de informações a respeito dos torneios e clubes. Ela implica uma dinâmica que consiste em conquistar, prender e encantar a audiência, transformando partidas em verdadeiros espetáculos de imagens, e jogadores profissionais em ídolos, heróis e celebridades (BARBEIRO e RANGEL, 2006; BIANCO e RODRIGUES, 2012; COELHO, 2006; GASTALDO, 2009).

Configurado sob a lógica dos esportes modernos que, vinculados à imprensa, precisam construir seus astros para serem consumidos avidamente pelo público, o futebol torna-se um espetáculo e uma mercadoria com um fim puramente comercial, cuja dinâmica envolve a busca constante por lucros a partir de um processo de alta produção e consumo (PRONI, 1998).

Nessa perspectiva, é possível dizer que o futebol chega à nossa época como um produto da indústria cultural e, como tal, necessita, além da audiência, de jovens dispostos a apostar alto na carreira futebolística, de forma que seja sistematicamente renovado o plantel de astros e de aspirantes ao estrelato.

A questão, porém, é que o acesso a um patamar de sucesso no esporte é uma condição difícil de se alcançar. Ela é restrita a alguns poucos jogadores com capacidade técnica e habilidade diferenciadas, além de personalidade marcante e de empresários influentes no mercado da bola (BENINI, 2012).

É fato, também, que a exibição e o enquadramento espetaculares do futebol na mídia não refletem, fielmente, a realidade do esporte no

país. A cobertura massiva dos clubes da elite e dos atletas mais destacados acaba por ocultar a existência de tamanha desigualdade financeira entre os times e os jogadores espalhados pelo Brasil (BENINI, 2012).

De acordo com dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), referentes a 2015<sup>2</sup>, de 28.203 atletas ligados por contrato definitivo aos 776 clubes profissionais cadastrados na entidade, 82,4% – mais de 23.200 atletas – ganhavam mensalmente até R\$ 1.000,00 de salário; apenas 0,28% – 78 atletas – recebiam entre R\$ 100.000,00 e R\$ 200.000,00; e 0,12% – 35 atletas – embolsavam entre R\$ 200.000,00 e R\$ 500.000,00 mensais. Ou seja, menos de 1% dos jogadores profissionais no Brasil recebiam salários acima de cem mil reais.

Diante desse panorama, este artigo levanta algumas problematizações teóricas, como: por que, apesar desses números, uma massa de jovens brasileiros ainda sonha com uma carreira futebolística de sucesso e busca na modalidade a obtenção de dinheiro e fama, deixando a família, a adolescência e, em muitos casos, até mesmo os estudos para se dedicar ao esporte? De que maneira a história (contada na mídia) de uma minoria de atletas que saiu da pobreza e, por meio do futebol, alcançou o estrelato é capaz de influenciar tantos outros a desejarem uma conquista semelhante? A família, o contexto socioeconômico e a cultura da mídia contribuem significativamente para a construção desse sonho, ou somente o forte traço histórico do futebol como paixão, cultura e identidade nacional já seriam fatores suficientes para explicar tal questão?

Segundo Magalhães (2010), o estudo histórico do futebol permite uma compreensão aprofundada e peculiar sobre a construção da sociedade brasileira, em virtude da tamanha importância que o esporte ganhou no país a partir do século XX, constituindo-se como um “elemento fundamental” da identidade e cultura do povo.

Tal fato concede ao futebol o status de paixão nacional, além de uma cobertura de destaque na mídia, enquanto um reluzente espetáculo de massa (GASTALDO e HELAL, 2013). A motivação deste estudo, portanto, surgiu da reflexão sobre a discrepância na cobertura jornalística do universo

<sup>2</sup> Os números fazem parte de um relatório inédito da Diretoria de Registro e Transferência (DRT) da CBF. A iniciativa teve como objetivo dar transparência à realidade do futebol, mas não foi repetida nos anos posteriores.

futebolístico, que delimita seu olhar exclusivamente para uma minoria de clubes e atletas pertencente à elite do esporte, desconsiderando a maior parte dos demais expoentes, que possui ínfimos recursos financeiros e que enfrenta enorme dificuldade para se manter nos campeonatos oficiais.

Sobre isso, Bianco e Rodrigues (2012) explicam que os programas esportivos de televisão comercial, por exemplo, adotam a espetacularização – ou seja, transformar atletas em celebridades – como estratégia mercadológica para conquistar audiência.

Para as autoras, essa perspectiva implica selecionar certos tipos de conteúdo, abordagens e narrativas, descartando outros temas que não “interessam” ao público e, logo, não rendem audiência, a exemplo de pautas como as péssimas condições em que trabalham os jogadores dos “pequenos” clubes, muitas vezes submetidos a contratos abusivos, curtos e com salários irrisórios.

Dessa forma, a comunicação midiática tende a criar no imaginário coletivo a ideia de que o futebol se resume a um mundo de encantos e de oportunidades, no qual uma pequena parcela de jogadores alçados à condição de mitos representa o sonho de milhares de brasileiros que certamente gostariam de ganhar muito dinheiro e fama jogando futebol (BENINI, 2012).

A intenção deste artigo, afinal, é suscitar uma discussão crítica acerca da realidade do futebol brasileiro e do discurso do jornalismo esportivo na cobertura futebolística, entendendo que a imprensa esportiva precisa construir e explorar as imagens dos ícones do esporte, na medida em que está inserida no contexto da cultura da mídia e da indústria do entretenimento.

Logo, partindo da hipótese inicial de que a comunicação midiática influencia jovens a sonharem com uma carreira futebolística de sucesso, e que essa condição é restrita a alguns poucos jogadores selecionados a partir de critérios que extrapolam as atuações no campo de jogo, este artigo também busca preencher uma lacuna informacional e interpretativa deixada pela cobertura jornalística tradicional. Não obstante, essa problemática tem sido, ao que parece, pouco abordada e investigada por estudos interdisciplinares nas áreas de comunicação e ciências sociais.

Para tanto, este artigo caracteriza-se como exploratório, de natureza qualitativa, realiza

levantamento bibliográfico com foco nos conceitos de indústria cultural e sociedade do espetáculo, além de uma entrevista em grupo com 11 jogadores de base vinculados a um clube profissional da região metropolitana de São Paulo.

Além desta introdução e das considerações finais, o texto está dividido em quatro partes. Na primeira, contextualiza-se a posição e importância do futebol na sociedade brasileira, enquanto elemento de identidade nacional e meio de vida. A segunda aborda o jornalismo esportivo e o futebol como produtos midiáticos da Indústria Cultural. Já a terceira expõe uma discussão em torno do conceito de Sociedade do Espetáculo e os padrões das sociedades contemporâneas guiadas por consumo e imagens. Por fim, na quarta parte, são expostos e discutidos os dados qualitativos da entrevista em grupo com jovens atletas, com vistas a identificar e entender algumas variáveis relacionadas à influência da espetacularização midiática do esporte sobre seus sonhos.

## FUTEBOL COMO IDENTIDADE NACIONAL E MEIO DE VIDA

É possível levantar diversas hipóteses sobre fatores que podem influenciar consideravelmente um jovem brasileiro a sonhar com a carreira de jogador de futebol. Essa influência certamente converge com a história do esporte no Brasil, principalmente no que se refere à paixão e à identificação do povo brasileiro com a modalidade, bem como com a forma que o futebol é tratado e difundido pelos meios de comunicação, como já dito, segundo uma lógica mercadológica que privilegia a espetacularização de partidas e de atletas, transformando-os, respectivamente, em espetáculos e personagens midiáticos, ricos, adornados e exemplos de vitória, de meritocracia e superação.

Ora, pode-se considerar ainda outras questões mais subjetivas que envolvem, por exemplo, a situação socioeconômica e familiar dos jovens aspirantes a jogadores profissionais, ou, mais especificamente, o desejo de transformar essa condição por meio do estrelato futebolístico.

A princípio, o que se propõe neste tópico é compreender, brevemente, a construção histórica do futebol enquanto paixão e identidade do povo brasileiro e, a partir desse enfoque, discutir como o

esporte tornou-se uma via de acesso à ascensão social e um meio de vida para muitos futebolistas.

A verdade é que, como se verá a seguir, de um jogo lúdico pertencente às elites, o futebol passou a ser um esporte de massa, popular em todas as classes sociais e altamente rentável para vários setores econômicos, inclusive para atletas, meios de comunicação, empresas, marcas, confederações nacionais e internacionais, empresários e clubes de destaque (RIBEIRO JÚNIOR et al., 2014; SOMOGGI, 2016). Com isso, o esporte está inserido em um mercado milionário que movimenta valores exorbitantes no mundo inteiro, com vendas e compras de jogadores, direitos de transmissão televisiva, publicidade, comercialização de materiais esportivos, bilheteria, entre outros.

Desde que chegou ao Brasil, no final do século XIX, junto com as bagagens de Charles Miller, o futebol tem acompanhado todas as transformações sociais, tecnológicas e políticas pelas quais passou o país no decorrer do tempo. Nesse sentido, Magalhães (2010, p. 9) é pontual ao dizer que o esporte é um elemento importante para a compreensão da sociedade e cultura do povo brasileiro. Para a historiadora, “estudar o futebol a partir de uma perspectiva histórica é conhecer mais da nossa sociedade, dos costumes e da nossa própria história”.

Na época em que o futebol moderno foi importado da Inglaterra para a cidade de São Paulo – até então economicamente emergente devido à alta produção e exportação de café –, a sociedade brasileira ainda não tinha uma identidade coletiva, isto é, um senso de nação e pertencimento ao território. Fazia pouco tempo que o país havia “abolido” a escravidão e deixado a monarquia para proclamar a República. No campo da infraestrutura e da economia, a intenção era colocar as capitais do sudeste brasileiro nos moldes das grandes metrópoles europeias. Para isso, o processo de industrialização era imprescindível e, com ele, formavam-se novas estruturas sociais no ambiente urbano, a partir da imigração massiva de famílias do Velho Continente e da divisão de classes (MAGALHÃES, 2010; PRONI, 1998; WITTER, 1996).

Segundo relatam historiadores como Witter (1996), o futebol inicialmente era uma atividade restrita ao lazer burguês, em função do alto investimento que se precisava lançar mão para adquirir os materiais

de jogo, todos importados do exterior. Os registros, de acordo com o autor, dão conta de que o futebol era praticado somente por filhos de famílias com posses, que formavam a elite da época. Dessa forma, as questões financeiras afastavam o acesso ao esporte dos mais pobres, em razão da necessidade de recursos para comprar as chuteiras, a bola e os uniformes que custavam caro.

Magalhães (2010) descreve que o objetivo das elites era manter o futebol distante das classes populares e, principalmente, dos negros. No entanto, como se sabe, a proposta não durou por muito tempo. A expansão industrial e o crescimento do operariado contribuíram consideravelmente para que o esporte fosse democratizado entre os trabalhadores, visto que muitas fábricas passaram a criar seus próprios times para disputar campeonatos, realizar excursões e, por meio desses eventos, divulgar suas marcas.

Muitas empresas, inclusive, pagavam para os operários jogarem. Algumas delas deram origem a clubes que até hoje permanecem ativos, como é o caso do carioca The Bangu Athletic Club, fundado por trabalhadores ingleses da Companhia Progresso Industrial, e o Sport Club Corinthians Paulista, criado também por iniciativa de operários, a maioria imigrantes, que trabalhavam em ferrovias inglesas no bairro do Bom Retiro, em São Paulo (MAGALHÃES, 2010). Tais práticas, afinal, amadureceram a ideia de profissionalizar o esporte, de torná-lo um negócio lucrativo, um meio de vida e uma possibilidade de ascensão social.

Curiosamente, ao contrário dos propósitos iniciais, a popularização do futebol no Brasil teve relação próxima com a intenção da aristocracia econômica de manter o controle sobre as massas populares, submetidas a péssimas condições de vida, marcada por intenso esforço físico nas relações de trabalho, e em estado psicológico vulnerável decorrente de privações, falta de direitos e identidade.

Os trabalhadores encontravam no futebol uma espécie de “válvula de escape”, bem como uma maneira de subverter a estrutura econômica e social fundamentada em uma desigualdade profunda e complexa. Se, inicialmente, o intuito era restringir o esporte às elites do país, com os conflitos políticos e sociais que emergiam de forma acentuada nos centros urbanos, o futebol passou a ser utilizado como uma estratégia de aliviar tensões, semelhantemente com

o que ocorrera na Inglaterra (MAGALHÃES, 2010; WITTER, 1996).

Foi nesse contexto que o futebol ganhou espaço e se consolidou junto às massas. Com o tempo, as Copas do Mundo foram incorporadas à cultura do brasileiro e se tornaram fatores fundamentais para a formação do sentimento coletivo de nação no país durante os jogos da seleção canarinho. Por meio do futebol, aliás, o Brasil passou a ser visto de modo diferente pelos demais países, conforme ia ganhando características de Estado-nação (MAGALHÃES, 2010; WITTER, 1996).

Tal panorama pôde ser visto na Copa de 1950, sediada no Brasil pela primeira vez. Os governantes, à época, viam no evento uma oportunidade única de mostrar ao mundo as particularidades do país, suas belezas naturais e a diversidade do povo. Magalhães (2010, p. 86) pontua que o evento também “era uma forma de despertar um sentimento de coletividade, já que ainda se lutava pela integração nacional”. A historiadora retrata a percepção do povo durante o torneio global:

A emoção às vésperas da final era impressionante. Para uma população majoritariamente das classes mais baixas, ver jogadores de origem comum à sua dando um verdadeiro espetáculo era quase uma vingança pela constante exploração do sistema excludente e elitista em que vivia. (MAGALHÃES, 2010, p. 88).

Nota-se que, ainda hoje, o futebol constitui um elemento de identidade e integração nacional. Para as classes populares em especial, significou uma das primeiras formas de manifestação cultural e de entretenimento, assim como um caminho para os mais pobres encontrarem uma identidade e fazerem parte de uma comunidade (MAGALHÃES, 2010).

O processo de democratização e popularização do futebol, porém, motivou algumas tensões políticas no país, a exemplo dos embates entre os que defendiam o amadorismo do esporte e os que eram a favor da profissionalização. O primeiro argumento pertencia a uma parte da elite, interessada em preservar o futebol como lazer. Já o segundo era buscado pelas classes mais pobres, principalmente operários de fábricas que queriam fazer do futebol uma profissão, além daqueles que enxergavam o esporte para além de uma simples atividade física. Esses viam a modalidade como uma

oportunidade de negócio, tendo em vista o exponencial crescimento das torcidas e do apelo social e midiático do esporte (MAGALHÃES, 2010; PRONI, 1998).

Nesse sentido, Fernández (1974) considera que o futebol, antes de um meio de vida, é ao mesmo tempo uma paixão nacional e um fenômeno social e linguístico. Para essa autora, o esporte tem um forte apelo entre as classes menos prestigiadas no ambiente urbano, por ser um jogo simples de ser praticado e pelas semelhanças e o paralelo que tem em relação à vida do homem em sociedade.

As proposições da professora têm fundamento nos estudos de Johan Huizinga (2005) que, a partir de uma perspectiva histórica, compreende o “jogo” como um elemento da cultura humana, que transcende os fenômenos físicos e biológicos, sendo um significante das ações dos homens. Para o autor holandês, a noção de jogo como elemento cultural se estende à linguagem, à competição como função cultural e social, como divertimento e, ao mesmo tempo, competição (GASTALDO e HELAL, 2013). Enfim, a noção de jogo está presente em tudo o que acontece no mundo e nas relações sociais em geral.

Dessa maneira, Fernández (1974) entende que o esporte está estritamente vinculado ao conceito de exercícios físicos no âmbito de um jogo cujo objetivo é buscar algo ou alguma representação por meio da disputa. No futebol, afinal, ora o indivíduo e o grupo conquistam a vitória, ora deparam-se com a derrota. Nesse contexto, os expoentes da modalidade também são submetidos a regras, estão sujeitos a sentimentos como frustração, alegria, inferioridade ou supremacia na competição. Além de situações que provocam adrenalina, raiva, desafios, medo e indignação, assim como ocorre na vida diária.

A autora considera que as transformações pelas quais passou o futebol ao longo da história, deixando o amadorismo (futebol-esporte) para se tornar profissional (futebol-meio de vida), levaram o jogo de bola a deixar de ser um fim em si mesmo, ou seja, a perder seu aspecto lúdico. Segundo Fernández (1974, p. 22), “dentro dos padrões de produção e consumo, o futebol acabou por se configurar como atividade comercial com fins lucrativos”, como “um fenômeno financeiro e sério”.

Magalhães (2010) compreende que a passagem do futebol lúdico para o profissional tem relação estreita com a popularidade e representatividade que

o esporte ganhou por meio dos clubes. Essa nova realidade gerou algumas consequências, como o crescimento das torcidas, e com ele o aumento da exigência por resultados expressivos e conquistas.

Segundo a historiadora, a profissionalização do futebol não foi um fato isolado, mas sim um processo correlacionado com o contexto social e político do Brasil da década de 1930. Depois da República Velha, Getúlio Vargas assumiu a presidência e foi exatamente em seu longo mandato, a maior parte sob regime ditatorial, que a classe operária começou a vislumbrar a conquista de direitos trabalhistas. Apesar dessa contextualização, a profissionalização do esporte foi efetivada uma década antes da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), criada em 1943 (MAGALHÃES, 2010).

O novo cenário do futebol nacional, marcado pelo profissionalismo e a elevação do nível de competitividade, contava de uma vez por todas com uma configuração bem diferente da inicial, como sublinha Witter:

[...] Essas duas histórias são emblemáticas de um período em que as mudanças mais significativas na composição social dos quadros (assim eram denominadas as equipes) dos diferentes times. Que mudanças? Principalmente a substituição dos rapazes ricos pelos operários das fábricas e pelos negros, que começam a aparecer no cenário futebolístico (WITTER, 1996, p. 16).

O Club de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, foi um dos primeiros times brasileiros a contratar jogadores pobres e negros. Em 1923, em sua estreia na elite do Campeonato Carioca, a equipe cruzmaltina faturou o título do torneio e incomodou profundamente as elites, responsáveis por maior parte das agremiações que figuravam na competição até então (MAGALHÃES, 2010).

Com uma preparação mais profissionalizada que a dos adversários, o Vasco não somente venceu o torneio como abriu caminho para a profissionalização do esporte no Rio de Janeiro, capital federal na época. Tal fato levou os demais clubes a adotarem a mesma metodologia e estrutura de gestão das entidades

Vale ressaltar também que, nessa época, era bastante vantajoso para os operários jogarem futebol pelos times das fábricas nas quais estavam empregados. Isso porque, como sintetiza Magalhães (2010), além de receberem dinheiro e premiações pelas

vitórias, trabalhavam menos e tinham mais chances de serem promovidos. Nasce dessas práticas, portanto, a imagem do futebol como um caminho que permitia obter melhores condições de vida e ascensão social.

Magalhães (2010, p. 119) explica que, depois da passagem do amadorismo para o profissionalismo, o futebol brasileiro e mundial entrou em uma nova fase a partir dos anos 1980, a “era do marketing e de seu capital”, acompanhando inúmeras transformações em todo o mundo, como o Fim da Guerra Fria, a queda do muro de Berlim e a expansão da globalização e do neoliberalismo nas políticas econômicas e nas relações internacionais do Ocidente.

Tais mudanças, segundo a historiadora, culminaram no processo desestatização, iniciado na Europa, o qual tirou o poder absoluto das emissoras de televisão estatais, gerando grandes concorrências entre as empresas privadas de comunicação pelos direitos de transmissão dos jogos. O resultado foi o aumento exponencial de dinheiro recebido pelos clubes e federações que, com o interesse de valorizar as competições e atrair mais lucros, passaram a investir pesado em contratações de futebolistas do mundo inteiro, sobretudo os sul-americanos.

O futebol brasileiro também sentiu reflexos importantes dessas transformações. Com efeito, o êxodo de jogadores brasileiros para o exterior, situação cada vez mais frequente pelas altas propostas dos clubes europeus, potencializava a visão do futebol como meio de vida, ascensão e estrelato. Na realidade, uma vez envolvidos em transações como essas, os jogadores tinham a oportunidade peculiar de ganhar muito mais dinheiro e de ser reconhecidos internacionalmente como astros da bola (PRONI, 1998; RIAL, 2008).

Na era do marketing, portanto, como bem pontua Magalhães (2010, p. 120), o capital gerado por meio de patrocínios, publicidade e investimentos de emissoras de televisão no futebol “passava a ser o definidor das relações do esporte”. Nessa perspectiva, o jogador também passou a ter condição e características de produto, ao passo que os clubes brasileiros, abitolados de problemas financeiros, enxergavam (e ainda enxergam) na venda de seus talentos uma forma de aliviar o caixa e gerar novos recursos (PRONI, 1998).

A mesma situação se tornou objeto de desejo dos atletas (principalmente seus empresários), que

não mais se contentam em realizar o sonho de jogar profissionalmente pelos grandes times do futebol brasileiro. Agora, o desejo consiste também em brilhar com as camisas de equipes europeias e se transformar em um ícone global.

### **INDÚSTRIA CULTURAL: O JORNALISMO E O FUTEBOL COMO PRODUTOS**

Com base na abordagem de Fernández (1974), nota-se que a paixão e identificação despertadas pelo futebol no povo brasileiro motivaram um grande interesse dos meios de comunicação em produzir conteúdos relacionados ao esporte. Tal cenário, porém, nem sempre foi assim, tendo em vista que o jornalismo esportivo não tinha tanto espaço nas páginas dos jornais no início da peregrinação do futebol pelo Brasil.

Coelho (2006) observa que o remo era a principal modalidade esportiva em meados da década de 1910, sendo a única a ter matérias publicadas na imprensa da época. Com o passar do tempo, contudo, à medida que o futebol se consolidava e se expandia conforme o crescimento do número de clubes profissionais, de campeonatos e de torcidas, a mídia passava a conceder significativa atenção ao esporte, enxergando nele um potencial efetivo de ganhar audiência e fazer negócio.

Portanto, a popularização do futebol o conectou com a maior parte do segmento midiático brasileiro e o levou a ganhar destaque nos cadernos de suplementos esportivos dos grandes jornais, nas revistas especializadas, nos programas e transmissões de jogos no rádio e, a partir de 1950, também na televisão. Fernández (1974) destaca que o futebol, nessa perspectiva, deixou de ser um jogo recreativo para se tornar sério, ao passo que foi adotando características de esporte moderno, no contexto dos padrões estabelecidos pela imprensa.

Nesse sentido, Sodré (1984, p. 136) chama a atenção para a semelhança entre o futebol e a indústria, uma vez que, vinculado à mídia, o esporte necessita produzir personagens para vender suas imagens. Para o sociólogo, o futebol é “filho legítimo da Revolução Industrial”, razão pela qual “não se pode confundi-lo com o jogo físico, que se caracteriza pela espontaneidade de movimentos, pela despreocupação

com relação a um fim produtivo, pela liberdade do corpo”.

Dessa forma, é possível considerar que o futebol, nos padrões atuais da era do marketing, segue a linha de produção industrial, enquanto objeto de relações empresariais. Haja vista as suas regras e regulamentos, contratos econômicos, transações comerciais entre os mercados continentais, disciplina e repetição sistemática nos movimentos físicos dos atletas e nas estratégias táticas do jogo, evidenciando seu aspecto competitivo, da mesma forma como ocorre nas empresas.

A exigência excessiva de dirigentes (chefes) e torcedores (clientes) sobre os jogadores e treinadores (produtos), para que desempenhem em alto nível e apresentem resultados expressos em conquistas, fortalece a proposição de Sodré (1984, p. 140) de que “o futebol, mais do que mero esporte, tende hoje a transformar-se num grande espetáculo de massa”.

Essa tendência é tão forte que até os nomes de clubes e estádios estão sendo substituídos por nomes de empresas, que pagam vultosas quantias em dinheiro para associarem suas marcas ao futebol. Os chamados “clubes-empresas”, cada vez mais presentes no mercado da bola, funcionam como fábricas de jogadores de alto nível técnico e físico, produzidos e preparados para brilharem nos gramados, encherem os estádios e renderem milhões de euros.

Em discussão relacionada à espetacularização, Pena (2008, p. 88) afirma que, nos padrões da indústria do entretenimento, “a mídia produz celebridades para poder realimentar-se delas a cada instante em um movimento cíclico e ininterrupto”. Segundo o autor, os eventos associados a um determinado personagem são capazes de ganhar dimensões inimagináveis de supervalorização, dependendo da “capacidade desse indivíduo em roubar a cena, ou seja, em tornar-se uma celebridade”.

Para Pena (2008, p. 88-89), “as celebridades tornaram-se o polo de identificação do consumidor-espectador do espetáculo contemporâneo. São eles que catalisam e preenchem o imaginário coletivo”.

Logo, com a espetacularização de jogos e atletas, a indústria da mídia e do futebol passa a dispor de uma mercadoria altamente rentável e que lhe permite obter muito lucro com publicidade e propaganda. Com efeito, essa é a lógica que une

futebol e mídia e os insere no circuito dos grandes negócios contemporâneos.

Dito isto, pode-se considerar que a mídia é responsável pela produção e difusão das imagens espetaculares de futebolistas que atingiram a condição restrita de craques, ídolos e símbolos de sucesso. Os meios de comunicação, motivados por seus interesses, utilizam diferentes estratégias comunicativas para transformar o jogo futebolístico em um verdadeiro espetáculo midiático, e os atletas em celebridades, conforme pontuam Bianco e Rodrigues (2012).

As autoras argumentam que os programas esportivos da mídia comercial adotam a espetacularização do esporte como estratégia de conquistar e prender a audiência. Espetacularizar, segundo elas, significa “transformar atletas em celebridades, em ícones da cultura da mídia ou reencarnar na narrativa da transmissão de eventos os mais profundos valores da sociedade como competição, sucesso e dinheiro” (BIANCO e RODRIGUES, 2012, p. 264).

De fato, o interesse da imprensa pelo futebol tem como fulcro atrair olhares, encantar (tel) espectadores e fomentar ainda mais a paixão pelo esporte para, desse modo, faturar contratos milionários junto ao mercado publicitário. Com essa perspectiva, Fernández (1974) compreende que a mídia atua de maneira efetiva no processo de pré-fabricação de heróis e mitos do esporte, e que, além de criar os ídolos, lapida suas imagens com esmero que extrapola o campo da notícia, visando tão somente ao potencial publicitário do esporte e dos atletas.

Kellner (2004, p. 2), por sua vez, salienta que “a celebridade também é produzida e manipulada no mundo do espetáculo”. Para ele, “as celebridades são ícones da cultura da mídia, os deuses e deusas da vida cotidiana”. Nesse sentido, os jogadores transformados em astros do espetáculo midiático-futebolístico tornam-se também exemplos de ascensão social e seu apelo junto ao público parece ser mais forte na medida em que percorrem trajetórias da pobreza e do anonimato à fortuna e à aclamação unânime na imprensa, nos estádios e nos espaços públicos.

Essa dinâmica midiática e espetacular tem relação com as características e funcionamento das sociedades contemporâneas, ditadas pelo alto capitalismo e consumo, nas quais o jornalismo se legitima segundo padrões industriais inerentes aos

processos massificados de produção e distribuição da notícia, sua principal matéria-prima. Pena (2008, p. 90) diz que, nessa engrenagem, “a notícia é um produto à venda e está exposta na vitrine do capitalismo industrial” aos cidadãos/consumidores dos conteúdos produzidos e divulgados pela mídia que, na era do espetáculo e na lógica comercial, “fabrica ícones e veicula situações inusitadas ou irreverentes [...]”, ou seja, produzem e difundem “entretenimento e espetáculo”.

Com isso, é válido pressupor que o jornalismo, assim como a maior parte das atividades econômicas inseridas no contexto do alto capitalismo, tornou-se um produto à venda, que necessita de consumo massivo para render dinheiro e sustentar sua indústria. Marcondes Filho (1989, p. 13), a esse respeito, enfatiza que a notícia nada mais é do que “a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais”.

Recorrendo aos estudos de Marx, o autor interpreta que as notícias não são apenas produtos, mas também “a forma elementar da riqueza no capitalismo; são mercadorias: o valor de uso e o valor de troca” (MARCONDES FILHO, 1989, p. 31). Essas concepções sobre o conceito de notícia no mundo capitalista ganham ainda mais ênfase quando são associadas à atuação do jornalismo esportivo na cobertura do futebol feita pela mídia tradicional.

Nessa perspectiva, é possível considerar que os limites entre jornalismo, entretenimento e sensacionalismo na cobertura futebolística se misturam quase sempre, ao passo que o esporte, apesar de ser um meio de vida para muitos e paixão para outros, representa lazer e diversão para a maioria. Por isso, não é incomum encontrar mais liberdade no uso da linguagem nesse tipo de conteúdo e abordagens voltadas para a fofoca, intrigas e ostentação de bens dos atletas ricos, o que não ocorre comumente em outros segmentos do jornalismo, como o político e o econômico.

Em tese, o objetivo desse formato de comunicação midiática é fazer com que o produto seja mais atraente ao público e, por conseguinte, mais consumido, pois, quanto maior for a audiência, maior também é o potencial publicitário. Inseridos nesse contexto, o futebol, enquanto objeto do processo de espetacularização para a conquista de audiência, e os jogadores, tratados como celebridades do

espetáculo midiático-esportivo, são respectivamente transformados em produtos, ou melhor, em mercadorias.

Com essa lógica de mercado, pode-se dizer que o futebol e o jornalismo são produtos da indústria cultural. Apresentado pela primeira vez na década de 1940 pelos filósofos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer, expoentes da Escola de Frankfurt, o conceito de Indústria Cultural diz respeito ao processo padronizado de produção e comercialização de produtos culturais facilmente assimiláveis e voltados para o consumo em série.

Tal dinâmica ganhou força a partir do Iluminismo e da Revolução Industrial que culminaram no enfraquecimento da religião e dos modelos pré-capitalistas nas relações políticas, sociais, econômicas e culturais dos países do Ocidente. Nesse sentido, novas estruturas e sistemas passaram a compor as formas de monopólio econômico e social no contexto das sociedades industriais, a saber: a cultura de massa.

Adorno e Horkheimer (1985, p. 99) entendem que, “sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear”. Para os pensadores alemães, nessa estrutura, os responsáveis pelo monopólio não têm mais o objetivo de camuflar seus reais interesses. Pelo contrário, essas formas de poder, isto é, os negócios como ideologia, afirmam-se na medida em que são explícitas ao público, assim como ocorre com os meios de comunicação e entretenimento. Os filósofos afirmam:

O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 99).

Teixeira Coelho (2006, p. 10-11) explica que a indústria cultural, assim como os meios de comunicação e a cultura de massa, surgiu do fenômeno da industrialização, cujas características refletem-se no funcionamento das sociedades guiadas pelos padrões impostos pelo capitalismo. Nesse modelo de sociedade, o autor salienta a reificação (transformação em coisa ou “coisificação”) e a alienação como fatores

essenciais que tendem a homogeneizar e padronizar os hábitos de consumo cultural. “Para essa sociedade, o padrão maior de avaliação tende a ser coisa, o bem, o produto; tudo é julgado como coisa, portanto tudo se transforma em coisa – inclusive o homem”.

Dessa maneira, argumenta o autor, a cultura passa a ser produzida em série, destinada a um número massivo de pessoas, sendo projetada não como “instrumento de livre expressão”, nem de crítica e conhecimento, mas sim como mercadoria comercializada por dinheiro e feita para ser consumida como se consome qualquer outra coisa (TEIXEIRA COELHO, 2006, p. 23).

Para Adorno e Horkheimer (1985, p. 104), a indústria cultural, com toda sua complexidade, promove uma socialização das consciências que resulta em alienação das massas, na medida em que estas se tornam incapazes de refletir sobre a realidade e sobre si mesma. “Inevitavelmente, cada manifestação da indústria cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo”.

A dominação econômica e cultural, que se impõe à massa de trabalhadores na sociedade de classes, não somente dificulta que as pessoas submetidas aos padrões de alta produção e consumo enxerguem a dinâmica desfavorável dessa estrutura monopolista, como minimizam as suas chances de refletirem sobre ela e, por consequência, de revoltarem-se.

Adorno e Horkheimer (1985, p. 109) são categóricos ao dizerem que o “mecanismo da oferta e da procura continua atuante na superestrutura como mecanismo de controle em favor dos dominantes”. Críticos ao sistema, os autores da Escola de Frankfurt destacam que “os consumidores são os trabalhadores e os empregados”, e que “a produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido”, caindo na ideia fabricada do “mito do sucesso” e servindo insistentemente aos desejos da “ideologia que os escraviza”.

Mesmo sendo elaboradas e difundidas no contexto dos anos 1940, as concepções dos teóricos alemães construíram um extenso e profundo pensamento acadêmico em torno dos processos e efeitos culturais e sociais que se manifestam até hoje nos inúmeros estudos.

Teixeira Coelho (2006, p. 23), nesse sentido, entende que a cultura de massa continua alienando o

indivíduo, que é conduzido e induzido a “não formar uma imagem de si mesmo diante da sociedade”. Para o autor, ao visar principalmente à diversão, “a indústria cultural estaria mascarando realidades intoleráveis e fornecendo ocasiões de fuga da realidade”, com o único objetivo de comercializar seus produtos.

Ao se comparar a dinâmica da indústria cultural com os efeitos da produção midiática na cobertura esportiva sobre o público, é pertinente considerar que o processo de alienação alcança, também, os jovens aspirantes a jogadores de futebol no Brasil, que buscam no esporte a riqueza e a fama, a despeito do fracasso econômico da maioria esmagadora dos jogadores profissionais brasileiros.

Tal busca pelo sucesso no esporte representa não apenas o sonho dos adolescentes de brilharem nos gramados e na televisão, mas também uma forma de transformar o panorama socioeconômico da família, geralmente de origem humilde financeiramente. Além do mais, vale ressaltar que a mídia seleciona as pautas tão somente conforme sua estratégia de atrair audiência e lucro, privilegiando a espetacularização, os assuntos inusitados capazes de chamar a atenção do público por meio da diversão e do prazer passional.

Nessa perspectiva, como pontuam Bianco e Rodrigues (2012, p. 265), “pouco se discute sobre processos de venda de passes de jogadores, negócios associados ao evento esportivo e sua gestão pelos dirigentes e federações”. Há de se considerar, ainda, a seletividade na cobertura futebolística, na qual as notícias e debates são pautados apenas nos clubes e jogadores de destaque no cenário nacional e internacional, promovendo a impressão de que tais expoentes representam o mercado profissional do futebol como um todo.

A espetacularização do futebol, portanto, se traduz na difusão de imagens nas quais jogadores oriundos de famílias pobres alcançam o estrelato. Essas imagens são frequentes e repletas de elementos espetaculares que chamam a atenção. As transmissões dos torneios europeus são bons exemplos, tendo como atrações os estádios suntuosos, sobre os quais atuam os jogadores em momento de glória na carreira, que concedem diversas entrevistas e estrelam anúncios publicitários dos produtos da moda.

Esse tipo de conteúdo ganha ainda mais apelo junto aos jovens ao passo que necessidades normativas são criadas no imaginário coletivo pela imprensa,

estabelecendo alguns padrões de consumo como condições essenciais para ser reconhecido e conquistar prestígio social. Na sociedade em que tudo se resume a coisas e a consumo de coisas, a própria relação entre os homens é marcada pela posse de coisas. A mercadoria, segundo Marx (2006, p. 94-95), sendo fruto do trabalho de produção, adquire um caráter de troca que media a relação social dos produtores, determinada pelo valor dos produtos do trabalho. Logo, o pensador alemão fala em uma relação social entre pessoas transformada em relação material e em relação social entre coisas.

### A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E OS PADRÕES DE CONSUMO

O filósofo Guy Debord (2005) compreende que, desde a modernidade – período que marcou a ascensão burguesa e uma nova configuração nas relações de poder econômico –, as sociedades dos países ocidentais encontram-se na era do espetáculo, cujas imagens são essencialmente mediadoras das relações entre os homens. Segundo o autor, porém, o espetáculo não funciona simplesmente com base em um conjunto de imagens, mas sim em uma mediação realizada pelas imagens nas dinâmicas sociais.

Na visão do pensador francês, o espetáculo constitui-se na figura da própria sociedade e como parte da sociedade. Como parte, portanto, reúne em si todo olhar e toda consciência, estabelecendo padrões, normas e tendências à coletividade, mormente com relação ao consumo de mercadorias. Dessa forma, o espetáculo é resultado dos modos de produção que marcaram o período moderno e, tanto o seu desenvolvimento quanto o seu fim, têm como consequência a si próprio, uma espécie de “automovimento” aparente de afirmação econômica.

Para Debord (2005, p. 9), o espetáculo promove a inversão da realidade em uma representação ilusória, é “o coração da irrealidade da sociedade real”. De acordo com o autor, sob “todas as suas formas particulares, informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos, o espetáculo constitui o modelo da vida socialmente dominante”.

O conceito de Sociedade do Espetáculo, apresentado pelo filósofo francês em meados dos anos 1960 como a afirmação da aparência no lugar do real, ajuda a compreender diversos fenômenos da vida

humana na contemporaneidade. Sendo exposto com uma enorme positividade aos indivíduos, o espetáculo “nada mais diz senão o que é bom aparece e o que aparece é bom” (DEBORD, 2005, p. 12).

Logo, no contexto das sociedades de massa, os reais valores do espetáculo estão na aparência e não fundamentalmente na vivência de experiências e na posse de bens materiais. Ou seja, não basta adquirir uma mercadoria ou um serviço e desfrutar de seus valores de uso, faz-se necessário que esse valor se estenda de modo abstrato ao indivíduo e de alguma forma se incorpore à sua imagem social. O autor explica:

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social levou, na definição de toda a realização humana, a uma evidente degradação do ser em ter. A fase presente da ocupação total da vida social pelos resultados acumulados da economia conduz a um deslizar generalizado do ter em parecer, que todo o “ter” efetivo deve tirar o seu prestígio imediato e a sua função última. Ao mesmo tempo, toda a realidade individual se tornou social, diretamente dependente do poderio social, por ele moldada. Somente nisto em que ela não é, lhe é permitido aparecer (DEBORD, 2005, p. 13).

Enquanto modelo dominante nas sociedades contemporâneas, o espetáculo impõe ao indivíduo a necessidade de aparecer, ainda que para isso precise assumir sacrifícios e exceder todos os limites imagináveis. Uma pessoa pode, por exemplo, comprar o carro do ano, parcelar o pagamento em dezenas de prestações, ultrapassar seu orçamento e, por consequência, ter dificuldades para se sustentar nas necessidades mais básicas e essenciais, como alimentação, moradia e vestimenta. Socialmente, porém, será notada e reconhecida como bem-sucedida em virtude da imagem e do valor do carro que dirige, simplesmente por uma questão de aparência e prestígio, e não de realidade.

Nessa perspectiva aberta por Debord (2005) para a compreensão da sociedade, a mídia ocupa posição central como difusora de crenças e valores supremos a serem perseguidos com afinco pelos indivíduos – no caso específico, os valores da imagem e do espetáculo.

Com base nessas concepções, Kellner (2004, p. 5) entende que espetáculos são tipos de fenômenos que, na esfera da cultura da mídia, “representam valores

básicos da sociedade contemporânea” e “determinam o comportamento dos indivíduos e dramatizam suas controvérsias e lutas [...]”.

Segundo o teórico, a espetacularização da vida presente nos produtos da indústria cultural tem como um dos principais efeitos a construção de sonhos e desejos. Para o autor, além de abordar importantes aspectos da vida comum de modo acessível e atraente, a cultura da mídia proporciona “material ainda mais farto para as fantasias e sonhos, modelando o pensamento, o comportamento e as identidades”.

Kellner (2004) explica que toda a economia global gira em torno do espetáculo. A competitividade entre as empresas envolve uma guerra das marcas, que buscam a todo instante oferecer diversão aos seus públicos potenciais, com vistas a associar suas imagens aos produtos do entretenimento midiático nos comerciais de TV, games, filmes ou em eventos esportivos, como é o caso do futebol.

O espetáculo midiático tem como estratégia o culto à celebridade que, segundo Kellner (2004, p. 7), “proporciona os principais padrões e ícones da moda, do visual e da personalidade. No mundo do espetáculo, a celebridade representa cada segmento social relevante”, a exemplo da política, entretenimento, esportes, negócios, entre outros.

Para compreender essas proposições, basta pensar em Cristiano Ronaldo e Neymar Jr., dois jogadores de futebol com destaque global. Ambos, como astros da bola e garotos-propaganda de diversas marcas, são capazes de influenciar milhares de comportamentos sociais e de consumo por meio de suas imagens icônicas.

No início de 2010, por exemplo, o ainda garoto Neymar, então atleta do Santos Futebol Clube, apareceu nos jogos e entrevistas com um novo corte de cabelo, o “moicano”. Na época, foi notável a extensa quantidade de jovens e adultos que desfilavam nas ruas com o mesmo visual adotado pelo craque brasileiro. Isso demonstra que, muito além de futebolistas estrelados, Cristiano (CR7) e Neymar (NRJ) se transformaram em marcas milionárias e influentes.

Em discussão relacionada à Psicologia Social, Aronson, Wilson e Akert (2015, s/n) explicam que o comportamento individual é fortemente influenciado por normas sociais vigentes nos ambientes em que os indivíduos estão inseridos. Qualquer grupo social

funciona segundo normas, e cada pessoa pertencente ao grupo tem um papel social a cumprir. “Enquanto as normas especificam como os membros devem agir, os papéis especificam como as pessoas que ocupam certas posições no grupo devem se comportar”.

Em sociedades complexas, como as inseridas nos grandes centros urbanos, cabe à mídia o papel de elaborar e disseminar as normas sociais a serem assimiladas pelos cidadãos. Operando sob o viés da indústria cultural, a mídia (junto com o mercado publicitário) estabelece o consumo massificado como norma social, determinando os papéis sociais a serem assumidos para que os indivíduos sejam reconhecidos, aceitos e prestigiados no círculo social.

Zygmunt Bauman (2008) descreve que, nesse contexto, para conquistar a subjetividade e a identidade, o indivíduo se vê na dupla condição de consumidor e mercadoria. Os membros da sociedade do consumo são obrigados a assumirem o consumo como vocação e adotarem características de mercadoria para serem aceitos socialmente e terem direito à subjetividade.

Na sociedade do consumo, desde crianças e adolescentes a adultos e idosos, a despeito de gênero ou classe social, todos são conduzidos a serem, ao mesmo tempo, consumidores e mercadorias, como explica o sociólogo polonês:

[...] Bombardeados de todos os lados por sugestões de que precisam se equipar com um ou outro produto fornecido pelas lojas se quiserem ter a capacidade de alcançar e manter a posição social que desejam, desempenhar suas obrigações sociais e proteger a autoestima – assim como serem vistos e reconhecidos por fazerem tudo isso –, consumidores de ambos os sexos, todas as idades e posições sociais irão sentir-se inadequados, deficientes e abaixo do padrão a não ser que respondam com prontidão a esses apelos (BAUMAN, 2008, p. 74).

Nesse sentido, considerando a era das redes sociais da internet, Bauman (2008, p. 21) compreende que o desejo e o sonho de fama significam nada menos que ser destacado por veículos da imprensa, aparecer em milhões de telas e, assim como as celebridades, “ser visto, notado, comentado e, portanto, presumivelmente, desejado por muitos”. Para o autor, a necessidade de aparecer nas mídias como produto notável e desejável ultrapassa a consciência, a ponto de ignorar o fato de que a condição duradoura de fama é sempre acessível a um minúsculo e restrito contingente de indivíduos.

É possível que essa dinâmica alcance os jovens que desejam ser jogadores de futebol famosos, incentivados a depositar suas esperanças no sucesso e, com isso, se tornarem capazes de enfrentar qualquer situação para alcançar tal posição. Sob esse ponto de vista, não basta jogar bola por amor e paixão, enquanto uma prática ou manifestação cultural e de lazer. Uma vez considerado como meio de vida, conforme teoriza Farnandéz (1974), o futebol passa a ser um meio para alcançar a ascensão social, ao passo que imagens de ídolos futebolísticos que atingiram o ápice da glória e da popularidade servem como referência para os jovens aspirantes a jogadores profissionais.

O futebol, que poderia ser utilizado como instrumento de políticas públicas de esporte voltadas para promover integração social, saúde, educação, cultura e cidadania, resume-se hoje à condição de produto de espetáculo e de fonte de ilusão, visto que o sucesso na profissão está reservado a uma parcela ínfima de atletas.

### **EM BUSCA DO SONHO: ENTREVISTA EM GRUPO COM JOGADORES DE BASE**

A entrevista no formato de grupo focal com jovens atletas aspirantes ao mercado profissional do esporte teve como objetivo compreender as suas motivações em buscarem no futebol uma carreira de sucesso, e a influência da mídia nesse processo. O Grupo Focal (GF) consiste numa técnica qualitativa de coleta de dados cuja principal proposta é “perceber os aspectos valorativos e normativos que são referência de um grupo em particular” (COSTA, 2005, p. 181). Por meio desta ferramenta de pesquisa, pretendeu-se identificar e entender tendências do grupo quanto ao sonho no futebol e aos potenciais motivos para a busca de tal realização.

Na prática, a entrevista foi realizada em 2017 com 11 atletas com idade entre 15 e 18 anos, vinculados às divisões de base de um clube profissional da região metropolitana de São Paulo. O time de futebol, no momento da pesquisa, trabalhava com as categorias Sub-12, Sub-14, Sub-16, Sub-19 e profissional; disputava torneios estaduais e alojava no Estádio Municipal 30 jogadores a partir de 16 anos, oriundos de cidades e estados distantes.

Figura 1 - Entrevista com jogadores de base<sup>3</sup>



Fonte: arquivo pessoal do autor

Pelas dificuldades financeiras e a limitada estrutura do clube, nenhum jogador, da base ao profissional, recebia remuneração para atuar. Sem patrocínio oficial, a entidade conseguia arcar apenas com os custos relacionados a inscrições nos campeonatos, alimentação dos atletas que moravam no alojamento, transporte para os jogos, entre outros compromissos desportivos.

Segundo o gerente de futebol da agremiação<sup>4</sup>, o alojamento e os campos de treino e jogo eram disponibilizados pela Prefeitura do município, como uma forma de parceria e incentivo ao esporte. O profissional informou, também, que todos os garotos alojados e com idade escolar estavam regularmente matriculados na escola. A matrícula escolar, inclusive, é requisito indispensável para que um jogador participe das competições de base organizadas pela Federação Paulista de Futebol.

Do grupo que participou da entrevista, dois atletas estavam com 15 anos, três com 16, dois com 17 e quatro com 18. Dos 11, três eram da cidade de Jaguapitã-PR, um de Tocantinópolis-TO, dois de Carolina-MA, dois de Araguaína-TO, um de Jardim Olinda-PR, um de Ilhéus-BA e um de São Felix do Xingu-PA. Os garotos demonstraram-se bastante animados e dispostos a participar da reunião, feita

no refeitório do estádio, com duração de uma hora e dez minutos, coordenada por um moderador munido de um roteiro com 15 perguntas semiestruturadas e divididas em quatro temas centrais de discussão.

No primeiro tema, o objetivo foi entender as motivações dos jovens para buscar a carreira profissional no futebol, enquanto no segundo pretendeu-se verificar quais programas midiáticos sobre esporte os jogadores de base consomem e quais são suas opiniões sobre eles. Já no terceiro, a proposta consistiu em saber se a família apoia ou não o sonho dos adolescentes, e se apoia, como é demonstrado tal incentivo. No quarto tema, por fim, buscou-se investigar se os garotos são conscientes da realidade do futebol profissional brasileiro; quais as dificuldades que enfrentam para realizar o sonho e se eles possuem outros planos caso não consigam seguir na carreira futebolística.

A interpretação e análise dos dados obtidos no GF foram feitas com base na transcrição completa da entrevista, a partir das respostas dos participantes e das observações anotadas pelo pesquisador durante o diálogo. Seguindo o método proposto por Costa (2005) para a análise dos dados, o material foi organizado em categorias relacionadas às questões e hipóteses abordadas pela pesquisa, destacando alguns depoimentos que mais enriquecem e ilustram o delineamento do estudo. Por motivos éticos, os nomes dos atletas e do clube são confidenciais, sendo identificados apenas as letras iniciais de seus nomes.

**Tema 1 - motivações para ser jogador de futebol:** A escolha de aventurar-se na tentativa de ser jogador profissional de futebol, de acordo com os depoimentos dos garotos, tem relação com o sonho de brilhar nos gramados e com o desejo de ajudar a família financeiramente. No olhar de cada jovem, é visível o brilho de esperança de conseguir o sucesso tão esperado e voltar para casa, um dia, com boas notícias de conquistas e realizações.

Ainda em formação como homens e atletas, jogando nas categorias de base de um clube que não oferece remuneração e tampouco boa estrutura, os adolescentes saíram de suas cidades, do cuidado dos familiares, e foram para São Paulo porque acreditam que esse Estado possibilita maiores e melhores oportunidades no mercado do futebol.

<sup>3</sup> Imagem editada de modo a não revelar a identidade dos participantes.

<sup>4</sup> Em conversa informal com o pesquisador, resguardada sua identidade.

## Quadro 1 - Respostas

*S.H: Aqui no Brasil a maioria dos moleque quer ser jogador de futebol, certo?! Eu escolhi porque é o meu sonho ser jogador e dar um futuro melhor pra minha família e pra quem vem, que no caso são os meus filhos. Então é isso, poder dar sempre o melhor pra minha família e fazer o que eu mais amo, que é jogar futebol.*

*Je.M: Ah, então, comecei desde pequeno também, né, desde criança, por causa que meu pai tem me dado apoio desde pequeno e eu vim pra São Paulo, porque eu acho que o espelho do futebol é maior, entendeu... Lá pro meu estado não é muito forte o futebol, aí eu vim pra São Paulo buscar meus objetivos e poder sair daqui vitorioso, ajudar minha família, os amigos da infância, é isso aí...*

*L.J: É um sonho desde criança, desde moleque, e além de ser um sonho, é algo que pode mudar a vida de todos os meus parentes, todos os meus amigos e... São Paulo, eu escolhi São Paulo porque aqui é uma vitrine, porque aqui podemos ser vistos não apenas pelo Brasil, mas pelo mundo todo<sup>5</sup>.*

O fato de conviverem juntos diariamente e de terem objetivos e histórias semelhantes pode ter sido determinante para que os adolescentes emitissem respostas consideravelmente parecidas no decorrer da entrevista. Foi o que ocorreu quando se abordou a questão sobre o que, para eles, mais chamava a atenção no futebol. Na visão dos jovens atletas, a dificuldade de chegar à categoria profissional de um time expressivo é o aspecto mais chamativo no esporte, tendo em vista que conseguir espaço nos clubes da elite do futebol nacional representa uma condição altamente concorrida e complicada.

No entanto, percebe-se nos depoimentos que essa mesma dificuldade, cuja consequência reflete-se na realidade de poucos atletas conseguirem sucesso como mostra os dados da CBF (2016) e salienta Benini (2012), é também um fator motivacional para eles, que estão dispostos a enfrentar qualquer empecilho para conquistar o sonho. Fazer parte do grupo seletivo de jogadores famosos representa a sensação única de mostrar aos familiares e amigos que o tamanho esforço foi recompensado.

<sup>5</sup> Optou-se por registrar a fala literal dos entrevistados, mantendo a estrutura discursiva e os erros gramaticais.

Além disso, tal conquista passa pela motivação de se tornar uma referência de vitória e de ser reconhecido socialmente, afora a satisfação de ser assistido pela televisão por entes queridos, amigos e conhecidos. Bauman (2008) entende que um dos grandes sonhos dos indivíduos da sociedade de consumo, na condição de consumidores e mercadorias, é ser visto e admirado por centenas de outras pessoas pelas telas de mídia.

## Quadro 2 - Respostas

*R.S: O que me chama atenção é as dificuldades que a gente tem no futebol. A dificuldade que... é muito difícil. São poucos que conseguem e eu quero alcançar cada dificuldade, assim.*

*L.J: No futebol o que me chama a atenção é... assim, o Brasil por ser um país... país do futebol, tem vários moleques querendo ser jogadores de futebol, e isso dá... tipo motivação para ser um daqueles que, se eu ser um daqueles que venceu no futebol. Mostrar para o Brasil, para o mundo que eu consegui ser jogador de futebol.*

*Moderador: O que você entende por vencer no futebol? O que pra você é vencer no futebol?*

*L.J: Vencer... vencer é chegar a ser profissional, jogando futebol profissionalmente por um time grande e disputar os maiores campeonatos do Brasil e do mundo.*

*M.M: O que me motiva no futebol é a tendência de muitos jogadores tentarem e poucos conseguirem. E eu quero ser uma dessas pessoas que vai conseguir e vai ajudar minha família.*

*T.S: O que mais me motiva é a dificuldade, porque tipo, como ele falou, cidade pequena é muito difícil, muita pessoa fica almejando a sua derrota lá: vai pra São Paulo, vai voltar. Então, eu quero ser um daqueles que tem... que pode falar futuramente: ah, eu consegui vencer todas aquelas dificuldades e hoje eu estou aqui dando um futuro melhor para minha família, para os meus amigos que me ajudaram lá atrás.*

*C.A: Ah, o que mais me chama atenção assim é... minha família me motiva, sabe... Porque eles passam necessidade e é o que me motiva a ser um jogador de futebol, a conquistar mesmo. E... é isso. O que me motiva é a família, que eu gosto do futebol é jogar mesmo, ser campeão de vários títulos, é isso...*

*Moderador: Você falou de necessidade. Que tipo de necessidade?*

*C.A: Ah, ver minha família passando fome, precisando de casa assim, sem ser alugada, é isso.*

Infelizmente, a realidade exposta por esta última resposta representa a de muitos outros e expõe as mazelas de um país profundamente desigual, com dificuldades de garantir às famílias de baixa renda o mínimo de dignidade, como o acesso à alimentação e moradia de qualidade. Segundo dados da Oxfam Brasil<sup>6</sup>, o país é um dos mais desiguais do mundo, ao ponto de seis brasileiros concentrarem a mesma riqueza que a metade mais pobre da população, que corresponde a mais de 100 milhões de pessoas. Para ter uma ideia, 5% dos mais ricos recebem mensalmente o mesmo valor que 95% da população trabalhadora junta.

Para os jovens que gostam de futebol e que se encontram nessas condições, o sucesso por meio da prática esportiva torna-se quase que uma obsessão, uma forma unívoca de tirar a si próprio e os familiares desse contexto. A revelação do jovem atleta sobre a situação que sua família enfrenta demonstra que o sonho dos garotos ultrapassa o individualismo e alcança dimensões coletivas. Ao serem questionados a respeito do que esperam alcançar como jogadores, os atletas expressaram o desejo de “vencer” na vida para promover ações e projetos sociais, com a finalidade de beneficiar outros meninos que, assim como eles, sonham em ser jogadores, mas que não dispõem de condições e oportunidades para tal realização.

No que se refere ao futebol, especificamente, os depoimentos indicaram que os adolescentes esperam conquistar títulos por times “grandes” no Brasil, atuar em equipes europeias e seleção brasileira.

### Quadro 3 - Respostas

*M.M: Meu sonho é ser profissional, atingir um dos auge, que nenhum dos jogadores da minha cidade conseguiu. Ser uma revelação dentro da minha cidade, é conseguir ajudar minha família, tirar a dificuldade de... de... acontecer algo e poder ter um dinheiro pra estabelecer lá. Então eu quero mudar isso, não quero ficar correndo atrás em só esse sonho de ser jogador de futebol enquanto me proporcionou a... a conseguir ajudar...*

*L.J: Sendo um profissional do futebol, primeiramente eu gostaria de proporcionar uma qualidade de vida melhor pra minha família e ajudar também aqueles que futuramente é... é... sonharem em ser alguém como eu que sonhei, um jogador profissional de futebol, e proporcionar a eles uma facilidade maior de alcançar os seus sonhos e também ajudar a famílias deles.*

*Moderador: Que facilidades seriam essas?*

*L.J: Realizar projetos em cidades do interior, fora do Brasil também, interior do Pará, aquelas regiões do nordeste também, que ali também tem muitos jogadores que perdem, que não alcançam o futebol por não terem oportunidades.*

*S.H: Bom, eu espero, como todo mundo disse né, ser um grande jogador, não só ser um grande jogador, quero estar sempre entre os melhores, entendeu. Já que eu não vou falar algo repetitivo que é ajudar a família, porque isso é óbvio, todo mundo quer. Então, vou falar de títulos. Cara, eu quero sempre ser o melhor, entendeu. Se eu vou, não sei, mas é o que eu quero. Quero sempre ser o melhor, quero trabalhar sempre pra ser o melhor. E ganhar as maiores coisas, como um Brasileiro, uma Libertadores, Champions League e, se Deus quiser, uma Copa do Mundo.*

*Je.M: É... então, como eles falaram, um atleta profissional que no futuro possa ser campeão da Copa do Mundo, onde é o meu sonho desde pequeno. E sobre minha cidade também eu gostaria que, onde eu jogava na escolinha, eu espero levantar mais lá. Lá agora no momento não tá muito no nível alto. E ajudar as pessoas carentes, isso eu já falei pro meu pai quando eu saí de casa, falei que ia voltar pra ajudar minha escolinha que comecei e ajudar as pessoas carentes, que minha cidade tem muito, pessoas carentes. É isso aí, ajudar minha cidade bastante.*

Os jovens atletas também buscam inspiram em jogadores de sucesso para seguir em frente no

<sup>6</sup>Informações disponíveis no site da confederação internacional: <https://www.oxfam.org.br/os-numeros-das-desigualdades-no-brasil>.

sonho de ser futebolista. Perguntados sobre quais futebolistas eles tinham como inspiração e por que, os adolescentes citaram nomes o de Neymar, Cristiano Ronaldo, Messi, Guerrero, Philippe Coutinho, Andrés Iniesta, Casemiro e Daniel Alves. Até Ronaldo, o “Fenômeno”, que se aposentou já há algum tempo, foi mencionado. Todos eles com grande apelo midiático.

Desses jogadores, apenas Guerrero atua no futebol brasileiro. Messi e Cristiano Ronaldo, por exemplo, de modo alternado, conquistam todos os anos o título de melhor jogador do mundo. O catalão Iniesta brilhou por anos com a camisa do Barcelona, da Espanha. Casemiro e Marcelo defendem o Real Madri, um dos clubes mais ricos e vencedores da história do futebol. Ambos, juntamente com Neymar, Daniel Alves e Philippe Coutinho, fizeram parte do time titular da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2018, disputada na Rússia.

### **Tema 2 - recepção de conteúdos midiáticos:**

Na televisão, os programas mais assistidos pelos jovens entrevistados são o Jogo Aberto, da TV Band, e o Globo Esporte, da TV Globo, transmitidos diariamente no horário de almoço. Como os jogadores almoçam juntos, seguindo o cronograma estabelecido pelo clube, provavelmente aproveitam para acompanhar as notícias e discussões sobre o que tem acontecido no mundo da bola. Os adolescentes disseram que costumam buscar informação em outros veículos televisivos também, como os canais fechados e segmentados ESPN, SporTV e Esporte Interativo.

Na internet, os atletas contam que acompanham futebol em sites especializados de veículos de imprensa e nas redes sociais dos atletas, como Facebook, Instagram, Youtube, com acesso feito principalmente pelo celular. Dessa forma, eles ficam sabendo do dia a dia dos jogadores, que fazem postagens acerca da rotina de treinos e até mesmo sobre a vida pessoal. A maior parte dos jovens, inclusive, revelaram consumir assuntos relacionados ao futebol com mais frequência pela internet do que pela TV.

Quanto aos programas televisivos, os atletas acham importante assisti-los para se manterem bem informados e se divertirem. Sobre o Jogo Aberto, por exemplo, eles opinaram que as “resenhas” (que significam “bate-papo” no mundo do futebol) entre o ex-jogador e comentarista Denilson “Show” e a apresentadora Renata Fan promovem entretenimento e despertam risos nas pessoas. Os garotos também

observam com atenção os lances selecionados e transmitidos pelos programas, pois, segundo eles, são lances que podem ocorrer com eles futuramente.

No que se refere à pergunta sobre em qual programa de televisão os jovens gostariam de participar e ser visto enquanto jogadores, as respostas foram quase unânimes: Jogo Aberto. As justificativas diziam respeito ao fato de o programa ser um dos melhores e por passar diversão, principalmente em razão da participação do Denilson. Segundo os relatos, o ambiente do programa é descontraído, transmite alegria e permite que o jogador fique à vontade para falar de sua história. Outro aspecto destacado pelos adolescentes é que o programa abre espaço para abordar a trajetória do jogador, as dificuldades que passou até chegar ao profissional

O Globo Esporte foi mencionado em duas respostas e os argumentos são parecidos com os relacionados ao Jogo Aberto. Ser convidado para participar de um programa de TV e ter a oportunidade de contar a história (ou de ter a mesma contada) é realmente um forte desejo dos garotos. Eles afirmam que essas histórias suscitam inspiração, condição que eles também buscam: ser uma referência para outros, ou seja, ser reconhecidos e admirados.

### **Quadro 4 - Respostas**

*C.A: Ah, Jogo Aberto também porque é um programa muito famoso assim, e é bom porque você vai ser exposto para o Brasil, todo mundo vai assistir você. Pela resenha também do Denilson, te deixa mais à vontade, te deixa mais em casa, você não fica com medo de errar.*

*Jo.M: Ah, Jogo Aberto, né. Todo jogador almeja tá resenhando com o Denilson, resenha boa. Também falam da vida do jogador, né, que muitos possa ver, muitas pessoas assistem, e é isso...*

*Moderador: Fala mais um pouco sobre essa história do jogador aí. Por que que... quais são as abordagens que eles trazem sobre a história do jogador, por que que você gosta dessas histórias?*

*Jo.M: A dificuldade. Porque a dificuldade é grande. E lá eles conseguem perguntas, o Denilson como foi um jogador, ele sabe também a vida de um jogador, como ele passa.*

*L.J: Jogo Aberto também, é um programa que contém a resenha e a alegria do futebol brasileiro. E eu acho que é um programa que o jogador se sente à vontade pra falar da vida... como ele conseguiu chegar como jogador profissional. Isso nos traz inspiração.*

*D.A: Eu vou pelo Globo Esporte também porque traz muitas notícias do clube porque também apresenta no programa o jogador, a dificuldade que eles passaram pra chegar em seus sonhos e... é isso.*

Por meio dos depoimentos sobre os programas, é possível avaliar também como ocorre a recepção dos conteúdos do jornalismo esportivo por parte dos adolescentes, no que se refere à preferência pela linguagem descontraída e pertencente ao ambiente do futebol. De fato, a proximidade entre jornalismo e entretenimento na cobertura futebolística é muito forte e, efetivamente, implica a estratégia de conquistar os olhares da massa de admiradores do esporte, que não somente quer se manter bem informada, como também tem a intenção de se divertir (BARBEIRO e RANGEL, 2006; BIANCO e RODRIGUES, 2012; COELHO, 2006).

**Tema 3 - apoio familiar para a realização do sonho:** Com base nas respostas, constata-se que os familiares dos adolescentes não somente apoiam como apostam alto no sonho de vê-los chegarem à categoria profissional. As palavras de incentivo, bem como a contribuição financeira e orações religiosas foram as principais expressões de apoio familiar mencionadas pelos jovens. Apenas um jogador disse que há membros de sua família que não apoiam nem acreditam em seu sonho.

O apoio e consentimento familiar é primordial para os garotos buscarem seus sonhos, pois, sem isso, seria muito complicado viajarem para jogar tão longe de casa, mesmo com o clube arcando com os custos de moradia e alimentação. Um dos depoimentos revela que a família, além de incentivar, cobra por resultados em relação aos estudos. Outro ponto importante foi a posição dos pais como os maiores incentivadores dos filhos na busca pelo estrelato no futebol. Um dos atletas conta que o pai também tentou ser jogador profissional quando mais jovem, mas não conseguiu.

#### Quadro 5 - Respostas

*T.S: Ah, minha família me ajuda bastante, me apoiando, me dando força todos os dias, falando que eu vou conseguir, mesmo eu estando aqui bem longe deles, estando com saudade deles. A gente só se vê em férias, em julho e dezembro. E o meu pai me ajuda bastante (...ilegível...), de já ter tentado ser jogador e por falta de apoio, antigamente ele não conseguiu. Ele entende como que é isso. Aí ele me ajuda bastante dando apoio, conversando comigo todas as noites, mandando mensagem e... é isso.*

*L.J: Meus familiares me apoiam não só financeiramente, mas também psicologicamente, pra mim não abaixar a cabeça, não desistir, não se preocupar muito como eles estão... e também, além disso, eles me alertam para que eu também estude para que no futuro se não der certo, que eu tenha pelo menos uma base de estudo boa.*

*Moderador: Eles te dão essa conscientização de pensar que pode não dar certo, eles trabalham isso com você?*

*L.J: Sim.*

*C.A: Ah, eles me apoiam com mensagem, falando pra mim continuar, em orações também, pra mim nunca desistir do meu sonho, sempre estar estudando também, e é isso, sempre nunca desistir do que eu quero.*

Observando os depoimentos, nota-se que os familiares, e principalmente os pais dos jovens, apoiam mutuamente os garotos na tentativa de buscar a carreira futebolística. Em alguns casos, isso ocorre em função das experiências frustradas dos próprios pais no futebol, que passam a depositar em seus filhos todas as fichas para ver seus sonhos de infância realizados.

Com efeito, como se pode ver, o sonho do estrelato no futebol não pertence apenas aos adolescentes, mas também aos familiares que, assim como os próprios garotos, enxergam no esporte um caminho potencial à ascensão social e ao enriquecimento.

**Tema 4 - dificuldades na categoria de base:** Segundo os relatos, a maior dificuldade enfrentada pelos jovens é a saudade da família. Em todas os depoimentos, esse fator foi apresentado como um dos principais obstáculos para a conquista do objetivo.

Perguntados se aguentariam suportar a falta dos familiares para realizarem o sonho de ser jogadores profissionais, eles responderam unanimemente que sim, com a justificativa de que tal sofrimento faz parte.

Um outro ponto abordado pelos atletas foi a necessidade de se tornarem adultos mais cedo, adiantando um processo de desenvolvimento na medida em que precisam ficar longe de casa e enfrentar sozinhos os desafios do dia a dia, ou seja, assumindo responsabilidades que a grande maioria dos adolescentes de suas idades geralmente desconhece. A partir da entrevista, é possível perceber que, além do mais, os garotos carregam o compromisso e a esperança de tentar ajudar a família financeiramente.

#### Quadro 6 - Respostas

<i>C.A: A maior dificuldade é a saudade de casa, dos familiares, porque nós podia estar aí curtindo a vida namorando, nós está aqui seguindo a carreira desde cedo já, mas a maior dificuldade mesmo é a saudade de casa.</i>
<i>Moderador: Você está a quanto tempo já longe de casa?</i>
<i>C.A: Ah, faz uns dois meses, dois meses e alguma coisa, dois meses e pouquinho...</i>
<i>Mediador: Você acha que vai conseguir ficar mais tempo?</i>
<i>C.A: Sim. (...inelegível...).</i>
<i>L.J: A maior dificuldade eu acredito que é a saudade, porque estar a mais de dois mil quilômetros de casa não é fácil. Então, acho que a saudade é a maior dificuldade. Mas também tem, como você falou, se tornamos adultos mais cedo. Temos que ter mais compromisso, mais... é isso mesmo, mais compromisso com as nossas coisas, porque se tornar adulto mais cedo não é algo fácil.</i>
<i>V.H: Assim, como todo mundo vai falar de saudade, um outro fator assim que tenho bastante dificuldade, dos mais novos, é ser adulto com 16 anos, né, que é difícil pra caramba, ter muita cabeça e juízo.</i>
<i>Moderador: E o que você entende ser adulto com 16 anos?</i>
<i>V.H: Então, é difícil. Tem que ter muita responsabilidade como você pensa, como você age, essas questões assim, sabe.</i>

*S.H: Também é saudade. Mas por isso que o futebol é bom, né, até no simples treino, quando entra ali você esquece de tudo, e até da saudade não entra pro campo. Então é por isso que o futebol é a paixão, né, porque você entra ali e você esquece de tudo, tudo, tudo... Saudade, quem namora, namorada, tudo. E é por isso, cara, por isso que motiva estar firme, entende.*

Sobre a realidade do futebol brasileiro, os atletas demonstraram-se plenamente conscientes das péssimas condições que a maioria esmagadora dos clubes brasileiros oferece. Majoritariamente, o grupo de entrevistados disse que a realidade do futebol é mascarada pela televisão.

As opiniões dos jovens são respaldadas em suas próprias experiências diárias, na limitada estrutura que recebem para treinar e jogar, a qual contrasta com as imagens difundidas pelos programas esportivos e transmissões. A cobertura futebolística feita pela imprensa é pautada nos grandes times do futebol brasileiro, que contam com centros de treinamento impecáveis e que, em geral, atuam em estádios e arenas de excelente estrutura e estética.

#### Quadro 7 - Respostas

<i>V.H: Assim, nem tudo o que a televisão passa é a mesma coisa que você vive, entendeu. Às vezes você olha... como a gente joga... na televisão a gente olha o gramado é a coisa mais perfeita, quando você vai ver, o gramado não é a mesma coisa assim, é mais esse ponto. Nem tudo o que televisão passa é a realidade.</i>
<i>C.A: Ah, a televisão às vezes é muito mentirosa, sabe, porque mostra, tipo, mostra a imagem de um clube, assim, a estrutura, aí mostra aquela coisa mais linda, aí você entra no clube, aí é tudo diferente, é... tudo ruim assim as coisas, mas é isso. Às vezes ela mente muito às vezes. Ou às vezes mostra que é ruim, mas se entra ali é boa.</i>
<i>Moderador: Você já teve uma experiência dessa, que você viu que pela televisão era uma coisa e chegou lá era outra?</i>
<i>C.A: Não, não tive ainda não, mas já tem que ter essa consciência, tem que esperar sempre o ruim de algum lugar que você for. Eu vim com essa mente pra cá, que ia ser ruim, que ia ser sempre ruim... é isso.</i>

*M.M: Digamos que não só a televisão aliena as pessoas, mas também como a internet. Muitos, não sei aqui, mas muitos antes de ir pro um clube, ele pesquisa quem é ou quem era o antigo presidente, alguma coisa assim, e muitas das vezes é antigo os padrões que a internet pegou naquele tempo, e quando você chega lá é outra coisa. E é um ponto que poderia estar atualizado, a cada (...ilegível...), a cada momento.*

No fim da entrevista, questionados sobre quais profissões seguiriam caso a carreira como jogador de futebol não vingasse, os jovens atletas responderam que gostariam de prosseguir trabalhando na área do esporte. Preparador físico, treinador, professor de educação física, fisioterapeuta e nutricionista foram as posições profissionais citadas nas respostas. Essas respostas são muito importantes porque indicam que esses jovens são conscientes da possibilidade de fracasso inerente à aventura no futebol e já pensam em um segundo plano profissional.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A espetacularização futebolística arquitetada pela mídia é resultado de uma estratégia mercadológica que objetiva conquistar audiência e auferir lucro junto ao mercado publicitário, considerando o forte traço cultural e o apelo social que o futebol tem em relação ao povo brasileiro, além de sua capacidade de despertar paixões e atrair olhares.

Como consequência desse círculo comercial, o futebol não é o único a ser transformado em produto. Nessa perspectiva, os jogadores mais destacados, personagens do reluzente espetáculo midiático-esportivo, tornam-se mercadorias e ícones, na medida em que apresentam potencial para serem celebridades e ídolos.

Na verdade, esse patamar de estrelato se conserva reservado a um número ínfimo de jogadores pertencentes a clubes de massa, com habilidade acima da média e capacidade de chamar a atenção pública. Já a maior parte dos times e atletas profissionais brasileiros ocupa um espaço à margem da cobertura jornalística e, além de trabalhar sob condições precárias e de receber salários irrisórios, fica praticamente invisível para o grande público.

Dessa forma, alguns efeitos da influência da espetacularização midiática sobre o sonho de jovens

aspirantes à carreira futebolística são encontrados na entrevista em grupo. Os jogadores de base entrevistados, além de consumirem conteúdo futebolístico em programas televisivos e na internet, aspiram participar dos mesmos e vislumbrar neles suas histórias contadas. Do mesmo modo que os jovens se inspiram com o sucesso dos seus ídolos, desejam um dia ser referência para outros garotos que, como eles, sonham ser jogadores de futebol.

Ajudar a família financeiramente, promover projetos sociais, ter reconhecimento e ser um astro midiático vencedor são pilares que movem e sustentam a aspiração desses jovens, que deixam suas casas ainda muito novos para enfrentar desafios e dificuldades, com vistas a alcançar o objetivo final do sucesso.

A partir dessas reflexões e das lamentáveis notícias acerca de golpes promovidos por falsos empresários, de casos de pedofilia nas categorias de base e nas escolinhas de futebol, de infrações ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) demonstradas em pressões psicológicas por resultados expressivos e nos centros de treinamento e alojamentos com péssimas estruturas (alimentação, moradia e remuneração), é pertinente a realização de outros estudos sobre o tema que envolve as divisões de base do futebol brasileiro, explorando a hipótese de o esporte no geral ser utilizado como instrumento de políticas públicas voltadas para a promoção de socialização, bem-estar e cidadania, sobretudo aliado à educação, como ocorre em países avançados.

Espera-se, portanto, que este artigo contribua de alguma forma para que a comunidade acadêmica realize outros estudos sobre a temática, a sociedade se conscientize mais a respeito da realidade do futebol brasileiro e que o Poder Público fiscalize com mais rigor as categorias de base dos clubes profissionais, para que tragédias como o incêndio que matou dez garotos no Ninho do Urubu, centro de treinamento do Clube de Regatas do Flamengo, em 2019, sejam evitadas.

### REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ARONSON, Elliot; WILSON, Timothy; AKERT, Robin. **Psicologia Social**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/>>

books/978-85-216-2946-7/cfi/6/2[;vnd.vst.idref=cover>. Acesso em: 3 março 2016, 21:30.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENINI, Paulo André Cren. **O jogo da minha vida: histórias e reflexões de um atleta**. São Paulo: Leya, 2012.

BIANCO, Nélia; RODRIGUES, Monique. Diferenciação na Cobertura Esportiva a partir da TV Pública Brasileira. In: MARQUES, José Carlos; MORAIS, Osvando J. de (Org.). **Esportes na idade mídia-diversão, informação e educação**. São Paulo: INTERCOM, 2012. p. 263-284.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. 21. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Raio X do futebol: número de clubes e jogadores**. Disponível em: <[http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-numero-de-clubes-e-jogadores#.WZ9Qe7Zv\\_IV](http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-numero-de-clubes-e-jogadores#.WZ9Qe7Zv_IV)>. Acesso em: 24 ago. 2017.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Raio X do futebol: salário dos jogadores**. Disponível em: <[http://cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores#.Vs8IMtR\\_IU](http://cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores#.Vs8IMtR_IU)>. Acesso em: 25 fev. 2016.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo Focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2º ed. São Paulo: Atlas, 2005. p. 180-187.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Lisboa: Edições Antipáticas, 2005.

FERNÁNDEZ, Maria do Carmo Leite de Oliveira. **Futebol – fenômeno linguístico: análise linguística da imprensa esportiva**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica e Editora Documentário, 1974.

GASTALDO, Édison. **“O país do futebol” mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil**. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, n. 22, jul/dez. 2009, p. 352-369.

GASTALDO, Édison; HELAL, Ronaldo. Homo Ludens e o **futebol-espetáculo**. Revista Colombiana de Sociologia, v. 36, n. 1, jun. 2013, p. 111-122.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2005.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia e o Triunfo do Espetáculo**. Líbero. Ano VI, vol. 6, n. 11, 2004.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do Futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. 23. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte espetáculo e futebol-empresa**. 1998. 262f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/275330>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

RIAL, Carmen. **Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior**. Horiz. Antropol, vol. 14, n. 30, Porto Alegre, jul/dez. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002>. Acesso em: 6 mai. 2017.

RIBEIRO JÚNIOR, Amaury et al. **O lado sujo do futebol: a trama de propinas, negociatas e traições que abalou o esporte mais popular do mundo**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1984.

SOMOGGI, Amir. **Finanças dos clubes brasileiros em 2016**. Disponível em: <[https://pt.slideshare.net/AmirSomoggi?utm\\_campaign=profiletracking&utm\\_medium=sssite&utm\\_source=ssslideview](https://pt.slideshare.net/AmirSomoggi?utm_campaign=profiletracking&utm_medium=sssite&utm_source=ssslideview)>. Acesso em: 27 ago. 2017.

WITTER, José Sebastião. **Breve história do futebol brasileiro**. São Paulo: FDT, 1996.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos professores e mestres Elizeu do Nascimento Silva e Hércules Moreira, e ao jornalista Thiago Caetano, pelas importantes contribuições para a elaboração e realização deste estudo.

**AS INFLUÊNCIAS EXTERNAS NA DEFINIÇÃO DO TIME DO CORAÇÃO:  
ANALISANDO AS ESCOLHAS DOS ALUNOS DE UM COLÉGIO PÚBLICO  
ESTADUAL DA CIDADE DE PONTA GROSSA-PR**

**THE EXTERNAL INFLUENCES IN THE DEFINITION OF A TEAM TO BE  
SUPPORTED ANALYZING THE STUDENTS' CHOICE OF A PUBLIC SCHOOL  
IN THE CITY OF PONTA GROSSA - PR**

**Wendell Luiz Linhares\***

**Miguel Archanjo de Freitas Jr.\*\***

**RESUMO**

Esta investigação objetivou compreender os principais aspectos que interferem na construção do gosto pelo time de futebol. O estudo foi realizado com alunos do Ensino Médio de um Colégio Público Estadual, localizado no município de Ponta Grossa – Paraná. Para desenvolvê-lo utilizou-se um questionário estruturado composto por 16 questões, o qual foi aplicado numa população de 272 discentes com idade entre 15 e 17 anos e uma amostra de 239 participantes que retornaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para análise dos resultados, utilizou-se a abordagem quanti-qualitativa. Identificou-se que a “família”, predomina no quesito escolha/definição do time que o indivíduo irá torcer. Verificou-se a existência de indivíduos que torcem por um time brasileiro e por outro estrangeiro. Percebeu-se que esta segunda opção não está diretamente relacionada a família, mas ao processo de globalização, que levou os indivíduos a usar outros veículos midiáticos, canais de comunicação e atividades de entretenimento, favorecendo cada vez mais a visibilidade e a aproximação de times e campeonatos europeus.

**Palavras-chave:** Identidade; Pertencimento; Família; Globalização.

**ABSTRACT**

This investigation aims to understand the main aspects which interfere in the choice of a soccer team to support. The study involved the students of a public school in the county of Ponta Grossa in the state of Paraná. In order to develop this study it was used a questionnaire of 16 questions and it was applied to a group of 272 students at the age of 15 to 17 years old and a sample of 239 who gave back the free allowance term of participation, called in Portuguese (TCLE). To analyze the data it was used a quantity qualitative approach. It could be identified that “the family” is the predominant factor in the choice/definition of the team that he/she will support. It was identified the existence of some individuals who support a Brazilian team as well as a foreign one. It could be realized that in the second choice there is no relation with the family but with the globalization process itself which allowed to those individuals to use the media and channels of communication and others

\* Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Docente do Instituto Educacional Arautos do Evangelho – Ponta Grossa, wendell.luiz@hotmail.com.

\*\* Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Docente do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), mfreitasjr@uepg.br.

entertainment activities which make possible a visibility and approximation to the teams of the European Championships.

**Key Words:** Identity, Belonging, Family, Globalization.

## INTRODUÇÃO

É inegável a elevada significância cultural e representatividade que o “fenômeno” futebol adquiriu no Brasil no decorrer do século passado. Apesar de caracterizar-se inicialmente como uma prática elitizada, a partir de meados da década de 1920, o futebol se popularizou de tal forma que passou a receber a alcunha de esporte nacional. (RIBEIRO, 2003; DAOLIO, 2006). Desta forma, passou a estar presente no cotidiano da população brasileira, mediante um sistema de criação, interpretação de símbolos e práticas associadas a outros elementos sociais e culturais. (GUEDES, 1982).

Freitas Júnior (2012) ao argumentar acerca da relevância do futebol, indica que ele é um símbolo significativo para o sistema cultural mundial, e no Brasil, este esporte é, em certa medida, imposto como uma força capaz de penetrar a vida dos habitantes locais, influenciando na estruturação dos habitus, dos costumes, dos sentimentos, dos cotidianos e das identidades individuais e coletivas deles.

A relação entre futebol e identidade no Brasil pode ser visualizada a partir de diversos referentes, como o futebol de várzea, as relações de gênero no futebol, o futebol entre amigos, o futebol profissional, entre outros.

No que se refere ao futebol profissional, tal relação se dá mais especificamente pela esfera clubística ou pelo clube de futebol do “coração”. Ressalta-se que no futebol, sobretudo por tal esporte estar permeando o cotidiano dos brasileiros, torna-se comum verificar que muitos “palpites” sejam apresentados nos mais diferentes ambientes, inclusive no espaço acadêmico, muitas vezes sem ter realizado pesquisas que sustente o ponto de vista apresentado. Diante destes apontamentos emerge a seguinte questão investigativa: quais são os elementos que influenciam o indivíduo na escolha do clube de futebol para o qual ele irá torcer?

Assim, estabeleceu-se como objetivo do presente estudo, compreender como se dá a criação do gosto pelo time de futebol. Para isto, buscou-se compreender o processo de assimilação dos discentes matriculados no Ensino Médio de um Colégio Público Estadual, localizado na região central no município de Ponta Grossa – Paraná, no ano letivo de 2015. Justifica-se o presente estudo, pois, entende-se que ao compreender os motivos que influenciam e, por conseguinte, possibilitam o indivíduo a gostar de algo, permite-nos compreender uma parte significativa do comportamento humano, que neste estudo, utilizou-se o esporte como um fenômeno social para identificar este processo.

## MÉTODO

Enquanto caracterização do estudo, entende-se que o mesmo se pauta em Gil (2008), que define como um estudo de campo do tipo levantamento, no qual está direcionado pelo questionamento direto as pessoas, as quais o comportamento deseja-se saber. Por conseguinte, utilizou-se a técnica do tipo Survey. Para Babbie (2003) os Surveys podem ser utilizados para estabelecer enunciados descritivos sobre determinada população.

Desta forma, visando alcançar o objetivo proposto, optou-se, primeiramente, pelo fomento de um instrumento do tipo questionário, composto por 16 questões estruturadas, contendo 10 abertas e 6 fechadas. As questões utilizadas no instrumento, tratam sobre o time de preferência e os motivos que levaram o escolar a fazer tal escolha, faixa etária no momento da escolha e possíveis influências, também questões que identificam o responsável pelo escolar na infância, nível de escolaridade, socioeconômico, clube de futebol de preferência e cidade de origem do mesmo, se o escolar já torceu por outro clube de futebol nacional e/ou europeu e qual jogador considera como o maior craque de futebol e se o professor de Educação Física exerceu ou não alguma influência para escolha do clube de futebol do “coração” do

escolar. Entende-se que a partir das questões que tratam de diferentes aspectos, consiga-se identificar elementos significantes no que tange a escolha e o gosto clubístico.

Enquanto população e amostra, a pesquisa contou com uma população de 272 alunos com faixa etária de 15 a 17 anos, regularmente matriculados nos 1<sup>os</sup>, 2<sup>os</sup> e 3<sup>os</sup> anos do ensino Médio do Colégio Público Estadual, entre fevereiro e abril de 2015. Optou-se por este colégio, pois a sua estrutura arquitetônica está localizada na região central da cidade de Ponta Grossa (PG), Estado do Paraná (PR). Por conseguinte, ele atende a uma população bastante heterogênea, com diferentes níveis sócio-econômicos e *habitus* culturais. Já a escolha dos escolares deveu-se ao fato de as suas aulas de Educação Física serem ministradas conjuntamente por uma professora concursada e dez (10) acadêmicos da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)<sup>1</sup>, fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A aplicação do instrumento ocorreu durante os horários das aulas de Educação Física. Os alunos foram orientados quanto ao preenchimento do questionário e aos objetivos científicos de tal aplicação. As participações foram arbitrárias, sendo confirmadas por intermédio da assinatura dos alunos, dos pais e/ou dos responsáveis, estes dois últimos agentes no que tange aos menores etários, do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a pesquisa (TCLE)*. Desta forma, a pesquisa acabou com uma amostra objetivada em 239 escolares, sendo 122 meninos e 117 meninas.

Após aplicação do questionário, os mesmos foram recolhidos. Como técnica de análise, utilizou-se como embasamento metodológico um dos desígnios da Análise de Conteúdo (AC) Bardin (2016), neste sentido a organização e análise dos dados seguiu as seguintes fases: 1) Pré-Análise; 2) Exploração do Material; 3) Tratamento dos Resultados e 4) Análise dos dados e Inferência. Salienta-se que para o presente estudo, optou-se por analisar três questões: 1). Para

qual clube de futebol você torce?; 2). Por que você escolheu torcer por este clube de futebol?; 3). Você torce por algum clube de futebol fora do Brasil?. Justifica-se a delimitação por essas questões, pois elas coadunam com as objetivações desta pesquisa.

Desta forma, na Pré-Análise realizou-se uma primeira leitura das fontes, conhecida como leitura flutuante, a qual é o primeiro contato do pesquisador com o material coletado.

Na Exploração do Material, o mesmo foi sendo organizado e tabulado, sendo que os dados foram transferidos para uma planilha do tipo Microsoft office Professional 2016.

Para o Tratamento dos Resultados Obtidos, o qual constitui o momento que o resultado bruto passa a ser trabalhado afim que se tornem significativos, desta forma, fez-se o uso de operações estatísticas simples como de porcentagens.

As Análises dos dados e Inferências se deram a partir da abordagem quantitativa e qualitativa. Do ponto de vista quantitativo, para Bardin (2016) quanto mais uma mensagem tiver uma frequência de aparição alta, mais ela é significativa para a população estudada. Do ponto de vista qualitativo, a autora indica que tal movimento é constituído de algumas características como sua validade voltada para a construções de deduções específicas sobre determinando acontecimento ou variável de inferências, pois, possui função de estabelecer categorias mais discriminantes.

Entende-se que embora os aspectos quantitativos e qualitativos apresentem aspectos distintos, ambos podem se complementar, tornando a análise dos dados mais rica.

## FUTEBOL E IDENTIDADE CLUBÍSTICA

No Brasil, o futebol é considerado um fenômeno sociocultural. E como tal, possui aspectos que são salientados por Giglio (2007), como a capacidade deste esporte, em conjunto com outros elementos articulados, tem de identificar “seu” povo. Pois, não obstante, o esporte mencionado anteriormente, é percebido como um elemento da brasilidade e da construção da autoimagem do que é “ser brasileiro”.

Na tentativa de compreender como o futebol se articula com a ideia de identidade, ou melhor, como a identidade desdobra-se, articulando-se com o futebol. Visitou-se a obra intitulada “Identidade” de

<sup>1</sup> PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica, sendo fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, também é um projeto extensionista o qual propicia a iniciação ao ensino, o encontro com a comunidade e a pesquisa que é a reflexão dos acontecimentos daquela comunidade.

Zigmund Bauman (2005). Nela, foi possível verificar o pensamento do sociólogo a partir da metáfora do quebra-cabeças.

De acordo com o autor, ideia de identidade pode ser entendida como um quebra-cabeças, o qual é formado por diversas peças, e, ao final, tem por objetivo formar e mostrar uma imagem. No caso do quebra-cabeças, do produto que pode ser encontrado na loja, essa imagem está dada. E pode ser verificada na própria caixa. Assim, é possível ter uma ideia do caminho que precisa ser percorrido para formação da imagem final.

Entretanto, embora a identidade siga a mesma perspectiva, sendo formada por diversas “peças”, tal quebra-cabeça jamais estará completo, sempre faltará peças, e, não se saberá exatamente quantas. (BAUMAN, 2005). Não obstante, o autor alerta que não é possível começar pela imagem final, mas é necessário utilizar as peças já obtidas ou que pareçam valer a pena ter, para então, tentar agrupar ou reagrupá-las no sentido de formar imagens agradáveis. Por conseguinte, ao pensar o Brasil, entende-se o futebol, como algo que é capaz de movimentar um grande contingente de pessoas, e, dessa forma, caracteriza-se como uma das peças ou facetas desse “quebra-cabeça”, que contribui para a construção de uma possível identidade brasileira.

Assim, pode-se dizer que a identificação por parte dos brasileiros, com esse esporte, é sustentada por alguns pilares. Dentre esses pilares, destacam-se o Clube de Futebol e a Seleção Brasileira de Futebol. Sendo a primeira, ou seja, a identificação clubística, a principal forma de estruturação identitária com o esporte mencionado. Isso pode ser verificado, quando na porta da maternidade adereços do time de futebol da família são expostos (DAÓLIO, 1998), ou que, em diversos contextos, não se definiu o nome, nem a religião da criança, porém, o time de futebol já se sabe.

Por conseguinte, o futebol não pode ser feito como uma simples prática esportiva, órfã de significados e sentidos. Ele é muito mais complexo, pois, tem a capacidade de movimentar a nação no decorrer da vida. (GÍGLIO, 2007). De acordo com Damo (1998), no que se refere o pertencimento clubístico, o termo “nação” é utilizado para se referir ao total de pessoas que torcem para determinado clube de futebol. Desta forma, tem-se nos diferentes clubes, as “nações”, os quais são conhecidos por torcedores

e simpatizantes, como a “Nação Rubro Negra” do Flamengo, “Nação Tricolor” para o Grêmio e assim por diante.

O processo de construção de identidades, no que se refere ao clubismo, é algo complexo, como salienta Damo (2012), em que os clubes, de forma geral, são entidades que podem ser consideradas laicas. O autor ainda destaca que é possível identificar e relacionar um time com outras instituições tais como empresas, escolas, partidos políticos, causas, cidades e etc.. Entretanto, o mesmo faz uma ressalva, quanto aos chamados grandes clubes de futebol. Segundo o autor, estes “ousaram” transcender fronteiras, e, desta forma, fugiram das normas “estabelecidas”, construindo assim, identidades próprias.

Pode-se entender o clubismo a partir de um sistema de representações, o qual é constituído por códigos os quais tem por função nortear e moldar o comportamento do indivíduo torcedor (DAMO, 2012). Com o sistema articulado de representações, o qual emerge a partir do clubismo, torna-se possível verificar elementos que ajudam a compor, em certa medida, como se constroem as rivalidades entre os clubes. Nesse sentido, de acordo com Damo:

Se observarmos as identidades e as diferenças que constituem as rivalidades no clubismo, veremos o quanto elas estão impregnadas por elementos pinçados do espectro mais amplo da sociedade, tensões que são drenadas para as arquibancadas dos estádios, tornando os eventos futebolísticos um espetáculo que extrapola a dimensão esportiva. A ideia de que certos enfrentamentos dramatizam os dilemas sociais é amplamente compartilhada por todos aqueles que se debruçam sobre o tema no campo das ciências sociais. (DAMO, 2012, p. 56).

O fato de que alguns clubes de futebol conseguem transcender o território local, alcançando outras regiões, e serem reconhecidos como “grandes do futebol brasileiro”<sup>2</sup>, permite-nos pensar que tais clubes alcançaram esse status, devido ao acúmulo

<sup>2</sup> Os clubes de futebol que compõem o grupo seletivo chamado de “grandes” é formado por quatro Estados. Estado de Minas Gerais: Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube; Estado do Rio Grande do Sul: Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional; Estado do Rio de Janeiro: Botafogo de Futebol e Regatas, Clube de Regatas Flamengo, Clube de Regatas Vasco da Gama e Fluminense Futebol Clube; Estado de São Paulo: Santos Futebol Clube, São Paulo Futebol Clube, Sociedade Esportiva Palmeiras e Sport Club Corinthians Paulista.

de capital simbólico que adquiriram no decorrer do tempo.

Esse grande volume de capital simbólico<sup>3</sup> de acordo com Mosko (2007), pode ser visualizado através de algumas características como, a participação nos principais campeonatos nacionais e internacionais de futebol, conquistas de campeonatos nacionais e/ou internacionais, tamanho da torcida e a mesma também se encontrar em outras regiões, patrimônio, maior visibilidade midiática, localização em grandes cidades/capitais e maior capacidade de investimento<sup>4</sup>. Não obstante, clubes que se encontram no interior dos Estados Federativos, ou Regiões Metropolitanas, apresentam um menor capital simbólico, enfrentando assim, uma difícil concorrência.

### A GLOBALIZAÇÃO DO FUTEBOL

Pode-se pensar a globalização como “[...] uma manifestação contemporânea de duas “leis imanentes do capitalismo”: a tendência a romper os limites à livre circulação do capital e a propensão do capital a transpor suas fronteiras políticas e conquistar novos circuitos de valorização.”. (PRONI, 1998, p.108). Logo, a globalização parece estar enraizada numa lógica mercantilista de consumo e capitalista.

Com o advento do fenômeno anteriormente citado, o futebol foi um esporte que ganhou grande destaque e proporção mundial (RIAL, 2008). Por conseguinte, observa-se que alguns dos reflexos oriundos dessa complexa relação, entre futebol e globalização foi a transformação desse fenômeno social em um produto cultural, social, político, financeiro (RIBEIRO, 2007), construtor de “novas” identidades, o qual ocupa um lugar de destaque midiático que foi adquirido no decorrer dos anos (VELOZO e DAÓLIO, 2017). Assim, o futebol também passou a seguir uma lógica mercantilista de consumo, sobretudo o futebol europeu com o surgimento da tendência do “futebol-empresa” (BARBOSA, 2007).

No futebol europeu, um dos primeiros reflexos da globalização no futebol deu-se na segunda metade da década de 70, na Itália, em que a televisão passa a transmitir partidas selecionadas, uma vez por semana e os clubes passam a receber uma quota por transmissão. (PRONI; ZAIA, 2007). Posteriormente, em 1981, houve a liberação para logomarca nos uniformes dos times, e na época a Juventus de Turim da Itália, obteve cerca de US\$ 800 mil por ano, o maior patrocínio da época, Milan da Itália e Bayern de Munique da Alemanha, acertaram por cerca de US\$ 400 mil por ano (PRONI; ZAIA, 2007). Nesse período, a crise na qual o Brasil atravessava, também atingiu os clubes de futebol. E, com objetivo de conter a crise que batia na porta dos clubes brasileiros, outras fontes de renda começaram a aparecer, como a venda de jogadores para a Europa, contratos assinados pelos clubes com a televisão entre outros. (HELAL; GORDON, 2002).

Na década de 90, mudanças no âmbito esportivo como o Decreto n. 981/93 o qual ficou conhecido como a “Lei Zico” e posteriormente transformado em lei federal n. 8.672/93<sup>5</sup>, tinha em seu corpo, elementos que contribuíam para o fomento do esporte no país. Enquanto isso na Europa, emerge discussões a respeito da situação dos jogadores profissionais. Isso pode ser verificado através do “Caso Bosman”<sup>6</sup>, que com a decisão da época foi considerada precedente de cunho revolucionário. (PRONI, 1998). Sendo seus reflexos no mercado europeu sentidos até hoje, possibilitando assim, uma maior flexibilização na relação entre o clube e o jogador.

Em 25 de março de 1998, foi aprovada pelo então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, a Lei n. 9.615/98 que ficou conhecida como “Lei Pelé”<sup>7</sup>. Embora não se tenha alcançado mudanças profundas como se pretendia, “as maiores mudanças ficaram no âmbito do futebol profissional, em que se previa o fim da Lei do Passe<sup>8</sup>, a profissionalização dos clubes, a

<sup>3</sup> O capital simbólico está relacionado a um certo prestígio, reconhecimento que pode ser conferido a determinado agente.

<sup>4</sup> Os aspectos citados, dentre outros, podem influenciar no momento da negociação relacionado ao direito de transmissão, bem como patrocinador principal e esportivo, nesse sentido, quanto maior volume de capital simbólico um clube de futebol adquire, maior possibilidade de aumentar seu volume de capital econômico e esse retroalimentar o capital simbólico, criando uma espécie de ciclo “virtuoso”.

<sup>5</sup> Ver: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8672impresao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8672impresao.htm).

<sup>6</sup> O Caso Bosman: Bosman era um jogador belga atuava em um clube da segunda divisão do seu país em 1988, entretanto em 1990, teve um grande corte em seu salário, também o mesmo foi impedido de se transferir para um clube Francês, assim entrou na justiça comum para tentar a liberação e tentar jogar. No ano de 1995, a UEFA perde a causa, o que provoca inúmeras e significativas transformações no futebol.

<sup>7</sup> Ver: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9615Compilada.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615Compilada.htm).

<sup>8</sup> Lei do Passe: A Lei do Passe nº 6.354/76, a qual foi elaborada no sentido do Estado (Regime Militar), buscava centralizar o poder. Neste sentido, a Lei do Passe mantinha o jogador de futebol preso ao clube, sendo assim o mesmo não tinha o direito de escolher qual agremiação defender.

autonomia das empresas e a fiscalização do Ministério Público”. (MEZZADRI, 2007, p.124). Porém, como indica o próprio autor, os maiores beneficiados foram os jogadores de futebol (MEZZADRI, 2007), pois, com o advento da “Lei Pelé”, passaram a ter uma maior autonomia em suas carreiras, escolhendo o clube qual desejavam defender. Alguns estudiosos mostram que:

Os fatores que impulsionaram a saída de jogadores brasileiros para o futebol estrangeiro são: (i) os elevados salários pagos pelos clubes estrangeiros (cerca de cinco vezes mais que os clubes brasileiros); (ii) melhores condições de trabalho; (iii) a Lei Pelé (o fim do passe, a liberação/flexibilização do sistema de transferências de jogadores); (iv) o caso Bosman, que introduziu a liberdade de contrato e decretou o fim do sistema de cotas de jogadores estrangeiros nos países da Comunidade Europeia. (RODRIGUES, 2007, p. 69).

Vale ressaltar que tanto o “Caso Bosman”, quanto a “Lei Pelé” ocasionaram uma mudança na estrutura e dinâmica do futebol mundial, demonstrando algumas implicações da globalização neste esporte. Abrindo fronteiras, tanto no campo político quanto no campo geográfico. Desta forma, o futebol foi gradativamente passando a constituir-se como um produto a ser consumido pelos torcedores, agora não somente a nível local, mas também, a nível global, pois, no caso brasileiro, os jogadores, aqueles que são as principais figuras para que o espetáculo possa ser construído e consumido, tem deixado cada vez mais cedo os palcos brasileiros, muito em função de todo processo apontado anteriormente, bem como, a grande disparidade econômica entre clubes brasileiros e europeus. Sendo a exportação dos jogadores a principal fonte de divisas do futebol latino americano. (RIBEIRO, 2007).

Esse processo de exportação implica na situação em que os torcedores brasileiros tem cada vez menos a oportunidade de acompanhar os jogadores destaques em seus times do “coração” e encontram na mídia, sobretudo na televisão aberta, fechada e internet um meio para acompanhar seus jogadores preferidos.

Observa-se então, um processo em que o mercado dita “novos caminhos” os quais perspectivam a construção de vínculos não duradouros, por partes dos jogadores, pois, os mesmos passaram a percorrer diversos países e por consequência, diversos clubes de

futebol. (KOCH; FORELL, 2016). Ainda, segundo os autores, o futebol passa a configurar um campo híbrido em que estruturas e práticas que existiam em um dado momento, passam, a partir de combinações, a gerar outras estruturas e práticas. Esta perspectiva se dá no futebol a partir da abertura da zona de comércio de atletas, as quais permitem a naturalização dos mesmos para que defendam cores de outra nação.

Exemplos clubísticos, os quais são resultados de todos processo de combinação de estruturas e práticas, podem ser visualizados a partir de clubes de futebol como Real Madrid, Barcelona, Manchester United, Bayern de Munique, Juventus, Paris Saint Germain entre outros. De acordo com Fonseca (2016) tais clubes se tornaram globais e em torno deles passaram a girar contratações dos principais jogadores ou promessas do futebol mundial. Não obstante, são clubes que possuem o perfil desejado para que empresas associem suas marcas e, desta forma, consigam maiores cotas de patrocínio e televisão. Ainda de acordo com o autor:

Toda essa atividade comercial, a comercialização dos direitos de transmissão das partidas, os espaços nas camisas destinados aos patrocinadores, a utilização de determinada marca de material esportivo, a venda de um sem número de mercadorias com as cores dos times (flâmulas, bandeiras, roupas de bebê, canetas, camisas, bolas, tênis e ingressos para os jogos) tornou o futebol um negócio altamente lucrativo e globalizado. Os jogadores, vindos de todas as partes do globo tornaram-se as novas mercadorias de exportação de países pobres e em desenvolvimento. Resta, ao torcedor, a esperança de ver o craque nascido e criado dentro do seu clube disputando uma ou duas partidas em sua terra natal, ou sendo convocado pela seleção do seu país; ou, quando muito, depois de passar longas temporadas atuando no futebol europeu ele retorne para o encerramento de sua carreira no seu clube, quando sua capacidade como atleta já estará bastante reduzida. (FONSECA, 2016, p. 193).

Autores como Barrinha e Nunes (2004) apontam para a existência de um grupo seletivo formado por jogadores, clubes de futebol e seleção, os quais fazem parte da cultura global. Os sujeitos que constitui o grupo aparecem frequentemente na televisão em um nível mundial, possuem maior capacidade de participar de campanhas publicitárias e, não obstante, criaram uma linguagem na qual possibilita pessoas

de diferentes culturas adorar os mesmos jogadores tendo-os como ídolos.

Por conseguinte, os meios de comunicação como a Tv aberta e fechada – principalmente com o fenômeno do “Sky Gato”, a internet em suas diversas formas de manifestações como os sites esportivos, as redes sociais, conteúdos e jogos via streaming, possibilitam um encurtamento da distância entre o torcedor e o jogador/clubes de futebol europeu. Desta forma, entende-se que na globalização, os meios de comunicação são podem ser fonte de produção de identidades.

Koch e Forell (2016) indica que ao pensar a contemporaneidade, a construção de laços com o clube de futebol pode ocorrer a partir da força midiática. Os autores apontam que para o clube de futebol no exterior, a figura do jogador como um elemento que pode ser central nesta decisão. A relação que se estabelece entre o jogador e o torcedor não se pauta na significância do mesmo enquanto um ídolo de determinado clube local, mas sim, enquanto uma estrela global. (BARRINHA; NUNES, 2004). Ainda de acordo com os autores:

O futebolista de primeira linha está hoje em dia para um clube como um grande actor está para um filme. Contratar uma nova estrela permite obter resultados ainda antes de ela jogar, vendendo milhares de camisolas com o seu nome logo no dia em que é contratada. Beckham, por exemplo, esgotou as oito mil com o seu número que estavam disponíveis na loja do Real Madrid no dia em que assinou contrato, ainda antes de dar um pontapé na bola; ao longo da época vendeu-se um milhão de camisolas com o seu nome. Se um clube é uma marca reconhecida em todo o mundo, os jogadores são activos fundamentais. (BARRINHA; NUNES, 2004, p. 135).

A globalização tem impactado no futebol em diferentes áreas, como na econômica, na política, na geográfica e, por conseguinte, nas identidades em torno de tal esporte, sendo esta última, composta por uma característica fluída ou “liquida” (BAUMAN, 2005). A liquidez nos apresenta uma nova forma de enxergar a construção dos processos identitários, contrapondo assim, o modelo “fixo” que era pensado em décadas anteriores.

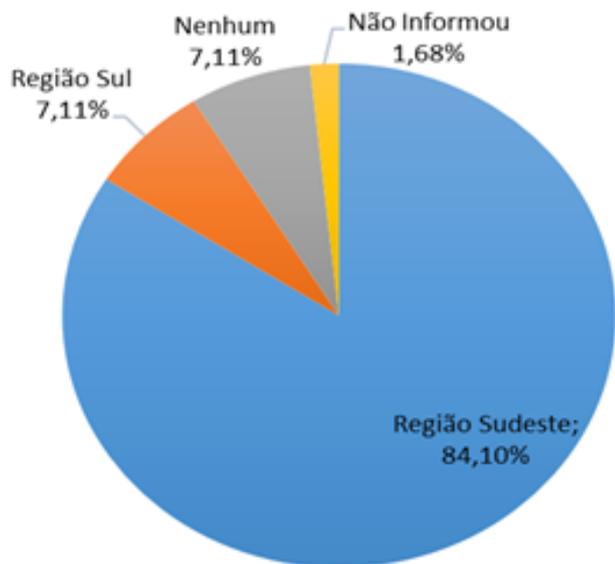
Por intermédio do questionário estruturado, foram analisadas as seguintes indagações: 1). Para qual clube de futebol você torce?; 2). Por que você escolheu torcer por este clube de futebol?; 3). Você torce por algum clube de futebol de fora do Brasil?

Ao analisar as respostas da questão “1”, verificou-se que dos 239 respondentes, 73 indicaram torcer pelo Corinthians (30,54%) – time localizado na Região Sudeste; 52 apontaram torcer pelo Flamengo (21,76%) – time localizado na Região Sudeste; 35 assinalaram torcer pelo São Paulo (14,64%) – time localizado na Região Sudeste; 19 indicaram torcer pelo Palmeiras (7,95%) – time localizado na Região Sudeste; 19 apontaram torcer pelo Santos (7,95%) – time localizado na Região Sudeste; 08 assinalaram torcer pelo Operário Ferroviário Esporte Clube (3,35%) – time localizado na Região Sul; 03 indicaram torcer pelo Grêmio (1,25%) – localizado na Região Sul; 03 Assinalaram torcer pelo Internacional (1,25%) – time localizado na Região Sul; 02 mencionaram torcer pelo Atlético Paranaense (0,84%) – time localizado na Região Sul; 01 indicou torcer pelo Atlético Mineiro (0,42%) – time localizado na Região Sudeste; 01 apontou torcer pelo Coritiba (0,42%) – time localizado na Região Sul; 01 assinalou torcer pelo Cruzeiro (0,42%) – time localizado na Região Sudeste; 01 mencionou torcer pelo Vasco (0,42%) – time localizado na Região Sudeste; 17 apontaram não torcer para nenhum time (7,11%) e 04 não informaram o time que torcem (1,68%).

Através dos dados mencionados anteriormente, observou-se que 218 (91,21%) indicaram torcer por algum time de futebol, entretanto, 21 (8,79%) não torcem ou não informaram. Esses dados nos mostram que para o grupo estudado, o futebol se constitui num elemento com significativo e representativo, e pensando a identidade a partir da metáfora do quebra-cabeças, citada anteriormente por Bauman (2005), entende-se que o futebol é uma “peça” – parte – que integra e contribui na construção de uma identidade dos indivíduos – grande parte – que foram estudados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Gráfico 1 – Clubes de futebol citados por região

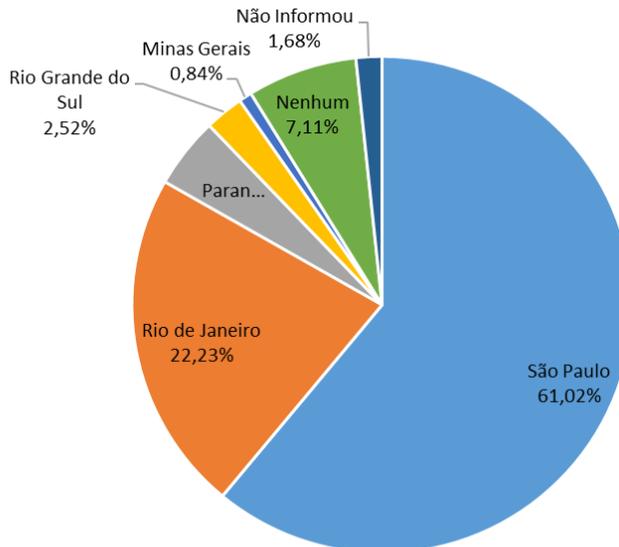


Fonte: Os autores

Ao observar a região de origem dos clubes de futebol indicados pelos escolares, verificou-se uma maior frequência de aparições sobretudo da região sudeste 84,10% (201). Dos 13 times citados oito (08) estão localizados na região supracitada.

Não obstante, em um estudo realizado pela empresa BDO RCS (2017) que apresenta indicadores referentes aos valores das marcas dos clubes brasileiro de futebol, no período de 2012-2016, observou-se que das dez (10) marcas mais valiosas, 08 (oito) estão na região sudeste e 02 (dois) na região sul. Por conseguinte, tais marcas se tornam valiosas na medida que uma série de fatores como, a evolução dos valores recebidos pelos direitos de transmissão, ampliação das receitas de cada entidade (através do marketing, estádios, sócios e mídias), evolução do programa de sócio torcedor, aumentos dos valores recebidos de patrocinadores e empresas que querem associar sua marca ao clube, maior participação dos torcedor no negócio gerados pelas entidades, novas arenas com potencial amplo de exploração se articulam.

Gráfico 2 – Clubes de futebol citado por estados



Fonte: Os autores

Ao observar o gráfico 2, identificou-se uma predominância de times dos estados de São Paulo (principalmente) e Rio de Janeiro. Ressalta-se que os times mencionados que se encontram localizados nos estados supramencionados, constituem o seletivo e simbólico grupo dos “grandes” do futebol brasileiro”. Por conseguinte, considerando que cada clube de futebol possui uma especificidade, é possível mapear alguns elementos como o poder econômico (maiores patrocínios e cotas de televisão), o histórico de grandes conquistas a nível nacional e internacional, uma torcida que transcende para outras regiões do Brasil, um maior número de aparições/cobertura midiática, entre outras, que quando combinados exerce uma função de distinção dentre outros clubes. Nesse sentido, Vasconcelos (2012), entende que esses times possuem os principais capitais que uma entidade futebolística pode ter, sendo eles, o capital político, o capital econômico, o capital social, o capital simbólico e o capital midiático. Que de certa forma, contribui para que outras regiões se configurem como uma espécie de periferia do futebol.

Dessa forma, quando se observa percentuais sobre o Estado do Paraná, torna-se possível enquadrá-lo como uma área periférica do futebol nacional. Isso se dá, por uma série de motivos, alguns deles já supramencionados, porém, ressalta-se a conformação histórica e cultural do estado.

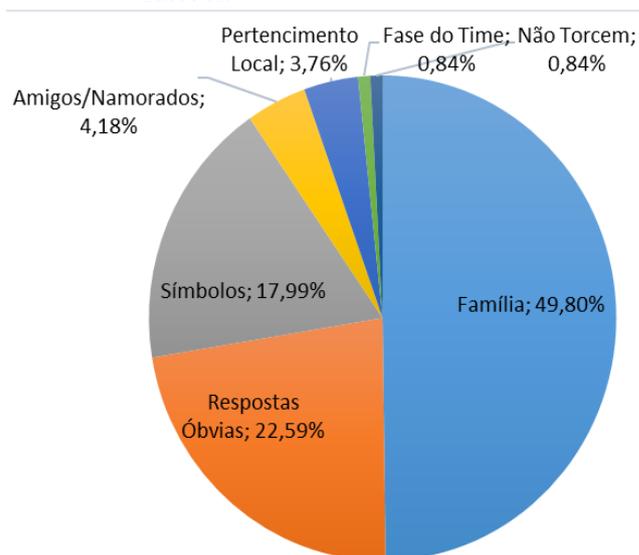
Nesse sentido, Da Silva (2011) corrobora ao indicar que o Paraná é um estado que possui características específicas, configurando-se um local multifacetado, quando considerado aspectos históricos e culturais. Pois, ainda segundo o autor, o estado mencionado passou por um processo formação tardio o que impactou na construção de sua identidade regional, influenciando no aspecto futebolístico. Migrantes de diversas regiões do país ocuparam locais vazios, estabeleceram outros hábitos que, não obstante, ocasionaram impacto em diversas esferas (política, econômica e cultural).

Ainda, Da Silva (2011) salienta que as ligações que no decorrer do tempo foram se estabelecendo com o estado de São Paulo e o Rio Grande do Sul, contribuíram para o surgimento de diferentes configurações, as quais, em certa medida, influenciam o indivíduo na escolha do clube de futebol para torcer.

Outro elemento que não pode ser ignorado na análise, são os diferentes veículos midiáticos (Rádio, Televisão, Jornal Impresso e a Internet). De acordo com Vasconcelos (2012), os veículos midiáticos aproximam os torcedores de informações de times dos mais variados cantos do Brasil, sobretudo os localizados nos grandes centros, deixando-os próximos da realidade cotidiana, inclusive do que até a provável equipe da própria cidade.

No Paraná, somente no início da década de 2000 iniciou-se um processo de regionalização da programação, sobretudo parte esportiva, com transmissões de partidas do Campeonato Paranaense e parte dos programas esportivos foram dedicados a informar notícias esportivas da região. No decorrer do tempo, mudanças foram feitas, e em 2018, observa-se uma programação esportiva voltada para notícias do esporte/futebol paranaense. Entretanto, vale destacar que quando se trata da disputa dos principais campeonatos nacionais (Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro) e internacionais (Copa Libertadores e Copa Sulamericana), a preferência das transmissões ainda fica objetivada para os clubes do eixo Rio-São Paulo.

**Gráfico – 3 Por que você escolheu torcer por este clube de futebol?**



Fonte: Os autores

Após realizar aproximações e categorizar as respostas, observou-se que dos escolares estudados, 119 (49,80%) indicaram a “Família”<sup>9</sup> como o fator que influenciou sua escolha do clube de futebol para torcer. Nessa categoria, destaca-se a figura do “Pai” como principal elemento influenciador no momento da definição, pois a mesma, emergiu através de 86 (35,98%) indicações dos escolares.

Os dados supracitados, demonstram dois aspectos que perpassam a construção de um desdobramento identitário, o qual seja, o clubístico. Tais aspectos, são apontados por Magalhães (2004), sendo eles, o pessoal, e o social. (MAGALHÃES, 2004). São distintos um do outro, porém, em certa maneira se articulam e se entrelaçam, ou seja, mesmo apresentando uma característica de distinção, demonstram ser interdependentes. Ainda, segundo Magalhães (2004), o processo de identificação, sempre tem uma ligação com aquilo que o indivíduo tem em comum, em relação a outros indivíduos. Entretanto, não se pode esquecer da outra face da moeda, ou

<sup>9</sup> Constituem a categoria “Família” respostas como: Influência da Família (0,42%); Influência do Pai (35,98%); Influência dos Pais (1,68%); Influência do Irmão (2,92%); Influência da Irmã (0,84%); Influência do Tio (2,50%); Influência da Tia (0,42%); Influência do Avô (1,25%); Influência da Mãe (0,84%); Influência do Primo (0,84%); Para Contrariar a Família (1,68%); Pela tradição Familiar (0,42%).

seja, aquilo que o mesmo tem de diferente quando comparado ao outro.

Esse movimento, entre aquilo que se tem em comum a um e de diferente ao outro, possibilita estabelecer relações sociais e, por conseguinte, o indivíduo realiza a ação socializadora. Essa por sua vez, pode ser entendida por processos os quais Berger e Luckmann (1985) denominaram de “socialização primária” e “socialização secundária”. Segundo os autores, a socialização primária tem por premissa, o indivíduo, ao nascer, tem o contato e recebe determinadas crenças, valores e visão de mundo de determinado grupo. Isso pode ser observado, sobretudo, na infância, em que o indivíduo tem na família, o suporte das primeiras relações e primeiras experiências. Sendo assim, mesmo a escolha do clube de futebol do coração ter um caráter pessoal, os dados demonstraram que ela também pode ser social, carregadas de valores, sentidos, significados e crenças. Já, a socialização secundária, é aquela em que os indivíduos estabelecem contatos com outros círculos, além da família. Neste momento, as relações que se iniciam e se estabelecem, normalmente estão pautadas através de outras locais ou instituições sociais como a escola, o trabalho, a igreja, a padaria, a sorveteria, clubes sociais e etc.. Nesse sentido, identificou-se a categoria “Amigo/Namorado”<sup>10</sup> que cerca de 10 (4,18%) escolares, apontaram ter sofrido influência de amigos ou namorado, ou seja, foram influenciados por indivíduos que se enquadram na socialização secundária.

Segundo Magalhães (2004), os valores que são internalizados na socialização primária têm como elemento de ligação a predominância da emoção, já, na socialização secundária, o elemento de ligação é o racional. Dessa forma, a autora salienta que na primeira os valores, as crenças e os comportamentos são internalizados contribuindo na construção da identidade do indivíduo, assim, tornam-se menos passíveis de sofrerem modificação, diferentemente daquilo que se aprende na socialização secundária.

Outra categoria que emergiu com 43 (17,99%) indicações dos escolares, foi a de “Símbolos”<sup>11</sup>. Essa

<sup>10</sup> Constituem a categoria “Amigo/Namorado”, as seguintes respostas: Influência dos amigos (2,92%); Influência do Namorado (1,26%).

<sup>11</sup> Constituem a categoria “Símbolos”, as seguintes respostas: Porque o clube de futebol é bom (9,62%); Pela história do clube (0,84%); Pela camisa do clube do coração (0,42%); Pela identificação com o clube de futebol (3,34%); Pela

categoria foi construída a partir de respostas que remetem a elementos/características específicas dos clubes. Ou seja, apresentam e/ou reforçam uma espécie de identificação muito próxima entre torcedor e clube de futebol. Em outras palavras, apresentam como elemento de mediação visual entre os torcedores e os clubes, bem como, torcedores e torcedores. (DAMO, 2012).

Identificou-se, também uma categoria relativa ao “Pertencimento Local”<sup>12</sup> com 9 (3,76%). Nesse aspecto, observa-se que, a escolha do clube de futebol para torcer, pode estar imbricado a aspectos étnicos, regionais e até raciais, e, estes reforçam determinados valores (DAMO, 1999), contribuem e/ou reforçam a construção/afirmação de determinada identidade.

Ainda, observou-se outra categoria relacionada com a “Fase”<sup>13</sup> em que o clube de futebol se encontrava no momento da definição do escolar. Nesse sentido, houveram 2 (0,84%) indicações. Assim, pode-se inferir que a fase (sendo ela boa) contribui para um aumento do volume de capital simbólico do clube de futebol em questão, a “Boa Fase”, está relacionada a vitórias, as conquistas de títulos.

Com 54 (22,59%) de indicações dos escolares, encontrou-se a categoria “Respostas curtas e óbvias”<sup>14</sup> e 2 (0,84%) dos escolares informaram que “não torcem” por clube de futebol algum.

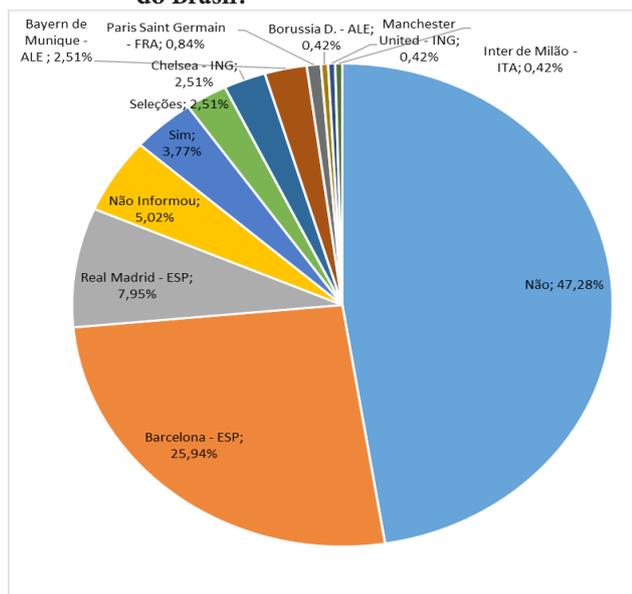
torcida (1,25%); Pela tradição do clube de futebol (0,42%); Porque considero que os melhores jogadores estão no clube de futebol (0,42%); Porque gostou das cores do clube de futebol (1,25%); Porque sempre gostou do estilo de jogo do clube de futebol (0,42%).

<sup>12</sup> Constituem a categoria “Pertencimento Local”, as seguintes respostas: Porque representa minha cidade (2,92%); Porque é da cidade natal (0,42%); Porque prefere clubes de futebol do estado (Paraná);

<sup>13</sup> Constituem a categoria “Fase” as seguintes respostas: Porque o clube de futebol passava por uma boa fase (0,42%); Porque quando pequeno o clube de futebol só ganhava (0,42%).

<sup>14</sup> Constituem a categoria “Respostas curtas e óbvias”, as seguintes respostas: Não Sabe (0,42%); Não tem explicações (10,46%); De tanto encherem minha cabeça (0,42%); Para ter um time para torcer (0,42%); Porque sim (0,84%); Torce desde pequeno (0,42%); Emocionou o coração (0,42%); Ama o time (0,42%); Gosta do time (5,02%); Influência na Infância (0,42%); Escolha própria (1,68%); Por ter assistidos alguns jogos (1,68%).

**Gráfico – 4 Você torce por algum clube de futebol de fora do Brasil?**



Fonte: Os autores

Observa-se no gráfico 4 que 114 (47,70%) dos escolares indicaram torcer por equipes de futebol do exterior. Nesse sentido, é possível verificar o processo e mudanças estruturais, devido a mundialização de padrões de origem tecnológicas e culturais em escala mundial. (RIBEIRO, 2007). Não obstante, infere-se a possibilidade de uma forma diferente no que se refere a identificação do entre o indivíduo e o time, que pode ser denominada de bifiliação, a qual se dá a partir da escolha por dois clubes de futebol para torcer.

Visualiza-se que essa possibilidade de identificação e por consequência de pertencimento clubístico, que ocorre a partir da vinculação por um clube nacional e um clube internacional, pode ser pensada como possíveis efeitos da relação entre futebol e globalização. Dessa forma, verifica-se que com o a troca entre processo identitários locais para processos identitários globais, torna o futebol um fenômeno esportivo cada vez mais global.

A globalização tem por princípio, a desterritorialização de símbolos e significados, os quais pertencem a determinado grupo social e torná-los passíveis de identificação e não-estranhamento a outros contextos. (BARBOSA, 2007). O autor ainda apresenta a ideia de que através da globalização, é possível criar um território cultural para que os símbolos sejam consumidos. (BARBOSA, 2007).

No que se trata do futebol, hoje mais do que nunca, é possível consumi-lo por várias formas. Seja por meio dos produtos como as vestimentas, suvenires ou o consumo do jogo *in loco*, observa-se que os diversos veículos midiáticos contribuem para o processo de encurtamento de distância entre torcedores e times.

Não obstante:

A plasticidade da mercadoria futebol permite que ele seja vendido ou comercializado sob diversas formas: na TV, no telemóvel (novo e promissor mercado), jogos eletrônicos de diversos tipos (inclusive aqueles que simulam a «administração» da parte financeira dos times), revistas especializadas, álbuns de figurinhas, em sites com conteúdo exclusivo (partidas, gols, melhores momentos). (ALVITO, 2006, p. 456)

Isso pode ser verificado quando os dados da tabela 4, permitem encontrar clubes que fazem parte das principais ligas nacionais do futebol europeu: campeonato inglês, campeonato espanhol, campeonato alemão, campeonato Italiano e campeonato francês<sup>15</sup>. Esses clubes, dentro da sua especificidade, são reconhecidos como clubes globais, pois, de acordo com Rial (2008) tais clubes são futebolisticamente internacionalizados, possuem capital internacional, possuem a “mão-de-obra” centrada em emigrantes (jogadores), aparecem na mídia global e contam com o sentimento de pertencimento de torcedores de diferentes Estados-Nações. Ainda, a autora destaca a importância dos jogadores brasileiros no processo de identificação dos torcedores com clubes do exterior:

A importância dos jogadores brasileiros para os clubes globais pode ser medida, também, numericamente: seu contingente fez do Brasil a segunda nação em números de participantes na Liga dos Campeões em 2004 e a primeira em 2007. Evidentemente, nesse que é o principal campeonato europeu, não há clube brasileiro inscrito. Os futebolistas brasileiros não apenas estão numericamente presentes, mas, mais importante, têm uma presença qualitativamente central pois não raramente ocupam as posições principais em cada equipe, são os destaques, seja atuando no ataque, posições que historicamente

<sup>15</sup> Ranking GE: Inglês é a melhor liga da Europa; Francês fica em último no top-5: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/ranking-ge-ingles-e-a-melhor-liga-da-europa-frances-fica-em-ultimo-no-top-5.ghtml>.

tem prevalecido como lócus de reconhecimento dos principais jogadores, seja atuando na defesa, o que é uma novidade dos últimos anos pois raramente eram defensores os principais jogadores de uma equipe. (RIAL, 2008, p. 31).

Assim, quando se observa os times de futebol citados, como no caso de Barcelona e Real Madrid, que no decorrer do tempo quase sempre tiveram em seus elencos, jogadores brasileiros (Romário, Ronaldo, Rivaldo, Ronaldinho Gaúcho, Neymar) que foram, em determinado momento, as principais estrelas ou o destaque. Nesse sentido, o elemento jogador pode servir como parâmetro para que o indivíduo possa acompanhar e torcer por determinado time estrangeiro. Também, não se pode negar que a relação de identificação do torcedor com o jogador pode transcender a questão étnica. Isso pode ser verificado em casos como do argentino Lionel Messi e do português Cristiano Ronaldo.

Outro elemento que é possível discutir é a fase dos clubes. Pensou-se nesse aspecto, quando foi visualizado a indicação do Borussia Dortmund – ALE. Ressalta-se que tal time fez final da Champions League – principal competição europeia de clubes na temporada 2012/2013 – superando fortes concorrentes como o Real Madrid. No âmbito nacional o Borussia se destaca como o principal adversário do Bayern de Munique (hoje a maior força do futebol alemão). Assim ao que parece, os grandes feitos, as vitórias e conquistas causam efeitos positivos na imagem dos clubes, inclusive atraindo outros torcedores.

Um segmento clubístico que vem chamando atenção, é a ascensão dos clubes denominados como “os novos ricos” da Europa. Esses clubes foram comprados por bilionários, os quais investem em jogadores renomados como é o caso do Manchester City da Inglaterra e Paris Saint-Germain da França. Este último teve 70% do clube comprado pela empresa Qatar Sports Investments, a qual tem como CEO e presidente do clube Nasser al-Khelaifi, o qual investiu em vários jogadores de destaque (Ibrahimovic, Cavani, Pastore, Thiago Silva, entre outros.) – batendo de frente com gigantes europeus como Barcelona, Real Madrid e Manchester United. Todo o investimento seja em contratações ou em estrutura para o clube, gera um ganho de capital simbólico e midiático.

Os aspectos supramencionados vêm ganhando cada vez mais espaço no dia-a-dia através da internet,

sobretudo com as redes sociais e os games. Em tempos em que as relações virtuais são cada vez mais comuns, têm-se no Facebook, Instagram, Twitter, My Space, LinkedIn e outras, um espaço que possibilita a construção de identidades, inclusive a clubística relacionada a clubes europeus. De acordo com Nóbrega:

Na Era das Novas Tecnologias, as redes sociais firmam seu espaço como importante ferramenta de respaldo na construção das identidades pessoais. Em uma época em que cada vez mais pessoas se utilizam desse tipo de recurso, as redes ganham corpo de intensa influência e revelam-se não como uma tendência passageira, mas como algo que modifica radicalmente as formas de relacionamento na sociedade. (NÓBREGA, 2010, p. 100).

Sobre os games, percebe-se uma diferença considerável de nível entre um time brasileiro e o europeu, direcionando os jogadores a escolherem para jogar times localizados no velho continente. Não obstante, o conjunto de informações sobre os times, jogadores e os diferentes modos do jogo presentes no game, inclusive o modo de jogo online, contribui para que a representação identitária clubística se altere e seja atualizada, sendo esse, um processo dinâmico e contínuo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi compreender como se dá a construção do gosto pelo time de futebol dos discentes matriculados no Ensino Médio de um Colégio Público Estadual, localizado na região central no município de Ponta Grossa – Paraná, no ano letivo de 2015.

Neste sentido, compreendeu-se que o indivíduo tem como alicerces para a construção do seu gosto a “família”, a partir das suas primeiras experiências, com destaque para a figura do “pai”. Verificou-se que os times citados, encontram-se localizados nos grandes centros, como nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Sobre este aspecto, ressalta-se que o estado do Paraná foi um dos últimos a ter sua formação constituída e dessa forma, é possível pensar que a construção das identidades e, por consequência, dos gostos do “ser paranaense” sofreram influências de diversos povos, sobretudo dos indivíduos que migraram de São Paulo, Rio Grande

do Sul e estrangeiros. Desta forma, entende-se que o Estado do Paraná, é um local constituído por diversas identidades, as quais se entrelaçam no decorrer da história e do desenvolvimento do mesmo.

Ainda, sobre os times indicados, é possível identificá-los como clubes que compõem o seleto grupo dos “grandes” do futebol brasileiro. Tais clubes possuem um histórico de conquistas de campeonatos nacionais e internacionais, possuem uma cobertura midiática expressiva, possuem torcidas que transcendem seus contextos locais, ou seja, são instituições transnacionais, possuem os maiores valores de patrocínios e cotas de televisão.

Não obstante, identificou-se a existência de indivíduos com perfis que podem ser categorizados por uma espécie de bifiliação clubística, ou seja, torcem tanto para um time brasileiro, quanto para outro estrangeiro. Observou-se ainda que esta segunda opção, não é determinada pela “família”. Verifica-se desta forma, que esses aspectos são oriundos dos processos de globalização que o esporte, mais especificamente, do futebol, vem atravessando no decorrer dos anos. Por conseguinte, compreende-se que os indivíduos tendem a cada vez mais, através dos diversos veículos midiáticos, sobretudo com a televisão, a internet e seus canais de comunicação, a acompanhar os times e os campeonatos europeus, pois, considera-se que tais times e campeonatos possuem os “melhores jogadores”, não só do Brasil, como também do mundo.

## REFERÊNCIAS

- ALVITO, M. “A parte que te cabe neste latifúndio”: o futebol brasileiro e a globalização. **Análise social**, Rio de Janeiro, v. 41, n.179. p. 451-474. 2006.
- BABBIE, E. **Métodos de pesquisa de survey**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 519 p.
- BARBOSA, A. M. S. O futebol e a sociedade global: uma reavaliação da identidade sociocultural brasileira. **Sociedade e cultura**. Goiás, v. 10, n. 2, p. 173-186, Jul./Dez. 2007.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70. São Paulo, 2016. 226 p.
- BARRINHA, A.; NUNES, I. O futebol e a globalização. **Relações internacionais**. Coimbra, n. 02, p. 127-140, jun. 2004.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- BDO Publicações. **10º VALOR DAS MARCAS DOS CLUBES BRASILEIROS – FINANÇAS DOS CLUBES**. 2017. Disponível em: <https://www.bdo.com.br/pt-br/publicacoes/noticias-em-destaque/10%C2%BA-valor-das-marcas-dos-clubes-brasileiros>. Acesso em: 05 de jan 2018.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- DA SILVA, S. **Identidade no Futebol**: O papel do jornalismo esportivo paranaense na formação de uma identidade futebolística regional. 2011, Monografia (Graduação bacharel em Jornalismo). Universidade Positivo, Curitiba, 2011.
- DAMO, A. S. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico a partir do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e seus torcedores. Dissertação (Mestre em Antropologia social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.
- DAMO, A. S. “Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro.”. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.13, n.23, p. 87-117.1999.
- DAMO, A. S. Paixão partilhada e participativa – o caso do futebol. **História, Questões & Debates**, Curitiba, n. 57, p. 45-72, jul./dez. 2012.
- DAÓLIO, J. A. O drama do futebol brasileiro: uma análise socioantropológica. In: DAÓLIO, J. A. (Org). **Cultura: educação física e futebol**. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 107- 114.
- DAOLIO, J. As contradições do futebol brasileiro. **EFDeportes**, Buenos Aires, v. 3, n. 10, p. 1-1, mai. 1998.
- FREITAS JÚNIOR, M. A. Pais, amigos, professores e mídia: influencias externas na definição clubística. In. XIII Encontro Estadual de História – ANPUHR; 2012, Londrina. **Anais [...]** Londrina: UEL, 2012. p. 503.
- FONSECA, V. L. B. Clubes de futebol: lugares e territórios possíveis. **Revista Interface**, Palmas, n. 11, p. 183-201. 2016.
- GIGLIO, S. S. **Futebol**: Mitos, ídolos e heróis. Dissertação de Mestrado (Mestre em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S. A., 2008. 200 p
- GUEDES, S. L. Subúrbio: celeiro de craque. In: DAMATTA, R. (Org.). **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982. cap. 3, p. 59-74.
- HELAL, R.; GORDON, C. A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 37-55. 2002.

- KOCH, R.; FORELL, L. Mercadorias pós-modernas: produtividades das migrações de jogadores de futebol na contemporaneidade na constituição dos jovens torcedores. **Caderno de Estudos Culturais**. Campo Grande, v. 8, n. 15, p. 1-15. 2016.
- KOWALSKI, M. **Por que Flamengo?**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2001.
- MAGALHÃES, J. Processos de construção sociais, movimentos autogestionários e consciência crítica. **ORG & DEMO**, Marília, v. 5, n. 2, p. 229-246, 2004.
- MEZZADRI, F. M. As possíveis interferências do estado na estrutura do futebol brasileiro. In. RIBEIRO, Luiz (Org.). **Futebol e Globalização**. Ed. 1. Jundiaí: Fontoura, 2007. cap. 5, p.107-128.
- MOSKO, J. C. Futebol moderno e a busca pelo capital: o exemplo do Clube Atlético Paranaense. In. Ribeiro, Luiz (Org.). **Futebol e Globalização**. Ed. 1. Jundiaí: Fontoura, 2007. cap. 4, p. 83-105.
- NÓBREGA, L. P. A construção de identidades nas redes sociais. **Fragments de cultura**. Goiânia, v. 20, n. 1, p. 95-102, Jan./Fev. 2010.
- PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Tese (Doutorado em Educação Física) – faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- PRONI, M. W; ZAIA, F. H. Gestão empresarial do futebol num mundo globalizado. In. RIBEIRO, Luiz (Org.). **Futebol e Globalização**. Ed. 1. Jundiaí: Fontoura, 2007. cap. 1, p. 19-47.
- RIAL, C. RODAR: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65, Jul./Dez. 2008.
- RIBEIRO, L. C. Brasil: futebol e identidade nacional. **EFDeportes**, Buenos Aires, Ano. 8, n. 56, p. 1-1. 2003.
- RIBEIRO, L. A crise da autonomia no futebol globalizado: a experiência europeia (1985-2007). In. RIBEIRO, Luiz (Org.). **Futebol e Globalização**. Ed. 1. Jundiaí: Fontoura, 2007. cap 2, p. 49-68.
- RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- VASCONCELOS, A. A. **Identidade futebolística: Os torcedores “mistos no Nordeste”**. 2011, 90 f. Dissertação de Mestrado [Mestre em Sociologia] – Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2011.
- VASCONCELOS, A. A. “VERGONHA DO NORDESTE”: o discurso dos torcedores “anti-mistos”. In. XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE e PRÉ-ALAS BRASIL; 2012, Teresina. **Resumo [...]** Teresina: UFPI, 2012. p.1-15.
- VELOZO, E. L.; DAÓLIO, J. Futebol, mundialização e identidades: notas a partir da Eurocopa de 2008. **Publicatio**, Ponta Grossa, v. 25, n. 2. 2017. p. 257-267.

## Publicatio UEPG - Ciências Sociais Aplicadas

### NORMAS EDITORIAIS PARA TRABALHOS

#### A- REGRAS GERAIS PARA PUBLICAÇÃO

A Revista PUBLICATIO – Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa aceita para publicação artigos inéditos de autores brasileiros e estrangeiros, resultantes de estudos teóricos, pesquisas, reflexões sobre práticas concretas, discussões, resenhas, traduções, entre outras.

- 1- Serão aceitos originais inéditos para serem submetidos à aprovação da Comissão Editorial ou dos Editores da própria revista.
- 2- À Comissão editorial se reserva o direito de introduzir alterações nos originais, visando a manter a homogeneidade e a qualidade da publicação, respeitando, porém, o estilo e as opiniões dos autores.
- 3- As opiniões emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade.
- 4- A revista classificará as colaborações de acordo com as seguintes seções:
- 5- Artigos, Relatos de Experiência, Resenha, Documento, Resumos de Teses e Dissertações, Dossiê. Todos os tipos de colaborações deverão ser acompanhados de RESUMO/Palavras-Chave e ABSTRACT/Keywords. Mínimo 15 laudas e máximo 25 laudas, com exceção de resenhas. abaixo).

##### - Normas de Apresentação de Resenhas:

Formato: digitados no editor de texto Microsoft Word; espaço 1,5; no máximo 5 laudas; ortografia oficial; Arial; tamanho 12; com margens direita e esquerda 3 cm e superior e inferior 2,5 cm. É obrigatório informar na primeira página do texto o título do livro e do autor.

##### - Normas Dossiê:

Os artigos deverão versar sobre um tema indicado pela Revista, que será publicado em um dos números da revista. As normas são as mesmas para os artigos.

#### B - PROCEDIMENTOS PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

Todas as colaborações devem ser enviadas on line pelo Portal SEER. A fonte sugerida é Arial, tamanho 12. Para citação usar o tamanho 11. Deve-se observar, em ambos os casos, a ortografia oficial e conter, na primeira lauda do original, o título do trabalho (em Arial, fonte 12 e negrito);

Nota: A correção ortográfica é de responsabilidade de cada autor da área temática.

Após o envio do documento, o mesmo será transformado em formato PDF (Formato de Documento Portátil - Acrobat/Adobe).

Os trabalhos devem ser organizados em: Título (Português e Inglês), Resumo e Abstract (máximo de 150 palavras cada), Introdução, Referencial Teórico, Metodologia, Resultados e Discussão, Considerações Finais e Referências Bibliográficas. Depois do Resumo (Abstract) devem ser relacionadas as Palavras-chave (Keywords) que podem incluir palavras constantes no Título.

Destaca-se que o Título do trabalho, acompanhado de sua tradução, deve ser breve e suficientemente específico e descritivo, contendo as Palavras-chave que representem o conteúdo do texto.

Os Agradecimentos a auxílios recebidos para a elaboração do trabalho deverão ser mencionados no final do artigo.

Os Materiais gráficos deverão ser escaneados, sendo estritamente indispensáveis à clareza do texto. Se as ilustrações enviadas já tiverem sido publicadas, deve-se mencionar a fonte e a permissão para reprodução.

Os Quadros deverão ser acompanhados de Cabeçalho que permita compreender o significado dos dados reunidos, sem necessidade de referência ao texto.

No caso das Referências bibliográficas devem ser redigidas segundo as normas da ABNT, estando na ordem alfabética de autor/título, no final do trabalho. A exatidão e adequação das referências a trabalhos que tenham sido consultados e mencionados no texto do artigo são da responsabilidade do autor.

#### C - ITENS DE VERIFICAÇÃO PARA SUBMISSÃO

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, deve-se justificar em "Comentários ao Editor".

- 1- Os arquivos para submissão estão em formato Microsoft Word ou OpenOffice.
- 2- URLs para as referências foram informadas quando necessário.
- 3- O texto está em espaço simples; usa uma fonte de 12-pontos; emprega itálico em vez de sublinhado (exceto em endereços URL); as figuras e tabelas estão inseridas no texto, não no final do documento.
- 4- O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em Diretrizes para Autores, na seção Sobre a Revista.
- 5- A identificação de autoria do trabalho foi removida do arquivo e da opção Propriedades no Word, garantindo desta forma o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação por pares (ex.: artigos), conforme instruções disponíveis em Assegurando a Avaliação Cega por Pares.

## **D - DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTORAL**

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da sua autoria e publicação inicial nesta revista.

b) Esta revista proporciona acesso público a todo o seu conteúdo, uma vez que isso permite uma maior visibilidade e alcance dos artigos e resenhas publicados. Para maiores informações sobre esta abordagem, visite [Public Knowledge](#)

Project, projeto que desenvolveu este sistema para melhorar a qualidade acadêmica e pública da pesquisa, distribuindo o OJS assim como outros softwares de apoio ao sistema de publicação de acesso público a fontes acadêmicas. Os nomes e endereços de e-mail neste site serão usados exclusivamente para os propósitos da revista, não estando disponíveis para outros fins.

## **E -POLÍTICA DE PRIVACIDADE**

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.